

"Eloisa James é extraordinária." – Lisa Kleypas

Eloisa James



UM BEIJO À
MEIA-NOITE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

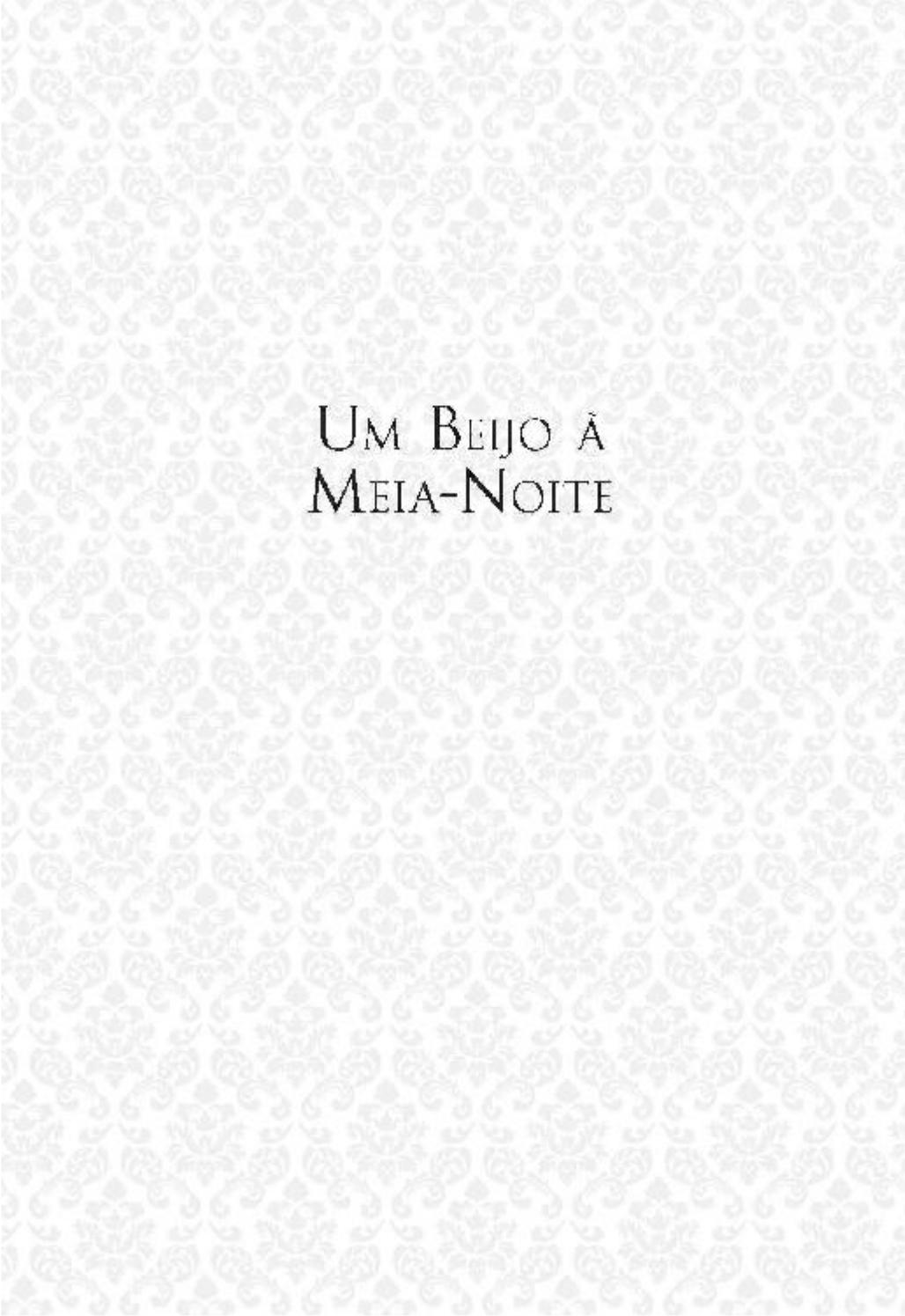
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



UM BEIJO À
MEIA-NOITE



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Eloisa James



UM BEIJO À
MEIA-NOITE



Título original: *A Kiss at Midnight*
Copyright © 2010 por Eloisa James, Inc.
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Livia Almeida

preparo de originais: Magda Tebet

revisão: Sheila Louzada e Taís Monteiro

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: DuatDesign

imagens de capa: Shutterstock: cosma (sapatinho de cristal);
Pavel K (padronagem); mubus 7 (tecido)

foto da autora: © Bryan Derballa

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J29b

James, Eloisa

Um beijo à meia-noite [recurso eletrônico]/ Eloisa James; tradução de Livia Almeida. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital

Tradução de: A kiss at midnight

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-779-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Almeida, Livia. II. Título.

17-44906

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-3940
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Prólogo



Era uma vez, não muito tempo atrás...

A história começa com uma carruagem que nunca foi uma abóbora, embora parta em disparada à meia-noite; começa com uma madrinha sem varinha de condão, que perde de vista sua protegida; e começa com vários ratos que, secretamente, teriam adorado usar librés.

É claro que também há uma garota, embora ela não saiba dançar nem deseje se casar com um príncipe.

Mas, para falar a verdade, tudo começou com os ratos.

Todo mundo dizia que eram incontrolláveis. E a governanta, a Sra. Swallow, estava sempre reclamando deles.

– Não suporto esses vermezinhas que roem um par de sapatos quando a pessoa não está olhando – disse ela ao mordomo, uma alma acolhedora que atendia pelo nome de Sr. Cherryderry.

– Sei bem o que a senhora quer dizer – respondeu ele, sua voz com uma nota de irritação que a mulher não ouvia com muita frequência. – Não tolero esses bichos de jeito nenhum. Aqueles focinhos pontudos, os barulhos noturnos e...

– E a maneira como comem! – interrompeu a Sra. Swallow. – Direto da mesa, direto dos pratos.

– É, *direto* dos pratos – concordou Cherryderry. – Vi com meus próprios olhos, Sra. Swallow, eu juro! Pelas mãos da própria Sra. Daltry!

O grito de horror emitido pela Sra. Swallow teria repercutido até o salão... se alguma pessoa naquele cômodo pudesse ouvir alguma coisa além da algazarra dos ratos.

Capítulo 1



Casa Yarrow

Residência da Sra. Mariana Daltry, de sua filha, Victoria, e da Sra. Katherine Daltry

A Srta. Katherine Daltry, conhecida por todos como Kate, desceu do cavalo espumando de raiva.

É preciso dizer que tal estado de espírito lhe era familiar. Antes da morte do pai, sete anos antes, havia momentos em que ela se irritava com a nova madrasta. Mas foi só depois que ele partiu, e que a Sra. Daltry começou a ditar as ordens, que Kate aprendeu o verdadeiro significado da palavra “raiva”.

Raiva era o que sentia ao ver os inquilinos daquelas terras sendo obrigados a pagar aluguel dobrado ou sendo expulsos das casas onde haviam passado a vida inteira. Raiva era o que sentia ao ver as colheitas fenecerem e o mato crescer porque a madrasta não queria gastar dinheiro com a manutenção da propriedade. Era o que sentia ao ver a fortuna de seu pai transformada em vestidos, chapéus, rendas... enfeites tão numerosos que não existiam dias suficientes no calendário para que a madrasta e sua filha usassem tudo.

Raiva era o que sentia ao ver os olhares de piedade que lhe dirigiam conhecidos com quem nunca mais se encontrara para jantar. Era o que sentia por ter sido relegada a um acanhado quarto no sótão, denunciando sua posição inferior naquela casa. Era a autodepreciação que sentia por não conseguir partir e dar as costas àquela situação. Era um sentimento alimentado pela humilhação, pelo desespero e pela certeza absoluta de que o pai devia estar se revirando no túmulo.

Subiu os degraus da entrada pisando duro – ou preparando-se para a batalha, como teria dito seu pai.

– Olá, Cherryderry – cumprimentou, quando o mordomo querido abriu a porta. – Está trabalhando como laçaió agora?

– A Pessoa enviou os laçaios a Londres em busca de um médico – informou Cherryderry. – Para ser exato, de dois médicos.

– Ela teve um ataque? – indagou Kate, tirando as luvas com cuidado, pois o couro estava se soltando do forro na altura do punho.

Houve um tempo em que ela teria se perguntado se a madrasta (conhecida por todos na casa como “a Pessoa”) estava de fato enferma e precisando de ajuda, mas agora simplesmente não acreditava mais. Não após tantos anos de alarmes falsos, de gritos no meio da madrugada que na maioria das vezes não passavam de episódios de indigestão.

Mas a esperança é a última que morre, como dissera Cherryderry certa vez.

– Dessa vez não é para a Pessoa. O problema é o rosto da Srta. Victoria, creio eu.

– A mordida?

Ele assentiu.

– O lábio dela está bastante inchado, segundo me contou sua aia hoje de manhã.

Por mais irritada que estivesse, Kate sentiu uma onda de compaixão. A pobre Victoria não tinha muito a oferecer além de seu rosto bonito e de seus vestidos mais bonitos ainda. Partiria o coração de sua irmã postiça ficar permanentemente desfigurada.

– Preciso falar com a Pessoa sobre a esposa do vigário – disse Kate, entregando sua capa a Cherryderry. – Ou melhor, sobre a esposa do antigo vigário. Depois de sua morte, transferi a família para uma casinha afastada.

– Mau negócio – falou o mordomo. – Especialmente para um vigário. Um religioso não deveria tirar a própria vida.

– Ele a deixou com quatro filhos – contou Kate.

– Perdão, mas não é fácil para um homem superar a perda de um membro de seu corpo.

– Bem, agora seus filhos precisam superar a perda do pai – respondeu Kate, sem compaixão. – Sem falar que minha madrasta enviou ontem uma nota de despejo para a viúva.

Cherryderry franziu a testa.

– A Pessoa disse que a senhorita vai jantar com a família esta noite.

Kate parou de subir a escada.

– Ela disse o quê?

– Que a senhorita vai jantar com a família. E que lorde Dimsdale estará presente.

– Você não está falando sério...

Mas o mordomo assentiu.

– Foi o que ela informou. E mais: decidiu que os ratos de Victoria devem ir embora; mas por alguma razão ela os banuiu para o quarto da senhorita.

Kate fechou os olhos por um momento. O dia começara mal e só piorava. Ela não gostava do bando de cãezinhos de Victoria, conhecidos por todos afetuosamente, ou nem tão afetuosamente, como “os ratos”. Também não gostava de Algernon Bennett, lorde

Dimsdale, o noivo de sua irmã. Ele ria demais. Além disso, Kate odiava a ideia de participar de um jantar *en famille*.

Em geral, ela conseguia esquecer que um dia havia sido a dona daquela casa. Afinal, por muitos anos antes de morrer, ou seja, durante a maior parte da vida de Kate, sua mãe permanecera enferma e presa ao próprio leito. Então, enquanto crescia, Kate ocupava o lugar em frente ao pai à mesa de jantar e decidia os menus com a Sra. Swallow. Suas expectativas eram, antes, debutar, se casar e criar seus filhos naquela casa.

Mas isso foi antes da morte do pai. Após sua partida, ela se transformara em uma espécie de faz-tudo, moradora do sótão.

E, agora, precisava jantar usando um vestido fora de moda e suportar os gracejos presunçosos de lorde Dimsdale. Por quê?

Subiu a escada correndo, pressentindo algo ruim. A madrasta estava sentada à penteadeira, examinando o rosto. A luz vespertina derramava-se sobre seu ombro, iluminando o cabelo, que reluzia num tom feroz de amarelo como se as mechas fossem feitas de minerais. Ela usava um vestido matinal, de cintura alta, com um corpete pregueado com uma tela lilás e um longo laço pendente que se arrastava pelo chão. Era lindo... para uma debutante.

Mas Mariana não se conformava em ter mais de 30 anos. Na verdade, nunca aceitara o fato de ter saído da casa dos 20. Assim, vestia-se de modo a criar uma versão aproximada da Mariana adolescente. Uma coisa poderia ser dita a favor da madrasta de Kate: ela era dona de uma bravura ingênua, uma espécie de menosprezo feroz às convenções que determinavam como uma mulher deveria envelhecer.

Naturalmente, se as roupas de Mariana eram a expressão externa de sua ambição, também eram o refúgio de um fracasso. Pois nenhuma mulher consegue aparentar 20 anos quando já tem 40, e nem mesmo um vestido deliciosamente sensual é capaz de restaurar a juventude perdida.

– Imagino que tenha concluído suas peregrinações junto aos amigos e resolvido voltar para casa – disse Mariana, em tom ácido.

Kate deu uma olhada na alcova da madraستا e decidiu remover uma pilha de roupas de cima daquilo que ela imaginou ser uma banqueta, para poder sentar-se. O cômodo estava repleto de pilhas de peças de algodão e seda brocada jogadas sobre as cadeiras. Ou, pelo menos, onde supostas cadeiras estavam. O lugar parecia uma paisagem nevada em tons pastel, com montanhas macias de tecido aqui e ali.

– O que você está fazendo? – perguntou a madraستا, agitada, ao ver Kate com os vestidos nos braços.

– Estou me sentando – respondeu Kate, largando as roupas no chão.

A madraستا levantou-se de um salto e soltou um guincho.

– Não trate meus vestidos assim, garota estúpida! Esses aí chegaram há um ou dois dias. São magníficos. Você vai ter que passá-los a ferro durante toda a noite se eu encontrar o menor amassado.

– Não passo roupas – informou Kate, com indiferença. – Lembra? Queimei um vestido branco há três anos.

– Ah, o belo vestido persa! – exclamou Mariana. – Eu o guardo... ali. – Com um dedo comprido, ela apontou para um canto onde uma imponente montanha de tecido avançava meio caminho até o teto. – Um dia desses vou mandar reformá-lo.

Com cuidado, Kate afastou um pouco mais de seu pé a pilha de roupas.

– Preciso falar com você sobre a família Crabtree.

– Meu Deus, espero que você tenha conseguido botar aquela mulher porta afora – disse Mariana, acendendo uma cigarrilha. – Sabe que o maldito procurador vem na próxima semana fazer a avaliação da minha gestão da propriedade. Se ele puser os olhos naquele chalé horrendo, não vai nunca mais parar de criar caso. Na

última vez, há quatro meses, ele falou até não poder mais e eu quase morri de tédio.

– É sua responsabilidade manter os chalés em boas condições – falou Kate, levantando-se para abrir uma janela.

Mariana sacudiu a cigarrilha com desdém.

– Bobagem. Aquelas pessoas moram nas minhas terras praticamente de graça. O mínimo que podiam fazer era manter suas casas em bom estado. Essa mulher, Crabtree, está vivendo num chiqueiro. Passei por lá outro dia e fiquei horrorizada.

Kate recostou-se na cadeira e deixou que os olhos vagassem pelo cômodo. Um verdadeiro chiqueiro. Mas, depois de um momento, deu-se conta de que Mariana não percebera o insulto contido no olhar da enteada, pois abrira um pequeno frasco e pintava os lábios de cobre escuro.

– Desde que o marido morreu – disse Kate –, a Sra. Crabtree sente-se exausta e amedrontada. A casa não é um chiqueiro; está apenas desorganizada. Você não pode despejá-la. Ela não tem para onde ir.

– Bobagem – replicou Mariana, aproximando-se do espelho para examinar os lábios. – Tenho certeza de que ela já arranjou um abrigo. Ou outro homem. Já faz um ano que Crabtree partiu desta para uma melhor. A esta altura, ela já deve ter outro.

Conversar com a madrasta era sempre uma surpresa para Kate – uma surpresa ruim.

– Isso é uma crueldade – declarou Kate, reforçando as palavras para soar veemente.

– Eles têm que partir – afirmou Mariana. – Não tolero gente indolente. Fiz uma visita especial à residência do vigário na manhã seguinte à que ele pulou da ponte. Para oferecer minhas condolências.

Mariana preferia evitar todas as pessoas que trabalhavam na propriedade ou no vilarejo, salvo nas raras ocasiões em que queria

se mostrar a dama do solar. Aí, ela escolhia trajes extravagantemente calculados para ofender os camponeses, descia da carruagem e decifrava nas expressões aturdidadas de seus inquilinos sua natureza tola e indolente. Por fim, instruía Kate a expulsar todo mundo de suas casas.

Por sorte, passada uma semana ela esquecia a ordem que tinha dado.

– Aquela mulher, Crabtree, estava deitada no sofá, chorando. Crianças por toda parte, um número desagradável de crianças, aliás, e lá estava ela, com ombros trêmulos como uma atriz ruim. Chorando. Talvez ela devesse se juntar a uma trupe itinerante – disse Mariana. – Não é desprovida de encantos.

– Ela está sof...

– Não tolero a indolência – interrompeu-a Mariana. – Acha que fiquei abatida, chorosa e jogada pelos cantos depois que meu primeiro marido, o coronel, morreu? Você me viu derramar uma lágrima que fosse quando seu pai se foi, embora tivéssemos usufruído apenas alguns meses de felicidade conjugal?

Kate não vira lágrimas, mas Mariana não precisava de uma confirmação.

– Talvez a Sra. Crabtree não tenha a sua força, mas ela tem quatro filhos pequenos e temos alguma responsabilidade por eles...

– Esse assunto está me entediando. Além do mais, preciso lhe falar sobre algo importante. Lorde Dimsdale virá para o jantar esta noite, e você deve estar presente – falou Mariana, soltando uma baforada.

– Cherryderry me contou. Por quê? – questionou Kate.

Fazia tempo que ela e a madrastra haviam abolido as delicadezas. As duas se odiavam, e Kate não conseguia entender por que ela exigia sua presença à mesa.

– Você vai ser apresentada aos parentes de Dimsdale dentro de alguns dias – anunciou Mariana, dando mais um trago na cigarrilha.

– Ainda bem que é mais magra do que Victoria. Podemos adaptar os vestidos dela com muita facilidade. Seria mais difícil se fosse o oposto.

– Do que está falando? Não acredito que lorde Dimsdale tenha interesse em compartilhar uma refeição comigo nem que queira me apresentar a seus parentes. E o sentimento é mútuo.

Antes que Mariana pudesse fazer qualquer esclarecimento, a porta se escancarou.

– O creme não está funcionando – lamuriou-se Victoria, jogando-se sobre Mariana.

Nem chegou a ver Kate. Caiu de joelhos e escondeu o rosto no colo da mãe. No mesmo instante, Mariana pousou a cigarrilha e acariciou os cabelos da filha.

– Calma, meu bebê – sussurrou. – Claro que o creme vai funcionar. É só esperar um pouquinho. Mamãe promete que vai funcionar. Seu rosto vai voltar a ser tão lindo como sempre foi. E, apenas por garantia, mandei chamar dois dos melhores médicos de Londres.

Kate sentiu um ligeiro interesse pelo assunto.

– Que tipo de creme você está usando?

Mariana lançou-lhe um olhar de poucos amigos.

– Nada que você conheça. É feito de pérolas esmagadas, entre outras coisas. Funciona como mágica em todo tipo de imperfeição facial. Eu mesma uso diariamente.

– Olhe para a minha boca, Kate! Estou arruinada – disse Victoria, jogando a cabeça para trás e mostrando os olhos úmidos.

O lábio inferior parecia realmente preocupante. O inchaço em tom de roxo em volta da ferida sugeria uma infecção. A boca estava ligeiramente – mas visivelmente – torta.

Kate levantou-se e aproximou-se para olhar melhor.

– O Dr. Busby já viu?

– Ele veio ontem. Mas é um velho idiota – disse Mariana. – Não se poderia esperar que compreendesse a importância do assunto. Não tinha nem uma poção nem um creme para oferecer. Nada!

Kate virou a cabeça de Victoria para o lado, para vê-la melhor à luz.

– Acho que a mordida infeccionou. Você tem certeza de que esse creme é higiênico?

– Está questionando meu julgamento? – berrou Mariana, erguendo-se.

– Sim! – respondeu Kate. – Se Victoria acabar com a boca deformada porque você lambuzou nela um remédio que algum impostor a convenceu a comprar em Londres, quero deixar claro que a culpa é sua.

– Sua criatura insolente! – exclamou Mariana, dando um passo à frente.

Victoria a conteve com o braço.

– Pare, mamãe. Kate, você acha mesmo que há algo de errado com o creme? Meu lábio lateja de um jeito terrível.

Victoria era uma garota extremamente bonita, com uma pele linda e olhos grandes e suaves que pareciam sempre um pouco úmidos, como se ela tivesse acabado de derramar algumas lágrimas. Mas, naquele momento, isso até fazia sentido, pois duas lágrimas corriam pelo seu rosto.

– Acho que a ferida pode ter infeccionado – falou Kate, franzindo a testa. – O lábio ficou bom depressa, mas... – Ela apertou de leve, e Victoria soltou um grito. – Vai ter que ser lancetado.

– Nunca! – rugiu Mariana.

– Eu não posso permitir que cortem meu rosto – disse Victoria, trêmula.

– Mas você não vai querer ficar desfigurada – replicou Kate, esforçando-se para manter um tom de voz paciente.

Victoria piscou repetidas vezes, enquanto pensava no assunto.

– Nada será feito antes de chegarem os médicos de Londres – anunciou Mariana, recostando-se na cadeira.

Mariana mostrava enorme entusiasmo por qualquer um ou qualquer coisa que viesse de Londres. Kate suspeitava de que fosse resultado de uma infância passada no interior, mas era difícil saber, pois a madastra jamais mencionava nada que desse uma pista sobre seu passado.

– Pois bem, vamos torcer para que cheguem logo – disse Kate, pensando se um lábio inflamado poderia levar a uma infecção no sangue. Provavelmente não... – Por que deseja que eu lhe faça companhia no jantar, Mariana?

– Por causa do meu lábio, é claro – respondeu Victoria, fungando como um leitão.

– O lábio – repetiu Kate.

– Não posso fazer a visita, não é? – acrescentou Victoria, com uma falta de clareza característica e enlouquecedora.

– Sua irmã precisará fazer uma visita muito importante a um membro da família de lorde Dimsdale, dentro de alguns dias – interveio Mariana. – Se não estivesse tão ocupada em passear pela propriedade ouvindo as histórias tristes de mulheres sem princípios, você se lembraria. Ele é um *príncipe*. Um príncipe!

Kate voltou a desabar na banqueta e olhou suas parentas. Mariana era dura e brilhante como uma moedinha nova. Em comparação, os traços de Victoria eram borrados e indistintos. O cabelo tinha uma deliciosa cor entre o louro e o ruivo, uma espécie de rosa-claro, em cachos que emolduravam seu rosto de forma atraente. O cabelo de Mariana tinha a perfeição e a minúcia de alguém com uma aia que passou três horas com um ferro para cachos na mão, executando com precisão aquilo que ela desejava.

– Não consigo ver qual a relação entre a visita adiada e a minha pessoa – disse Kate. – Mas lamento muito sua decepção, Victoria.

E era verdade. Embora odiasse a madrasta, nunca nutria o mesmo sentimento pela irmã postiça. Victoria tinha uma natureza doce demais para que alguém não gostasse dela. Além disso, Kate não conseguia deixar de sentir afeto por ela. Kate havia sofrido grandes abusos nas mãos de Mariana, mas, a seu ver, o tipo de afeição desmedida que a madrasta dispensava à filha era quase pior.

– Bem – disse Victoria, sentando-se pesadamente no alto de uma pilha enorme de vestidos –, você precisa ser eu. Levei um tempo para entender, mas mamãe planejou tudo com astúcia. E tenho certeza de que meu querido Algie vai concordar.

– Eu não posso ser você – falou Kate, sem emoção na voz.

– Pode, sim – garantiu Mariana, acendendo a segunda cigarrilha enquanto terminava a primeira. – E vai ser – acrescentou.

– Não, não vou. Não que eu tenha alguma ideia do que as duas estão dizendo. Ser Victoria em que contexto? Na presença de quem?

– Do príncipe parente de lorde Dimsdale, é claro – explicou Mariana, observando-a através de uma fina névoa de fumaça. – Você não estava ouvindo?

– Quer que eu finja ser Victoria? Diante de um príncipe? Que príncipe?

– Eu também não entendi, no início – falou Victoria, passando o dedo sobre o lábio machucado. – Veja bem, para que Algie possa se casar comigo, precisamos da aprovação de um parente dele.

– O príncipe – completou Mariana.

– Ele é príncipe de algum pequeno país lá no fim do mundo, pelo que Algie diz. Mas é o único representante da família materna de Algie que vive na Inglaterra, e a mãe não vai liberar a herança sem a aprovação do príncipe. O testamento do pai – confidenciou Victoria – é terrivelmente injusto. Se Algie se casar antes dos 30

anos sem a aprovação da mãe, perde parte da herança... e Algie ainda não tem nem 20!

“Bem esperto esse pai”, pensou Kate com seus botões. Pelo que vira, Dimsdale filho estava tão preparado para administrar uma propriedade quanto os ratos para aprender canto coral. Mas aquele assunto não era de sua conta.

– Os médicos vão examiná-la amanhã de manhã – falou para Victoria –, e então você vai estar pronta para ver o príncipe.

– Ela não pode ir *assim!* – disparou Mariana.

Era a primeira vez que Kate ouvia aquela nota de repugnância dirigida à filha.

Victoria olhou imediatamente para a mãe, mas não disse nada.

– É claro que pode – declarou Kate. – Isso tudo me parece uma tolice. Ninguém vai acreditar que sou Victoria. E, mesmo que acreditem, não acha que se lembrariam depois? O que vai acontecer quando o príncipe se levantar na igreja e interromper a cerimônia alegando que a noiva não é a que ele conheceu?

– Isso não vai acontecer, pois Victoria se casará de imediato, com uma licença especial – disse Mariana. – É a primeira vez que Dimsdale é convidado ao castelo, e não podemos perder a oportunidade. Sua Alteza está convidando para o baile que celebra seu noivado, e você vai como Victoria.

– Por que não adiar a visita e ir depois do baile?

– Porque preciso me casar! – gritou Victoria.

Kate sentiu um peso no coração.

– *Precisa* se casar?

Victoria assentiu. Kate olhou para a madrasta, que deu de ombros.

– Ela está comprometida. Há três meses.

– Pelo amor de Deus! – exclamou Kate. – Você mal conhece Dimsdale, Victoria!

– Eu amo Algie – disse Victoria, demonstrando sinceridade em seus olhos grandes. – Nem quis debutar; não depois de vê-lo na abadia de Westminster naquele domingo de março, mas mamãe fez questão.

– Março – repetiu Kate. – Você o conheceu em março e agora estamos em junho. Quer dizer que Algie fez o pedido de casamento há três meses, assim que vocês se apaixonaram, e você guardou segredo?

Victoria riu.

– Você sabe exatamente quando ele fez o pedido, Kate! Foi a primeira pessoa para quem contei, depois de mamãe. Tem apenas duas semanas.

As rugas que apareceram em alguns pontos do rosto de Mariana não poderiam ser preenchidas por nenhum creme milagroso de pérolas.

– Dimsdale demorou-se ligeiramente com seus galanteios.

– Na verdade, ele parece ter se *adiantado*, e notavelmente, em seus galanteios – opinou Kate.

Mariana lançou-lhe um olhar de desaprovação.

– Lorde Dimsdale, de forma muito honrada, propôs casamento assim que compreendeu a situação.

– Eu o teria matado, se fosse você – falou Kate.

– Teria? – Ela abriu um sorriso estranho. – Você sempre foi uma tola. O visconde tem um título e uma boa fortuna, assim que conseguir botar as mãos nela. Está completamente apaixonado por sua irmã e decidido a se casar.

– Que sorte – comentou Kate, voltando o olhar para Victoria, que dava batidinhas no lábio. – Eu lhe disse para contratar uma acompanhante, Mariana. Ela poderia ter escolhido o homem que quisesse.

Mariana virou-se para o espelho sem dizer nada. Na verdade, Victoria provavelmente não seria adequada para qualquer homem.

Era doce demais. Chorava demais.

Mas era incrivelmente bonita e claramente fértil. A fertilidade era uma qualidade para a mulher. Um exemplo disso era seu próprio pai, que se desesperara com o fato de não ter um filho. A impossibilidade de a mãe de Kate ter mais filhos parecia tê-lo levado a se casar apenas duas semanas após a morte da esposa... Ele devia estar ansioso *mesmo* para começar uma nova família.

Era provável que tivesse achado que Mariana era fértil. E talvez fosse um traço de família, como agora demonstrava sua filha. De qualquer forma, ele morreria antes de confirmar suas suposições.

– Então você está me pedindo para visitar o príncipe e fingir que sou Victoria – disse Kate.

– Não estou pedindo! – esbravejou Mariana no mesmo instante.
– Estou ordenando.

– Ah, mãe – reclamou Victoria. – Por favor, Kate. Por favor. Quero me casar com Algie. Eu preferia... Bem, eu não entendi exatamente o que houve e... – Ela alisou o vestido. – Não quero que todo mundo fique sabendo do bebê. E Algie também não quer.

Era óbvio que Victoria não compreendia muito bem como havia engravidado. Kate ficaria surpresa se a irmã compreendesse o ato da concepção. Para não falar de suas consequências.

– Você está me *pedindo* – ressaltou Kate, olhando para a madrasta e ignorando Victoria naquele momento. – Porque, embora você possa até me obrigar a entrar na carruagem com lorde Dimsdale, certamente não poderia controlar o que eu diria ao conhecer o tal príncipe.

Mariana sorriu.

– Ainda mais relevante – prosseguiu Kate – é o fato de que Victoria debutou com muito destaque há poucos meses. Com certeza os convidados do baile já foram apresentados a ela, ou pelo menos a viram, não?

– É por isso que estou enviando você e não uma garota qualquer da rua – disse Mariana, com sua falta de cortesia habitual.

– Você vai levar meus cachorrinhos, Kate – explicou Victoria. – Fiquei famosa por causa deles. Ao vê-los, todo mundo vai achar que você sou eu. – E aí, como se tivesse acabado de se recordar de algo, outra grande lágrima deslizou por seu rosto. – Embora mamãe insista que devo desistir deles.

– Parece que eles estão no meu quarto – disse Kate.

– Agora eles são seus – declarou Mariana. – Pelo menos durante a visita. Depois disso, vamos... – ela interrompeu a frase ao olhar para a filha – ... vamos dá-los de presente a alguns órfãos que os mereçam.

– Os pobrezinhos vão amá-los – falou Victoria, com os olhos úmidos, ignorando o fato de que os tais órfãos poderiam não gostar de seus novos mascotes.

– Quem será minha acompanhante? – perguntou Kate, deixando de lado, por um momento, o destino dos ratos de Victoria.

– Pela sua desenvoltura quando circula sozinha pelo campo – disse Mariana, com a voz cheia de desdém –, creio que não precise de uma acompanhante.

– É uma pena Victoria não ter ficado ao meu lado – retorquiu Kate. – Eu teria impedido o descarado do Dimsdale de tratá-la como uma qualquer.

– Ah, e suponho que você tenha preservado sua virtude – disparou Mariana. – Ela não vai lhe adiantar de nada. E não precisa temer o assédio de lorde Dimsdale. Ele está apaixonado por Victoria.

– Está mesmo – ressaltou Victoria, fungando. – E eu também o amo.

Outra lágrima deslizou por sua face.

Kate suspirou.

– Se, fingindo ser Victoria, eu for vista na carruagem sozinha com Dimsdale, será um escândalo. E o escândalo não ficará ligado a mim, mas a Victoria. Enfim, ninguém se surpreenderá quando a criança nascer pouco depois do casamento.

Houve um momento de silêncio.

– Muito bem – concordou Mariana. – Eu acompanharia Victoria, naturalmente, mas não posso deixá-la nessas condições de saúde. Pode levar Rosalie.

– Uma criada? Você vai me dar uma criada como acompanhante?

– Qual é o problema? – questionou Mariana. – Ela pode ficar sentada entre os dois, caso você perca a cabeça e queira atacar lorde Dimsdale. Você também levará a criada dos ratos, é claro.

– Os cães de Victoria têm uma criada *própria*?

– Mary – disse Victoria. – Ela limpa as lareiras e outras coisas, mas também lhes dá um banho diário e os escova. Bichinhos são uma grande responsabilidade.

– Não vou levar Mary comigo – declarou Kate. – A Sra. Swallow não pode ficar sem ela!

Mariana deu de ombros.

– Não vai funcionar – disse Kate, tentando mudar o rumo da conversa para algum nível de sensatez. – Nem somos parecidas.

– Claro que se parecem! – disparou Mariana.

– Bem, para falar a verdade, não nos parecemos – falou Victoria. – Eu... bem, eu me pareço comigo, e Kate... bem...

– O que Victoria está tentando dizer é que ela é dona de uma beleza notável – reconheceu Kate, sentindo o coração pesado – e eu, não. Some isso ao fato de sermos somente irmãs postizas, ligadas apenas pelo casamento de nossos pais, e não há mais semelhança entre nós do que em qualquer par de mulheres inglesas vistas lado a lado.

– As duas têm a mesma cor de cabelo – observou Mariana, dando um trago na cigarrilha.

– É mesmo? – disse Victoria, desconfiada.

Na verdade, Mariana provavelmente tinha razão. Mas o cabelo de Victoria era modelado em lindos cachos, como era a última moda, e arrumado com uma delicada fita. Kate escovava o cabelo todas as manhãs, depois o torcia e o prendia à cabeça. Não tinha tempo para arrumar-se de forma meticulosa. Na realidade, não tinha tempo para se arrumar de forma alguma.

– Você está doida – declarou Kate, fitando a madrasta. – Não vai conseguir me fazer passar por sua filha.

Victoria franziu a testa.

– Talvez ela tenha razão, mamãe.

Mariana tinha uma dureza no olhar que Kate sabia, por longa experiência, ser um sinal de fúria genuína. Mas, dessa vez, havia algo mais ali, e Kate começou a se perguntar o real motivo daquele olhar tão perturbador.

– Kate é mais alta do que eu – prosseguiu Victoria, contando nos dedos. – O cabelo é um pouco mais louro, sem mencionar que é mais longo, e com certeza não temos a mesma aparência. Nem se ela vestir as minhas roupas...

– Ela é sua irmã – disse Mariana, cerrando os lábios com uma força excessiva.

– Ela é minha irmã *postiça* – falou Kate, pacientemente. – O fato de você ter se casado com meu pai não nos transforma em parentes consanguíneas, e seu primeiro marido...

– *Ela é sua irmã.*

Capítulo 2



*Castelo Pomeroy
Lancashire*

— **V**ossa Alteza.

O príncipe em questão, que atendia pelo nome de Gabriel Augustus-Frederick William von Aschenberg of Warl-Marburg-Baalsfeld, ergueu o olhar e encontrou diante de si seu mordomo, Berwick, segurando uma bandeja.

— Estou ocupado com os fragmentos deste unguentário, Wick. Seja breve.

— Unguentário – repetiu Wick, com desgosto. – Parece o nome de um item libidinoso que poderia ser comprado em Paris. No lado inadequado de Paris – acrescentou.

— Poupe-me de suas críticas – disse Gabriel. – Este vaso em particular destinava-se aos mortos e não aos vivos. Era usado para guardar seis pequenos ossos para o jogo da bugalha e foi encontrado no túmulo de uma criança.

Wick abaixou-se e fitou os pedaços de barro espalhados na escrivaninha.

— E onde estão os ossos?

– Biggitstiff esbugalhado jogou tudo fora. Jogou fora também este pequeno vaso, pois a criança era pobre e ele só está interessado em violar as tumbas dos reis. Estou tentando descobrir como ficava presa a tampa, que eu não tenho. Acho que havia rebites de bronze nas duas peças. – Ele apontou. – E os rebites foram consertados pelo menos uma vez antes de o unguentário ser colocado no túmulo, está vendo?

– Precisa de conserto de novo. Por que está se preocupando com isso?

– Este jogo era tudo o que os pais desta criança tinham para lhe dar, para sua jornada ao mundo dos mortos – explicou Gabriel, erguendo a lupa. – Por que esta oferenda não poderia ser tão apreciada quanto o ouro que Biggitstiff procura?

– Chegou uma mensagem da parte da comitiva de lady Tatiana – disse Wick, aparentemente aceitando o posicionamento de Gabriel em relação ao jogo. – Ela está agora na França e chegará dentro do previsto. Tivemos duzentas confirmações para o baile de noivado; entre elas, a de seu sobrinho, Algernon Bennett, lorde Dimsdale. Na verdade, creio que o visconde chegará antes do baile.

– Trazendo o velocino de ouro?

O sobrinho de Gabriel – de quem ele se lembrava vagamente como um garoto de traseiro gorducho – ficara noivo de uma das mais ricas herdeiras da Inglaterra.

– O senhor visconde estará acompanhado de sua noiva, a Srta. Victoria Daltry – acrescentou Wick, olhando suas anotações.

– É difícil imaginar que Dimsdale tenha conseguido conquistar tal tesouro. Talvez ela seja sardenta ou vesga – disse Gabriel, alinhando cuidadosamente os fragmentos de barro, para determinar onde ficavam os rebites.

Wick balançou a cabeça.

– Quando debutou, na última primavera, a Srta. Daltry foi considerada uma das mulheres mais belas da Inglaterra.

Eles haviam chegado ao país fazia poucos meses, mas Wick já tinha boas fontes para saber das fofocas relevantes da aristocracia.

– Sua adoração pelo noivo também foi universalmente reconhecida.

– Ela ainda não me conheceu – declarou Gabriel, com indiferença. – Quem sabe eu não deva roubá-la antes da chegada da minha própria noiva? Um velocino de ouro inglês por um russo. Meu inglês é bem melhor do que meu russo.

Wick não disse uma palavra; lentamente, olhou Gabriel da cabeça aos pés. Gabriel sabia o que o mordomo via: o cabelo negro cobrindo uma falha na cabeça; as sobrancelhas se unindo acima dos olhos e assustando algumas mulheres; uma sombra de barba que nunca desaparecia. Alguma coisa em sua fisionomia afugentava as mulheres mais meigas, aquelas que pensariam em se aconchegar e acariciar seus cabelos após o sexo.

– Claro que é possível tentar – comentou Wick. – Mas acredito que estará muito ocupado tentando encantar sua própria noiva.

Não era seu melhor insulto, mas era bastante bom.

– Pelo modo como fala, parece que Tatiana vai sair correndo ao me ver.

Gabriel sabia muito bem que o brilho de ferocidade em seus olhos assustava as damas mais acostumadas com os cães de pequeno porte. Ele precisava encontrar uma mulher cujos olhos não se arregalassem nem cintilassem de felicidade diante da perspectiva de ser apresentada a um príncipe. As mulheres costumavam apreciar a ideia de conquistar um príncipe.

Porém, aquela seria a primeira vez que ele tentaria seduzir uma esposa em vez de uma amante. E era necessário admitir que as mulheres levavam as coisas muito mais a sério quando o assunto era casamento.

Ele praguejou mentalmente. E então voltou-se para o pequeno vaso diante de si.

– Mas minha noiva não terá mais poder de decisão do que eu sobre este assunto.

Wick se curvou. Partiu tão silenciosamente quanto havia chegado.

Capítulo 3



Casa Yarrow

Um silêncio gelado instalou-se no cômodo – como o silêncio que se segue ao disparo da arma de um caçador na floresta.

Victoria nada disse. Kate notou seus olhos suaves e confusos e percebeu que a declaração da mãe não tinha sido compreendida.

– Victoria é minha irmã – repetiu Kate.

– Sim, portanto você entende muito bem que precisa ir lá e garantir que o casamento aconteça antes que sua reputação seja maculada. Porque ela é sua irmã.

Uma pequena onda de alívio correu pelas veias de Kate. Ela devia ter entendido errado, tinha que...

– Ela é sua meia-irmã – esclareceu Mariana, com a voz áspera.

– Mas... ela tem... – Kate virou-se para Victoria. – Quantos anos você tem?

– Você sabe minha idade – falou Victoria, fungando um pouco enquanto acariciava o lábio inferior. – Sou quase cinco anos mais nova que você.

– Você tem 18 anos – disse Kate, o coração batendo com força dentro do peito.

– O que torna você uma moça de 23 anos *bem madura* – disse Mariana, com prazer. – Ou talvez de 24 anos. Na sua idade, é fácil esquecer.

– Seu marido, o coronel...

Mariana deu de ombros.

Kate percebeu que respirava com dificuldade. Sentia como se toda a sua vida estivesse se desenrolando diante de si, todas as perguntas que ela nem sabia que guardava. O choque de ver o pai chegar em casa apenas duas semanas depois do funeral da esposa dizendo que planejava conseguir uma licença especial para se casar.

A mãe acamada por todos aqueles anos, o pai fazendo uma rápida entrada de quando em quando para dizer coisas alegres e lhe lançar beijos, sem nunca se sentar à sua cabeceira.

Porque, aparentemente, ele saía de fininho para sentar-se na companhia de Mariana.

– Estou com a impressão de que não entendi alguma coisa – observou Victoria, olhando para as outras duas. – Você vai chorar, Kate?

Kate encolheu-se. Desde o enterro do pai, nunca mais havia chorado.

– Claro que não! – vociferou.

Houve mais um segundo de silêncio no cômodo.

– Por que não começa a contar? – pediu Kate finalmente, fitando a madrasta. – Estou impaciente para saber dos detalhes.

– Os detalhes não são da sua conta – declarou Mariana. Então se voltou para Victoria. – Escute, querida, lembra-se das visitas que nos fazia o querido Victor antes de irmos para esta casa?

Victor! Kate jamais imaginara que o nome do pai tivesse relação com sua irmã postíça.

– Sim, eu me lembro.

– Era porque sua mãe era amante dele – disse Kate. – Concluo que ele *visitou* sua casa por no mínimo onze anos, antes da morte de minha mãe. Existiu mesmo algum coronel? Victoria é ilegítima?

– Não faz muita diferença – falou Mariana, sem qualquer emoção. – Posso cuidar dela.

Kate sabia disso. Seu pai tão amado e tolo havia deixado todos os seus bens para a esposa... e Mariana transformara tudo em um belo dote para Victoria, sem se importar se a propriedade necessitava também daquela receita. Tudo pertencia a Victoria.

Victoria. Que não apenas estava grávida, mas que também era ilegítima. Seria de se supor que o coronel, o hipotético marido de Mariana, nunca existira.

Mariana levantou-se e apagou a cigarrilha em um prato cheio de outras já descartadas.

– Estou perplexa. Não consigo crer que as duas não tenham se levantado de um salto e se abraçado numa demonstração de grande entusiasmo feminino. Mas, como isso não aconteceu, vou simplificar. Katherine, você vai ao castelo Pomeroy porque sua irmã vai ter um filho e necessita da aprovação do príncipe. Você se vestirá como sua irmã, levará os malditos vira-latas e fará o que for preciso para que tudo dê certo.

Mariana parecia mais dura e mais cansada do que o habitual.

– Nesse caso, os Crabtrees vão permanecer em seu chalé – decretou Kate.

A madrasta deu de ombros. Ela realmente não se importava, Kate percebeu. Havia jogado a carta dos Crabtrees pois sua alegação de ausência de relações consanguíneas fracassara.

– Convoquei o mesmo homem que corta o cabelo de Victoria – disse Mariana bruscamente. – Ele chegará amanhã de manhã para arrancar toda a podridão que há em sua cabeça. Virão também três costureiras. Será preciso fazer alterações em vinte vestidos.

– Você passará três ou quatro dias no castelo – informou Victoria.

Ela se levantou e pela primeira vez Kate se deu conta de que a irmã estava realmente grávida. Havia algo de desajeitado em seus movimentos.

– Lamento muito – falou Victoria, indo até Kate.

– Não há nada para lamentar! – exclamou Mariana.

– Há, sim! – insistiu Victoria. – Lamento que seu pai tenha sido o tipo de homem que ele era. Não lamento que ele tenha se casado com minha mãe, mas eu... lamento tudo. Tudo o que deve estar pensando sobre ele agora.

Kate não queria pensar no pai naquele momento. Tentara não pensar nele ao longo dos últimos sete anos, desde sua morte. Era doloroso demais se lembrar de como ele ria, das noites em que ele ficava perto da lareira e lhe contava histórias divertidas sobre Londres, com a luz das chamas refletida em sua taça de vinho.

E agora havia mais uma razão, completamente nova, para não pensar nele.

Ela devolveu o abraço de Victoria com delicadeza, depois se afastou e voltou-se para Mariana.

– Por que devo ir ao jantar hoje à noite?

– Lorde Dimsdale tem algumas dúvidas em relação à semelhança entre as duas, se é suficiente para confundir alguém que foi apresentado à sua irmã.

– Mas meu cabelo...

– Não é o cabelo – disse a madrastra. – Faremos com que use um vestido decente e você logo verá a semelhança. Victoria é conhecida por sua beleza, seus cães e seus sapatinhos de cristal. Desde que não solte essa língua atrevida, você se passará por ela.

– E o que são sapatinhos de cristal?!

– Ah, eles são maravilhosos! – exclamou Victoria. – Eu mesma lancei a moda nesta temporada, Kate, e *todo mundo* começou a

usá-los.

– Os pés das duas têm mais ou menos o mesmo tamanho – disse Mariana. – Os sapatos vão caber.

Kate olhou para o vestido gasto e cinzento que usava e perguntou à madrastra:

– O que você faria se meu pai tivesse sobrevivido? Se eu tivesse debutado na época certa e as pessoas percebessem a semelhança entre mim e Victoria?

– Não me preocupei com isso – respondeu Mariana, dando de ombros mais uma vez.

– Por que não? Não haveria o risco de alguém observar nós duas e perceber?

– Ela é cinco anos mais jovem. Eu a teria mantido na escola até que você estivesse casada.

– Eu poderia notar. Eu poderia não ter encontrado um marido. Meu pai teria...

Mariana deu um sorrisinho.

– Poderia notar... Você não se olha no espelho?

Kate encarou a madrastra. Claro que se olhava no espelho. Via traços perfeitamente regulares devolvendo-lhe o olhar. Só não via o azul das flores campestres dos olhos de Victoria ou o sorriso encantador, pois esses lhe faltavam.

– Você é uma maldita tola – disse Mariana, erguendo a mão para alcançar a caixa de cigarrilhas mas logo desistindo. – Estou fumando demais, o que é inteiramente culpa sua. Pelo amor de Deus, arranje um vestido decente e esteja pronta às oito da noite. É melhor ter com a camareira de Victoria imediatamente. Você não teria condições nem de limpar as lareiras com esses trapos que está usando.

– Mas não quero que Algie me veja com o lábio desse jeito – resmungou Victoria, voltando a fungar.

– Instruirei Cherryderry a colocar apenas um candelabro na mesa – falou Mariana. – Dimsdale não vai conseguir ver você nem se um rato pular no seu rosto.

E tudo acabou com os ratos; o que era adequado, pois foi assim que a história começou.

Capítulo 4



Kate sabia muito bem que a criadagem estava do seu lado. E não poderia ser diferente. Os melhores servos eram treinados para servir damas e cavalheiros e não àqueles de sua própria classe social. E, obviamente, haviam percebido que Mariana não tinha origens nobres. Kate, por sua vez, sempre acreditara que a madrasta fosse filha de um comerciante e viúva de um coronel. Jamais pensara que ela fosse... que ela fosse...

Uma perdida. A amante de seu pai. Sim, uma perdida.

Não era de admirar que a pobre Victoria estivesse esperando um filho. Sua mãe era pouco qualificada para orientá-la. Aliás, Kate também não estava inteiramente segura sobre como se comportar na alta sociedade. Tinha apenas 12 anos quando a mãe caíra de cama e 16 quando ela finalmente morrera e seu pai voltara a se casar. Embora tivesse aprendido a usar os talheres, os detalhes mais sutis do comportamento em sociedade lhe escapavam.

Kate recebera um ano de aulas de dança, mas tudo parecia ter acontecido numa vida anterior. Existiam regras específicas para se falar com príncipes, por exemplo? Depois de falar com um príncipe, seria errado dar-lhe as costas ao sair de um cômodo? Ou a regra só se aplicaria a reis e rainhas?

Encontrou Rosalie, a camareira de Victoria, no quarto de vestir da irmã. Anos antes, o aposento havia sido reservado para

hóspedes, mas, como eles nunca recebiam ninguém e Victoria acumulava cada vez mais vestidos, decidiram convertê-lo em guarda-roupa.

Kate examinou tudo com curiosidade. Todas as paredes estavam ocupadas por armários de cerejeira, obviamente abarrotados de vestidos. Babados de renda e pedaços de tecido bordado despontavam de gavetas entreabertas. Havia um perfume de rosas e o aroma de roupa de cama limpa.

– Cherryderry me falou sobre o jantar de hoje e informou que as costureiras chegam amanhã – disse Rosalie. – Revirei todos os vestidos da Srta. Victoria.

Aquilo devia ter sido uma tarefa e tanto, pois Victoria tinha quase o dobro da quantidade de roupas da mãe, embora estivessem mais organizadas.

– Acho que deveria usar este aqui hoje à noite. Só vai precisar de um ou dois pontos para ajustar o corpete.

Rosalie segurava um vestido feito da mais suave seda rosa. Não era particularmente decotado, mas parecia ser bem justo até logo abaixo dos seios, de onde a sobressaia se erguia em ondas e adornos, revelando um forro rosa-escuro.

Kate alisou o tecido. Seu pai morrera antes que se iniciassem as visitas às modistas para montar o guarda-roupa para seu début. Ela passara dos trajes de luto direto para as cambraias resistentes, que refletiam sua mudança de posição na hierarquia da casa.

– *Couleur de rosette* – falou Rosalie, cheia de energia. – Acho que vai dar um destaque especial a seu cabelo. Sendo tão magra, nem vai precisar de espartilho – acrescentou, já começando a desabotoar a roupa de Kate.

Kate afastou as mãos da camareira.

– Permita-me, por favor... – pediu Rosalie.

Kate balançou a cabeça.

– Eu me visto sozinha há anos, Rosalie. Pode me ajudar a colocar o vestido, se necessário, mas eu mesma vou tirar a minha roupa.

E foi o que fez, deixando no corpo nada além de um velho *chemise*. Ela até possuía dois espartilhos, mas eram muito desconfortáveis para quem andava a cavalo todos os dias.

Rosalie não disse nada, apenas olhou para a veste desgastada, notando como Kate a cercava (não muito bem) e o comprimento (curta demais).

– O Sr. Daltry... – começou a criada, mas se interrompeu.

– Está se revirando em sua sepultura – completou Kate. – Vamos com isso, Rosalie.

A criada começou a tirar os grampos do cabelo e a estalar a língua como se contasse moedinhas.

– Nunca imaginei que tivesse tanto cabelo! – falou a criada, surpresa, após tirar todos os grampos e soltar as madeixas de Kate.

– Não gosto que fique caindo no meu rosto. Atrapalha quando estou trabalhando.

– A senhorita não deveria estar trabalhando! – exclamou Rosalie. – Isso está errado. E vê-la com essas roupas de baixo que parecem panos de prato... Eu não sabia.

Ela largou a escova e abriu uma gaveta funda. Dentro, havia pilhas de *chemises* imaculadamente brancos. Rosalie pegou um.

– A Srta. Victoria nem vai perceber. E não se importaria se soubesse, porque não é igual à mãe. Ela gosta de roupas de baixo em seda – disse a criada, retirando o *chemise* de Kate pela cabeça e jogando-o num canto. – Prefiro um bom algodão, pois o suor deixa manchas terríveis nesses aí. Mas, se não se está vestida como uma dama até a última peça, não se é uma verdadeira dama.

A peça caiu como uma nuvem translúcida em Kate. Era enfeitada por uma belíssima renda.

Se seu pai tivesse sobrevivido e ela fosse apresentada à sociedade, usaria peças assim o tempo inteiro, e não as roupas desfiadas, gastas, em tons sóbrios de cinza e azul que a deixavam com a aparência da parenta pobre que ela realmente era.

A mãe lhe deixara um pequeno dote, mas, sem a chance de conhecer solteiros adequados ao casamento, aquilo fazia pouca diferença. Havia anos ela dizia a si mesma que deveria deixar a casa, ir para Londres, encontrar trabalho como preceptora... qualquer coisa para escapar dali. Mas não queria abandonar os arrendatários e os criados, deixando-os sob a supervisão descuidada e insensível de Mariana.

Por isso ela não partira.

Uma hora depois, seu cabelo estava cheio de cachos e puxado para cima, com um penteado idêntico ao que Victoria usava. Seu rosto foi coberto com pó de arroz, de modo a ficar com a aparência bem tratada da pele da irmã. Envolveram-na em tecido rosa-claro e, para combinar, seus lábios foram pintados da mesma cor.

Então ela se dirigiu ao espelho, pronta para constatar que realmente se parecia com Victoria e que também seria considerada uma grande beleza.

Mas, ao ver a própria imagem, percebeu que não apenas não se assemelhava à irmã, como só um cego poderia considerá-la uma beleza. Ela tinha os ossos muito salientes. E aquele vestido pendia de seus ombros de uma forma esquisita.

Rosalie beliscou uma manga.

– Tem braços mais grossos que os da Srta. Victoria – balbuciou.

Kate olhou para o membro culpado e entendeu imediatamente o problema. Ela passava duas ou três horas por dia sobre a sela, tentando gerenciar a propriedade da mesma forma que o administrador de seu pai fazia, antes de a madrasta expulsá-lo da casa. Seus braços eram musculosos e levemente bronzeados pelo sol. Duvidava que outras jovens de família enfrentassem esse tipo

de problema. Além disso, as maçãs de seu rosto eram proeminentes demais e as sobrancelhas, muito marcadas.

– Não me pareço com Victoria – disse ela, um tanto triste.

Secretamente, acalentara a esperança de que as roupas elegantes a transformassem, tornando-a tão bela quanto a irmã, uma mulher que era considerada, por toda a aristocracia, um diamante.

Já ela se parecia mais com cascalho do que com diamantes.

– Esse estilo não lhe cai bem – admitiu Rosalie. – O cor-de-rosa não foi uma boa ideia. A senhorita precisa de tons mais fortes, combinam mais com você.

– Você entende que preciso ficar parecida com Victoria, não sabe?

Kate sabia perfeitamente que Cherryderry a seguira pela escada e se posicionara junto à porta do quarto da madrastra, determinado a ouvir a conversa inteira.

Rosalie cerrou os lábios, com um ar severo.

– Querem que eu acompanhe lorde Dimsdale numa visita ao castelo Pomeroy e convença todo mundo de que sou Victoria – explicou Kate.

Os olhos da criada encontraram os dela no espelho.

– Não vai funcionar – disse Kate, conformada. – Ela é bonita demais.

– A senhorita também é bonita – afirmou Rosalie, resoluta. – São belezas diferentes.

Kate sorriu secamente.

– Minha boca é grande demais. E... quando fiquei tão magra?

– Após a morte de seu pai, quando começou a fazer o trabalho de dez pessoas. A Srta. Victoria, que Deus a abençoe, é suave como um travesseiro. Mas faz sentido que seja assim, não é?

Kate observou o tecido sobre seus seios. Ou melhor, sobre o lugar onde deveriam estar seus seios.

– Podemos fazer alguma coisa a respeito do meu busto? Neste vestido, parece que não tenho nada.

Rosalie beliscou a sobra de tecido.

– Tem um belo busto, Srta. Kate. E não se preocupe. Encontrarei outros vestidos que lhe cairão bem melhor que este. Graças a Deus, a Srta. Victoria tem mais roupas do que uma modista após um ano de trabalho.

Em segundos, ela dobrou e prendeu duas meias finas no *chemise* de Kate e resolveu o assunto.

Era estranho como traços semelhantes resultavam em aparências tão diferentes. Naturalmente: era cinco anos mais velha. Toda enfeitada, cacheada e maquiada, parecia uma virgem envelhecida e desesperada.

O pânico era uma sensação nova. Como tivera, por muitos anos, poucas oportunidades de se vestir como uma dama, Kate praticamente esquecera que a flor da idade estava passando.

Completaria 24 anos dentro de algumas semanas e se sentia como uma velha viúva.

Por que não percebera que não era mais curvilínea, encantadora e agradável? Quando a amargura penetrara em sua corrente sanguínea, transformando aquela menina do passado em algo tão diferente?

– Não vai funcionar – disse abruptamente. – Não tenho a menor semelhança com uma jovem debutante que causa burburinho na aristocracia.

– É uma questão de usar a roupa certa – afirmou Rosalie. – Este vestido não é a melhor opção, senhorita. Mas encontrarei algo melhor.

Kate não podia fazer outra coisa senão assentir. Ela havia pensado...

Bem, ela não havia pensado tanto assim. Mas sabia que queria se casar e ter filhos.

Uma onda de pânico cresceu dentro dela. E se já estivesse velha demais? E se nunca...

Ela interrompeu aquele pensamento.

Faria aquela visita por Victoria, pelo bem da irmã que acabara de descobrir. Depois, partiria. Seguiria para Londres e daria sua herança modesta, o dinheiro deixado pela mãe, em troca de uma certidão de casamento.

As mulheres faziam aquilo havia anos; ela também conseguiria.

Endireitou os ombros. Após a morte do pai, ela descobrira o que era se sentir humilhada: escondia as mãos ao ver conhecidos, com medo de que percebessem os dedos avermelhados; mantinha as botas próximas ao flanco do cavalo para que ninguém visse como estavam gastas; fingia ter deixado a touca em casa todas as vezes que saía.

Agora, uma nova forma de humilhação: ser vestida como cordeiro quando se sentia um patinho feio. Ela ia superar.

Capítulo 5



Quando escapuliu para seu quarto, horas depois, Kate estava exausta. Tinha acordado às cinco da manhã para fazer três horas de contabilidade e saíra a cavalo às oito... sem falar na carga emocional proporcionada pelas adoráveis revelações do dia. Durante o jantar, Mariana se mostrou agressiva até com o visconde e Victoria derramou lágrimas suaves durante todo o serviço de três pratos.

E agora os cães – os “ratos” – esperavam por ela, sentados, formando um pequeno semicírculo.

Não havia acessório mais elegante do que um cãozinho, e Victoria e Mariana, com sua crença característica de que era melhor ter 23 vestidos de noite do que apenas um, haviam adquirido não apenas um animalzinho, mas três.

Três pequenos malteses barulhentos e de pelo sedoso.

Eram absurdamente pequenos, menores do que muitos gatos. E tinham uma espécie de elegância altiva que Kate considerava uma afronta. Se tivesse um cão, iria querer um de orelhas grandes e sorridente, como os que corriam para cumprimentá-la quando ela parava nos chalés das terras de Mariana. Um cão que latisse de verdade e não apenas ladrasse.

Naquele momento, porém, estavam em silêncio. Quando Kate entrou em seu quarto minúsculo, eles se levantaram e cercaram

seus tornozelos, numa onda de rabinhos peludos e corpos quentes. Provavelmente se sentiam solitários. Antes da mordida, ficavam sempre junto de Victoria. Talvez estivessem famintos. Ou, pior, talvez precisassem de um passeio no jardim. Se ela tivesse uma campainha no quarto... Mas pessoas de sua condição não precisavam chamar os criados.

– Suponho – disse ela lentamente, pensando nas escadas e em suas pernas doloridas – que eu precise levá-los lá fora.

Na verdade, deveria se sentir grata por eles não terem urinado no quarto. O cômodo era tão pequeno e a única janela ficava tão no alto que o cheiro perduraria por um mês ou mais.

Levou alguns minutos para entender como prender cordas às coleiras cheias de joias, processo que se complicou mais ainda porque os três começaram a latir, a pular e a tentar lambe seu rosto. Era difícil não se esquivar.

Desceu pesadamente a escada dos fundos que levava a seu quarto, os passos acompanhados pelas patinhas dos ratos. Estava tão cansada que não conseguia se lembrar dos nomes, embora soubesse que eram aliterações. Talvez Fada e Flor.

– O que eles comem? – perguntou a Cherryderry, minutos depois.

Ele foi gentil e a acompanhou até a horta para mostrar-lhe a área reservada aos cães.

– Mandei Richard a seu quarto há mais ou menos uma hora. Ele os alimentou e desceu para dar uma volta. Admito que não gosto destes cães, mas não são animais perversos – disse Cherryderry, observando-os. – A culpa não é deles.

Os três se amontoavam, um em cima do outro, uma massa de rabos peludos e narizes pontudos.

– Caesar não tinha a intenção de morder a Srta. Victoria – prosseguiu ele. – Não precisa temer que ele a morda.

– *Caesar?* Pensei que tivessem outros nomes.

– Isso é uma parte do problema – falou Cherryderry. – A Srta. Victoria nunca ficou completamente satisfeita com os nomes. Mudava-os toda semana. No início, eram Ferdinand, Felicity e Frederick. Atualmente, são Coco, Caesar e Chester. Antes disso foram Mopsi, Maria e mais alguma coisa. O líder... Está vendo aquele que é ligeiramente maior? Aquela é Caesar. Os outros são Coco e Chester, embora Chester só tenha aprendido a atender pelo nome de Frederick ou Freddie.

– Por que Caesar mordeu Victoria, afinal? Nunca me ocorreu perguntar.

– Ela quis alimentá-lo com comida que estava na própria boca.

– *O quê?*

– Prendeu um pedaço de carne entre os lábios e o encorajou a pegá-lo. É uma grande tolice se colocar entre um cão e sua carne.

Kate estremeceu.

– É nojento.

– Dizem que a princesa Charlotte treinou seus cães para fazer a mesma coisa – informou Cherryderry. – A princesa tem muita responsabilidade nisso.

– E como faço para mantê-los quietos durante a noite? – perguntou Kate, sonhando com a hora de cair na cama.

– Basta tratá-los como cães, com respeito mas também com firmeza. A Srta. Victoria cometeu o erro de tratá-los como bebês. Aí, quando não se comportavam, ela se aborrecia e mandava alguém levá-los para a cozinha. Então nunca aprenderam a agir de modo correto. Vou lhe dar um saco com raspas de queijo. Dê um pedaço de queijo quando fizerem alguma coisa certa. Vão se comportar muito bem.

De volta ao quarto, Kate descobriu que cada cão tinha sua personalidade. Caesar era incrivelmente pouco inteligente. Parecia acreditar que era grande: ficava à espreita, saltava e distribuía

promessas de ataque a qualquer um que entrasse no cômodo. Lembrava mesmo um imperador. O nome era adequado.

Frederick era carente, ou pelo menos foi o que Kate concluiu quando ele pulou em sua cama e lambeu-lhe o joelho, balançando o rabo sem parar. Então, lançou-lhe um olhar pedinte muito dramático e em seguida rolou de costas, erguendo as patas no ar. Em suma, era um bobo. Freddy servia-lhe melhor do que Frederick.

Coco mostrava todos os sinais de ser incrivelmente fútil. Victoria colara minúsculas joias cintilantes em seu pelo, na região do pescoço. Em vez de tentar arrancá-las, como qualquer vira-lata respeitável, Coco mantinha-se sentada com as patas perfeitamente alinhadas e o focinho empinado. Não demonstrava nenhum desejo de se aproximar da cama de Kate, ajeitando-se com elegância sobre uma almofada de veludo que aparecera no chão do quarto, junto com uma tigela d'água.

Kate pegou Freddy na cama e jogou-o no chão, mas ele pulou de volta. E a moça estava cansada demais para tomar qualquer providência.

Ficou ali por um momento pensando no pai, sentindo pequenas ondas de raiva atravessarem seu corpo. Como ele pudera fazer aquilo? Devia amar Mariana, caso contrário, por que se casaria com a amante?

Pensou que era bom não ter debutado. Sabia pouco sobre a aristocracia, era verdade, mas sabia que ninguém se aproximaria de uma jovem com uma madrasta de reputação duvidosa, embora Mariana tivesse se casado com seu protetor.

No entanto, Mariana e Victoria tinham simplesmente partido para Londres, aberto a casa do pai de Kate e estabelecido a fama de Victoria como uma jovem e bela herdeira.

Havia uma lição ali, reconheceu uma sonolenta Kate.

Capítulo 6



A manhã seguinte

O coiffeur francês e os dois médicos londrinos chegaram juntos na manhã seguinte, um deles preparado para cortar o cabelo de Kate e os outros, para lancetar o lábio de Victoria. Quando as duas irmãs recusaram aqueles cuidados, Mariana teve uma crise histérica, sacudindo a cigarrilha e gritando feito louca.

A sessão com Rosalie, na noite anterior, ajudara Kate a se dar conta de que já não era tão jovem e que a cabeleira era sua única glória. Como estava magra demais, talvez seu rosto ficasse ainda mais prejudicado sem todo aquele cabelo.

– Eu me recuso! – declarou, fazendo a voz se sobrepor aos soluços de Victoria.

O mais estranho era que ela raramente se recusava a fazer algo.

Ao longo dos últimos sete anos, combatera a madrasta com unhas e dentes: brigou quando ela dispensou o administrador da casa e a deixou encarregada das compras; brigou quando ela dispensou o encarregado da contabilidade e jogou aquela responsabilidade em suas costas, dizendo que cuidasse do assunto durante a noite. Mas jamais se *recusara* a fazer nada. Assumira os

livros de contabilidade da propriedade, as contas, a administração geral e se despedira de sua preceptora, de várias criadas e do administrador.

Considerou um tanto irônico que justamente a vaidade fosse o ponto em que não conseguia ceder.

– Não vou cortar – repetia sem parar.

Monsieur Bernier jogou as mãos para o ar, declarando, num sotaque carregado, que um corte elegante faria com que ela parecesse 10 anos mais jovem e que (conforme deixou subentendido) mademoiselle precisava de cada um daqueles 10 anos.

Kate ficou rígida.

– Sou grata por sua opinião, monsieur, mas não.

– Você vai arruinar tudo! – exclamou Mariana, em tom descontrolado. – Sua irmã não poderá se casar e terá um filho fora do casamento.

Kate notou a surpresa de monsieur Bernier e encarou-o. Sete anos à frente da administração da propriedade haviam lhe dotado de um olhar furioso e eficiente. O homem vacilou.

– Está tudo bem, mamãe – interveio Victoria, fungando. – Kate simplesmente vai ter que usar perucas. Só isso. Vai sentir calor, mas será por poucos dias.

– Perucas – disse Mariana, numa espécie de suspiro estrangulado.

– Tenho perucas de todas as cores para combinar com minhas roupas – disse Victoria. – Se Rosalie trançar e prender o cabelo de Kate todas as manhãs, ela ficará muito elegante e todo mundo vai pensar apenas que eu adoro perucas.

– Verdade – concordou Mariana, dando um forte trago na cigarrilha.

– Dou para você meu Escalpo Circassiano – disse Victoria.

Kate torceu o nariz.

– É uma peruca azul-clara linda e elegante – explicou Victoria –, que combina maravilhosamente bem com vestidos em tons de azul e verde. Além do mais, é acompanhada por uma fita enfeitada com pedrarias, que ajuda a não sair do lugar.

– Ótimo – falou Mariana. – Agora o Dr. Binter vai lancetar seu lábio, Victoria, e é a última vez que quero ouvir qualquer reclamação das duas pelo resto do dia.

Victoria gritou e chorou, mas por fim a terrível tarefa foi concluída.

Mariana recolheu-se ao leito com muita dor de cabeça. Victoria recolheu-se ao leito com uma crise de choro. Kate saiu com os cães para fazer uma visita aos Crabtrees.

Capítulo 7



Castelo Pomeroy

— Então, qual é o problema com o leão? – perguntou Gabriel a Wick, atravessando depressa o pátio externo até o zoológico improvisado junto ao muro dos fundos.

– Não faço a mínima ideia. Ele simplesmente não para de vomitar – respondeu Wick.

– Pobre velho – disse Gabriel, se aproximando da jaula.

A fera estava encolhida contra o muro, parecendo respirar com dificuldade. Fazia poucos meses que Gabriel era seu dono, mas se acostumara a ver aqueles olhos brilhando, como se desejassem saltar da jaula e devorar um passante.

Não tinha mais aquela aparência. Os olhos estavam vazios e infelizes. Se fosse um cavalo, ele mandaria...

– Ainda não tem idade para morrer – falou Wick, como se tivesse lido o pensamento de Gabriel.

– Augustus me disse que ele não duraria mais do que um ano.

– O grão-duque não desejava mais mantê-lo na sua coleção e talvez tenha exagerado a idade do animal. Pelo que entendo, o leão tem apenas 5 anos e deve viver muito mais.

– Como estão os outros? – questionou Gabriel.

Ele passou pela jaula do tigre e foi até a da elefanta, onde encontrou Effie balançando-se com placidez. Effie tinha um temperamento doce. Ao vê-lo, soprou, muito simpática, um pouco de palha.

– Por que aquele macaco está ali com ela?

– É uma macaquinha. Ficaram amigas durante a travessia oceânica – explicou Wick. – Parecem mais felizes quando estão juntas.

Gabriel se aproximou e fitou o pequeno animal.

– Não faço a menor ideia da espécie. E você?

– Pelo que entendi, chama-se sagui pigmeu, ou “macaco de bolso”. Foi presenteada ao grão-duque por um paxá.

– E a elefanta veio com aquele rajá, não foi? Eu gostaria que as pessoas parassem de dar animais de presente. Este pátio cheira mal.

Wick fungou ruidosamente.

– Verdade. Podemos transferi-los para os jardins que ficam atrás do labirinto.

– Effie se sentiria solitária. Será que poderíamos deixá-la sair da jaula de vez em quando?

– Vou verificar se é possível construir um cercado no pomar – disse Wick.

Gabriel observou a dupla improvável por mais um momento. A macaca estava sentada na cabeça da elefanta, acariciando uma orelha enorme com seus dedinhos enrugados.

– Por acaso teve sorte em sua busca por alguém que cuide dos animais e que realmente saiba alguma coisa sobre elefantes e afins?

– Não – respondeu Wick. – Tentamos seduzir um homem do circo Peterman, mas ele se recusou a deixar seus próprios leões.

– Os leões do Peterman não poderiam ficar aqui, junto com o nosso pobre e doente? – disse Gabriel, voltando para a primeira jaula. – Qual seria o problema, Wick?

– O príncipe Ferdinand sugeriu que ele talvez esteja acostumado a uma dieta de carne humana, mas preferi ignorar as implicações deste comentário.

– E o que estamos usando na sua alimentação?

– Bife – falou Wick. – Do bom.

– Talvez seja forte demais para ele. O que meu tio costuma comer depois de uma noite ruim?

– Sopa.

– Experimente com o leão.

Wick ergueu uma sobrancelha, mas assentiu.

– Aliás, por falar em coisas desagradáveis, sabe me dizer por onde anda meu tio?

– Sua Alteza Real está trabalhando na Batalha de York esta manhã. Ele assumiu o chiqueiro, que, por sorte, está sem ocupantes, e transformou-o em Museu da Guerra Imperial. Quarenta ou cinquenta garrafas de leite representam diversos regimentos e seus líderes. Sua instalação – acrescentou Wick – é muito popular entre os filhos dos criados.

– Então ele está feliz – concluiu Gabriel. – Imagino...

Foi interrompido pela entrada de um homem alto, com pernas finas como as de uma cegonha, a trotar pelo pátio. Seu cabelo era todo espetado, e os fios eretos balançavam quando ele se movimentava.

– E por falar no diabo... – disse Gabriel, fazendo uma reverência.

– Igualmente, querido rapaz – respondeu, um tanto aéreo, seu tio, o príncipe Ferdinand Barlukova. – Igualmente. Viu meu pobre cão por aí?

De forma discreta, Wick se posicionou atrás do ombro de Gabriel e falou baixinho:

- Há quem acredite que tenha sido comido pelo leão.
- Com pelo e tudo?
- Talvez explique a situação lamentável do animal no momento.
- Não vi seu cão – respondeu Gabriel ao tio.
- Ontem mesmo ele comeu um prato cheio de pickles de maçã – disse o príncipe Ferdinand, um tanto choroso. – Eu o mantenho numa dieta à base de pickles, todo tipo de pickles. Acho que é muito melhor para a digestão.

Talvez os pickles de maçã não tivessem caído bem para o cão – ou, indiretamente, para o leão.

– Ele pode ter fugido – observou Gabriel, voltando-se para o grande arco que dava acesso ao pátio interno. – Pode não ter apreciado essas inovações alimentares.

– Meu cão adora pickles – declarou Ferdinand. – Adora! Em especial os de tomate.

– Da próxima vez, experimente pickles de peixe.

Com o canto dos olhos, Gabriel percebeu a aproximação de duas tias que perambulavam ao ar livre e balançavam os dedos em sua direção, sorrindo com malícia. Ele acelerou o passo rumo à casa, evitando esbarrar no filho do cozinheiro que aparecera em seu caminho, e respirou aliviado quando finalmente alcançou seus aposentos, com a sensação de ter escapado por pouco.

O problema de se ter um castelo era o fato de o castelo estar sempre cheio de gente. De uma forma ou de outra, porém, era *sua* gente: seus parentes, seu leão, sua elefanta, seus criados... até o cão comedor de pickles era responsabilidade sua, embora, ao que tudo indicava, ele agora fizesse suas caçadas nas grandes florestas do céu. E provavelmente se sentia grato por isso.

– Vou pegar minha arma e procurar as aves – avisou Gabriel a seu criado, um indivíduo lúgubre que atendia pelo nome de Pole, despachado da corte do irmão de Gabriel por saber demais sobre as propensões sexuais de todos os cortesãos.

– Excelente – disse Pole, separando uma jaqueta e calças de montaria. – O jovem Alfred precisa mesmo de um pouco de ar fresco. O Sr. Berwick está fazendo o treinamento dele no serviço à *la française*, e não está sendo muito fácil para Alfred. Vai ser bom para ele trazer as aves de volta para o castelo.

– Certo.

– Eu poderia sugerir que o senhor convidasse o honorável Buckingham Toloose para acompanhá-lo? – indagou Pole, colocando um par de meias limpas ao lado das calças.

– Quem é esse sujeito?

– Chegou ontem, com um bilhete da rainha Charlotte. O senhor o encontraria hoje à noite, mas imagino que o jantar será *en famille*, considerando a iminente chegada de seu sobrinho. Então, seria educado cumprimentar o cavalheiro agora.

– E que tipo de homem ele é?

– Diria que é de natureza proselitista.

– Essa não! – exclamou Gabriel. – A corte de meu irmão estava lotada de tipos religiosos. Não quero nenhum deles aqui. *Você* não quer, Pole. Se eu me transformar no meu irmão, você e o leão vão acabar dormindo ao relento.

Pole deu um sorriso sem graça, como se tivesse acabado de ouvir uma piada de péssimo gosto.

– Tenho fé que Vossa Alteza não sucumbirá aos encantos de um pregador itinerante, como aconteceu com Sua Majestade o grão-duque Augustus. O Sr. Toloose pratica o proselitismo em um tema completamente diferente. Avisei a todas as criadas mais jovens para manterem distância da ala leste. Ele tem maneiras bastante divertidas. Esta manhã, empregou-as com a princesa Marie-Therese, mas acho que ela não ficou impressionada.

Gabriel pensou na tia de 60 anos, dona de grossas sobrancelhas, robusta e ética como um navio de fabricação alemã.

– Acho que você está certo – concordou. – E o que o Sr. Toloose procura na minha residência?

– Diria que busca uma temporada no campo, longe das dívidas de Londres – observou Pole. – Usa meias bem interessantes: em tom vivo de laranja com estampa de relógios. E seu casaco vale mais do que uma esmeralda de tamanho médio.

Se Pole afirmava aquilo, então era verdade. Ele conhecia tudo sobre esmeraldas.

– Certo – acatou Gabriel. – Diga a Berwick que estou na sala de armas e mande uma mensagem para Toloose solicitando sua companhia. Acredito que meu tio também vá gostar de se juntar a nós.

Na sala de armas, ele começou a polir o cano de sua Hass. Era uma linda espingarda, uma das poucas que dispunham de sete tipos de estriamento, permitindo na mesma hora deixar de caçar cervos e ir atrás de faisões.

A espingarda alemã era tudo o que a vida não era: maravilhosamente projetada, sóbria, decorativa. O príncipe não tinha desejo de caçar nada além de aves e coelhos, mas nem por isso desdenhava da beleza de uma Hass, cujo cano tinha gravado o brasão do ducado de Warl-Marburgo-Baalsfeld.

O ducado de seu irmão mais velho, para ser exato.

Uma onda de alívio acalentou seu coração. Ele decidira, havia muitos anos, que era bem melhor ser um príncipe do que um grão-duque.

Até onde Gabriel sabia, seu irmão mais velho era um sujeito rabugento. Mas sentia pena dele. Não era tarefa fácil governar um pequeno principado, principalmente quando três de seus irmãos também gostariam de ficar com a coroa.

Sem a coroa, restava buscar uma herdeira. Recentemente, ele recebera uma carta que sugeria que Rupert, o mais atraente dos irmãos, andava flertando com a irmã de Napoleão.

Sua boca ficou tensa. Se Augustus não tivesse perdido a cabeça meses antes, Gabriel se encontraria em Túnis naquele exato momento, discutindo com o velho professor Biggitstiff sobre a escavação da lendária cidade de Cartago.

Não estaria naquele castelo úmido – um imenso recipiente de chuvas de verão –, cercado por parentes idosos e cortesãos endividados... Estaria suando sob o sol, garantindo que a escavação não se transformasse em uma voraz pilhagem da história.

Gabriel baixou os olhos e percebeu que lustrava o cano da Hass com tanta força que ia acabar eliminando o brasão do ducado.

Que se danassem Augustus e suas malditas ideias! Na véspera da partida para Túnis, o fervor religioso de seu irmão inflamara-se, inspirando-o a expulsar da corte todos os que ele considerava corruptos, enfermos, excêntricos ou loucos.

Em suma, praticamente a corte inteira. E tudo aquilo para salvar a almazinha hipócrita de Augustus.

Um por um, seus irmãos mais velhos se recusaram a intervir; ou por serem parasitas de Augustus ou porque (como Rupert) não davam a mínima.

No final das contas, a decisão coubera a Gabriel. Ele poderia aceitar um castelo distante na Inglaterra, grande o suficiente para abrigar aqueles considerados imperfeitos demais para a corte de Augustus, ou poderia partir para Túnis sem olhar para trás, sem se importar com os outros.

Esquecer Wick, Ferdinand e o cão que comia picles, assim como todo o resto.

Não conseguiu.

Então... escolheu chuva em vez de sol escaldante. Uma noiva vinda da Rússia com um dote para manter a propriedade. E um castelo cheio de infiéis e desajustados em vez de uma escavação repleta de pedras e fragmentos de esculturas que talvez tivessem sido, muitos séculos antes, a magnífica cidade de Cartago.

Não que ele acreditasse em Cartago. Juntara-se à expedição em meio a muitas discussões porque não acreditava em Dido, a famosa rainha de Cartago, nem na existência da cidade. Tratava-se de um mito criado por Virgílio.

E agora Biggitstiff estava em Túnis, rotulando metade das pedras que encontrava sob o nome "Cartago". Diabos, àquela altura, era capaz de ele já ter identificado a suposta pira funerária de Dido! O passo seguinte seria escrever artigos detalhando suas suposições descuidadas e seu trabalho de campo mais descuidado ainda. Gabriel fez cara feia ao pensar nisso.

Mas ele não tinha escolha. Não mesmo. Ele não era Augustus, com seus princípios religiosos desprovidos de qualquer senso de humor e de humanidade. Não podia ver todas as pessoas que conhecia desde criança, do tio amalucado até o bobo da corte (com seus 75 anos), serem jogadas na rua da amargura porque Augustus achava que elas manchavam sua aura.

A única coisa que podia fazer era rezar para que a noiva escolhida por Augustus – provavelmente uma pessoa muito religiosa, cheia de pelos no rosto e tão virtuosa quanto virginal – tivesse fibra suficiente para tomar conta do castelo. Só assim poderia partir para Cartago.

Não importava quem fosse aquela mulher; o fundamental era que pudesse tomar conta do castelo durante sua ausência. Se fosse atraente, seria bom. Ser obediente, porém, era uma necessidade.

Ele voltou a se dedicar à Hass.

Capítulo 8



Depois de quatro horas numa carruagem com lorde Dimsdale, Kate concluiu que a coisa mais interessante sobre Algernon era o fato de usar espartilho. Nunca havia sonhado que homens também usassem tal peça.

– Isso me aperta – confidenciou Algernon. – Mas é preciso sofrer para ficar elegante. É o que diz meu valete.

Como Kate não gostava de sofrer, ficou feliz quando as costureiras não tiveram tempo de ajustar os trajes de viagem de Victoria nela a ponto de ficarem elegantemente apertados. Ela usava, naquele momento, uma roupa confortável, solta na cintura.

– E o enchimento não ajuda – completou Algernon, aborrecido.

– Onde tem enchimento? – perguntou Kate, examinando-o.

Como a região do peito parecia bem desenvolvida e depois se encolhia na altura da cintura, ela tinha um bom palpite sobre o que ele falava.

– Todo mundo usa roupas com enchimento nos dias de hoje – esclareceu ele, evitando dar detalhes. – De qualquer maneira, não quero que pense que costumo falar desse assunto. Mas agora você faz parte da minha família. Quer dizer, daquela que é quase a minha família. Se importa que eu comece a chamá-la de Victoria imediatamente? Não sou bom com nomes e não quero me confundir diante dos outros.

– Fique à vontade – concordou Kate. – Como minha irmã o trata?

– Ah, ela me chama de Algie – respondeu ele, animando-se. – Você deve fazer o mesmo. É uma das coisas que amo em Victoria. Não tem cerimônia... começou a me chamar de Algernon logo após ser apresentada a mim e então encurtou meu nome para Algie. Foi assim que eu soube – acrescentou ele, de um modo um tanto misterioso.

– Soube o quê?

– Que ela era a pessoa certa para mim. Foi o destino. Sentimos uma maravilhosa intimidade. Nós dois sabíamos.

“Destino? Ou a consequência da falta de uma preceptora?”, pensou Kate. Os encantadores gestos de intimidade de Victoria – verbais e outros – eram resultado de uma orientação inadequada. Ela achava que Mariana havia até encorajado comportamentos impróprios.

Kate preferiria morrer a se casar com Algie, mas conseguia entender por que Victoria o adorava. Ele tinha uma meiguice, uma doçura nos olhos, que era um antídoto reconfortante para a amargura de Mariana.

– Só queria chegar logo ao castelo – disse ele, impaciente.

Kate reparou que seu colarinho estava tão alto que roçava as orelhas. Já ela, recostada no assento almofadado da carruagem, estava tão confortável que mal conseguia se mexer. Normalmente, àquela hora, já teria passado muito tempo sobre a sela de um cavalo.

– Está preocupado com o encontro com seu tio? – perguntou.

– Por que estaria? Ele vem de um pequeno fim de mundo, um principado, como chamam por lá. Na Inglaterra, não passaria de um pequeno condado. Longe de ser um reino. Não consigo entender por que ele tem um título. É um absurdo.

– Acredito que existam muitos pequenos principados no continente – falou Kate, com alguma insegurança.

Ela não acreditava no que lia nos jornais, então sua educação, no final das contas, viera da leitura de livros afanados da biblioteca do pai. Mariana, obviamente, jamais percebera a ausência dos volumes.

– Eu queria apresentá-la e partir logo amanhã de manhã, porém o príncipe insistiu em sua presença no baile. Deixou bem claro na carta. Acho que está preocupado que não haja convidados suficientes para encher o salão de festas. – Ele a examinou. – Minha mãe suspeita que talvez ele queira tentar intimidades com você.

– Comigo, não – corrigiu Kate. – Com minha meia-irmã.

– E essa foi uma reviravolta e tanto, como nos livros – disse Algie, sombrio. – Devo dizer que pensei que o coronel tivesse existido mesmo. Não consegui acreditar quando a Sra. Daltry me contou a verdade, ontem à noite. Olhando para ela, não dá para imaginar, não é? Se minha mãe descobrir, vai ter um ataque.

Kate achava que *dava* para imaginar olhando para a madrasta, mas assentiu por conta de algum vago sentimento de lealdade familiar.

– Não há razão para que sua mãe saiba da verdade. Com certeza, não contarei a ninguém.

– De qualquer modo, amo Victoria e preciso me casar com ela. E minha mãe quer que eu tenha a aprovação do príncipe. É isso.

Kate deu um tapinha de aprovação no joelho de Algie. Devia ter sido difícil organizar tantos pensamentos numa ordem lógica; e ela não queria, de jeito nenhum, ignorar seu feito. Era interessante perceber o medo saudável que ele nutria pela mãe. Talvez explicasse por que a exigência de Mariana em relação ao casamento com Victoria tivesse dado frutos com tanta rapidez.

– Devemos estar entrando em sua propriedade neste momento – disse Algie. – O homem é dono de uma grande quantidade de terras em Lancashire. Meu pai considerava abominável entregar bom solo inglês para um estrangeiro. Mesmo tendo estudado em Oxford, o príncipe continua possuindo sangue estrangeiro.

– Como você – salientou Kate. – Ele é seu parente pelo lado materno, não é?

– Bem, minha mãe... – começou Algie, mas logo se calou.

Aparentemente, não identificava a mácula estrangeira no sangue materno.

– Já esteve com o príncipe?

– Uma ou duas vezes, quando eu era pequeno. É terrível ele ser meu tio. Não é muito mais velho do que eu; uns dez anos, mais ou menos. Então por que eu deveria ser obrigado a desfilar diante dele com minha noiva? Ainda se ele fosse um rei... Mas é apenas um príncipe sobressalente.

– Não vai ser tão terrível – amenizou Kate.

– Ele está precisando desesperadamente de dinheiro – relatou Algie. – Ouvi falar que sua noiva é...

Qualquer que fosse a fofoca que estava prestes a revelar, ele foi interrompido de repente. O cocheiro urrou e jogou a carruagem para a direita. As rodas guincharam ao rasgar a estrada. Os cães perderam o fôlego de tanto manifestar sua opinião sobre a situação. Felizmente, o veículo parou sem capotar e a segunda carruagem (com a bagagem, Rosalie e o criado pessoal de Algie) conseguiu evitar a colisão.

Algie puxou o colete para baixo – a peça tinha saído do lugar com a perturbação.

– Melhor ver o que está acontecendo. É tarefa para um homem – disse ele, sem parecer um dia mais velho do que seus 18 anos. – Fique aqui em segurança. Não tenho dúvidas de que tivemos algum problema com o eixo ou coisa parecida.

Kate lhe concedeu um momento para sair da carruagem, ajeitou o chapéu e o seguiu.

Lá fora, encontrou o criado acalmando os cavalos enquanto Algie fazia uma reverência tão profunda que Kate achou que suas orelhas tocariam os joelhos.

Um homem com ar de príncipe estava montado sobre um grande corcel de pelo castanho e por um momento ela só conseguiu ver sua silhueta escura na contraluz. Teve uma impressão confusa de seus movimentos e sua força: um corpo agressivo, com ombros largos e coxas musculosas.

Ergueu a mão para proteger os olhos do sol no momento em que ele saltou do cavalo. O cabelo negro esvoaçou na altura dos ombros, como se ele fosse um ator a interpretar o rei Ricardo ou Macbeth.

Então seu olhar se acostumou com a luz e Kate mudou de ideia. Ele não era Macbeth... estava mais para o rei das fadas, o próprio Oberon, os olhos ligeiramente oblíquos e maliciosos, com apenas um toque de exotismo. Seu "sangue estrangeiro", como dizia Algie.

Tinha um sotaque denso e delicioso, que combinava com seus olhos e com o cabelo espesso. E havia mais alguma coisa nele, algo mais *vibrante*, mais poderoso e arrogante do que os pálidos ingleses que ela encontrava todos os dias.

Percebeu que estava de boca aberta e tratou de fechá-la depressa. Ainda bem que ele não reparara nela.

Provavelmente, o príncipe estava habituado a ser bajulado o tempo inteiro. Sua Alteza fez uma reverência tranquila para Algie. Os membros de sua escolta haviam desmontado e estavam perto dele. O homem à esquerda era exatamente do jeito que Kate havia imaginado os cortesãos, todo arrumado e colorido como um pavão. Havia até um garoto numa esplêndida farda vermelha. Aparentemente tinha saído para caçar: uma caçada real.

Então ele reparou nela.

Examinou-a com frieza, como se ela fosse uma leiteira na beira da estrada. Não se via uma faísca de interesse no olhar daquele homem, apenas uma avaliação altiva, como se ela tivesse lhe oferecido leite estragado. Como se, mentalmente, ele estivesse despindo as roupas de viagem um pouco largas e fitasse as meias que serviam de enchimento sob o espartilho de Kate.

Ela inclinou a cabeça de forma quase imperceptível. De jeito nenhum ia sair correndo para fazer uma cortesia, ali em meio à poeira da estrada, para saudar um príncipe cuja arrogância importava mais do que os modos.

Ele não reagiu. Não acenou, não sorriu, simplesmente desviou os olhos e voltou para seu cavalo, saltou para a sela e partiu. Suas costas eram ainda mais largas do que ela imaginara, maiores que as do ferreiro da aldeia, maiores que...

Nunca conhecera alguém tão rude em sua vida, incluindo o ferreiro, que frequentemente se embriagava e que por isso tinha uma boa desculpa para os modos grosseiros.

Algie estava ralhando com o lacaio, mandando que ele abra a porta da carruagem depressa.

– É claro que não foi culpa do príncipe se nossos cavalos se assustaram com sua comitiva – disse ele. – Agora vamos retornar para a estrada, e que seja bem depressa.

– Caesar! – chamou Kate. O cachorrinho estava ocupado dando mordidas nos cascos de um cavalo grande o bastante para arrancar seus miolos com um simples movimento indócil. – Venha cá!

Algie fez um gesto para o lacaio, mas Kate o interrompeu.

– Caesar precisa aprender a obedecer – afirmou ela, pegando o saco de queijo.

Freddy e Coco se amontoaram ao pé de sua saia, comportando-se como leitõezinhos famintos. Kate deu-lhes pedaços de queijo e um carinho e então, de repente, Caesar percebeu o que se passava.

– Venha cá! – chamou mais uma vez.

Ele veio e ganhou um pedaço de queijo.

– Que chatice – comentou Algie.

– É – concordou Kate, com um suspiro.

– Mas eles parecem menos barulhentos. Temo que Victoria tenha uma natureza doce demais. Veja o que aconteceu com o lábio dela.

Assim que se acomodaram, Algie disse num tom reverente, sussurrado:

– Aquele era o meu tio. O príncipe.

– Ele parecia um príncipe mesmo – concordou Kate.

– Pode imaginar o que Sua Alteza pensaria dos antecedentes de Victoria?

Ele parecia horrorizado com a ideia.

– Imagino como seja a noiva dele – falou Kate, lembrando-se da silhueta do príncipe contra o sol.

Era o tipo de homem que se casaria com uma princesa cintilante de um país estrangeiro, uma mulher envolta em cordões e mais cordões de pérolas e diamantes.

– As russas têm cabelos escuros – informou Algie, tentando soar como alguém que entende do que está falando. – Eu poderia ter feito as apresentações, mas achei melhor que ele não a notasse até... – Ele sacudiu a mão. – Você sabe, até que pudesse trocar de roupa.

Para Kate, ele não parecera se importar com o fato de ela não ser tão bonita quanto Victoria – até aquele momento.

– Sinto muito – disse Kate.

Algie olhou-a com atenção, piscando algumas vezes.

– Pelo quê?

– Por não ser uma companhia tão interessante quanto Victoria. O príncipe, com certeza, teria percebido como ela é bela.

Algie era jovem demais para disfarçar.

– Eu gostaria mesmo que ela estivesse aqui. Mas talvez seja melhor assim, porque se ela o visse e decidisse... – Sua voz falhou.

– Victoria adora você – afirmou Kate, feliz por ter conseguido conter o impulso de acrescentar “aquela tolinha” à frase.

Victoria e Algie formavam um par perfeito: ambos esfuziantes, meigos, impressionados com qualquer um que fosse capaz de juntar dois pensamentos.

– E, lembre-se, o príncipe jamais se casaria com alguém como Victoria. Imagino que ele ocupe uma posição tão elevada que não se satisfaria nem com a filha de um duque, quanto mais com alguém como minha irmã.

Na janela, Caesar rosnou para outra carruagem.

– Para o chão – ordenou ela com severidade.

E ele desceu. Mas Freddy colocou as patas dianteiras no assento e choramingou baixinho. Kate então permitiu que ele subisse e se acomodasse ao seu lado. Ele aninhou o corpinho trêmulo no dela e colocou o queixo em seu colo.

– Não é justo – indicou Algie.

– A vida não é justa – declarou Kate. – Freddy está sendo recompensado por não latir.

– Ele é brilhante.

Surpresa, Kate baixou o olhar para Freddy, que decididamente não era *nada* brilhante.

– Estou falando do príncipe. Minha mãe disse que ele conseguiu um diploma de Oxford. Eu nem me dei o trabalho de ir para a universidade. Mas ele se formou com louvor em história antiga. Ou algo parecido.

O príncipe não tinha apenas arrogância, sangue azul e uma bela jaqueta de montaria? Também era *inteligente*?

Improvável. Todos aqueles príncipes não eram resultado de casamentos consanguíneos?

– É provável que concedam louvor para todos os príncipes só por cruzarem o portão da universidade – destacou ela. – Afinal de contas, o que mais poderiam dizer? Peço perdão, Vossa Alteza, mas é tão estúpido que não pode ganhar um diploma?

Enquanto se sacudiam nos últimos quilômetros até o castelo, ela alimentou certo despeito pelo homem cujo cabelo formava cachos revoltos na altura dos ombros, que passava o tempo desfilando na companhia de cortesãs perfumadas e que não se dera o trabalho de cumprimentá-la.

Não a achava digna de sua atenção, o que era humilhante, mas não exatamente inesperado. Ela não era mesmo digna de sua atenção.

De fato, naquele momento chegava a ser quase engraçada a forma como ele a olhara. Ela precisava apenas sobreviver ao fim de semana. Depois, podia levar todo o seu guarda-roupa reformado para Londres e encontrar o tipo de homem que queria.

Podia vê-lo em seus pensamentos. Não queria um homem como o príncipe. O que desejava era alguém mais parecido com o cavaleiro Mamluks, dono de uma propriedade vizinha à Casa Yarrow. Era um homem gentil que adorava a esposa. Tinham nove filhos. Era isso que Kate queria. Alguém direito, sincero, decente e bondoso até o último fio de cabelo.

Aqueles pensamentos a fizeram sorrir, o que chamou a atenção de Algie.

– Viu o colete que o Sr. Toloose usava? Era aquele sujeito alto, com o traje listrado.

Obviamente, Algie vinha experimentando alguma angústia.

– O seu é muito bonito – garantiu Kate.

Algie olhou para o próprio peito, cheio de enchimento.

– Também achei. Quer dizer, eu acho. Mas aquele colete...

Os dois haviam encontrado objetos de desejo.

Capítulo 9



Kate não sabia muito sobre castelos. Tinha visto apenas gravuras, em um dos livros do pai. Imaginara o castelo Pomeroy com magníficos ornamentos e torres esguias, um belo conjunto de tijolos cor-de-rosa banhado pela luz do crepúsculo.

Na realidade, era quadrado e masculino, com a aparência agressiva de uma fortaleza militar. As duas torres eram redondas e robustas. Não havia nada de lírico. Era rude, com paredes espessas, e arrogante como um guarda forte querendo briga.

A carruagem desceu por um acesso de cascalho, passou por um arco de pedra e chegou a um pátio. A porta foi aberta e Kate desceu, aceitando a ajuda de um dos criados de Mariana, só para descobrir que o pátio estava abarrotado de gente. Teve o ímpeto de virar-se e olhar debaixo da carruagem para ter certeza de que não haviam atropelado ninguém acidentalmente.

Um fluxo confuso e ruidoso de pessoas vinha de todas as direções, seguindo rumo a passagens em arco espalhadas por todos os lados. Enquanto observava aquele quadro, uma carroça puxada por um burro, carregada de sacos de roupa para lavar, quase atropelou um homem que levava pelo menos uns dez peixes, sem dúvida destinados à cozinha. Ele era seguido por um homem com um caixote de galinhas ainda vivas. Dava para ver as cabeças aparecendo entre as ripas. Dois meninos seguravam ramos com

rosas quase do tamanho de suas cabeças e escaparam por pouco de ficar encharcados quando uma criada despejou algo que, na melhor das hipóteses, seria água suja.

Lacaios do castelo, em uniformes elegantes e austeros, acompanharam-nos rapidamente por um arco que dava em outro pátio... onde tudo se transformava. Era um espaço bonito e tranquilo, como se o castelo repelisse ferozmente aqueles que estavam do lado de fora de suas muralhas, mas celebrasse seus residentes.

Os últimos raios de sol atingiram os olhos de Kate e deixaram-na atordoada, pois faziam com que as janelas parecessem cobertas de ouro. E as pessoas passeando pelo pátio interno eram como integrantes da corte francesa: belas, relaxadas, nobres.

O castelo era sóbrio por fora e bêbado de champanhe por dentro.

Ela sentiu uma pontada de medo. Que ideia fora aquela de descer de uma carruagem em roupas de viagem mal-ajambradas, fingindo ser...

Virou-se para Algie e percebeu a tensão e a ansiedade em seu olhar. Sabia que ele também não pertencia àquele lugar: tamanha aglomeração de gente gritando em francês e alemão, todos cuidadosamente elegantes e descuidadamente belos, era mais do que ele havia experimentado até então.

E ele era da família, ou ao menos se tornaria em breve.

– Você está esplêndido – disse ela, com entusiasmo. – Veja como aquele cavalheiro ali está fora de moda!

Na realidade, Kate não tinha noção do que estava ou não na moda, mas aquela era uma boa aposta. O homem em questão praticamente não usava um colarinho, enquanto Algie tinha três.

Ele acompanhou seu olhar e se animou.

– Minha nossa, veja só aqueles botões – comentou.

Foram saudados por um certo Sr. Berwick, que se apresentou como o mordomo do castelo. Anunciou que acompanharia Kate, junto com Rosalie, até um quarto na ala oeste. Algie e seu criado ficaram sob os cuidados de um laçao.

Caminharam por corredores longos e tranquilos, iluminados pelo olhar profundo de janelas que não passavam de fendas para a circulação do ar, e depois atravessaram um cômodo de onde pendia uma antiga tapeçaria retratando dois cavaleiros sobre suas montarias.

Tudo fascinava Kate. Como seria possível manter o castelo aquecido no inverno, quando a maior parte das janelas parecia não ter vidro? E o que acontecia quando a chuva entrava por aquelas fendas estreitas? Parou por um momento e olhou por uma daquelas pequenas aberturas que davam para o pátio. Descobriu, para sua alegria, um inteligente sistema de calhas construído para drenar a água. O muro era extraordinariamente grosso, com um braço de espessura, no mínimo.

Berwick esperava por ela.

– Eu estava investigando as calhas – explicou.

– São levemente inclinadas para reduzir a pressão do vento – disse ele, recomeçando a caminhar. – A ala oeste fica bem em frente. Aqui é a galeria principal. Todos os aposentos desta ala partem deste corredor. O seu é o segundo à esquerda, nos fundos. Coloquei-a em um quarto com vista para o pátio, pois mesmo com esse clima tão agradável pode ficar um tanto frio nos cômodos voltados para a área externa.

A galeria era pontuada por portas a intervalos regulares, ladeadas por pilastras ornamentadas. Após um olhar mais atento, Kate começou a rir. No alto de cada pilastra havia um querubim risonho e frívolo. E eram todos diferentes. De um lado de sua porta havia uma criança travessa com pétalas no cabelo e, do outro, um

pequeno e exasperado sacerdote com asinhas engomadas no lugar do colarinho.

Kate parou no meio do corredor, virando-se para conferir cada pilastra. Finalmente, voltou o olhar e encontrou Berwick esperando com paciência, sem um pinga de irritação.

– Como foi que isso apareceu aqui? – perguntou ela.

– Pelo que sei, um jovem da família Pomeroy viajou para a Itália no século XVI e encantou-se com os escultores italianos, então sequestrou um deles e trouxe o pobre homem para cá. O escultor ficou tão irritado que transformou todos os membros da família em querubins. Quando terminou o trabalho, fugiu escondido num grande tonel e nunca mais se ouviu falar dele.

– O rapaz fugiu com um escultor? – questionou Kate, fascinada. Berwick assentiu.

– Eis o seu quarto, Srta. Daltry. Por favor, não hesite em nos chamar caso haja qualquer coisa que possamos providenciar para garantir seu conforto.

Ele mostrou onde ficava a campainha para convocar Rosalie e como a banheira de latão ficava inteligentemente oculta sob a cama alta.

Ele deu mais uma olhada no aposento, franziu a testa para um vaso de rosas, como se ordenasse a elas que não murchassem, e partiu.

– Ah, senhorita – disse Rosalie –, deve ter levado uma hora nossa caminhada até aqui, não? E o frio daquele chão de pedra atravessou meus sapatos. Nossa, eu odiaria viver aqui.

– Mesmo? – falou Kate. – Mas é tão interessante. É como morar num conto de fadas.

– Não gosto muito desse conto de fadas – confessou Rosalie. – O lugar deve ser terrivelmente úmido no inverno. Sinta a pedra ali perto da janela. Nossa! E acho que deve cheirar mal quando chove. Prefiro a Casa Yarrow, com aquele belo revestimento de madeira

que ajuda a manter o corpo quente e o banheiro decente. Adoro banheiros.

– Mas este é o tipo de lugar que, para ser construído, levou gente a cometer crimes – observou Kate, um tanto sonhadora. – Fico imaginando como seria a família Pomeroy. Pelo que vi em um retrato, os homens tinham lábios largos e narizes aquilinos. Talvez seja o retrato daquele que sequestrou o escultor italiano.

– Não é uma coisa boa de se fazer – declarou Rosalie. – Se bem que, certa vez, vi um italiano numa feira e ele era tão pequeno que provavelmente caberia num tonel. Quando será que os lacaios vão trazer nossos baús? Este quarto tem guarda-roupas com espaço suficiente para as vestimentas da Srta. Victoria, o que é bem conveniente.

Berwick era mesmo a eficiência em pessoa, porque logo em seguida ouviu-se uma leve batida na porta e uma fileira de lacaios entrou, carregando os baús e também baldes com água quente para despejar na banheira.

Minutos mais tarde, Kate acomodou-se naquela banheira com um suspiro de pura alegria. No final das contas, tinha sido o dia mais tranquilo que tivera em anos, já que sua situação não lhe permitia relaxar aos domingos – aliás, nem no dia de Natal. Mas, de certa forma, viajar de carruagem era tão cansativo quanto andar a cavalo.



– Não quero apressá-la, Srta. Katherine – disse Rosalie, depois de algum tempo –, mas o Sr. Berwick informou que, assim que o sino soar, a senhorita deve descer toda aquela escadaria e se dirigir ao salão prata, onde quer que isso seja... Mas acredito que ele tenha

designado um laçao para guiá-la. E eu ainda estou preocupada com o caimento desse vestido.

Kate saiu da banheira com relutância, sem permitir que Rosalie a secasse.

– Não sou uma criança – falou, literalmente arrancando a toalha das mãos da criada. – Eu mesma me seco.

– Não é apropriado – apontou Rosalie, mas se rendeu.

– Ora, por que não? – questionou Kate. – Por que uma dama não deveria secar o próprio corpo? Na verdade, acho impróprio que outra pessoa fique me tocando.

– Precisa aceitar – afirmou Rosalie. – As damas não se secam sozinhas. Nunca.

– Por Deus! – exclamou Kate, com um suspiro. – Acho que é tarde demais para eu me transformar em uma dama. A esta altura, seria necessário uma varinha de condão.

– A senhorita é uma dama – disse Rosalie, bravamente. – Está no seu sangue.

Ela trançou o cabelo de Kate e prendeu por cima uma peruca cacheada em um tom delicado de violeta, com um pente enfeitado com joias para fixá-la no lugar.

O vestido era em tom creme, todo bordado com pequenas pérolas. Rosalie costurara bolsos no avesso do tecido, na altura dos seios, e os preencheram com moldes de cera. Assim, de frente Kate parecia milagrosamente bem-dotada.

– Não está terrível – observou Kate, olhando-se no espelho.

– Como pode dizer isso? – disse Rosalie. – Está maravilhosa, senhorita. Simplesmente linda!

Kate virou-se de lado. A cintura do vestido era alta, logo abaixo de seus proeminentes seios (de cera), e o tecido descia suavemente até o chão, deixando aparecer apenas a ponta dos sapatos, que também tinham bordados com pérolas.

– Eu gostaria de vê-la com um par de sapatinhos de cristal – disse Rosalie –, mas eles só servem para uma noite e hoje é apenas um jantar de família. Ninguém vai inspecionar seus dedos dos pés.

Diante do espelho, Kate se obrigou a ser crítica.

– Pareço minha madrasta – falou finalmente.

– Não parece!

– Parece que estou tentando ser jovem. Virginal.

– Bem, mas... – Rosalie interrompeu a frase. – A senhorita não é velha. Deveria...

– Não – disse Kate, com indiferença. – Parece que passei do auge da juventude, o que é verdade. Não me importo com isso. Só não quero tentar aparentar algo que não sou mais. Entende o que quero dizer, Rosalie? Como minha madrasta, que finge ter 30 anos.

– A senhorita fala como se fosse uma anciã! – protestou Rosalie.
– Não tem mais do que uns 20 anos, certo?

– Tenho 23 – declarou Kate. – E estou cansada. Acho que há moças de 23 anos que se saíam perfeitamente bem, mas não sou uma delas. Eu pareço... inadequada.

– Bem – disse Rosalie –, uma das costureiras passou quatro horas fazendo consertos neste vestido e eu mesma fiz os moldes de cera. E é isto que a senhorita vai usar.

Kate deu-lhe um abraço súbito.

– Estou sendo terrível e peço desculpas. Não importa, não é? Só preciso sorrir para o príncipe para que ele aprove o casamento de Victoria.

– E precisa ir ao baile – afirmou Rosalie. – Trouxe três vestidos de baile, mas ainda não...

– Vamos conversar sobre isso quando chegar a hora – falou Kate, com firmeza.

Já tinha decidido que não haveria seios de cera no baile. Mas não fazia sentido fazer Rosalie perder o sono por causa disso.

Capítulo 10



— Conheci o velocino de ouro de Dimsdale esta manhã – disse Gabriel a Wick, pouco antes da refeição noturna. – Podemos esquecer a ideia de substituir meu velocino russo pelo inglês.

– É mesmo? – O mordomo ergueu uma sobrancelha. – Depois de conhecer seu querido parente, não consigo deixar de pensar que a jovem pode, afinal de contas, sucumbir a seus encantos, por mais empobrecidos que sejam.

Gabriel deu-lhe um sorriso irônico.

– Não estou tão desesperado. Meu tio quase passou por cima da carruagem deles porque achou que tinha ouvido latidos. O barulho vinha de um bando de vira-latas do tamanho de pulgas. E o velocino era tão pouco atraente quanto os cães. Exageradamente vestida, exageradamente audaciosa com os olhares, exageradamente magra. Meus padrões não são altos, mas eles existem.

– Gostei dela – afirmou Wick, pensativo. – E são apenas três cães.

– Daqueles que andam em círculos e mordem o próprio rabo. Que é o que eu faria se precisasse passar tanto tempo com ela. A moça me olhou como se eu fosse um banqueiro de reputação duvidosa. Acho que não gostou do meu cabelo.

Wick abriu um sorriso torto.

– Agora estamos chegando a algum lugar. Ela o desaprovou.

– Totalmente.

– Pois bem, vai ter que suportá-la à noite, pois a coloquei à sua direita e não vou fazer mudanças a esta altura. Instalei-o, para este jantar, na sala matinal e o resto da horda, no salão de jantar. Há mais gente chegando amanhã. Teremos que transferir as refeições para o salão.

– Não se importa com tudo isso? – perguntou Gabriel, olhando para o homem feito que conhecia desde a infância.

– Nasci para isso.

– Bem, fico feliz por ter um castelo para cuidar.

– Deveria ficar feliz por si mesmo – destacou Wick.

– Não estou – confessou Gabriel. – Mastenho orgulho fraternal por ter liberado Augustus de olhar para a sua cara.

– Não foi muito gentil da parte do grão-duque – disse Wick, servindo-se de um pequeno copo de conhaque e tomando-o de um gole só. – Expulsar os irmãos daquele jeito.

– Augustus teria preferido esquecer que nosso pai deixou “moedinhas falsas” com sua cara por toda Marburgo.

– Não pareço Augustus – disse Wick, revoltado.

– É porque ele parece minha mãe, enquanto nós dois lembramos o velho diabo.

A mãe de Wick era uma lavadeira e a de Gabriel, uma grã-duquesa, mas isso nunca os incomodara muito. Ambos nasceram com dias de diferença e o pai logo trouxera Wick para o quarto das crianças, para ser criado junto de seus filhos legítimos e mais um bando de outros meios-irmãos selecionados.

– Ele gostava de aprontar – reconheceu Wick. – Sempre gostei de nosso pai.

– Será que o conhecemos o bastante para julgar? – perguntou Gabriel. – Aqui, me dê um pouco desse conhaque.

Wick entregou-lhe um copo.

– Eu diria que conhecemos o suficiente. Olhe o que aconteceu com Augustus depois de passar todos os dias com ele.

Era verdade. Gabriel e Wick compartilhavam uma profunda convicção de que ser o caçula ou um filho ilegítimo era um destino bem melhor do que estar mais perto da coroa.

– Sei por que ficou pensando na noiva de Dimsdale. É porque está nervoso com seu próprio noivado.

– Ela parece uma megera – disse Gabriel. – Mas admito que me fez ficar inseguro em relação a Tatiana.

– Eu sei – falou Wick. – Você quer atraente e obediente.

– E você está procurando algo diferente disso? – questionou Gabriel, ferido por alguma coisa no tom de voz de Wick.

– Não estou à procura de esposa nenhuma – declarou Wick. – Mas, se estivesse, não ia querer que fosse obediente.

– Por quê?

– Fico facilmente entediado.

– Não reclamaria se ela fosse um pouco temperamental – reconheceu Gabriel. – Mas a moça não tem uma boa silhueta. Deu para notar, embora estivesse embrulhada em trajes de viagem bem mal-ajambrados. Ela não parece ser divertida.

– Esposas não precisam ser divertidas – falou Wick, pousando o copo e endireitando o colarinho. – Hora de descer e colocar todo mundo no lugar certo. A cozinheira que trouxemos ameaça partir. Além disso, precisei contratar mais duas criadas para a cozinha. Graças a Deus sua noiva está a caminho! Não acho que tenhamos condições de bancar outro evento como este.

– Já temos bastante dinheiro sem ela – disse Gabriel, ofendido.

– Mais ou menos. Tenho a sensação de que os concertos no castelo não vão ser baratos.

Depois que Wick saiu, Gabriel ficou sentado por um tempo, fitando a escrivaninha. Era imensamente melhor estar na Inglaterra do que em Marburgo. Lá, havia o risco de ser arrastado para

alguma intriga política ou qualquer outra frivolidade militar que fazia brilhar os olhos de seus irmãos.

Era maravilhoso ser dono de um castelo.

Sem perceber, ele pegou o exemplar de *Ionian Antiquities*, de antiguidades jônicas, que chegara dois dias antes, e começou a ler. Mais uma vez. Era uma tolice, pois já havia memorizado toda a edição.

Naturalmente, não podia partir para Túnis. Tentou trazer sua mente de volta ao presente. Precisava ir a seus aposentos, submeter-se aos cuidados de Pole, vestir um traje de noite e saudar seu sobrinho absurdo. Deveria estar *feliz* por ser o dono de uma propriedade, por ser capaz de abrigar animais, tios, tias, meio-irmão ilegítimo e bobo da corte.

Se conseguisse parar de sonhar com o calor de Túnis, de ter o desejo de descobrir por si próprio o que a escavação mostraria da cidade de Dido... Ele amara a história de Cartago quando era estudante, fascinado pela determinação de Eneas ao partir de navio para fundar Roma, deixando Dido para trás e depois vivendo com a culpa, ao saber que ela se atirara numa pira funerária.

A nova edição da publicação de história *Ionian Antiquities* sairia dentro de uns... uns 23 dias.

Ele se levantou com um suspiro.

Hora do jantar.

Capítulo 11



— Jantaremos com a família – declarou Algie, nervoso. – Em família, como dizem.

– *En famille* – corrigiu Kate.

– Suponho que essa seja a língua falada em Marburgo. Provavelmente não vou entender uma só palavra.

– É francês, na verdade – observou Kate.

– Francês? Eu estudei francês em Eton. – Houve uma pausa. – Mais ou menos... Acha que essa será a língua usada à mesa?

– Eu traduzo para você, se for preciso – disse Kate, satisfeita por estar ali no lugar de Victoria, que não falava uma palavra em francês. Felizmente, ela havia aprendido o idioma antes da morte do pai. – Você sabe alguma coisa sobre o *entourage* do príncipe?

Algie nada sabia sobre a família da mãe e aparentemente nunca se dera o trabalho de perguntar.

A refeição foi servida num salão encantador, chamado por Berwick de “pequena sala matinal”, maior do que qualquer aposento da Casa Yarrow.

O príncipe se sentou à cabeceira, é claro. Vestia uma casaca azul-marinho sobre um colete roxo-escuro com botões dourados – na realidade, o colete e a peruca de Kate combinavam muito bem.

Em suma, parecia magnífico e escandalosamente ostentador. E entediado.

Kate não teria se importado de observá-lo de longe e ficou um tanto aterrorizada ao descobrir que ocuparia o lugar à direita do príncipe. Sentou-se constrangida, consciente demais de seu colar de diamantes e da fita incrustada de brilhantes. Estava toda enfeitada, como a filha de um milionário a impor sua presença em busca de um marido abastado.

E não sou nada disso, recordou-se a jovem. Meu pai era o filho mais novo de um conde. Um *conde*. Não importava que o pai de Kate tivesse morrido sem lhe deixar um dote, nem que tivesse se casado com uma mulher de má reputação, nem...

Nem todas as outras decepções que ele lhe dera. Família era família. Sou neta de um conde, disse a si mesma.

Assim, ergueu o queixo e endireitou os ombros. O príncipe conversava com uma senhora robusta à sua esquerda, que discursava com grande severidade sobre... algum assunto. Kate se esforçou para entender. Percebeu que a senhora falava em alemão e que o príncipe respondia em francês. O cavalheiro sentado à direita de Kate estava ocupado, então só restou a ela mordiscar o peixe enquanto escutava as respostas do príncipe.

A senhora afirmou algo e o príncipe falou que sua observação era um mero palpite. A senhora respondeu e, de repente, ele começou a falar em alemão. Kate passou a observá-lo de soslaio, pois não entendia a conversa.

A primeira coisa que se notava nele era que se tratava de um príncipe. Estava estampado em seu rosto. Não dava para chamar aquilo de simples arrogância, embora ele fosse, de fato, bem arrogante, pensou ela, registrando os traços rígidos de seu maxilar.

Kate achou que o fator principal era que ele parecia estar perfeitamente no comando, como se pudesse ter tudo o que desejasse no mundo. Ela refletiu por alguns instantes. Um príncipe jamais teria feito as coisas que ela se vira obrigada a fazer nos últimos anos. O dia em que ajudara no parto de um bezerro veio à

sua lembrança como uma tarefa particularmente desagradável e malcheirosa.

Um príncipe não teria três cãesinhos trancados em seu aposento naquele exato momento.

Um príncipe...

Ela mordiscou outro pedaço de peixe.

– No que está pensando?

A voz dele era como veludo, grave e com um leve sotaque.

– Estou apreciando o peixe – mentiu Kate.

E ele sabia que era mentira. Havia um demônio naqueles olhos, e eles registraram seu fingimento.

– Eu arriscaria dizer que pensava em mim.

Tudo o que havia de inglês na natureza de Kate se insurgiu contra aquela audácia, contra tamanha ousadia de dizer algo assim.

– Se isso o faz feliz, então é verdade, eu estava pensando no senhor – respondeu a jovem, com uma voz doce.

– Agora falou como meu mordomo.

– Ah, Berwick é inglês, então?

Isso chamou a atenção dele.

– Na verdade, Berwick cresceu ao meu lado e eu o conheço minha vida inteira. Mas, se ele fosse inglês, o que isso significaria?

Kate deu de ombros.

– Nunca perguntamos aos outros se estão pensando em nós.

– Por que não? Já que não me perguntou, eu estava pensando na senhorita.

– É mesmo?

Kate disse a palavra com a mesma tranquilidade com que se dirigia ao padeiro depois de ele cobrar caro demais por fatias de pão.

– Sua peruca – comentou ele, com um daqueles sorrisos de lado, travessos. – Nunca vi uma peruca roxa antes.

– Não deve ir a Londres com muita frequência – respondeu a jovem. – Nem a Paris. Perucas coloridas são a última moda.

– Acho que preferiria vê-la sem peruca.

Kate disse a si mesma que deveria ficar quieta, mas aquilo era mais forte que ela.

– Não consigo imaginar por que acharia que suas preferências têm alguma importância no que diz respeito ao meu penteado. Isso seria tão estranho quanto supor que eu tenho algum interesse no *seu* cabelo.

– Tem interesse?

A audácia daquele sujeito não tinha limites! Kate sentia toda a irritação dos oprimidos. O homem parecia presumir que todos ficariam fascinados por ele só porque era um príncipe.

– Não – afirmou de forma categórica. – É apenas... cabelo. – Ela passou os olhos por sua cabeça. – Um pouco maltratado e um tanto longo, mas é preciso ser compreensivo no caso de um homem que claramente não se interessa por moda nem costuma viajar para Londres.

Ele riu. E até sua risada soava exótica, como um sotaque.

– No nosso primeiro encontro, tive a impressão de que reprovava meu cabelo. Uma vez que já esgotamos o assunto de nossos respectivos cabelos, Srta. Daltry, posso perguntar o que está achando de Lancashire?

– Encantador – respondeu Kate. E, antes que pudesse se conter, continuou: – É muito diferente de sua casa em Marburgo?

Ele sorriu. Ela agira como esperado e ele voltara a ser o tema da conversa. Kate deixou que uma sombra de desdém se esgueirasse em seus olhos, mas duvidava que o príncipe fosse notar. Homens como aquele não reconheciam o desprezo quando lhes era direcionado.

– Aqui é muito mais verde – disse ele. – Aliás, ocorreu-me, enquanto eu cavalgava por aí, que os campos ingleses são o oposto

dos cidadãos ingleses.

– Como assim?

Alguém levava o peixe e o substituíra por outro prato enquanto ela não estava olhando. Kate suspeitou de que se tratava de um daqueles jantares que ela só conhecia dos livros, com 24 pratos e mais 15 doces para encerrar. Uma mesa real, sem dúvida.

– Os ingleses são muito contidos em sua fertilidade – explicou ele, sorrindo para a jovem. – Ao passo que as plantas estão todas explodindo de fervor reprodutivo.

Kate ficou estarrecida.

– Não... não deveria falar dessas coisas comigo.

– A conversa está sendo bastante instrutiva para mim. Aparentemente, natureza e cabelos fazem parte da mesma categoria: não devem ser discutidos durante as refeições na Inglaterra.

– Costuma-se *realmente* falar sobre fertilidade com as jovens de Marburgo? – perguntou ela em voz baixa, caso a viúva robusta à sua frente estivesse escutando.

– Ah, de todo tipo de fertilidade. A corte ferve de paixão. A maioria é de natureza bem fugaz, porém ainda mais intensa devido à brevidade. Entretanto, não é o caso da corte do meu irmão, no momento.

Kate estava fascinada, mesmo a contragosto.

– Por que não? O grão-duque conseguiu reprimir sua corte de alguma forma? O senhor parece tão...

Novamente ela se conteve. Não cabia a Kate julgar homens como ele.

– Adoraria saber o que eu pareço, mas temo que me interrompa. Então, me contento em explicar que, no ano passado, meu irmão recebeu em sua corte um religioso extremamente devoto, e em questão de uma ou duas semanas o homem havia

convencido a maior parte da corte a abandonar as diversões não aprovadas pela Igreja.

– Imagino que o senhor tenha feito parte do grupo de exceção – disse Kate, percebendo, em seguida, que dera a ele a oportunidade de falar de si mesmo *outra vez*.

Devia ser um dom concedido aos príncipes: fazer com que todas as conversas girassem em torno deles.

– Eu me revelei imune à retórica do frei Prance – contou, sorrindo. – Foi uma infelicidade, especialmente quando ficou claro que meu irmão Augustus considerava que as ideias do frei eram, digamos, de inspiração divina.

– O que o frei Prance recomendava no lugar da diversão?

– Ele se incomodava sobretudo com o que chamava de libertinagem, o que, em essência, era qualquer coisa que mulheres e homens pudessem fazer juntos. Por isso, ele introduziu um quadro no salão com um sistema de pontuação. A recompensa era, naturalmente, a vida eterna.

Kate refletiu sobre aquilo enquanto comia faisão.

– Já ouvi esse tipo de retórica no púlpito.

– Sim, mas os padres tendem a ser pouco precisos... Fazem uma ou outra referência aos portões do paraíso ou talvez a algumas nuvens. O frei Prance era corajoso em suas convicções. Suas promessas eram bastante explícitas. Além disso, o sistema de pontos permitia que as pessoas ganhassem pequenas recompensas por memorizar trechos da bíblia.

– Que tipo de recompensa?

– O direito de vestir mantos tecidos com fios de prata, e não simplesmente brancos, era o favorito entre as senhoritas. Aliás, a moda era uma tentação irresistível para aqueles que em geral estariam mais inclinados à descrença. Tornou-se uma grande competição na corte, que apenas se agravou quando o frei

concordou em dar pontos extras a quem recitasse seus versos em público.

– Estou treinando meus cães com um sistema bem parecido – comentou Kate. – É claro que uso queijo como recompensa máxima, e não o paraíso, mas para eles deve ser a mesma coisa.

– Esse deve ser o motivo do meu fracasso. Não aprecio queijos.

“A conversa voltou a ser sobre ele”, pensou Kate. Ela mordiscou mais um pedaço de carne, em vez de retomar o assunto preferido do príncipe.

– Não está curiosa em saber sobre meus fracassos pessoais? – insistiu ele.

– Não tenho a noite inteira – respondeu Kate, facilitando as coisas para ele com um sorriso. – Caso não se incomode, prefiro ouvir mais sobre a corte de seu irmão. Todos se submeteram ao sistema?

– Tentaram, depois que Augustus demonstrou vivo interesse por ele. Essa é a natureza de uma corte.

– Parece bastante enfadonha.

– A recém-adquirida devoção de Augustus foi um golpe, devo admitir. Mas veja como tudo acabou bem: ele expulsou de sua corte todos os que não conseguiram desenvolver o interesse necessário para fazer parte do sistema, e foi assim que vim parar aqui.

– Não me referia à corte de Augustus. Eu estava falando da sua.

– Minha? Eu não tenho corte.

Ela olhou em volta.

– Enormes paredes de pedra e tapeçarias que devem remontar aos tempos da própria rainha Elizabeth. Um belo pátio. Criados aos montes. E... Bem, acredito que eu esteja em um castelo! – Satisfeita com seus argumentos, Kate sorriu para o laçao parado à sua direita. – Sim, já terminei de comer o faisão, obrigada.

– Um castelo não é o mesmo que uma corte – discordou o príncipe.

– Perdão, *Vossa Alteza* – disse a jovem, com doçura. – É claro que tem razão, *Vossa Alteza*.

Era bem divertido ver o maxilar dele enrijecer. Pobre príncipe... Era óbvio que estava tão acostumado a ter pessoas beijando-lhe os pés que nem conseguia rir daquilo.

– A corte tem um propósito útil – observou ele. – O rei ou grão-duque, como no caso de meu irmão, governa seu território. Eu não governo território algum, Srta. Daltry. Portanto, não se trata de uma corte.

– Então é duplamente afortunado, pois não precisa se preocupar nem um pouco em ser útil – replicou a jovem.

– Imagino que ache que não sou útil.

– O senhor mesmo afirmou ser um príncipe sem súditos. Naturalmente que não é útil, mas a culpa não é sua. É uma questão de berço; e seu berço, *Vossa Alteza*, determina que nunca precisará ser útil. Que jamais precisará indagar o valor de mercado de nada, o que eu consideraria algo ainda melhor.

– Acredita que um príncipe é alguém que não sabe o preço de nada?

Havia alguma coisa no sorriso dele, algo um tanto sombrio e sarcástico, que levou Kate a se perguntar se não estava passando dos limites, sendo excessivamente sagaz.

– Acredito que saiba o valor de muitas coisas, e até mesmo seu preço – disse ela, com mais delicadeza.

Ele a encarou por um instante e depois se aproximou um pouco.

– Já ouvi dizer que o preço de uma mulher, minha cara Srta. Daltry, é mais alto que o de rubis. Ou seria o preço de uma *boa* mulher? É uma pena que o frei Prance não esteja aqui para esclarecer a questão.

– É, de fato, o de uma boa mulher – falou Kate.

O príncipe sorriu para ela, o sorriso calculado e feroz que devia usar para seduzir damas jovens e voluntariosas.

– A senhorita é uma boa mulher?

Ela lhe retribuiu a cortesia com o sorriso gentil que se dá a uma criança iludida. E, só para o caso de ele não ter entendido totalmente, deu um tapinha em seu braço.

– Se me permite um conselho, não se deve pedir que uma dama estabeleça o próprio preço. Se precisa perguntar, a resposta sempre será mais do que pode pagar.

O idoso à direita de Kate virou o rosto nesse momento.

– Fale-me mais sobre seu Museu de Guerra – pediu ela ao senhor. – Sempre achei que garrafas de leite são extremamente versáteis. Não, não, o senhor não está interrompendo nada. – Ela se virou com um sorriso comedido para o príncipe. – Sua Alteza e eu estamos entediando um ao outro com tolices.



Gabriel quis rir em voz alta enquanto observava, atônito, a Srta. Daltry virar-lhe as costas. Bem feito para ele por tirar conclusões precipitadas e pensar que todas as mulheres desejavam ser princesas. Ou que qualquer inglesa gostaria dele apenas porque era um *príncipe*.

Aquela inglesa concluía, em alguns segundos, que ele era um imbecil presunçoso. Dava para ver nos olhos dela, no ato de empinar seu nariz belo e delicado.

Talvez seu nariz fosse um pouco comprido demais. Não tinham dito que a noiva de Dimsdale era de uma beleza extraordinária? Não era o que lhe parecia. Para começar, a jovem tinha sombras azuladas sob os olhos. Beldades deveriam ter uma pele reluzente, do tom da flor do pêssego.

Uma dama da corte teria retirado o excesso de pelos das sobrancelhas, deixando-as arqueadas. As dela eram traços sobre os olhos, pontuando-os. Olhos bastante extraordinários, ele era obrigado a admitir. Combinavam com aquela peruca roxa tola.

Outra dúvida: qual seria a cor do cabelo sob a peruca? As sobrancelhas sugeriam um castanho mais quente, talvez acobreado. Talvez ela usasse um desses cortes mais curtos que ele detestava, mas era bem possível imaginá-la com ele. Realçaria suas maçãs do rosto e...

Ele se deu conta de que a tia pigarreava perigosamente. O que ele estava fazendo? Wick talvez tivesse razão. Ele estava obcecado pela noiva do sobrinho por puro receio da própria noiva.

Tatiana provavelmente tinha um nariz curto e perfeito. E olhos doces que o fitariam com aprovação.

Um pensamento incontrolável lhe veio à mente: a Srta. Daltry era o modelo de dama *atraente*.

Mas obediente?

Ele se virou para a tia com um sorriso magnífico.

Jamais.

Capítulo 12



— Você vai mesmo se deitar agora? – perguntou Algie, quando a festa enfim foi transferida para uma sala de visitas. – Sei que não costuma sair muito, mas ainda é cedo demais.

Não costuma sair muito era uma forma gentil de descrever a vida de Kate na casa de Mariana.

– Fique – respondeu ela. – Mas é melhor eu me retirar. Parece que o Sr. Toloose conheceu Victoria na primavera passada. Demos sorte por ele não ter se ofendido quando o ignorei, sem querer, um minuto atrás.

Algie deu de ombros.

– Você deveria sorrir para todos, apenas por garantia. O mais importante é que o príncipe parece estar razoavelmente satisfeito com você. Quem diria que haveria tantas pessoas aqui? Lorde Hinkle acabou de me revelar que toda a aristocracia está morrendo de curiosidade em relação ao meu tio.

O modo como Algie falou *meu tio* soou totalmente diferente agora que ele conhecera o homem em questão. Kate tinha a nítida impressão de que o rapaz passaria muitos anos recebendo convites para jantar por conta de seu parentesco com a realeza.

– Vejo você pela manhã – disse ela, dirigindo-se à porta da sala.

O ambiente fervia com o vozerio de tantas conversas simultâneas. Kate estava quase alcançando a porta quando uma

mulher extraordinária bloqueou sua passagem.

Devia ter uns 40 anos e era deslumbrante, esbanjando luxo e opulência. Ao contrário da maioria das mulheres no recinto, não havia aparado o cabelo; em vez disso, prendera-o no alto da cabeça e o empoara num tom avermelhado. Criava um contraste intenso com seus olhos azul-escuros, mas de alguma forma o efeito era fantástico.

– Você! – disse a mulher. Kate tentava escapar discretamente, mas deteve-se diante de tamanha veemência. – Eu a conheço.

Kate não podia dizer “Você deve conhecer minha irmã”, então armou um sorriso e exclamou:

– Ah, é claro! Como vai?

– Não a conheço assim – respondeu a mulher, impaciente, abanando um leque decorado com joias. – Mas quem é você? Como se chama?

Kate fez uma reverência.

– Sou a Srta...

– Claro! É um retrato perfeito do Victor, sem tirar nem pôr. Seu pai era terrível. – Ela falava num tom afetoso. – Você tem o nariz e os olhos dele.

– A s-senhora conheceu meu pai? – perguntou Kate, gaguejando um pouco.

– *Muito* bem – completou a mulher, sorrindo.

Era o tipo de sorriso que não se esperava ver em uma dama tão obviamente bem-nascida.

– E seu nome é Katherine. Deve estar se perguntando como sei disso.

De repente Kate se deu conta, alarmada, de que qualquer um poderia ouvir a conversa.

– Na verdade... – começou, mas foi interrompida.

– Porque sou sua madrinha! Meu Deus, faz tanto tempo! É impressionante como os anos passam. Você era tão pequenina na

última vez em que a vi, rechonchuda e com orelhas grandes. – Ela se aproximou. – Olhe para você agora. Igualzinha ao seu pai, embora essa peruca não a favoreça, querida, se não se importa que eu diga. Tem sorte de ter herdado os olhos dele. Pelo amor de Deus, eles não combinam com uma peruca roxa!

Kate sentiu um leve rubor no rosto, mas sua madrinha – tinha mesmo uma *madrinha*? – não havia terminado de analisá-la.

– E esse enchimento na parte da frente também não a favorece. Ficou exagerado.

O rubor lhe subiu até as orelhas.

– Eu já ia me recolher – informou a jovem, fazendo outra reverência. – Se me der licença...

– Eu a ofendi? Parece um pouco agitada. Isso era algo que Victor mantinha sob controle: o temperamento. Não conseguia controlar mais nada, mas eu nunca o vi perder as estribeiras, nem mesmo quando estava caindo de bêbado.

Kate ficou atordoada. Perder as...

– Eu a ofendi de novo – disse a madrinha, com satisfação. – Venha comigo, então. Vamos para os meus aposentos. O mordomo me instalou em uma das torres. O lugar é divino, é como estar nas nuvens... exceto pelos pombos sujando as janelas.

– Mas... eu não... como se chama? – perguntou Kate enfim.

Ela arqueou as sobrancelhas perfeitas.

– Seu pai nunca lhe falou de mim?

– Creio que não teve a oportunidade antes de morrer.

– Aquele patife. Ele jurou quealaria tudo sobre mim. Vou lhe contar toda a história, mas não aqui. O castelo está apinhado de pessoas ansiosas por fofocas e prontas para inventar coisas. Não precisamos dar mais munição a elas.

Kate se manteve firme.

– E como a senhora se chama?

– Lady Wrothe, mas também pode me chamar de Henry, de Henrietta. Leominster, meu marido, está logo ali, embebedando-se ao lado do príncipe de Württemberg. Pobre Leo, não consegue recusar uma taça de conhaque. – Ela segurou o pulso de Kate. – Já nos apresentamos, agora vamos embora.

Lady Wrothe arrastou Kate por corredores e por algumas escadas até finalmente chegarem aos aposentos da dama, que a pôs sentada na cama e arrancou-lhe a peruca.

– Você tem o cabelo de Victor. E como é bonita!

Kate sentia-se como se um redemoinho a tivesse arrancado do chão e a largado naquele quarto na torre.

– A senhora conheceu bem meu pai?

– Quase me casei com ele – falou lady Wrothe, sem rodeios. – Só que ele nunca pediu minha mão. Ainda me lembro de quando o vi pela primeira vez. Foi no Fortune Theatre, no intervalo de *Otelo*. Eu soube na hora que queria ser a Desdêmona daquele mouro.

– Minha mãe estava lá? – quis saber Kate, sentindo um impulso de lealdade pela pobre mãe, que aparentemente tinha sido trocada não apenas por Mariana, mas também por lady Wrothe.

– Não, não. Ele ainda não a havia conhecido.

– Ah... – disse Kate, aliviada.

– Tivemos um flertezinho delicioso – contou lady Wrothe, parecendo devanear um pouco. – Mas sua mãe já demonstrava interesse por ele, e, alguns meses depois, o pai dela, seu avô, físgou-o como se ele fosse uma truta já quase morta. Victor era incrivelmente pobre – explicou ela.

– Ah... – disse Kate mais uma vez.

– Por sorte, seu pai era um homem lindo, com aqueles cabelos escuros e sedosos e olhos iguais aos seus, e também as maçãs do rosto... Se as coisas fossem diferentes, eu teria me casado com ele sem pestanejar.

Kate assentiu.

– É claro que Victor teria sido infiel e eu teria atirado nas partes íntimas dele – completou lady Wrothe, pensativa –, então foi melhor assim.

Kate deixou escapar uma risadinha. Era errado, muito errado, rir ao escutar histórias sobre a infidelidade descarada de seu pai.

– Ele não conseguia evitar. Alguns homens são assim. Imagino que tenha conhecido o príncipe. Ele é outro. Nenhuma mulher seria capaz de manter um homem assim em casa. E, embora esses tipos sejam maravilhosos para diversão, é melhor evitá-los. Já me casei três vezes, querida, sei do que estou falando.

– Então meu padrinho deve ter falecido – comentou Kate. – Lamento por sua perda.

– Foi há muito tempo – disse lady Wrothe. Em seguida, deu um sorriso e se inclinou como se fosse contar um segredo. – Seu pai e eu... nós...

– Tiveram um caso – completou Kate, resignada.

– Ah, não. Talvez tivesse sido melhor se isso fosse verdade. Éramos jovens e tolos quando nos conhecemos, ou seja, tudo se resumia a amor e rosas, em vez de lençóis. E Victor não podia se casar comigo, pois meu luto ainda era recente.

Quanto mais descobria sobre o pai, menos Kate gostava do que ouvia.

– Éramos como Romeu e Julieta – declarou lady Wrothe –, só que sem a parte de se esfaquear e se envenenar, não, obrigada. Em vez disso, seu pai simplesmente se casou com sua mãe, e foi assim que tudo terminou.

– A senhora a conheceu também?

Lady Wrothe sentou-se no banquinho diante da penteadeira, de modo que Kate não conseguia ver seus olhos.

– Sua mãe não teve forças para debutar de modo apropriado, então só a conheci no seu batizado.

– Sempre me perguntei como minha mãe e meu pai teriam se conhecido, já que ela ficava acamada com muita frequência – admitiu Kate.

– Eles não foram apresentados. Ela o viu passar no Hyde Park e procurou saber seu nome. A partir daí, o pai dela cuidou de tudo.

Kate se sentiu ainda mais deprimida com essa revelação.

– E eu também me casei, claro – continuou lady Wrothe, virando-se para voltar a encarar a jovem. – Mas não pense que foi tudo sofrimento. Eu me apaixonei pelo meu marido e ousei dizer que seu pai também se apaixonou por sua mãe. Ao longo dos anos, nos encontramos ocasionalmente. *Nunca* de forma clandestina, adianto.

Kate assentiu.

– Alguns anos depois – prosseguiu a madrinha –, eu me vi dançando com ele em Vauxhall. Eu havia acabado de perder mais um bebê. Nunca consegui ter um filho. Chorei sem parar no ombro dele.

Kate teria dado um tapinha carinhoso na mão da madrinha, mas de algum modo percebia que lady Wrothe não era o tipo de mulher que seria consolada dessa forma.

– Quando dei por mim, Victor já havia resolvido que eu e meu primeiro marido seríamos seus padrinhos.

Kate sorriu timidamente.

– Eu quis matá-lo. Mas ficamos honrados, claro. Como podíamos recusar? Porém, fiquei muito irritada com a inocência dele, por achar que me tornar madrinha da filha dele compensaria, de alguma forma, a perda dos meus filhos. Logo a filha *dele!*

– Meu pai não era muito perspicaz – disse Kate, lembrando-se da alegria dele ao contar-lhe que estava trazendo uma madrasta para casa quando ela ainda chorava a morte da mãe. – No entanto, com certeza, teve a melhor das intenções...

– É claro... Mas na época eu estava tão arrasada por ter perdido mais um bebê que não consegui enxergar isso. Receio ter tirado você da cabeça logo após o batismo. Na realidade, em um ato de puro ressentimento, fingi que minha afilhada não existia. Mas aqui está você!

O que levou Kate a se lembrar.

– Não estou aqui como eu mesma – confessou.

– É mesmo? – Lady Wrothe olhou o próprio reflexo e, de forma automática, passou pó no nariz. – Gostaria de não estar aqui como eu mesma também. Às vezes me canso tanto de Leo. Adoraria ser outra pessoa, mas se isso significasse ter que usar uma peruca roxa, talvez eu repensasse.

– A peruca roxa faz parte da encenação – explicou Kate. – Estou aqui fingindo ser minha meia-irmã, Victoria, que...

E ela revelou toda a história, em grande parte porque lady Wrothe não demonstrava pena; em vez disso, assentia e dizia coisas como “Victor, seu tratante”, num tom sem julgamentos de valor, apenas de pura constatação.

Ao fim, ela resumiu bem a situação:

– Então no momento você está se passando por Victoria, noiva de um idiota chamado Algernon. E ele a arrastou até aqui porque precisa da bênção do príncipe para o casamento, que precisa acontecer porque Victoria é apressada como a mãe.

– Colocado dessa forma, ela parece uma rameira – protestou Kate. – Mas não é. Só está apaixonada.

– Apaixonada – repetiu lady Wrothe, num tom sombrio. – Pelo amor de Deus, nunca se apaixone antes de se casar. É complicado demais e as consequências são terríveis. A única vez que me aconteceu isso foi com seu pai, e só porque, mesmo lutando com unhas e dentes, não consegui resistir.

Kate sorriu.

– Não pretendo me apaixonar, lady Wrothe.

– Henry.

– Não posso chamá-la de Henry – protestou a jovem.

– Por que não? Sou velha demais?

– Não... é que...

– Tenho idade suficiente para escolher o nome que prefiro – afirmou a madrinha, balançando no ar a mão cheia de diamantes. – Esqueça essa história de amor, é tudo um monte de bobagens. Queria que Leo e eu estivéssemos em Londres durante a temporada, e não no continente. Eu teria conhecido suas parentas rameiras e exigiria saber onde estava minha afilhada. De qualquer forma, a questão mais importante aqui é com quem *você* deve se casar. Após o fim desta pequena farsa, é claro.

Kate sentiu um grande alívio. Havia algo especial em Henry: ela era cheia de curvas voluptuosas, e tinha seios fartos e alvos, mas seus grandes olhos azuis transmitiam firmeza. Era digna de confiança.

– Você não vai chorar, vai? – questionou Henry, com um ar desconfiado. – Não suporto lágrimas.

– Não – respondeu Kate.

– E então, com quem deseja se casar? Acredito que não pretenda roubar Algernon de sua irmã. Não me parece um bom negócio.

– Eu sei muito bem com quem gostaria de me casar – disse Kate sem pestanejar. – Quer dizer, não sei precisamente com quem, mas sei o tipo de homem. Alguém como meu pai, mas não como ele, entende? Ele não ficava muito em casa, e eu prefiro alguém que goste do campo. Eu adorava nossa casa no campo. É linda e tem o tamanho ideal, grande o suficiente para muitas crianças.

– Quer alguém como seu pai, só que sem a parte da infidelidade – concordou Henry, indo direto ao ponto. – Victor tinha um patrimônio razoável, graças ao dote de sua mãe, mas nada...

– É o bastante para mim – interrompeu Kate. – Não quero me casar com um conde nem alguém com um título de nobreza. Um cavalheiro com terras seria perfeito. Ou mesmo um comerciante que tivesse se mudado para o campo.

– Nenhuma afilhada minha se casará com um comerciante – declarou Henry. – Por Deus, menina, você é neta de um conde. E sua mãe também não era nenhuma camponesa, embora não conseguisse sair da cama. Era uma dama, assim como você.

Kate não era uma dama havia anos, desde que o pai morrera e Mariana a mandara para o sótão. Sentiu um nó na garganta.

– Desculpe-me. Eu *vou* chorar.

– Bem, acontece com todo mundo – observou Henry, um tanto filosófica. Ela se levantou, foi até uma pequena bandeja de prata e serviu uma bebida de cor clara em duas taças. – Chorei muito após seu batizado. Achava que você deveria ter sido minha filha, entende?

– Achava isso? – falou Kate, secando as lágrimas e tentando se concentrar.

– Depois, dei as costas a Victor e prometi a mim mesma nunca mais falar com ele – acrescentou Henry, com certa aspereza na voz. – No entanto, jamais deixei de pensar nele. Apesar de tudo.

– Sinto muito – disse Kate. – Ele realmente tinha uma moral reprovável, ao que parece. Prefiro que meu marido seja bem diferente nesse aspecto.

– Aqui, beba este licor – ofereceu Henry, virando a própria taça de uma vez. – Levo-o comigo para todos os lugares, pois é o único tipo de bebida que Leo não aprecia, por isso há alguma chance de sobrar um pouco dela para amanhã.

Kate tomou um gole. Tinha gosto de limão, intenso e cruel para o nariz.

– Limoncello – informou Henry, satisfeita. – Não é excelente? Fui apresentada a esta bebida por um homem que conheci em

Sorrento, lorde Manin. Deixei-o para trás, mas trago o limoncello comigo desde então. Quer dizer que você almeja um cavalheiro com um patrimônio razoável e caráter íntegro? Não deve ser um grande problema. Eu também segui esse caminho, embora deva admitir que escolhi homens com patrimônio bem mais do que *razoável*.

Kate sorveu outro gole de limoncello e se flagrou sorrindo para a madrinha. Como era engraçada e sincera!

– Não tenho um dote – confessou. – Isto é, possuo um pequeno pé-de-meia, deixado por minha mãe, mas nada além disso.

Henry pousou a taça vazia.

– Isso não faz sentido, Katherine. Você é *Katherine* mesmo? Por algum motivo, o nome não combina com você, assim como Victoria não combinava.

– Meu pai me chamava de Kate.

– Claro! Perfeito! Mas que história absurda é essa do seu dote? E, por falar no assunto, o que aconteceu com você? Acabei de me dar conta de que deve ter ao menos 23 anos; por que ainda não a vejo estabelecida, com dois ou três fedelhos barulhentos na barra da saia? Suas ambições são modestas e você é bonita.

Kate terminou sua taça.

– Como falei, meu pai voltou a se casar, mas morreu pouco depois. E deixou todo o dinheiro para a nova esposa.

– Esse é exatamente o tipo de atitude estúpida que eu esperaria de Victor. Aposto que não teve o cuidado de fazer um testamento. Mas o patrimônio dele era insignificante... nada comparado ao de sua mãe.

– O quê? – disse Kate, boquiaberta.

Henry tinha um sorriso lânguido no rosto, mas seus olhos brilhavam.

– Ele nunca contou?

– Contou o quê?

– Sua mãe era uma herdeira. Seu avô queria vê-la casada, por isso comprou seu pai e... bem, temo que Victor desejasse a fortuna dela.

– Deve ter gastado tudo – falou Kate, com desânimo. – Porque eu possuo apenas uma renda bem pequena deixada pela minha mãe. Se ele não gastou, minha madrasta cuidou disso.

– Não sei – disse Henry com desconfiança. – Como ela teria conseguido botar a mão nesse dinheiro? Lembro-me vagamente de Victor reclamar que nem mesmo ele podia tocá-lo. Pedirei a Leo para investigar.

– Mesmo que Mariana tenha conseguido colocar as mãos nele de forma ilícita – observou Kate –, eu não poderia fazer nada a respeito. Não gosto dela, mas...

– Bem, isso não importa – interrompeu Henry.

– Não importa?

– Seu pai me escolheu como sua madrinha, Kate. E, mesmo que eu não tenha dado valor a esse presente naquela época, agora é diferente. – Henry se aproximou e tocou o rosto da jovem. – Se não se importar, eu gostaria de tentar ser uma madrinha de verdade para você.

Os olhos de Kate voltaram a ficar marejados.

– Seria uma grande honra.

– Ótimo! – respondeu Henry, levantando-se. – Agora você deve se apressar, pois, se eu não tiver meu sono da beleza, acordo uma fera pela manhã. E, como Leo está lá embaixo bebendo conhaque, seríamos duas feras juntas. E isso são duas feras a mais do que este castelo pode suportar.

Kate também se levantou, mas hesitou por um momento.

– Venha aqui – disse a madrinha, meio impaciente, abrindo os braços.

A mãe de Kate era muito magra e cheirava a limão; Henry era curvilínea e recendia a perfume francês.

Mas, pela primeira vez desde que a mãe morrera, Kate se sentiu segura.

Capítulo 13



Ao voltar para o quarto, Kate observou o cordão usado para chamar Rosalie. Deveria chamá-la para que a preparasse para dormir, porém não sentia sono algum.

Em sua mente, surgiam imagens do rosto melancólico da mãe diante do marido, assim como lembranças da cortesia, polidez e frieza do pai com a esposa. Seria por ele ainda amar Henry? Ou já estaria apaixonado por Mariana?

Sentia o coração doer ao pensar na tristeza da mãe e de Henry, ao mesmo tempo que se irritava com o pai por ter-se deixado comprar.

Decidiu levar os cães para um passeio. Acalmou Caesar encarando-o com um olhar firme e lhe deu um pedaço de queijo assim que o cachorrinho parou de latir.

As luzes ainda estavam acesas na grande sala de visitas quando ela entrou no pátio interno com os cães à frente, puxando-a. Seguiu caminhando até deparar com um chão de pedras.

O pátio externo era pouco iluminado, mas era possível entrever o que parecia uma série de grandes jaulas enfileiradas no muro. Os cães puxavam as coleiras; Kate se lembrou do conselho de Cherryderry e parou de andar até que eles se acalmassem. Depois, recompensou-os com uma rodada de queijo e dessa vez eles permaneceram quietinhos ao seu lado.

– Se vocês se comportarem bem, eu os trarei para me fazer companhia amanhã.

Tinha que levá-los de qualquer forma. Victoria carregava aqueles cachorros para todos os lugares e Mariana os considerava parte essencial do disfarce.

Os três olhavam para Kate enquanto ela falava. A jovem começava a se afeiçoar a eles – a Freddy em especial. Ele tinha medo de tudo, da mosca que passava a uma sombra qualquer, mas um cãozinho não precisava ser corajoso. Além disso, Freddy era uma ótima companhia para dormir.

As jaulas eram assustadoramente grandes. A luz da única lanterna que havia ali, pendendo de um gancho no muro, não iluminava muito. Os cães pararam perto da primeira jaula, farejando avidamente a escuridão lá dentro. Kate espreitou a jaula, mas não enxergou nada. No entanto, sentiu um cheiro forte.

– Que animal um príncipe manteria aí dentro? – perguntou-se a jovem, em voz alta.

Caesar respondeu com um pequeno latido, mas continuou encarando a jaula. Freddy estava aconchegado à perna dela, sem dar nenhum sinal de que desejava investigar mais. Ela começou a esticar o braço na direção da lanterna quando uma mão forte ultrapassou a dela e agarrou o objeto antes.

– Quem... Ah!

Ela engoliu a frase com um gritinho. Era o príncipe em pessoa, parecendo ainda mais carrancudo e taciturno sob a luz trêmula da lanterna. Seus cabelos indomáveis estavam se soltando da fita e sua boca tinha um ar altivo. “Lábios finos”, pensou ela, erguendo o queixo. Todos sabiam que os nobres se casavam entre si.

– Eu mantenho um leão nesta jaula – falou o príncipe, secamente. – Há uma elefanta naquela outra, com sua companheira, uma macaca. E havia um avestruz, mas o transferimos para o pomar, junto com algumas cabras do Himalaia.

Ele ergueu a lanterna e Kate enxergou uma forma adormecida nos fundos da jaula. Quando a luz incidiu sobre o animal, um olho se abriu com desdém e o leão bocejou, mostrando fileiras de dentes que pareciam bem eficazes.

– Acho que não é possível chamar essas coisas simplesmente de “dentes” – observou ela.

– Presas – respondeu o príncipe, com satisfação.

O leão voltou a fechar os olhos, como se seus espectadores fossem enfadonhos demais para que ele se desse o trabalho de contemplá-los. Kate notou que Freddy tremia, colado a seu tornozelo, e até Caesar viera ficar atrás dela, dando o primeiro sinal de inteligência desde que o conheceu.

– É melhor manter esses cães longe da jaula – sugeriu o príncipe. – Ontem o leão passou o dia vomitando depois de ter devorado o cachorro do meu tio.

– Aquele que comia picles? – perguntou Kate. – Que pena. Seu tio me contou, na sala de visitas, que tem certeza de que o cachorro voltará logo.

– Você voltaria, se tivesse uma dieta dessa?

– Eu tampouco saltaria para dentro da jaula de um leão – salientou ela.

– Duvido que qualquer coisa pudesse levá-la a fazer algo assim.

Aquele era o tipo de comentário que ela detestava, pois sugeria algo sobre sua personalidade. Mas o quê, exatamente? Com certeza não ia perguntar ao príncipe todo-poderoso. Contentou-se, então, em se afastar, indo na direção da jaula da elefanta.

Ele a seguiu com a lanterna.

– A elefanta se chama Lyssa. A jaula é pequena demais para ela, então estamos preparando um recinto no pomar. No entanto, se a pusermos lá, a macaca pode acabar fugindo.

A macaca dormia ao pé da elefanta, com um braço comprido enroscado na perna dela.

– Duvido que fuja. Para mim, isso parece amor.

– Se isso é amor, quero distância dele – disse o príncipe, com um sorriso atravessando seus olhos.

– Sei o que quer dizer – concordou Kate, deixando escapar uma risadinha. – Nunca me veriam dormindo no pé de alguém.

– E eu achando que amava desesperadamente o meu sobrinho – provocou ele.

– É claro que amo – replicou a jovem, soando pouco convincente até mesmo aos próprios ouvidos.

– Ah, eu não prenderia o pobre Algernon no pomar esperando que a presença dele fosse mantê-la comportada.

Ele era terrivelmente sedutor quando ria, não quando demonstrava atitudes dignas de príncipe.

– Algie nunca permitiria que o pusessem num pasto – retrucou Kate, esforçando-se para pensar numa resposta excelente.

Mas ele mudou de assunto:

– Toloouse comentou sobre sua doença. O que aconteceu?

Por um momento, a mente de Kate vacilou, mas então ela se lembrou das bochechas adoravelmente redondas de Victoria e de suas próprias maçãs do rosto, tão ossudas.

– Nada de grave – respondeu ela, com leveza.

– Apenas um breve encontro com a morte?

– Minha aparência não está *tão* ruim – protestou ela, mais ríspida.

Ele segurou o queixo de Kate, estudando seu rosto.

– Olheiras, rosto magro, um ar de exaustão. Você não parece bem.

Ela estreitou os olhos.

– Está sendo muito rude para alguém da realeza. Eu esperava que o tivessem ensinado a ser diplomático em qualquer circunstância.

O príncipe deu de ombros.

– Deve ser a sua beleza. Ela despertou um raro momento de sinceridade em mim.

– Que sorte a minha – falou Kate, meio irritada – Vossa Alteza ter deixado a diplomacia de lado bem a tempo de me dizer como estou medonha.

Ele levou o dedo aos lábios de Kate, que ficou imóvel. Era como se, de repente, voltasse a vê-lo pela primeira vez: toda aquela energia incontrollável e aquele fulgor sedutor aliados a ombros enormes e a uma boca ferina.

– Srta. Daltry, sabe que está dizendo um disparate. Só fico imaginando como ficaria com um pouco mais de carne nos ossos, mas é extraordinária de qualquer maneira.

Ele abaixou o dedo e Kate sentiu a própria boca se abrindo num sorriso, como uma criança inquieta que se acalma com um doce. O príncipe estava apoiado na jaula agora, parecendo satisfeito consigo mesmo, como se tivesse resolvido mais um pequeno problema.

– O que faz aqui no escuro? – questionou ela. – Não quer voltar para lá e ser mais bajulado? A vida é muito curta.

Houve um momento de silêncio após o comentário assustadoramente indelicado de Kate. Então o príncipe disse:

– Na verdade, vim ver se o leão continuava vomitando pedaços do cachorro cheio de picles. E, pela minha experiência, os ingleses não são de bajular. – Ele se virou para pendurar a lanterna, então sua voz emanou da escuridão. – Como a senhorita conheceu meu sobrinho, se me permite a pergunta?

– Nos conhecemos em uma abadia e nos apaixonamos na mesma hora – respondeu Kate, após uma pequena pausa na qual vasculhou a mente para recordar a história.

– Apaixonada... – comentou o príncipe. – Por Dimsdale. A quem carinhosamente chama de *Algje*.

– Sim – afirmou ela. – Apaixonada.

– Se soubesse o que é amor, não estaria se casando com meu sobrinho.

– Eu amo Algie – repetiu Kate.

– Vai devorá-lo antes que ele chegue aos 20 anos – disse ele, impassível. – Sabe que ele é mais jovem do que a senhorita, não sabe? Ainda tem muito o que aprender, aquele pobre viscondezinho. Mas talvez isso seja do seu agrado.

– Que homem detestável – retrucou Kate, dando à voz a dose certa de indiferença e desdém. – Fico feliz que seu noivado tenha sido arranjado a partir de uma aliança entre impérios, pois duvido que seja capaz de conquistar uma esposa por conta própria.

Aquilo era uma mentira descarada, pois Kate não conseguia pensar em uma só mulher que não daria tudo para se casar com ele. Com exceção dela própria, claro.

Ela se afastou, depois se virou e disse, num tom ácido:

– Vossa Alteza.

Houve um movimento súbito e, de repente, um braço envolveu a cintura de Kate. Era quente e incrivelmente grande, e ela chegava a sentir as batidas do coração do príncipe. Seu cheiro era maravilhoso, como uma fogueira à noite, quente, selvagem e proibida.

– Diga outra vez – pediu ele, a respiração roçando o pescoço dela.

– Solte-me – ordenou ela, firme, lutando contra o impulso de relaxar o corpo contra o dele, virar o pescoço e pedir...

Pedir um beijo? Ela nunca fora beijada, e certamente não planejava ter seu primeiro beijo com um príncipe arrogante e indomável que se irritara porque ela não o bajulava.

A voz dele soava ardente:

– Só quero sentir seu gosto, Srta. Victoria Daltry.

Os lábios dele tocaram o pescoço de Kate, e aquilo a deixou arrepiada.

Em um gesto rápido, ela ergueu o pé, calçado com o sapato cravejado de pedras, e afundou o salto fino no ponto onde imaginou que estivesse o pé dele.

Agora os dois estavam perto da parede o suficiente para que a luz vinda das janelas iluminasse o rosto dele.

– Você é um idiota – disse Kate, com os dentes cerrados.

– Precisava ser tão violenta? Estes são os meus sapatos preferidos – debochou ele. – E não acho que eu seja *sempre* um idiota.

Ela recuou mais alguns passos.

– Eu poderia sentir pena de seu raciocínio deficiente, mas você tem tantos atributos dignos de pena que nem me darei o trabalho.

– Se eu sou um idiota, isso a transforma em quê?

– Não me interessa saber – respondeu ela, com veemência.

– Numa megerazinha impertinente – replicou o príncipe.

Os olhos dele se estreitaram e, pela primeira vez desde que Kate o conheceu, o homem pareceu furioso. Mas, ao contrário do esperado, sua fisionomia fez com que ela risse.

– Você parece um quitandeiro que não recebeu sua remessa diária de batatas.

– Batatas? Você se compara a uma batata?

– Veja bem, não pode sair beijando damas inglesas sempre que sentir vontade – avisou Kate. – Aqui, Caesar! Volte! – Caesar parecera notar que o leão dormia e voltara a farejar as grades da jaula. – Não quero que você vire jantar de leão.

– Não posso por quê?

Kate fitou aquele rosto, os cabelos caindo sobre os olhos, e teve que admitir que ele parecia o tipo de homem que *poderia* beijar qualquer mulher que quisesse. Era explosivo e extremamente sedutor e perigoso. A opinião de Henry sobre o príncipe lhe veio à mente naquele exato momento: ele era como seu pai, o tipo de homem que nunca poderia ser fiel.

O sorriso dela ficou amargo.

– Porque nem todas as mulheres gostariam disso – explicou, tentando soar gentil. – Por Deus, todos os príncipes são assim?

Ele se aproximou e Kate o fitou, mas sua expressão era mais de curiosidade do que de lascívia.

– Não pode me dizer que uma mulher simplesmente entre na corte de Marburgo, ou de onde quer que você seja, e espere ser beijada por qualquer príncipe com quem esbarre.

– É claro que não!

– Então por que diabo achou que eu estaria disponível para ser beijada?

– Para ser sincero, porque está aqui na escuridão.

Ele tinha certa razão.

– Só estou aqui por causa dos cães – defendeu-se Kate.

– Conversou comigo por bastante tempo. Está sem uma acompanhante. Wick me contou que chegou com uma única camareira para servi-la.

Maldita fosse Mariana por ter expulsado a professora!

– Eu teria trazido minha camareira comigo, mas ela teve uma indigestão.

– Acho que se esqueceu de convocá-la. Asseguro-lhe que as jovens da corte nunca esquecem suas camareiras e jamais ficam sozinhas – afirmou ele. – Sempre viajam juntas, como um bando de andorinhas. Ou uma matilha de cães – acrescentou, enquanto Caesar rosnava para o leão.

Kate não podia explicar que a preceptora havia sido demitida no dia seguinte à morte de seu pai e que por isso nunca aprendera a viajar em bando.

– Eu deveria ter vindo acompanhada de minha camareira – disse. – Mas você não pode presumir que toda mulher deseja beijá-lo.

Ele a encarou.

– Esse diálogo é ridículo – murmurou a jovem. – Venha, Caesar!
Vamos embora!

O cão continuou junto à jaula, rosnando.

– Animal ridículo – resmungou ela, pegando-o.

– Achei – começou o príncipe – que poderia seduzi-la.

Ela se virou, estarecida.

– Não pode sair por aí tentando seduzir damas! – protestou
Kate.

– Se eu já não estivesse noivo, pensaria em me casar com você.

Kate bufou.

– Isso é inaceitável! Você não se casaria comigo, e não deveria
insinuar que faria isso.

Ele foi cauteloso e se limitou a fitá-la com seus olhos
impenetráveis. Alguma parte obscura da mente de Kate registrou
que os lábios dele não eram nada finos. Muito pelo contrário.

– Sou uma megera, lembra? – disse ela. – O que está fazendo?
Você é um príncipe. Esta conversa é extremamente inapropriada.
Não deveria falar essas coisas para outras jovens damas, ou vai
acabar sendo *forçado* a se casar com alguém, provavelmente após
um duelo de pistolas contra o pai de alguma delas.

– Seu pai? – perguntou o príncipe, ainda a encarando.

– Meu pai morreu – respondeu Kate, sentindo uma dor no
coração. – Mas vocês dois teriam muito em comum. Receio que isso
tenha me tornado imune aos seus encantos.

– Sem mencionar que está apaixonada por Dimsdale. Seu pai
queria que se casasse com ele?

– Meu pai morreu há muitos anos. Ele não tem nenhuma relação
com esta conversa. De qualquer forma, você está louco. Não
poderia se casar comigo e seria cruel de sua parte criar esse tipo de
expectativa. E se eu acreditasse? Pelo que sei, vai se casar com
uma princesa russa.

– É verdade que preciso me casar com uma herdeira – disse ele, em tom casual. – Pelo que sei, você é uma herdeira. Eu não quero necessariamente uma esposa bem-relacionada, apenas rica. – Seus olhos se desviaram para os seios da jovem. – E atraente.

Kate ergueu Caesar um pouco mais alto, de modo que o cachorro quase lhe cobrisse os seios de cera.

– Esta é a conversa mais imprópria que já tive em toda a minha vida.

– Deve ser sua idade que inspira minha impropriedade – sugeriu ele. – Já tive muitas conversas impróprias, mas devo admitir que nunca com donzelas casadouras.

Kate interpretou aquilo como uma ofensa, embora não soubesse dizer se ele estava insinuando que ela era jovem ou velha.

– Costuma confessar seu desejo de se casar com uma mulher pelo dinheiro, então?

– Em geral falamos de outros desejos.

– Posso imaginar – murmurou ela. – Isso foi muito encantador. Mas vamos deixar uma coisa clara: não estou disponível para casamento. E tampouco sou rica.

Ela afastou a lembrança da convicção de Henry a respeito de seu suposto dote. Era fantástico demais para ser real.

Ele franziu a testa.

– Não é rica? Dimsdale sabe disso? Wick parece achar que você possui uma herança considerável.

– De forma alguma – protestou ela. – Mas Algie me ama mesmo assim.

– Interessante. Meu sobrinho parece o tipo de pessoa que põe o amor em segundo lugar, bem atrás da questão financeira.

– Ao contrário de você, que pelo visto colocaria o amor no fim da lista – replicou Kate, no íntimo concordando com ele a respeito de Algie.

– Assim como você – disse ele, satisfeito.

– Isso significa que posso passear com meus cães sem precisar temer que você saia de um canto escuro e me ataque? – perguntou ela, pondo Caesar de volta no chão.

– Certamente se esperaria que sim – respondeu o príncipe. – No entanto... é tão bonita...

E, enquanto Kate ainda assimilava essas palavras, ele a segurou pela cintura e baixou o rosto até o dela.

E toda a energia selvagem e irrefreável que Kate sentia nele fluiu para seu beijo, como um pedido que ela não conseguiria recusar. Ela pensava que beijar consistia em um encontro de lábios, mas aquilo... aquilo estava mais para saborear e sentir. Ele parecia feito de seda e fogo.

O príncipe tinha *sabor* de fogo. Ela se entregou ao beijo, oferecendo-lhe a boca e sentindo o corpo estremecer. Ele sussurrou algo em sua boca, algo malicioso e doce. Kate lembrou, vagamente, que desejava ensinar-lhe uma lição, mostrar-lhe que não deveria beijar qualquer dama que conhecesse.

Deveria lhe dar um tapa.

Mas aí ele poderia afastar os lábios ou tirar aquela mão quente e imensa da cintura dela, ou... O que a salvou foi somente o instinto de autopreservação. O beijo dele começou como uma pergunta, mas logo foi se tornando um pedido e, apesar de sua pouca experiência, o corpo inteiro de Kate respondeu que sim.

Ainda assim, uma voz distante em sua mente lhe lembrava quem ela era e quem estava beijando.

Recuou. Ele resistiu por um segundo, um segundo ardente e glorioso, e então acabou.

Seu primeiro pensamento foi irrelevante: ela nunca tinha notado como os cílios dele eram grandes. O segundo pensamento foi que ela não fizera nada além de alimentar a arrogância dele. Agora o príncipe acharia que era irresistível até para as inglesas.

Naquela fração de segundo, Kate se valeu dos anos de frieza aperfeiçoada na presença de Mariana. Abriu a boca para dizer algo que deveria minar a autoestima do príncipe, mas ele falou antes.

– Maldição! – disparou, e havia em sua voz uma avidez e uma aspereza que exprimiam sinceridade. – Queria que você fosse a minha princesa russa!

E, de repente, a irritação dela com aquele ego de príncipe pedante esvaiu-se. Kate sorriu e começou murmurar:

– Você é...

E parou. Será que deveria mesmo elogiá-lo e inflar ainda mais sua gigantesca autoestima?

Seria justo.

Ela se inclinou para a frente e roçou os lábios nos dele.

– Se o dinheiro pudesse comprar beijos como esse, eu gostaria de ser uma herdeira. – E acrescentou: – Desejaria até possuir um pedigree de princesa.

Ele ergueu as mãos e segurou o rosto dela.

– Preciso sentir seu gosto outra vez – disse, com um gemido estranho na voz.

Eles estavam imaginando as mesmas coisas, pensou ela, atordoada: saborear... Ela *saboreava* seu gosto de mel e algo mais suave e selvagem, algo que a fazia estremecer e...

E então ele a soltou.

– Você é perigoso – sussurrou ela.

O sorriso dele deixou claro que Kate falara a coisa errada, alimentando de novo aquela arrogância monumental.

– Príncipes – disse ela, num suspiro. – Suponho que tenham alguma utilidade, afinal.

Foi uma alfinetada, e Kate percebeu com satisfação que funcionara. Seus joelhos tremiam, e as pernas...

– Não – respondeu ele, um pouco ríspido. – Tenho pouca utilidade, posso lhe garantir. Agora, a não ser que deseje ser

tomada e beijada por outro desconhecido, Srta. Daltry, sugiro que volte de imediato para seu quarto e não torne a sair desacompanhada.

Capítulo 14



Na manhã seguinte, Kate levou os cães para uma caminhada, dessa vez acompanhada por Rosalie. Tinha acabado de amanhecer, mas ela estava acostumada a acordar cedo e não conseguiu dormir até mais tarde, nem mesmo quando Freddy choramingou e tentou esconder-se sob as cobertas. No momento em que abriu os olhos, ela se lembrou da noite anterior...

– Vamos – disse. – Vocês três sairão sem coleira. Visitaremos o leão à luz do dia. Se não se comportarem, serão devorados, portanto, pensem bem.

O pátio estava tão vazio que os passos de Kate e Rosalie ecoavam à medida que atravessavam o lugar. Na noite anterior, o local estivera quente e suave. Naquela manhã, parecia ter séculos de idade, estava frio e impessoal. Kate estremeceu e apertou o passo.

O leão estava acordado. Ao vê-las, bocejou e se aproximou. A jovem recuou um pouco, demonstrando respeito.

Era muito mais desganhado do que Kate imaginara. Ela sempre idealizara leões como animais de pelo brilhoso, mas aquele parecia abatido e desgastado. A fera lançou-lhes um olhar aborrecido e se dirigiu para os fundos da jaula, depois retornou, balançando a juba como se a cabeça fosse pesada demais.

– Oh, senhorita! – gritou Rosalie.

Caesar tinha avançado para a jaula e farejava as barras. Kate estalou os dedos e, quando ele voltou, recompensou-lhe com um pouco de queijo.

– Todos os criados estão falando sobre esse leão – contou Rosalie. – Dizem que ele já devorou metade dos animais domésticos daqui. Teremos sorte se voltarmos para casa com os três cães.

– Espero que ele pegue Caesar primeiro – disse Kate, impiedosa.

O leão foi até a grade e lançou um olhar faminto para os cachorros. Ela lhe jogou um pouco de queijo. Ele cheirou com desdém, mas comeu.

– Esse animal me dá arrepios – comentou Rosalie. – Olhe para Freddy: está apavorado. Vamos ver a elefanta. Venha, Freddy, vamos fugir desse gato terrível.

Ela se dirigiu para as outras jaulas, mas Kate permaneceu onde estava, encarando o leão enclausurado.

– Bom dia, Srta. Daltry – cumprimentou uma voz atrás dela.

A jovem se virou e encontrou o mordomo do príncipe sorrindo para ela.

– Bom dia, Sr. Berwick. Acredito que somos as únicas pessoas acordadas em todo o castelo.

– Vim ver como o leão está. Parece melhor.

Ele não parecia ter pressa, então Kate arriscou uma pergunta:

– Importa-se se eu lhe fizer algumas perguntas sobre o castelo?

– Nem um pouco – respondeu ele, apoiando-se nas barras da jaula.

– Ontem à noite estimei que devem usar ao menos duzentas velas por semana. O castelo produz a própria cera? Sei que deve ter um padeiro. E quanto a tudo o mais que costumamos encontrar em um vilarejo, como um ferreiro, por exemplo?

Berwick vestia uma bela libré com galões e colarinho alto. Tinha a aparência exata de um criado de estirpe, mas por um breve momento seus olhos cintilaram e ela sentiu...

Parecia loucura. Mas ela sentiu que o conhecia.

– O castelo produz a própria cera – respondeu o mordomo. – Mas subestimou o número de velas, Srta. Daltry. Em uma semana normal, tenho mais de trezentas acesas por todo o castelo, e também usamos lâmpadas de Argand em alguns cômodos. Por conta do baile, é claro, encomendei bem mais, para garantir que os candelabros estejam todos acesos até o amanhecer.

– Fascinante – disse Kate. – E os criados? Quantos são, mais ou menos?

Ele parou por um momento, claramente calculando.

– Acabei de contratar quatro e dispensar um, então hoje empregamos 137 no total, dentro e em torno do castelo.

– A maior parte da receita provém de arrendamentos? – indagou a jovem, sem pensar. Então ela ruborizou. – Peço que me desculpe. Foi uma pergunta muito inadequada.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Os ingleses são mais reservados do que nós em relação a dinheiro. O castelo está cercado por fazendas, é claro, e elas geram arrendamentos que sustentam o castelo minimamente. O príncipe acha que não são suficientes, dado o número de pessoas que aqui vivem.

Kate sentiu o rosto corar.

– Eu certamente não quis indagar sobre a situação financeira do príncipe!

– Por que não? – falou Berwick, dando de ombros. – Em Marburgo, existem muitos príncipes sem recursos, eu lhe asseguro. O príncipe Gabriel se destaca por possuir um castelo sob seu comando.

Os cabelos de Berwick estavam devidamente presos, mas, quando ele deu de ombros, uma parte se soltou e caiu-lhe por cima da sobrancelha.

Então, imediatamente, Kate viu o rosto do príncipe no de Berwick. Como se tivessem sido forjados na mesma fôrma. Lados idênticos de duas moedas.

Ficou estarecida.

Os olhos do mordomo encontraram os dela e notaram sua expressão atordoada. O sorriso dele era uma cópia exata daquele de seu amo.

– Hum – disse Kate, recuperando-se.

– Hoje teremos um piquenique ao ar livre, nos jardins atrás do castelo – comentou Berwick, sem pestanejar. – Várias damas manifestaram interesse em ver o restante da coleção de animais, localizada atrás do labirinto de sebes. Um passeio de barco no lago também pode ser muito agradável.

O leão tinha voltado a dormir.

– Não acha que esse animal precisa de uma jaula maior? – indagou ela.

Saber que Berwick poderia ter parentesco com o príncipe fazia com que, de certa forma, fosse mais fácil conversar com ele.

– Qual tamanho sugere?

– Bem, pense em chiqueiros. Você poderia colocar uma porca grande e todos os seus leitões em um espaço de seis por seis, mas acredito que a maioria dos fazendeiros prefira um espaço maior. Este leão tem menos espaço do que um porco. Não pode estar certo.

Ao olhar para Berwick, viu que ele parecia surpreso e intrigado.

– Eu não deveria saber o tamanho de um chiqueiro – falou ela, suspirando.

– Quem decide o que se deve ou não se deve saber? – murmurou Berwick. – Mas admito que as poucas damas inglesas

que conheci durante meu período em Oxford pareciam achar indelicado um número extraordinário de assuntos.

– Ah, o senhor também esteve em Oxford? – quis saber Kate. – Como ajudante do príncipe?

– Estive lá como eu mesmo – respondeu Berwick, satisfeito. – É como eu mesmo que trabalho para o príncipe, então o arranjo funciona muito bem para nós dois. Estudei filosofia e ele, história. E ambos estudamos mulheres jovens. – Ele soltou outra baforada. – Éramos muito jovens, a senhorita entende.

Kate sorriu.

– E faz uso da filosofia no seu cargo atual?

– Bastante – afirmou Berwick. – Recorro ao raciocínio filosófico diariamente quando as coisas ficam complicadas. Os parentes do príncipe formam um grupo difícil de controlar. Conheceu o Sr. Tippet ontem à noite?

Kate franziu a testa.

– Um cavalheiro um pouco pálido e meio roliço?

– Esse mesmo. O Sr. Tippet é um leitor de uma das tias de Sua Alteza. Deve se lembrar da princesa Maria-Therese e de sua inclinação para o uso de plumas.

Kate recordou-se de uma mulher com aspecto ameaçador e de busto enorme.

– Que bom que ela tem alguém que leia para ela – disse educadamente.

– Tippet lê mãos. Ao menos é o que ele diz – acrescentou Berwick, com certo ar de desconfiança. – De qualquer forma, ele está ficando bem irritado com o príncipe Frederick, que o faz ler sua mão repetidas vezes, em busca de uma resposta melhor.

– A ideia de que a palma da mão pode mudar a cada leitura parece invalidar todo o conceito – observou Kate.

– O Sr. Tippet já informou ao príncipe que ele vai se casar com uma dama de cabelo escuro e que viverá até os 112 anos, além de

muitas outras previsões interessantes, mas nenhuma é boa o bastante.

– Então o senhor recorre à sua formação filosófica para lidar com as angústias do seu...

E Kate se deteve. Se o príncipe Frederick era de fato parente de Berwick, não era da sua conta.

– Exatamente – respondeu ele, com tranquilidade. – Srta. Daltry, posso lhe dizer que é uma jovem extraordinária?

– Ah – disse ela, percebendo que realmente gostava dele –, não é apenas a realeza que tem famílias com estruturas estranhas, sabe?

Ele assentiu, com o olhar pensativo pousado nela. Naquele momento, Rosalie retornou.

– Precisa ver a elefanta, Srta. Katherine! – gritou, sem perceber que usava o nome errado. – Ela tem um macaco muito simpático pendurado na perna. Nunca vi nada tão adorável.

– A macaca é a favorita do castelo – comentou Berwick.

Kate o fitou para ver se o homem notara o deslize de Rosalie, mas ele não demonstrou nada.

Nesse momento Caesar, que se comportara com o devido cuidado com o leão, não teve o mesmo bom senso no caso da elefanta e passou entre as barras da jaula, latindo loucamente e tentando pegar a macaca.

A elefanta ficou incomodada e começou a se mexer de um lado para outro.

– Elefantes não gostam de camundongos, e esse cão não é muito maior que um – observou Berwick, soando despreocupado. – Ela pode matá-lo.

– Caesar! Por favor, saia daí! – gritou Kate, acenando desesperadamente com um pedaço de queijo.

Mas Caesar, tão pouco esperto quanto corajoso, parecia achar que a cauda do macaco iria parar na sua boca se latisse bem alto.

Berwick suspirou.

– Com licença, senhoritas.

Ele abriu uma pequena caixa junto à jaula, tirou uma chave e destrancou a porta. Então entrou e pegou Caesar.

– Terei que mantê-lo em uma coleira – disse Kate. – Receio que seja destemido demais. Ele não tem miolos.

– Nenhum?

Kate balançou a cabeça.

– Nenhum que eu possa constatar.

Berwick ergueu a sobrancelha.

Ela sorriu para ele como se estivesse em casa, brincando com Cherryderry.

– Ele é macho. Notei que nesse caso, às vezes, o cérebro simplesmente não faz parte da equação.

Ela e Rosalie deixaram o pátio ao som da risada do mordomo.

Capítulo 15



O piquenique e o passeio de barco se realizariam no fim da tarde, nos jardins que se estendiam atrás do castelo. Tinham uma disposição muito convencional e começavam logo abaixo de um enorme lance de degraus de mármore branco. Havia um labirinto de sebes, um lago com cisnes e tudo o que se poderia esperar de um jardim de castelo respeitável, incluindo uma orquestra, que tocava em um terraço.

Kate usava uma peruca de cor cereja que combinava com seu vestido, uma belíssima túnica com sobressaias da mesma cor, encurtadas para revelar duas camadas, uma em um tom de cereja mais claro e outra em marfim. Ela e Rosalie tiveram uma pequena discussão sobre os enchimentos de cera, mas a camareira insistiu que o vestido seria arruinado pela forma natural de Kate. Ou, para ser mais preciso, por sua falta de forma natural.

– E se eles derreterem? E se eu sentir calor e o suor os deformar? O que farei?

– Não sinta calor – disse Rosalie, com uma lógica impecável.

Algie e Kate caminharam até o longo lance de escada que levava até o jardim e pararam ali no alto.

A orquestra tocava algo delicioso, talvez uma valsa... Kate tinha ouvido falar de valsas e de seu efeito sobre os dançarinos. A música despertava nela uma vontade de erguer as saias e dançar.

– Como eles mantêm essas fontes funcionando? – comentou Algie.

A água jorrava no ar, saída da boca de grandes monstros marinhos de pedra.

– Pode perguntar ao Sr. Berwick – sugeriu Kate. – Creio que ele saiba absolutamente tudo sobre o castelo.

– Eu não vou conversar com um criado – falou Algie, horrorizado. – Pelo amor de Deus, Kate, lembre-se de que você é Victoria. Promete? Minha esposa nunca se rebaixaria de tal maneira.

– Se deseja saber algo, por que não perguntar? – retrucou Kate. – Acho que está sendo esnobe, Algie. O príncipe não será capaz de responder à sua pergunta.

– Como se eu fosse perguntar a *e/e!* – gritou Algie, novamente ultrajado.

Kate suspirou e começou a descer os degraus. Havia mais gente nos jardins do que ela vira nos salões na véspera; aparentemente, os convidados já estavam chegando para o baile.

– Não me deixe sozinha, Algie – pediu ao noivo mal-humorado. – É bem provável que eu encontre conhecidos de Victoria. Sorrirei para todos, mas você deve se encarregar das apresentações.

Algie a fitou brevemente.

– Você está mais parecida com Victoria hoje. Ainda bem. – Então, de repente, ele se deu conta de um detalhe crucial. – Onde estão os cachorros?

– Deixei-os com Rosalie. Pensei que...

– Não, você precisa andar com eles – protestou Algie, estalando os dedos para um lacaio de um jeito que Kate considerava desprezível. – Victoria os leva para todos os lugares, são sua marca registrada. Vá buscar os cães no quarto da Srta. Daltry – ordenou ao lacaio. – E seja rápido. Aguardaremos aqui.

A espera deu a Kate a oportunidade de descobrir onde se encontrava o príncipe. Não foi difícil, pois ele estava cercado por um enxame de moças e seu traje era de uma suave seda amarela. Ao menos ela sabia em que direção não ir.

– Olhe só isso – disse Algie, com voz de espanto.

– O quê? – perguntou Kate, fingindo examinar o lago.

– A casaca do Sr. Toloose tem cinco costuras na parte de trás, e não três.

Ele torceu a própria manga.

– Acho notável que você consiga enxergar tantos detalhes daqui – elogiou Kate. E então, voltando-se para o jovem laçao: – Obrigada! Foi muita gentileza sua.

Ela repreendeu os cães, um de cada vez, com um olhar severo.

– Caesar, pare de latir. Coco, fique longe da água. E Freddy... – Ela fez uma pausa e fitou as orelhinhas sedosas e os olhos doces de Freddy. Ele parecia muito feliz por vê-la. – Bem, você já é perfeito assim. Venham!

Foram descendo os degraus juntos e exibindo-se, com Algie à frente. Ela estava tão ocupada elogiando os cães por não puxarem as coleiras que não percebeu que o príncipe tinha se afastado do bando de admiradoras e esperava no pé da escada para cumprimentá-los.

– Srta. Daltry – pronunciou ele de modo solene, como se a noite anterior nunca tivesse acontecido.

– Vossa Alteza – respondeu ela, fazendo uma profunda reverência.

– Sobrinho – disse o príncipe, voltando-se para Algie.

Algie pareceu travar uma batalha interna para decidir o que falar em resposta, até que finalmente deixou escapar:

– Vossa Alteza, tio.

E se curvou tanto que seu nariz quase roçou nas calças.

– Insisto que me acompanhe em uma volta de barco – convidou o príncipe, erguendo a mão de Kate até os lábios.

Não era nada justo com o resto da humanidade que um príncipe tivesse olhos como aqueles. Mais precisamente, não era justo com as mulheres.

– Talvez eu vá, em algum momento – falou a jovem, recolhendo a mão.

– Agora – disparou ele, meio que a arrastando pelo gramado sem sequer olhar para Algie.

– O que está fazendo? – sussurrou ela, tentando impedir que as coleiras dos cães se emaranhassem em suas saias.

– Levando-a para um passeio no lago, é claro.

Poucos segundos depois, eles estavam na extremidade de um longo barco que lembrava uma vagem, com um laçao na outra extremidade, conduzindo-os.

– Algie, o meu querido noivo, não gostará nada disso – observou ela, imaginando se poderia tirar as luvas e passar os dedos na água.

Era tão bonita, límpida e azul-escura...

– Sim, pode tirá-las – disse o príncipe, adivinhando seus pensamentos. – A esta distância, ninguém verá.

– O que você pretende, me levando neste barco? – exigiu saber, enquanto tirava a luva direita.

– Sabe qual é o assunto daquele grupo de mulheres ali? – perguntou o príncipe, apontando com o queixo na direção da nuvem de sedas e cetins onde ela o avistara antes.

– Não. Aqui... – pediu ela, entregando-lhe a coleira de Caesar. – Pode cuidar dele? Freddy ficará bem e Coco é muito bem-comportada, mas eu não me surpreenderia se Caesar caísse na água ao avistar um peixe.

– Não gosto de cachorros – declarou o príncipe, olhando com desdém para o rabo peludo de Caesar.

– Nem eu – concordou ela, alegre, mas logo lembrou por quem estava se passando. – Com exceção dos meus próprios cãezinhos queridos, é claro.

– Aquelas mulheres estão discutindo sobre sua extraordinária mudança desde a última vez que a viram em Londres, dois meses atrás – comentou o príncipe, recostando-se e olhando-a com um brilho maldoso nos olhos. – Ao que consta, você era *muito* mais bonita há poucos meses, com curvas em todos os lugares certos, e assim por diante.

– Que grosseria – protestou Kate. – Muito cruel da parte delas serem tão críticas depois da minha doença. Mas agradeço a gentileza de me alertar.

– Quem é você, afinal? – disparou o príncipe, inclinando-se para a frente.

– Olhe, acho que estou vendo um peixe, bem ali!

– Não é a Srta. Victoria Daltry.

Ele pegou a mão de Kate, virando-a. Esfregou o polegar lentamente sobre a palma da mão, e os olhos da jovem se ergueram para encontrar os dele.

– Calos. A queridinha da aristocracia não teria calos. Nem depois de um período enferma.

– Bem... – começou Kate.

– Deixe-me adivinhar – arriscou o príncipe, com o tipo de sorriso tentador que de fato deveria ser proibido. – Wick e eu discutimos isso exaustivamente mais cedo.

– Wick?

– Meu irmão Berwick. Ele me contou que você percebeu que ele é meu irmão.

– Talvez eu tenha presumido... – revelou Kate.

– Eu presumo o mesmo – disse o príncipe, triunfante. – Em suma, você não é Victoria Daltry. É um membro ilegítimo da família, que por algum motivo desconhecido substituiu Victoria. O que

explica muitos mistérios: suas mãos, sua apatia em relação aos cães e ao meu pobre sobrinho palerma, sua falta de semelhança com a curvilínea e empoada Victoria e seu conhecimento sobre o tamanho ideal de um chiqueiro.

– Curvilínea e empoada? – repetiu Kate, questionando-se desesperadamente sobre o que responder.

Diante das circunstâncias, afirmar a legitimidade de seu nascimento parecia bastante tolo.

– Uma das damas mais ferinas lamentou o fato de algum médico tê-la obrigado a passar algum tempo ao sol, pois costumava ter uma pele belíssima.

– Ela estava tentando evitar que você notasse seus pés tortos.

– Pode ser – disse o príncipe, gargalhando.

– Vejo que está achando isso uma grande diversão – observou ela, com irritação.

– Bem, você é da família – afirmou ele. – Quer dizer, quando Algernon se casar com a inegavelmente fascinante Victoria, fará parte da minha família estendida.

– Não será maravilhoso? – ironizou Kate, tirando da água uma pequena flor.

Ela olhou de relance para o lacaio de pé na popa do barco, mas o rapaz parecia preocupado em desviar-se dos outros barcos, que avançavam pelo lago com imprudência.

– Virar parente de príncipe. Asseguro-lhe que está na minha lista de objetivos de vida.

– Como na minha pátria, onde eu lhe asseguro que metade da população é da minha família, seja de forma legítima ou não – disse o príncipe. – Então, qual é o seu nome? Wick deu o palpite de que seria Katherine, mas não tinha certeza.

Então Berwick notara o deslize de Rosalie.

– Katherine – admitiu ela. – Embora me chamem de Kate.

– Gabriel – respondeu ele.

– Embora o chamem de Vossa Alteza – completou ela. – E eu também.

– Ninguém pode nos ouvir aqui – declarou ele. Então se recostou, parecendo feliz, e ela percebeu, surpresa, que pela primeira vez ele não a olhava com escárnio. – O que aconteceu com a curvilínea e empoada Victoria?

– Caesar a mordeu – revelou Kate.

Ele olhou para Caesar, que apoiava as patas dianteiras na lateral do barco, observando a água atentamente no caso de ver alguma razão para atacá-la.

– Ele parece inofensivo, mas tem um lado selvagem – acrescentou.

– Devo empurrá-lo do barco? – perguntou Gabriel, solícito. – Com todo esse pelo, ele afundaria como uma pedra. Embora não tão rápido quanto aquela pequena ali. As joias estão coladas no pelo?

– Não são autênticas. São de vidro.

Gabriel se inclinou e examinou Coco mais de perto.

– Na verdade, são safiras. Embora, como um príncipe, eu não saiba o *preço* delas, posso dizer-lhe que este cão, incluindo as joias, vale aproximadamente o mesmo que uma pequena casa nos arredores desta propriedade.

Kate olhou para Coco com certa consternação.

– Não é de admirar que ela seja tão cheia de si.

– Sim, ela é como uma daquelas dançarinas de circo que trazem no umbigo um dote inteiro em joias – comentou Gabriel. – Obviamente perdi uma grande experiência quando Victoria não pôde vir. Ela e eu teríamos tanto sobre o que conversar...

– Também tem o hábito de enfeitar seus cachorros?

– Não tenho cachorros, mas estou disposto a considerar o leão como um substituto.

– Seu leão está desesperado por uma jaula maior – disse Kate, franzindo a testa.

– Céus – comentou o príncipe languidamente. – Receio que estejamos atraindo um pouco de atenção.

Kate olhou em volta e viu que o lago agora estava repleto de barcos, e a maioria parecia cheia de aristocratas que esticavam o pescoço na direção do barco do príncipe.

– Maldição – murmurou. Ela sacudiu a água da mão, mas não havia onde secá-la. – Tem um lenço?

– Não – disse o príncipe, parecendo se divertir.

– Suponho que tenha criados que carreguem esse tipo de coisa no caso de um espirro.

– Você também não tem um lenço – retrucou ele.

– Não tenho espaço na bolsa. Está cheia de queijo.

– Eu realmente achei que você tinha um cheiro interessante! A maioria das damas exala um perfume bastante francês.

– Enquanto eu cheiro a laticínios – respondeu ela, resignada. – Qual é o cheiro das damas francesas?

– De flores – respondeu ele, sorrindo. – Ou de suor. Depende.

Kate não estava ouvindo o que ele dizia. Só pensava que não poderia secar a mão na seda cereja do vestido, pois ficaria manchado.

– Não olhe – ordenou ela, levantando rapidamente a seda cereja e as duas camadas inferiores até chegar ao delicado linho do *chemise*.

Ele olhou.

Claro que olhou.

Ela sentiu os olhos do príncipe e ergueu os dela. Ele tinha um sorrisinho engraçado no rosto.

– Não era para olhar! – bradou a jovem, jogando as saias sobre o tornozelo.

Ele se inclinou para a frente.

– Gosto dos seus sapatos.

Também eram de seda cereja, com salto baixo, e bastante irresistíveis.

– Obrigada – respondeu Kate, tranquila.

Ela tinha bastante convicção de que um cavalheiro não deveria ver os tornozelos de uma dama, mas com certeza os sapatos deveriam ser admirados!

Ele pegou sua mão, ainda sem a luva, e levou-a aos lábios. Os olhos dele cintilaram, uma espécie de convite selvagem, uma tentação.

– Embora não tanto quanto seus tornozelos. Tornozelos como esses...

– São apenas tornozelos.

– Sim, mas nunca se deve deixar um homem ver seus tornozelos.

– Eu sei disso – retorquiu ela, puxando a mão. – Não fui criada em um galinheiro.

Os olhos dele estavam divertidos agora, mas com uma aura ardente e sedutora, um calor que fazia o estômago de Kate se retorcer...

– Nunca se deve deixar um homem ver seus tornozelos – repetiu ele –, pois, se forem tão belos e perfeitos como os seus, revelam muita coisa sobre sua dona.

Ele virou a mão dela e a tocou com os lábios, por apenas uma fração de segundo.

– Revelam o quê? – quis saber ela, incapaz de se conter.

Ele se inclinou para a frente.

– O resto do corpo de uma mulher. A curva de um tornozelo revela a curva da cintura, da coxa de uma mulher, de suas costas... e de outras partes.

Os olhos dele se demoraram nos seios da jovem.

Antes que pudesse se conter, Kate deixou escapar uma risada. E cobriu a boca com a mão.

– Está rindo do meu elogio? – O rosto dele era totalmente indecifrável.

– Desculpe-me – disse ela, mas não conseguia se controlar. – Acho que sim.

– Por quê?

Kate endireitou as costas, o que fez sobressair o enchimento que sustentava seus seios de verdade.

Ele ficou intrigado.

– Sabia que Algie usa enchimento no tórax? – disse Kate. – E *você*, usa?

Mas olhou para o casaco dele e percebeu que não. O tórax do príncipe era duas vezes maior que o de Algie, mas era puro músculo.

– Não.

– Algie também usa almofadinhas costuradas nas coxas das calças – contou ela.

– Ele tinha um traseiro muito gordo. Deve ter perdido toda aquela carne de alguma forma – comentou o príncipe. – O que é isso? Ah!

Seus olhos se fixaram diretamente nos seios dela.

Ela sorriu para ele.

– Um conselho para Vossa Alteza: eu não consideraria a curva do tornozelo como uma previsão totalmente confiável das curvas de uma mulher.

Ele ergueu os olhos e, para a surpresa de Kate, sorriu com aquele brilho feroz do desejo no olhar, o que a deixou com calor na mesma hora.

– Não faça isso – pediu ela. – Parece um bode velho.

– Você praticamente me instruiu a olhar para seus seios.

– Isso que você está vendo se encaixa no rótulo apenas em teoria – ressaltou ela.

Ele bufou.

– Pode haver algum tipo de enchimento, Kate, mas o que vejo é desejável, voluptuoso, delicioso...

Kate não pôde conter o sorriso.

– Sabe, só porque não sou Victoria não significa que eu esteja disponível para ser seduzida.

– Eu sei disso – respondeu ele, recostando-se de volta. – Tampouco estou seduzindo você.

– Que bom – falou Kate. – Caso contrário, eu poderia ficar bastante confusa. Sendo um príncipe e tudo o mais, e provavelmente esperando que as mulheres caíam em seus braços... poderia deduzir que sou uma leiteira, por causa do meu adorável *parfum de fromage*...

Ele riu.

– Eu de fato considerei roubá-la de Dimsdale, mas isso quando você era Victoria, com muito dinheiro para esbanjar com seus cachorros.

– Por que precisa de uma herdeira? – quis saber ela. – Berwick...

– Wick – corrigiu ele.

– Wick deu a entender que o castelo pode se sustentar sozinho.

– Com modéstia, o que deixaria minhas tias infelizes. Dinheiro nunca é demais.

Kate olhou para ele. Eram quatro horas e os raios de sol se inclinavam, dourados, através do lago. O cabelo de Gabriel se soltou da fita que o prendia e alguns fios caíram-lhe no rosto. Ele estava orgulhoso, majestoso e absolutamente triunfante por ter descoberto seu segredo.

Não parecia ganancioso.

Apenas arrogante.

O silêncio dela parecia incomodá-lo, e ele disse:

– O dinheiro pode comprar a liberdade.
– Liberdade – repetiu ela. – Libertar-se do quê? Você não é o leão.

– Ora, por Deus, pare desse falar desse leão!

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Eu nunca falo com ninguém assim – desculpou-se ele, com o arrependimento doce de um menino.

– Obviamente eu desperto o pior em você.

– Sim, vamos dizer que a culpa é sua. De qualquer forma, eu gostaria de ter dinheiro suficiente para poder deixar minha esposa no comando aqui, com tias, tios, leão e tudo o mais, e partir.

– Partir? Para onde? Voltar para Marburgo?

– Não!

– Para onde, então?

– Já ouviu falar de Dido e Eneias?

Ela balançou a cabeça.

– São personagens históricos ou literários? Devo admitir que tive uma educação muito deficiente. Falo um pouco de francês e li a maior parte da obra de Shakespeare, mas fora isso sou uma ignorante.

– Uma ignorante que, por acaso, sabe o tamanho de um chiqueiro – disse ele, pensativo.

– Sim, sou cheia de conhecimentos encantadores desse tipo – respondeu ela. – E quanto a Dido? Ela tem um nome muito pouco atraente, devo dizer.

– Era a rainha de Cartago. E se apaixonou por Eneias, mas ele foi obrigado pelos deuses a continuar sua jornada e encontrar a cidade de Roma... E assim fez. Por tristeza, ela se atirou em uma pira funerária quando ele partiu.

Ele parou.

– Ela se imolou por amor?

O príncipe confirmou com a cabeça.

– Ficção – declarou Kate. – Nenhuma mulher seria tão tola. Acha que o laçao consideraria impróprio se você abotoasse minha luva? Receio que não consiga fechar todos esses botões.

– O problema não é o laçao, são os outros. É melhor você se sentar ao meu lado para que eu possa fazer isso sem que ninguém veja.

Ele deslizou para a direita no banco.

Kate levantou-se, se virou rápido e sentou-se ao lado dele. Ele era muito grande, e sua perna ficou colada à dela. A jovem sentiu o rubor lhe subir ao rosto.

Aquele brilho tinha voltado aos olhos do príncipe.

– Está bem? – perguntou ele. – Vamos calçar a luva.

De modo relutante, Kate estendeu-lhe a mão direita. Os pequeninos botões de pérola da luva subiam-lhe até depois do cotovelo. O príncipe inclinou-se sobre o braço dela. Seus cabelos não eram tão escuros quanto ela pensava. Eram de um castanho acobreado e com alguns fios mais claros, a cor da terra após ser revirada para a lavoura.

Uma comparação nada romântica, pensando bem.

– Sabe que as damas – comentou ele, fechando a última pérola – nunca se sentam ao lado de cavalheiros, não sabe?

– Nem mesmo de príncipes?

– Só se esperam se tornar princesas.

– Eu não espero – afirmou ela, de imediato.

Ficou feliz por ter sentido uma aura de sinceridade na própria voz.

– Eu sei – disse o príncipe. – Kate, não é?

– Sim, Vossa Alteza.

– Gabriel. Não quer saber mais sobre Dido?

– Não. Parece uma mulher extraordinariamente tola.

– Dido era uma personagem literária, sim – explicou ele, ignorando a resposta. – Mas também pode ter sido histórica. E,

neste exato momento, um ex-professor meu, Biggitstiff, está escavando uma cidade antiga que pode ter sido a cidade de Dido, Cartago.

Se houvera uma aura de sinceridade na voz dela ao falar de casamento, havia uma aura de verdadeiro anseio na voz dele quando o assunto era Cartago.

– Vá para lá, então – sugeriu ela, espantada.

– Não posso. Tenho este castelo.

– E daí?

– Você não entende. Quando meu irmão Augustus, metaforicamente, limpou seus estábulos, expulsou todo e qualquer indivíduo que não considerasse devoto o suficiente.

– Entre eles o leão e a elefanta? – indagou Kate. – Eu entenderia se ele assim julgasse Coco, que com certeza não admite nenhum deus acima de si mesma, mas a elefanta? E a macaca?

– Creio que isso aconteceu só porque a esposa dele se cansou do cheiro. Mas todos os outros foram expulsos com todos os pertences... e ficaram aos meus cuidados.

– Está dizendo que se casará com uma princesa russa para poder sustentá-los?

– Sim – confirmou ele, sem rodeios. – Não só o dote é essencial, como poderei deixá-la aqui para comandar o castelo.

Kate ficou de pé na mesma hora e voltou a se sentar diante dele.

– Acho que devíamos ir para a margem – declarou. E continuou: – Só quero me certificar de que entendi direito. Você se casará para sustentar todos esses parentes e, depois que deixar sua esposa responsável por eles, partirá para Cartago, onde quer que seja isso. Bem, presumo que não fique em Lancashire pois as inglesas *nunca*, nem mesmo na literatura, se lançariam no fogo por amor.

– Você faz parecer uma atitude bem egoísta – disse ele, bastante animado –, mas casamento é isso, não é? – Ele acenou

para o laçao e apontou para a margem. – Afinal, ela ganhará meu título. E, com meu inestimável dom para determinar o valor das coisas, posso lhe afirmar que ser uma princesa vale muito. Ainda que você não demonstre interesse.

– Não consigo acreditar que você tenha pensado em seduzir Victoria para tirá-la dos braços do noivo – reprovou-o Kate. – Ela está muito apaixonada por Algie. E ele é seu *sobrinho*.

– Sim, mas é tão difícil sentir lealdade para com ele – respondeu o príncipe, com consternação. – Embora suponha que, agora que a conheci, eu devesse tentar.

– Não tenho laços com Algie.

– Mas, se meu palpite sobre seu parentesco estiver certo, você é cunhada dele, ou logo será.

– Então você aprovará o casamento? – quis saber ela, decidindo não fazer comentários sobre seu parentesco. – Algie ficará muito feliz. Se estiver de acordo, partiremos esta tarde, pois, com todas as damas reparando na minha figura nem um pouco atraente, esta visita está sendo bem enervante.

– Não.

Kate ficou atordoada. Eles estavam alcançando a margem agora, o barco batendo no peitoril de mármore que cercava o lago, por isso ela imaginou que talvez tivesse ouvido errado.

– Você disse que não?

– Você ficará para o baile.

Ele cruzou os braços, decidido.

– Não seja louco. Alguém pode perceber que não sou Victoria. E, agora que você sabe a verdade, não tenho motivo para ficar.

– Você ficará porque eu quero que fique.

– *Você* pode querer – vociferou a jovem –, mas...

Ele saltou para a margem e estendeu-lhe a mão. Ela saiu do barco, furiosa, e ele disse em seu ouvido:

– Dimsdale não vai desobedecer a uma ordem minha, Kate.

Não mesmo! Maldição! Ela se virou e agradeceu ao laçao por lhe entregar os cachorros.

– Bem – disse ela –, Vossa Alteza pode ir andando e agir como um príncipe agora.

– Venha e dance – pediu ele, estendendo-lhe a mão mais uma vez.

– Você deve estar louco. Caesar, comporte-se!

Um dos cisnes nadava perigosamente perto da margem, ao menos na opinião de Caesar. Por sorte, nenhum havia se aproximado do barco para cumprimentá-los.

– Venha – insistiu ele.

– Vossa Alteza...

– Quero que me chame de Gabriel! – ordenou ele, com os dentes cerrados.

Kate fitou a expressão ameaçadora dele e revirou os olhos.

– Gabriel – disse ela, quase sussurrando. – Sou a leiteira, lembra-se? Tive uma preceptora por apenas três ou quatro anos e não sei se me lembro de como se dança. Não tenho o menor desejo de tropeçar diante dos conhecidos de Victoria.

– O que planeja fazer no baile?

– Enrolarei um lenço no tornozelo e fingirei que Caesar me deu uma rasteira. – O bode expiatório estava puxando a coleira, como o monstrinho que de fato era. – Caesar!

O cachorro se virou para ela, que lhe ordenou que se sentasse. Depois, recompensou-o com um pedaço do queijo que retirou da bolsa.

– Vossa Alteza – disse Wick, surgindo ao lado deles. – Srta. Daltry. – Ela teve a impressão de que o mordomo dera ao seu nome uma sutil ênfase maliciosa. – Odeio interromper, mas a condessa Dagobert chegou e deseja cumprimentá-lo.

– Espere aqui – pediu Gabriel a Kate, afastando-se sem olhar para trás.

– Que se dane – murmurou Kate. – Venham, cães.

Ela tomou a direção oposta à do príncipe. Coco ia andando na frente. As safiras coladas nos pelos da cachorra refletiam o pôr do sol, fazendo parecer que o animal carregava no pescoço uma auréola reluzente.

Ali estava o dinheiro que deveria ter sido usado para consertar o telhado dos chalés, pensou Kate. E seu dote. Ela não tinha nenhuma dúvida de que Mariana tinha botado as mãos nele.

“Ela pegou meu dote... e o colocou em um cachorro.”

Capítulo 16



Kate ouviu alguém gritar seu nome – seu verdadeiro nome, não o de Victoria – e, ao se virar, encontrou lady Wrothe acenando da beirada do labirinto de sebes. Henry usava um vestido leve com listras violetas e verdes, muito elegante, com babados enfeitando o decote. Ao se aproximar, Kate percebeu que era muito bom que houvesse babados ali, caso contrário os seios de Henry estariam totalmente expostos.

– Querida! – exclamou Henry. – Venha aqui agora! Que ideia foi essa de desfilarmos pelo lago com aquele príncipe? Seu noivinho está andando por aí com cara de cachorro que perdeu o osso, o que convenceu todo mundo de que você é de fato a libertina da sua irmã. E, claro, todos acham que o príncipe está tentando roubar-lhe a virtude.

– Fale baixo – pediu Kate. – Alguém pode ouvir.

– É impossível ouvir qualquer coisa aqui – falou Henry. – Não notou? Acho que é por causa de toda essa água. Eu estava tentando desesperadamente ouvir a briga de lady Bantam com o marido, mas não consegui entender nada além de alguns insultos à barba que ela tem e às partes flácidas dele, como se já não soubéssemos disso.

– Ela tem mesmo uma barba? – perguntou Kate. – Venha, Caesar. Vamos andar nesta direção.

– *Cães* – disse Henry, reparando neles pela primeira vez. – Diga-me que fazem parte da sua fantasia, querida, porque simplesmente não suporto esses animais. Recuso-me a recebê-los em Londres, quando você vier morar comigo.

– São de Victoria – explicou Kate.

– Ah! – guinchou Henry. – Eu me esqueci dos animais que tentaram arrancar o nariz da sua irmã. – Fitou-os com horror. – Tenho uma adaga cravejada com joias, sabe? Posso lhe dar para que você se defenda de ataques repentinos. Em geral, eu a coloco entre os seios para chamar atenção, mas a ponta é bem afiada.

Freddy olhava para Kate com sua habitual expressão de completa adoração.

– Este é Freddy – apresentou Kate –, e aquela ali com as joias é Coco. E Caesar é o sujeitinho durão logo ali.

Caesar estava rosnando para um pardal, provavelmente para se manter em forma.

– Bem – disse Henry após observá-los por um momento –, eles não parecem bestas ferozes. – Apontou para Coco. – Eu até que gosto dessa aqui. – Ela tem um jeito de quem sabe seu valor, e acredite em mim, querida, isso é o bem mais precioso de uma mulher.

– Coco é muito vaidosa – comentou Kate, rindo.

– Vaidade é outra palavra para autoconfiança – disse Henry, sacudindo o leque no ar. – Não há nada mais atraente para um homem. Ela está enfeitada com pedras preciosas ou vidro?

– Pedras preciosas – informou Kate.

– E ela pertence a Mariana? Por estranho que possa ser, aparentemente temos mais em comum do que apenas seu pai. Gosto da ideia de um cão com joias. Talvez eu arranje um daqueles grandes cães russos, do tipo que a nobreza de lá costuma criar, e o cubra inteirinho com esmeraldas. Não seria lindo?

– Vamos experimentar o labirinto – falou Kate, ansiosa por se afastar dos ouvidos dos convidados.

– Não há necessidade de ser tão enérgica – disse Henry. – Eu só estava aqui me escondendo do sol. Estou com saltos muito altos, que não foram feitos para desfilarem entre arbustos.

– Parecem bastante desconfortáveis.

– Mas valorizam meus tornozelos. É absolutamente terrível envelhecer, então é preciso tirar partido daquilo que não se altera.

– Tornozelos?

– E seios – confirmou Henry. – Acredito que já teriam se transformado em duas coisas flácidas se eu houvesse tido a sorte de ter um filho. Sem bebês, ainda são fabulosos; mas os de minhas amigas estão tão enrugados quanto ameixas velhas.

– Não tenho nada – disse Kate. – Caso não acredite, devo dizer que isso aqui é cera.

– Como salientei ontem à noite, são grandes demais para sua silhueta. Os meus são praticamente de cera também, é claro. Chamo-os de meus melhores amigos. – Henry tinha uma risada travessa e encantadora. – De qualquer modo, para os homens, o que importa é o que aparece por cima. Aliás, encontrei o cavalheiro perfeito para você.

Kate parou.

– Encontrou?

– É. Não sou brilhante? É um primo de segundo grau da família de Bartholomew, meu segundo marido; mas agora também está ligado, não sei bem como, a Leo... que, aliás, já está fora de si. Despachei-o em um daqueles barcos e orientei o criado a não trazê-lo de volta a terra firme antes da hora do jantar. Assim, ele já deve ter recuperado o equilíbrio o bastante para me acompanhar na refeição.

– Você não se incomoda?

– Não – disse Henry. – Sabia que ele não era perfeito quando me casei, mas é suficientemente perfeito. Bebe demais; no entanto, até agora... – ela lançou um olhar travesso para Kate – ... tem conseguido executar o que lhe é exigido.

Kate soltou uma gargalhada.

– Que bom! – exclamou Henry. – Graças a Deus você entende uma piada. Nunca se sabe com as virgens.

– Não levei uma vida muito protegida nos últimos anos – confessou Kate.

– Não se preocupe – disse Henry. – Desde que você não seja tão tola quanto sua irmã, não há necessidade de criar caso por causa de um pouquinho de liberdade antes do casamento. Basta gritar bem alto na noite de núpcias e seu marido nunca vai saber.

– Ah! Não estava me referindo a *isso* – protestou Kate.

Henry deu de ombros.

– Está na moda ser uma donzela quando se está noiva, porém, se você quiser apostar o bolo da festa em relação à maior parte das núpcias da nossa aristocracia, acabaríamos ficando com um bocado de champanhe e nenhum bolo.

Kate pensou sobre aquilo. A mãe lhe dizia, com delicadeza, que a virtude de uma mulher era seu único bem verdadeiro. Henry, com certeza, tinha um ponto de vista diferente.

– Não quero terminar como minha irmã.

– A única coisa notável em Victoria é que sua mãe não lhe ensinou nada sobre bebês. Fora isso, ela resolveu muito bem sua vida. Aquele rapaz espalhafatoso dela tem uma bela propriedade. E com certeza está apaixonado.

– Algie só propôs casamento ao ser encurralado por minha madrasta e descobrir a gravidez.

– Sua irmã foi tola de ter se entregado a ele antes de receber a proposta de casamento, mas, no final das contas, acabou conseguindo que ele se comprometesse.

– Com a minha sorte, eu acabaria criando um filho no interior, fingindo ter um coronel morto como marido – ressaltou Kate.

– Você tem uma sorte maravilhosa – falou Henry. – Tem *a mim*. Informei Dimsdale, há alguns minutos, que eu a havia reconhecido e ele não parou de falar sobre como Victoria é perfeita. Temo que não esteja atendendo às expectativas dele como noiva, querida. Ele está preocupado por você ter ficado ali no lago, manchando a reputação de sua futura esposa. Você deveria dormir com o príncipe só para aborrecer o sujeito.

– É ir longe demais só para aborrecer meu cunhado.

– Bem, você não pode dizer que seria um sacrifício – declarou Henry. – O homem é lindo como Paris num dia de verão.

– Demais – disse Kate. – Fica dizendo que não está me seduzindo, mas...

– Claro que está – afirmou Henry. – E por que não deveria? Ele é um príncipe, afinal.

– Isso não dá a ele o direito de levar para a cama qualquer mulher que atravessa seu caminho. Caesar, saia daí!

De alguma forma, haviam chegado ao outro lado do labirinto sem passar pelo centro e acabaram encontrando o restante da coleção de animais. Havia um curral cheio de bodes peludos e fedorentos e um outro que abrigava um avestruz.

– Olhe para aquela ave – disse Henry. – Com aquele pescoço, parece um homem baixo torcendo-se todo para olhar dentro do decote de uma mulher. Nós deveríamos retornar ao lago e encontrar o marido que escolhi para você.

– Qual é o nome dele? – perguntou Kate, dando um puxão forte na coleira de Caesar. – Venha cá, seu animalzinho miserável.

– Seu futuro marido? Dante. Por que não solta o cão? O pássaro está de olho nele, está vendo? É provavelmente como uma daquelas cobras que engolem coelhos. Caesar o alimentaria por dias.

– Caesar pode não ser adorável, mas passei a estimá-lo bastante – disse Kate, na esperança de que fazer tal afirmação em voz alta a tornasse verdade.

– Bem, *nesse* caso – falou Henry de forma arrastada, deixando claro que percebia a mentira –, por que você não me deixa levar um pouco aquela com as joias e fica com Caesar, o leão? Detesto cães, é verdade, mas talvez ela seja aceitável.

Então Kate lhe entregou Coco. Encontraram algumas pessoas na volta, no labirinto, mas Henry apresentou Kate – como Victoria – com tamanha familiaridade que ninguém ousou dizer uma palavra sobre sua milagrosa perda de peso.

– Como me apresentará a seu primo? – perguntou Kate. – Terá que me chamar de Victoria, e isso não vai funcionar.

– Ah, diremos a verdade – afirmou Henry. – E vamos dar a entender que precisamos da ajuda dele. É do tipo que não seria capaz de resistir à oportunidade de resgatá-la. Não vai aprovar, não completamente. Afinal, querida, você *disse* que queria alguém que não saísse da linha. Dante nunca roubou, nem de brincadeira, quando era criança. E não pense que, por causa do nome exótico, é italiano. Ele deveria se chamar John ou coisa parecida, pois não é nada extravagante.

A imagem do príncipe indócil e esplêndido passou pela mente de Kate, que tratou de afastá-la.

– Parece perfeito – falou com firmeza. – Não quero ninguém extravagante.

– Ele tem bastante dinheiro, então você não precisa temer que ele queira dar o golpe do baú.

– Não estou preocupada com isso, pois tenho certeza de que você está enganada em relação a meu dote. – Kate lançou um olhar de lamento para a madrinha. – Pensei no assunto, na noite passada. Se minha mãe tivesse me deixado todo aquele dinheiro, teria me dito alguma coisa. Em uma daquelas tardes que

passávamos juntas, só nós duas, enquanto meu pai estava em Londres. Ela me ensinou a bordar, a fazer reverência para uma rainha e a usar o garfo e a faca.

– Ficou doente por tanto tempo, coitada – disse Henry.

– Ela foi ficando cada vez mais fraca – contou Kate, sentindo um nó na garganta. – De qualquer modo, não acho... eu entrei no quarto de minha mãe certa manhã e ela... já tinha partido.

– Você vai me fazer *chorar*.

– Eu só... – Kate respirou fundo. – Ela teria me contado.

– Ela achou que teria mais tempo. Sempre achamos que temos mais tempo. É uma substância milagrosa que parece existir em grande quantidade, até que, de repente, acaba – falou Henry, num tom de voz que fez Kate morder o lábio.

– Meu primeiro marido era mais velho e eu borboleteava pela cidade, me comportando de um jeito inapropriado para uma jovem esposa. Mas isso não queria dizer que não o amava. Eu amava. Quando ele morreu, gritei durante dias. Gritei mesmo. Odiei a mim mesma por cada momento que passara com outras pessoas, longe dele.

– Sinto muito – disse Kate, tocando no braço dela.

– É isso. Nunca sabemos quanto tempo temos para estar com os outros – declarou Henry, virando a cabeça. Seus olhos mostravam frieza, mas brilhavam. – Até mesmo seu falso noivo, explodindo de arrogância em seu belo colete púrpura, pode desaparecer amanhã.

– Victoria ficaria...

– Claro que sim – interrompeu Henry. – Mas o que quero dizer é que não podemos viver assim, nos lembrando a todo momento que o fim está chegando. Sua mãe não calculou o tempo que lhe restava porque adorava estar com você. Ela se permitiu esquecer que a morte se aproximava. Por isso nunca lhe falou do dinheiro. Sabia que ele estava lá. O mais importante é entender por que *seu pai* nunca o mencionou.

– Na verdade, depois que minha mãe morreu, ele chegou a dizer que ela havia deixado um dote para mim, mas eu estava tão arrasada que não quis conversar sobre o assunto. Então ele partiu e, quando voltou para casa, trouxe Mariana. E no instante seguinte ele também estava morto.

– Típico de um homem. Sempre morrem de forma inconveniente.

Deixaram o isolamento do labirinto e se depararam com os jardins lotados de damas e cavalheiros elegantes.

– Dante é muito parecido com Bartholomew – informou Henry. – Meu segundo marido, antes de Leo. Ele era muito decente. Só preciso encontrar Dante e arrastá-lo para algum lugar, para lhe contar a história. Levando você junto, claro.

– Espere. Não quero conhecê-lo assim – disse Kate, segurando-a pelo braço.

– Bom, então como deseja conhecê-lo?

– Não com essa peruca – declarou Kate.

– É melhor que a de ontem. Nunca vi essa cor cereja e pelo menos deixa você elegante.

– Não podemos esperar um pouco e encontrar com ele em outra data, quando eu estiver como eu mesma?

– Não, não podemos – afirmou Henry. – Ele está a ponto de se declarar a Effie Starck. Ela é praticamente uma octogenária, já deve ter uns 22 anos.

– Eu tenho 23!

– Esqueci isso. Olhe, ela está tão desesperada que partiu para cima de lorde Beckham debaixo da mesa, e ele enfiou o garfo nela. Ou o contrário, ela enfiou o garfo nele. Depois, ele contou para todos que achou que havia um vira-lata debaixo da mesa, mordendo sua calça. Não quero que ela chegue perto do pobre Dante.

– Eu ainda prefiro ser apresentada a ele em Londres.

Henry virou-se para ela.

– Só queria estar com uma aparência melhor quando conhecer seu... quando conhecer o *Sr. Dante* – confessou Kate.

– Ele não é o *Sr. Dante*. – Henry falou de um jeito um tanto ofendido. – Eu nunca casaria minha afilhada com um mercador italiano. Ele é *Dante Edward Astley, lorde Hathaway*.

– Parece que meus seios estão derretendo. Quer dizer, as partes de cera – disse Kate, desesperada. – E essa peruca está me fazendo suar. Além disso, prefiro que os cachorros não estejam por perto ao encontrá-lo.

Henry examinou-a.

– Realmente você parece estar com calor. E a peruca cor de cereja não ajuda.

– Vou para o meu quarto – decidiu Kate. – Pode me entregar Coco?

– Vou ficar com ela – afirmou Henry, de uma forma um tanto surpreendente. – Gosto do jeito como ela anda. Dá para notar, só de olhar, que ela prefere ficar por aqui exibindo suas joias a permanecer trancada no quarto.

Kate olhou para baixo e encontrou Coco posicionada junto à barra do vestido de Henry, como se soubesse que seu visual multicolorido complementava muito bem a seda listrada.

– Devolva-a quando quiser.

– Use uma peruca diferente hoje à noite – falou Henry. – Vou pedir àquele demônio atraente do *Berwick* para nos sentar próximas a *Dante*. Tem alguma peruca de que você realmente goste?

– Não – confessou Kate. E acrescentou, com algum desespero: – Meu cabelo é meu único ponto forte, Henry. Por favor, seria possível evitar *lorde Hathaway* até que eu possa conhecê-lo como sou?

– O cabelo é seu único ponto forte? – zombou Henry. – Olhe para Coco.

Kate obedeceu.

– Ela é a migalha de animal mais fútil que já vi, mas se mostra totalmente irresistível. Ninguém vai subestimá-la. Mas você... quando diz que o cabelo é tudo o que tem, então ele *se torna* tudo o que tem. Precisa se dar conta de que isso não é verdade. Entre outras coisas... e não tenho tempo para enumerar tudo... você tem olhos totalmente devastadores. Da cor dos de Victor, é claro. Ele tinha um lindo cabelo louro-escuro, como um leão, e aqueles olhos verdes. Era uma visão e tanto.

– Victoria mandou uma peruca azul que combina mais com meus olhos do que essa vermelha – sugeriu Kate.

– Use-a, então. Vou resolver a questão com Berwick. Seja corajosa e esteja pronta! Dante está no ponto para ser colhido e não quero que Effie o agarre antes de você.

Capítulo 17



Gabriel estava visivelmente incomodado. Tinha saído para se encontrar com lady Dagobert e fora importunado por uma multidão de damas e por uma jovem em especial. Ela empoara o rosto de tal forma que seus olhos reluziam como pedaços de carvão, a chama do desejo emanando de seu rosto branco.

Só conseguiu escapar depois de agarrar o braço de Toloose, que por um feliz acaso passava por ali naquele exato momento, e fingir que os dois eram velhos amigos.

– Srta. Emily Gill – disse Toloose. – Não pode culpar a pobrezinha. Herdou o lado materialista do pai e a papada da mãe.

– Nem reparei na papada – balbuciou Gabriel, caminhando depressa. – Os olhos me fizeram recuar a ponto de eu quase cair no lago.

– No ano passado, ela estava decidida a me conquistar – contou Toloose, animado. – Só desistiu quando lhe contei que planejava deixar todo o meu dinheiro para a assistência aos pobres.

– Então você tem dinheiro? – perguntou Gabriel.

– Tenho. Não é uma sorte? Bem, no momento não muito, mas algum dia me tornarei um visconde, embora espere sinceramente que meu pai chegue aos 100 anos. Isso faz com que eu receba bastante atenção de damas como Emily Gill. Ela me olha e vê pilhas de moedas de ouro. Naturalmente, ela olha para *você* e vê pilhas

de moedas de ouro com coroas. Por isso, você precisa ser bem mais repelente do que eu, pelo menos até estar casado e seguro com sua princesa.

– Viu a Srta. Daltry?

– Desapareceu no labirinto com lady Wrothe. Gosto de Henry. Ela é vulgar, mas tem o tipo de vulgaridade que se espera de uma rainha. É uma pena que não seja 20 anos mais jovem. Seria uma grande princesa.

– Vamos atravessar o labirinto.

Tolouse ergueu a sobrancelha.

– Não faça mais um de seus comentários astutos – rosnou o outro. – O castelo está lotado de gente fazendo observações semelhantes.

– Astúcia e risos forçados são a matéria-prima de nossas damas – disse Tolouse, voltando-se, muito obediente, para o labirinto.

O que, na mente de Gabriel, explicava por que Kate era tão fascinante. Não agia com esperteza, não ria forçado e não era particularmente bela – ainda mais com a ridícula peruca vermelha que usava naquele dia. Também não era uma dama.

Então por que ele a perseguia labirinto adentro? Afinal, não a tomaria como amante – ou tomaria?

Ela jamais seria sua amante. Era feroz demais, com sua língua afiada, para se acomodar numa bela casinha no interior. Entretanto, ele podia se imaginar viajando para lá, jogando-se do cavalo, jogando-se sobre ela...

Quando alcançaram o centro do labirinto, ele caminhava tão depressa que havia deixado Tolouse para trás. Mas não havia ninguém ali, apenas uma clareira tranquila abrigando um pequeno chafariz. A água saía da boca de cavalos-marinhos sorridentes que enfeitavam a beirada.

Gabriel se sentou na beirada de mármore, onde não seria respingado pela água, e pensou no que tinha acontecido com ele.

Era óbvio que não tomaria a irmã ilegítima da noiva de seu sobrinho como amante. Não que ela tivesse demonstrado interesse pela posição. E ele se considerava um homem decente, prestes a se casar.

Quanto mais rápido Tatiana aparecesse, melhor seria. Uma esposa poderia impedi-lo de desejar com tanta intensidade mulheres de sorrisos ferozes e olhos sorridentes, que se enfeitavam com perucas vermelhas e fingiam ser debutantes.

Ao finalmente chegar à clareira, Toloose olhou para a fonte com um ar decepcionado.

– Eu esperava encontrar algo mais acolhedor depois de toda essa caminhada – disse ele, tirando as luvas e, depois, o casaco. – Meu Deus, como está quente.

– Que tipo de acolhimento imaginou?

– Algumas *chaises longues*, mesmo que fossem de pedra. Com beldades relaxando nelas; beldades que *não* fossem de pedra.

– Essa é uma conversa de homem solteiro – disse Gabriel. – Vou me casar.

– Já ouvi falar de esposas que se permitem um pouco de acolhimento.

– Está procurando uma esposa?

– De forma alguma – respondeu Toloose, encolhendo-se de horror à ideia. – A maioria das mulheres daqui se parece com setters ingleses, com a diferença de que as sardas ficam melhores nos cães.

– A aparência não é tudo – declarou Gabriel, pensando em Kate e em seu rosto magro e intenso.

– Sou intrinsecamente fútil – disse Toloose, instalando-se na larga beirada de mármore em torno do chafariz. – Que alívio, meu rosto está sendo borrifado. Não sei por que está provocando nossas donzelas inglesas. Embora eu odeie lhe lembrar isto, seu baile de noivado acontece dentro de alguns dias.

– Eu sei – reconheceu Gabriel, inexplicavelmente deprimido. – Minha noiva deve chegar amanhã ou depois.

– Recebeu uma imagem dela? – perguntou Toloose.

– Não.

– Então não faz a mínima ideia da aparência de sua futura esposa? Isso é tão medieval. Mas eu não me importaria.

– Não me importo – falou Gabriel. – Meu irmão arranhou tudo depois que embarquei para a Inglaterra.

Houve um momento de silêncio.

– Como disse, a aparência não é tudo – sugeriu Toloose. – Veja a Srta. Daltry, por exemplo. Quando a conheci, achei que fosse do tipo fútil, cheio de risadinhas. Mas a doença deve ter-lhe fornecido estrutura. Está mais apetitosa agora, embora magra como um graveto. Você não viu como era suculenta há alguns meses.

– Não – disse Gabriel.

A voz veio como um grunhido, de algum lugar no fundo do peito.

Toloose não reparou. Estava feliz da vida balançando a mão no jorro de água da fonte.

– Presumo que esteja bastante consciente dos encantos da Srta. Daltry, já que saiu correndo pelo labirinto atrás dela. Ela deve ter estado à beira da morte; a diferença é tão marcante! A única coisa que permanece igual é seu busto, o que me faz suspeitar que...

Sem pensar, Gabriel saltou sobre ele, imobilizando-o.

– Aquele busto não é para você.

Toloose ficou paralisado.

– Solte-me – disse lentamente.

Gabriel ergueu a mão, sentindo-se tolo.

– Meu Deus – falou Toloose. – Se está planejando roubar a noiva de seu sobrinho, vá em frente. Não precisa interpretar o Príncipe Selvagem das Estepes. Assisti a peça e não gostei.

– Sou um idiota – declarou Gabriel. – Desculpe-me.

Toloose ficou de pé e recuperou seu casaco.

– Só fiquei surpreso diante de sua postura tão masculina e provinciana.

– Também me surpreendi. E não vou roubar a noiva de meu sobrinho.

Tolouse voltou-se e o fitou.

– Então por que se deu o trabalho de defender o busto dela?

Era uma boa pergunta. Alguma espécie de loucura induzida por Kate, concluiu.

– Ela não gosta de mim.

– Detesto destruir suas ilusões – disse Tolouse, incisivo –, mas ela provavelmente não é a primeira pessoa a reagir dessa forma a seus encantos.

Gabriel deu um sorriso triste. Era merecido.

– Talvez eu esteja tendo uma reação nervosa aos avanços da Srta. Gill.

– Daqui pareceu uma reação à proximidade da Srta. Daltry.

Gabriel não sabia o que dizer, e os dois voltaram a caminhar pelo labirinto sem trocar palavra.

Capítulo 18



— Vou ter que me sentar ao lado de lady Dagobert? – disse Gabriel. – Não quero.

Wick acendeu um charuto e, por trás da cortina de fumaça, fulminou-o com o olhar.

– Está agindo como uma criança de 4 anos. É claro que vai se sentar ao lado da condessa. Depois de você, ela é o indivíduo de posição social mais elevada no castelo. Lady Dagobert o conhece desde a infância; ficará à sua direita.

– Quero me sentar ao lado de Kate – declarou Gabriel, ignorando a verdade das palavras de Wick. – Como na noite passada. Jantaremos *en famille*.

– Não, senhor – decretou Wick. – A Srta. Katherine Daltry, também conhecida como Victoria, deve se sentar ao lado de sua madrinha, lady Wrothe, bem como de lorde Hathaway. Não quero estragar seus sonhos agradáveis de transformar em princesa, ou em algo menos respeitável, a filha ilegítima de um criador de porcos, mas a madrinha está claramente planejando vê-la ao lado de lorde Hathaway.

– Kate não pode se casar com um lorde. É ilegítima.

– Tudo o que posso dizer é que lady Wrothe me deu 2 guinéus para colocá-los juntos à mesa. E, como ela não é dona de um bordel, acredito que tenha encontrado uma forma de contornar o

nascimento irregular de Kate. Talvez ela não seja tão ilegítima quanto eu.

– Nada faz sentido em relação a Kate – disse Gabriel. – Por que tem mãos tão cheias de calos se sua madrinha é lady Wrothe?

– A única coisa clara sobre a situação é sua paixão – disse Wick. – Permita-me resumir: Kate, com muita sensatez, não demonstra o menor interesse em você. Apavorado pela iminente chegada de sua noiva, você está correndo de forma obstinada na direção da única mulher que não apenas não o deseja, como também é inadequada. Francamente, não poderia ser um pouco mais original?

– Eu quase arranquei a cabeça de Toloose depois de um comentário desagradável que ele fez sobre o busto de Kate – confessou Gabriel, consternado. – Ele reagiu com decência, mas ficou muito irritado. Maldição! Eu gosto dele!

– Então pare com esse comportamento ridículo – disse Wick, de modo abrupto. – Está perseguindo a garota apenas para se distrair. Isso não é gentil para com ela, pois não seria possível um casamento entre ambos. E ela já enfrenta competição: lady Starck me deu 4 guinéus para colocá-la e à filha ao lado de Hathaway. Ou seja, o homem está requisitado. Kate precisará de toda a sua perspicácia.

Gabriel franziu a testa.

– Lady Starck, cuja filha é a Srta. Effie Starck? Isso não é competição. Kate é capaz de esmagá-la no assoalho.

– A Srta. Starck é de uma excelente família e muito provavelmente tem um dote – salientou Wick.

– Darei um dote para Kate – falou Gabriel de imediato.

– Num minuto, quer seduzi-la; no instante seguinte, torna-se o paladino de seu casamento com Hathaway? E onde planeja obter o dinheiro para o dote? Pelo amor de Deus, estou preocupado com a alimentação do leão!

– Estou apenas dizendo que Effie Starck não passa de uma macaca se comparada a Kate.

Wick suspirou.

– Esqueça Kate.

– *Você* deveria dar-lhe o dote – disse Gabriel, tristonho. – Seis guinéus só naquela mesa...

– A tarifa é bem mais elevada para quem deseja sentar-se ao seu lado – informou Wick, com um sorriso. – Acredito que todas as jovens estão torcendo para que o navio da princesa Tatiana sofra um naufrágio.

– Então manter-me solteiro é lucrativo para você.

– Sei que não deseja sua noiva russa, Gabe – disse Wick, num tom de voz mais suave.

Gabriel olhou para o irmão. Wick não o chamava mais de Gabe. Era sempre Vossa Alteza, ou, com mais frequência, Vossa Baixeza revezando-se com Vossa Canalheza.

– Não é que eu não queira Tatiana. Não quero noiva nenhuma.

– Então parta para Cartago. Por aqui, todos sobreviveremos. E você não seria o primeiro noivo a fugir antes da noite de núpcias.

Por uma fração de segundo, Gabriel chegou a considerar a ideia, imaginando-se liberto de todas as responsabilidades e promessas, correndo para Cartago como um homem perseguido pelo demônio.

Então ele balançou a cabeça.

– Promessas foram feitas, e precisamos do dinheiro – disse, erguendo-se. – Estou procurando ser um príncipe e não um completo idiota. Acho que é melhor eu me entregar aos cuidados de Pole. Ele fica nervoso se não lhe dou no mínimo uma hora para trabalhar.



Como o castelo reunia naquele momento quase uma centena de aristocratas, Wick removera a imensa mesa de carvalho que em geral ocupava todo o salão de jantar e distribuía pelo aposento mesas para seis a oito pessoas. Cumprimentou cada um e, tendo decorado a distribuição dos lugares, enviou todos à mesa certa, sob os cuidados de um laçao.

“O sistema está funcionando melhor do que alguns regimentos militares”, pensou Gabriel ao se dirigir à própria mesa, de braço dado com lady Dagobert.

– Que prazer conhecer sua filha, minha senhora – disse ele, cumprimentando lady Arabella.

Arabella sorriu para ele com o encanto sincero de uma jovem treinada para identificar um cavalheiro apropriado a muitos metros de distância. Gabriel suspirou e deixou que a conversa seguisse seu curso. Logo a mesa se envolveu numa acirrada discussão sobre as modas extravagantes vindas de Paris.

Ele não se permitiu olhar para a mesa de Kate. Nem mesmo quando ouviu sua risada. Lorde Hathaway devia ser mesmo muito divertido.

Lady Arabella lançou-lhe um olhar surpreso quando ele emitiu um grunhido baixo e profundo, mas ele se controlou e sorriu, fazendo-a derreter.

“Como a neve que atinge um monte de bosta de cavalo”, pensou ele.



Do outro lado do aposento, Kate concordaria que lorde Hathaway era divertido. Não era astuto como o Sr. Toloose parecia ser. Mas gostou dele.

Gostou de seus ombros fortes, dos cachos caindo sobre sua testa, como se ele fosse um menininho. Tinha certo encanto infantil, ao mesmo tempo que se portava como um homem. O único problema era a Srta. Effie Starck, sentada à esquerda dele.

Como previra Henry, Effie viera decidida a conquistar lorde Hathaway. E, ao que parecia, tinha grandes chances de sucesso, considerando que mantinha a mão sobre seu braço, como se fossem grandes amigos.

“Effie é bem bonitinha, com uns olhinhos de camundongo”, pensou Kate, impiedosa. Tinha cachos louros suaves, um queixo arredondado e dentinhos alinhados. Também não era estúpida.

– Você tem muita sorte – disse Effie, sorrindo de forma extravagante para Kate, que ela pensava ser Victoria. – Eu queria estar celebrando meu noivado num castelo. É tão romântico!

– Sou privilegiado por ter um tio tão gentil comigo – interveio Algie, só para garantir que todos se lembrassem de seu parentesco com a realeza.

– Certamente – concordou Kate, um tanto constrangida.

Victoria teria adorado se sentar àquela mesa, aceitando os cumprimentos por seu noivado. Kate se sentia como se roubasse flores destinadas à irmã.

Effie virou-se para lorde Hathaway.

– Fale mais sobre os melros, lorde Hathaway.

Kate piscou várias vezes.

– Ora, esse assunto apareceu do nada, não foi? – observou lorde Hathaway, com os olhos brilhando de divertimento.

– Sim – concordou Kate. – Mas é estranhamente fascinante. Por exemplo – disse ela, voltando-se para Effie –, se você tivesse dito “Fale mais sobre os corvos”, seria um tanto sinistro, mas os melros nos fazem pensar em tortas, como na canção folclórica.

– E em reis e rainhas – acrescentou lorde Hathaway. – E se a Srta. Starck tivesse dito “Fale mais sobre os minotauros”? O que a

senhorita pensaria de mim?

Kate riu e Effie se agitou, insegura.

– Diria que a Srta. Starck tinha 5 anos e que o senhor lhe narrava contos de fada. Mas nem todas as criaturas fantásticas têm o mesmo tom. O que pensaria se ela tivesse dito “Fale mais sobre o gigante”?

– Não pensaria em histórias para crianças – respondeu Hathaway –, mas em homens que lutam.

– E se fosse “Fale mais sobre a giganta”?

– Acharia que estavam falando de lady Dagobert – interveio Henry, com um sorriso perverso.

A condessa não poderia ser descrita como uma pessoa esguia.

Lady Starck se ajeitou na cadeira, demonstrando desconforto. Sua própria silhueta lembrava a de lady Dagobert.

– Acho que minha querida Effie – disse lady Starck – estava apenas fascinada pelo seu relato da praga de melros, lorde Hathaway.

– Uma praga de melros! – exclamou Kate, sem se conter. – Parece uma retaliação divina. O que andou fazendo, lorde Hathaway?

Hathaway voltou a rir e Kate pensou em como ele era *simpático*.

– Talvez seja retaliação divina – disse ele –, mas não sei bem a qual de meus pecados devo atribuí-la. E não foi uma praga de rãs, devo acrescentar.

Effie voltou-se para Kate, os olhos azuis gélidos.

– Os melros estão causando sérios inconvenientes para lorde Hathaway, Srta. Daltry. Alojaram-se nas moitas e atacam os criados sempre que eles entram na horta. E agora começaram a atacar os hóspedes.

Kate não conseguiu suprimir um sorrisinho de ceticismo. As aves poderiam até atacar os criados... mas os hóspedes?

– Os melros não costumam ter um comportamento tão agressivo – comentou ela com lorde Hathaway. – Estão agindo como azulões. Será que foram, por alguma razão, desalojados de seus ninhos e se viram obrigados a procurar as moitas?

– Não sei – respondeu ele. – Detesto admitir que nunca pensei muito nas aves, embora houvesse algumas queixas da governanta. No entanto, na última semana o vigário passou para uma visita e... bem...

– O que houve? – perguntou, confusa, a Srta. Starck. – Um melro atacou a cabeça dele?

Lorde Hathaway ficou um pouco vermelho.

– Suspeito que tenham sujado o vigário – disse Kate a Effie, dando fim ao constrangimento de seu companheiro de mesa. – Todo aquele tecido preto, marcado com branco... O homem deve ter ficado parecido com um tabuleiro de xadrez.

Lady Starck inspirou, produzindo um som de desprazer.

– Que horror – disse ela.

A boca rosada de Effie formou um minúsculo e aturdido círculo. Henry riu e falou:

– Isso mostra que a praga de melros de lorde Hathaway não foi uma intervenção divina. Imagino que o vigário não tenha reagido de maneira muito religiosa.

– Esta é uma conversa incrivelmente vulgar – afirmou lady Starck, com os olhos grudados em Kate.

– Vou fazer uma torta com as aves – falou lorde Hathaway, saindo em socorro de Kate. – Obrigado pela sugestão, Srta. Daltry.

– Ah, não foi o que eu quis dizer! – exclamou Kate, sentindo uma pontada de culpa. – Não deve atirar neles, lorde Hathaway. As criaturas não têm ideia de que estão atrapalhando seus criados. É provável que estivessem apenas protegendo seus filhotes. O período de aninhamento já deve ter acabado. O senhor poderia mandar um homem eliminar os ninhos.

– Construirão outros – disse Algie, com a melhor voz de autoridade que seus 18 anos poderiam lhe fornecer. – Terá que usar armas, embora as senhoras certamente não gostem da ideia. Minha noiva tem uma natureza muito sensível – declarou ele, fitando lady Starck com intensidade.

Kate abriu um sorriso um tanto surpreso. Algie tinha sido gentil em defendê-la.

– Seus sentimentos seriam os mesmos caso eu tivesse que lidar com uma praga de rãs? – indagou lorde Hathaway. – Os franceses comem rãs diariamente, sabe? Se chovessem rãs, eles considerariam uma oferenda dos céus.

– Creio que deve cozinhar qualquer rã que salte ou caia em sua propriedade, lorde Hathaway. Só não me convide para jantar – concluiu Kate, com um sorriso torto.

– Não acho que os franceses usem rãs como recheio de tortas – disse Effie, com toda a seriedade.

Lorde Hathaway olhou-a e sorriu. Estava claro que gostava de sua sinceridade.

– Na verdade, não gosto da ideia de tiroteios perto da minha casa.

Effie soltou um gritinho. Todos a olharam.

– Bem, alguém poderia terminar morto – explicou-se ela.

– Provavelmente usariam chumbinho – observou Kate, olhando para ela. – Uma vez, um de nossos lacaios foi atingido por chumbinhos e ficou sem conseguir se sentar durante duas semanas, o que virou piada. Seu nome era Barsey e... – Ela interrompeu a frase.

– A senhorita tem um senso de humor vibrante – disse lorde Hathaway, demonstrando ter entendido perfeitamente onde Barsey tinha sido ferido.

– Não pergunto o nome dos lacaios – declarou lady Starck, altiva. – Chamo todos de John, o que é suficiente.

Kate ficou chocada, mas mordeu a língua. Aqueles sete anos vivendo em parte como criada e em parte como membro da família haviam modificado sua atitude em relação à criadagem. Foi difícil não dar uma resposta atrevida para lady Starck.

– Sei o nome de todos os nossos lacaios – disse Effie, demonstrando que não tinha o mesmo grau de cegueira da mãe. Ela voltou a envolver com a mão o braço de lorde Hathaway. Daquele jeito, o homem ia começar a pensar que estava usando uma tira de luto no braço. – Não acha que é nosso dever cuidar de todos os nossos subalternos, sejam eles aves ou pobres degenerados?

– Seus lacaios são pobres degenerados? – interveio Henry, com animação. – O único degenerado da minha casa é meu querido Leo.

Todos olharam para o marido de Henry, sentado diante dela. Leo deu uma piscadela travessa para Kate e falou:

– É preciso ser um degenerado para acompanhar minha esposa, isso eu garanto. Ninguém mais teria tanta imaginação.

Lady Starck fungou, horrorizada. Mas, apesar de todas as queixas de Henry em relação ao hábito de beber do marido, Kate gostava de Leo. Era verdade que ele parecia estar apreciando mais o champanhe do que o peixe, e, naquele momento, Kate lhe deu razão.

Capítulo 19



Berwick anunciou qual seria a diversão da noite: uma exibição de destreza naval no lago, projetada pelo príncipe Frederick.

– Haverá iluminação no evento? – questionou lady Starck, voltando a fungar. – Minha filha não vai participar disso. Vamos nos retirar.

– Quando se é mais velha, é *preciso* descansar os ossos – alfinetou Henry. – Se desejar, posso fazer companhia para sua filha durante a exibição.

Lady Starck respirou fundo, o que teve o efeito indesejado de inchar seu peito já mais do que volumoso.

– Querida – disse Henry, de forma gentil –, receio que esteja com um problema no vestuário.

Lady Starck espiou o próprio mamilo direito, que a encarava como se fosse um olho logo acima do babado no decote de seu corpete. Ela jogou o guardanapo sobre o peito, levantando-se.

– Effie, venha! – ordenou, com toda a autoridade que Kate tentava usar com Caesar.

Funcionou para ela tanto quanto funcionava para Kate.

– Mamãe, eu adoraria ver a exibição naval – informou Effie, com voz suave, porém firme. – Estarei perfeitamente segura na companhia de lady Wrothe.

– Protegeremos seu tesouro com muito cuidado – assegurou lorde Hathaway.

Ele estava de pé, é claro. Assim que o mamilo de lady Starck fez sua aparição, todos os cavalheiros se levantaram, embora Kate soubesse que, supostamente, era em resposta à partida da senhora.

– Duvido que seja um espetáculo longo – observou Henry. – Estaremos de volta em alguns minutos.

– Muito bem – disse lady Starck, ainda segurando o guardanapo sobre o peito. – Effie, espero encontrá-la em meus aposentos no momento exato em que essa exibição tiver terminado.

– Estarei lá, mamãe – respondeu Effie, soando muito animada.

– Acho que houve algum mal-entendido – sussurrou Kate para Henry enquanto deixavam o salão de jantar. – Effie não pode ter apalrado lorde Beckham debaixo da mesa. Ela não é esse tipo de mulher.

– Ela não saberia o que apalpar, não é? – concordou Henry. – Deve ter sido outra pessoa. Mas estou certa quando digo que Dante está pronto para ser fígado e que vocês dois combinam perfeitamente. Não vê o que acontecerá com ele se acabar se casando com Effie?

– Ele será feliz – observou Kate. – Ela é bem gentil, ainda que um tanto séria.

– Ela nunca ri a menos que alguém lhe dê uma deixa – disse Henry, parecendo consternada de verdade. – E eu gosto de Dante. Ele se tornou um homem muito decente. Quando tinha 5 anos, ele se apoiava no meu joelho e me pedia para lhe contar mais histórias. – Ela estreitou os olhos. – É claro que eu era só uma criança. Se *algum dia* disser para alguém que tenho idade para ter contado histórias a Dante, serei forçada a cometer um ato de violência.

– Que tipo de violência? – quis saber Kate, fascinada.

– Já sei qual tipo – falou Henry. – Você não gosta de cachorros, mas está fazendo o melhor que pode com os pequenos vira-latas da sua irmã. Não liga para leões, mas continua insistindo que deem a ele uma jaula maior. Nem mesmo permitiria que transformassem os melros em recheio de torta para restaurar a dignidade do vigário. Seria fácil tê-la na minha mão. Bastaria ameaçar largar Coco em uma estrada.

– Eu só salvaria Coco porque meu dote está colado no pescoço dela – replicou Kate.

O desconcertante era que Henry tinha razão, claro. Fora assim que Mariana a controlara por todos aqueles anos: ameaçando demitir um laçao, uma criada ou mesmo o querido Cherryderry.

Andavam agora pelos fundos do castelo. Adiante, estendiam-se degraus de mármore claro que levavam até o lago. Reluziam como pérolas à luz das tochas que ladeavam a escadaria.

– A propósito, que diabo você fez com Coco? Ela não voltou para o meu quarto.

– Está bem aqui – respondeu Henry, com presunção. – E é uma boa garota. Ninguém ouviu um pio durante o jantar. – E, virando-se, murmurou: – Venha, querida.

A cadelinha surgiu diante delas, com o rabo balançando.

– O que é isso em volta do pescoço dela? – perguntou Kate. – E na coleira?

– Fitas e flores para combinar com meu vestido, é claro – explicou Henry. – As joias são ótimas, mas uma dama precisa de *roupas novas* para a noite. Então minha camareira retirou as pedras e as substituiu por uma flor chamada lupino, que soa como um lobo meio louco, mas é lindíssima e combina perfeitamente com meus trajes.

– Parece que ela enfiou a cabeça em uma coroa de flores de um funeral – observou a garota.

– Diz a mulher com peruca cor de groselha – retorquiu Henry.

– Eu preciso usar peruca – lembrou Kate, com firmeza. – Estou disfarçada.

– Falando assim, parece que você trabalha para o Ministério das Relações Exteriores – disse Henry. – E então, o que vai fazer para remover a Effie Efervescente do braço de Dante? Ela grudou nele como um carrapato.

Kate deu de ombros.

– Não é de admirar que continue solteira aos 23 anos – lamentou Henry. – Leo, venha aqui!

O marido, que vinha logo atrás delas, parecendo ligeiramente embriagado, se posicionou ao lado de Kate.

– Sim, amor?

Kate gostou daquilo. Poderia tolerar um marido que bebesse demais se ele a chamasse de “amor” e olhasse para ela do jeito que Leo olhava para Henry. Como se fosse estar a seu lado para sempre.

– Pode colocar um pouco de juízo na cabeça da minha afilhada? Ela tem quase a minha idade, mas é preguiçosa quando o assunto é casamento.

Leo deu uma piscadela para Kate.

– Henry gosta de casamento – comentou ele, segurando o braço da jovem. – Por isso se casou tantas vezes.

– Não teria sido necessário se os homens vivessem mais tempo – disse Henry.

– Há alguém em particular com quem gostaria de se casar? – perguntou Leo, fitando Kate.

“O príncipe”, pensou ela, reprimindo o pensamento com horror. Que diabo estava pensando? Mas aquele beijo... aquele beijo...

– Ninguém em particular – respondeu com firmeza.

– E quanto a Toloose? É um homem decente – afirmou Leo. – Foi da mesma casa que eu em Oxford e tudo o mais. Vai se tornar visconde algum dia.

– O senhor também frequentou Oxford? – quis saber Kate.

– Ele cursou bacharelado duplo em filosofia e história – explicou Henry. – Nunca se case com alguém menos inteligente do que você, querida. Sempre acaba mal.

– Se minha esposa tivesse estudado em Oxford, teriam que criar um bacharelado triplo – brincou Leo.

– Eu ouvi isso – disse Henry na mesma hora.

– Em sedução – sussurrou ele.

Kate riu, e lorde Hathaway virou-se para eles. Podia ser só a imaginação da garota, mas ele parecia interessado em saber qual era a piada.

– Kate não pode se casar com Toloose – comentou Henry. – Por Deus, Leo. Aquele homem olha para todas as mulheres. Posso assegurá-lo disso.

– Todos os olhares se voltam para a minha esposa – cantarolou Leo, melodioso.

Henry o cutucou.

– Mas não se aproximam da cama de sua esposa, então fique feliz. Agora, minha ideia é que Kate deveria se casar com... – Ela fez um sinal com a cabeça na direção de lorde Hathaway.

– Tem certeza? – questionou Leo, um pouco receoso.

– Por que não?

– Ouvi a conversa durante o jantar e pareceu-me que a Srta. Kate tem uma inteligência bem aguçada, como diria minha avó. Ela lembra você, querida.

– Bem, eu a peguei no colo em seu batizado – respondeu Henry. – Posso ter-lhe passado um pouco da minha essência.

– E *você* não seria feliz em um casamento desses – continuou Leo. – O homem em questão é uma alma corajosa e gentil, sem dúvida, mas em dez anos estará adormecendo em uma poltrona junto à lareira, depois de passar a ceia reclamando das próprias botas.

– Que maldade – disse Henry. – Muita maldade. – Mas ela riu.

– Eu gostaria disso – respondeu Kate com firmeza. – Tenho pouquíssimas ambições. E, se eu soubesse que meu marido estaria dormindo em uma cadeira à minha frente, também poderia cochilar tranquilamente. O que não quero é um marido que fique por aí oferecendo bombons para outras mulheres enquanto eu fico em casa sozinha.

– Bombons... – falou Henry. – Dá até para pensar que você quis usar uma metáfora, querida Kate.

– Kate? – intrometeu-se Effie de repente, olhando para trás. – Chamou a Srta. Daltry de Kate? Que adorável. É um apelido de família?

– É claro – respondeu Henry, sorrindo para ela com uma ênfase feroz, mostrando todos os dentes. – Afinal, sou a madrinha dela. E tenho apelidos afetuosos para todos os meus entes queridos.

– Ela me chama de bombom – informou Leo.

Effie voltou a descer os degraus, com dificuldade, então ele acrescentou:

– Mas pedi que ela parasse: é suave e doce demais para alguém como eu.

Kate não conseguiu conter o riso.

– Pequeno demais também – acrescentou Henry, com orgulho.

Ao fim da escadaria, foram recebidos por Berwick.

– Os senhores estão com sorte por terem chegado tão cedo. Não precisarão assistir à exibição da margem, vão participar dela – disse o mordomo. – Por favor, me acompanhem.

Ele os conduziu por um atalho à beira do lago e parou diante de um barco dourado, cuja proa cuidadosamente esculpida se arqueava bem alto. Os assentos tinham um acolchoado luxuoso e pareciam reclináveis.

– Lembra um pequeno navio viking – comentou Leo.

– Estou certa de que os vikings eram bastante diligentes – discordou Kate, baseando-se no que lera em um livro da biblioteca do pai. – Isso lembra mais a decadência romana.

– Os vikings? – perguntou Henry. – Quem diabo eram eles?

– Seus antepassados – disse Leo.

Ele sussurrou algo no ouvido da esposa, que lhe deu um tapinha.

– O que ele falou? – quis saber Kate, entrando no barco atrás da madrinha.

– Algo sobre violação e pilhagem – respondeu Henry. – Como se já tivesse faltado a algum de meus parceiros o entusiasmo adequado!

Ela sentou-se no assento talhado que formava a popa do barco e aconchegou Coco no colo.

– Se eu não a conhecesse bem – observou Kate –, acharia que está apaixonada por essa cadela.

– Eu e ela nos entendemos – declarou Henry, com altivez. – Além disso... – acrescentou, coçando embaixo de uma das orelhas da cadelinha – Coco é muito afetuosa, não é mesmo?

– Não comigo – respondeu a garota. – Vê-las assim me faz sentir falta de Freddie. Ele me olha com esses mesmos olhos.

– Gosto bastante dessa adoração incondicional – confessou Henry. – Nunca é demais, venha ela dos cães ou dos homens.

Lorde Hathaway entrou com dificuldade no barco e sentou-se junto a Kate num dos lados da embarcação. Algie veio logo atrás e sentou-se junto a Effie, no lado oposto. A vida de um estadista romano teria agradado a Leo. Ele se deixou cair ao lado de Henry, esticou as pernas e disse:

– Gosto deste tipo de entretenimento militar. Tão diferente da violência e dos problemas que esperamos ver; para não mencionar a comida ruim.

– O que estamos fazendo neste barco? – perguntou Effie, sentando-se ereta em vez de se reclinar no assento acolchoado. – Não seria melhor assistir da margem? O lago é tão escuro à noite.

Na mesma hora, um laçao inclinou-se adiante e acendeu uma tocha na margem à frente do barco e, em seguida, uma outra que estava presa à proa. Chamas azuis saltaram de ambas. Effie soltou um grito.

– Não se preocupe, Srta. Starck – disse Algie. – Elas não vão machucá-la.

– Por que são azuis? – quis saber a garota.

Algie ficou aturdido com a pergunta e Leo se incumbiu de explicar:

– Colocaram um pouco de pó no óleo. Veja, em alguns barcos o fogo é vermelho, em outros, azul. Parece haver oito cores no total.

Algie deu tapinhas no braço da Srta. Starck, acalmado-a.

– Minha noiva é como a senhorita – disse ele. – Damas são assim, delicadas, e se assustam com facilidade.

– Sua noiva não parece nada assustada – observou Effie, estreitando os olhos para Kate.

Kate percebeu que deveria parecer mais acanhada, mas não conseguia.

– Acho que somos parte de uma pequena frota naval – comentou. – Veja! Somos os azuis.

– O que não consegui entender – disse lorde Hathaway – é como vamos tomar nossos lugares no lago. A menos que tenhamos...

Mas naquele mesmo instante o barco balançou, bem de leve, e começou a se afastar da margem, como se algo invisível o puxasse. Naturalmente, Effie gritou outra vez. Algie segurou a mão da jovem, dando tapinhas para acalmá-la.

– Você vai deixá-la com um hematoma – alertou Kate.

– É mágica! – gritou Effie.

Hathaway esticava o pescoço, tentando ver a lateral do barco.

– Embora mágica seja uma ideia muito divertida, na verdade estamos presos a uma corda – informou ele. – Deve haver um homem do outro lado do lago nos puxando.

– Vejam! – exclamou Kate. – Os outros barcos também estão se movendo.

De todo o perímetro do lago, barcos com luzes vermelhas ou azuis deslocavam-se lentamente em direção ao centro.

Effie perguntou o óbvio:

– E se baterem uns nos outros? Eu gostaria que não estivéssemos indo de costas. Também não gosto de me sentar de costas nas carruagens. Sempre deixo para minha camareira.

– Eu sei nadar – anunciou Algie.

– É óbvio que não vamos bater – disse Henry. – No entanto, Leo, se tiver que me arrastar até a costa, é melhor não se esquecer da minha querida Coco, ou vai desejar também ter afundado.

Era até bom que Victoria nunca tivesse demonstrado se importar muito com os cães, pois tudo indicava que Coco não voltaria para a casa de Mariana.

Um barco passou ao lado deles, a chama vermelha dançando sobre os rostos empolgados em seu interior. O príncipe não estava entre eles, embora Kate soubesse que o fato de ter percebido sua ausência fosse um momento de fraqueza.

– Passou bem perto – disse Leo, tranquilo.

– Foi projetado como um relógio – respondeu lorde Hathaway. – Os barcos estão deslizando uns junto aos outros. Da margem, deve ser uma visão deslumbrante.

Em poucos minutos, todos tinham atravessado o lago e chegado à margem oposta.

Um laçao sorridente os recebeu.

– Parabéns – felicitou-o lorde Hathaway. – Devem ter praticado durante dias para realizar algo tão perfeito.

– Semanas – corrigiu o homem.

– Por que os barcos não colidem? – indagou Hathaway.

– Isso eu posso responder – disse Leo. – Presumo que as cordas estejam na superfície da água, de modo que os barcos deslizam sobre as cordas uns dos outros. E eles não estão atravessando o lago diretamente, pois nesse caso um barco poderia acertar outro vindo da direção oposta. Estão em diagonal, e o lago é oval, então todos passam direto uns pelos outros.

O laçao assentiu.

– Agora os senhores serão puxados de volta. E desta vez poderão ver para onde vão, então será ainda melhor.

Parecia mesmo esplêndido. Kate tirou a luva direita e passou os dedos na água, repreendendo-se silenciosamente por se perguntar onde estaria Gabriel e lembrando-se do que ele dissera sobre seus dedos.

Longos e finos. Ora, qualquer um teria dito isso.

– Tirou a luva? – perguntou Effie, bastante impressionada.

– Sim – respondeu Kate. Ela ergueu os dedos e jogou água na luz azul da tocha. – Não é adorável?

Todos os barcos se afastavam da margem outra vez, recomeçando o balé aquático lindamente orquestrado.

Effie olhou para as próprias luvas, mas cruzou as mãos sobre o colo.

– Vá em frente – disse Henry, com bastante gentileza. – Não vou contar para sua mãe.

– Uma dama... – começou Effie, parando em seguida.

Com certeza se lembrou de que seria indelicado sugerir que Kate não se comportava como uma dama.

– Uma dama não deveria ficar ansiosa com o próprio comportamento – anunciou Henry. – A elegância está dentro de nós. Mostrar ansiedade é diminuir a si mesma. A ansiedade é *vulgar*.

Effie assimilou essas palavras e, por fim, tirou uma das luvas e a entregou aos cuidados de Algie. No início, soltou gritinhos reclamando de como a água estava gelada, mas pareceu ganhar coragem conforme o barco se movia, silencioso, pelo lago. Quando o primeiro barco passou por eles, a jovem imitou Kate e lançou neles gotas brilhantes de água azul, rindo loucamente para os rostos surpresos.

Nenhum sinal do príncipe, percebeu Kate, insatisfeita. Ele devia estar na margem, aconchegado a alguma baronesa rica.

Um segundo barco passou, balançando um pouco.

– O que estão fazendo? – indagou Henry.

Com a cabeça apoiada no ombro de Leo, ela admirava o céu com alegria.

– Eles têm uma garrafa de champanhe – observou Algie, num tom de reprovação.

– Maldição. Vim parar no barco errado – disse Leo, baixinho.

A esposa beliscou seu nariz.

Algie observava a retirada do barco de tocha vermelha.

– Devem estar balançando o barco de propósito.

– Que tolice – disse Effie, enfiando a mão na água até o pulso com satisfação. Parecia ser a primeira vez que a jovem experimentava alguma liberdade.

Outro barco se aproximou, balançando ainda mais.

– Há apenas rapazes ali dentro – detectou lorde Hathaway. – Precisam de mulheres para mantê-los mais sossegados. E sóbrios.

– Não me diga que somos o único barco entregue à sobriedade – lamentou Leo, em irônica tristeza.

– Eles... Sim! – gritou Algie, espreitando à sua frente. – Homem ao mar! Ele está bem, conseguiu pegar a corda.

– Que tolos – reprovou lorde Hathaway, com desgosto.

– Tolos e molhados – completou Leo. – Isso pode virar uma nova moda nos castelos, na hora da diversão. Nada mais de bobos

da corte, agora teremos água.

– Ele está nadando até a margem – comentou Algie.

– O problema é o *timing* – disse Leo, sentando-se. – Você está cheia de diamantes? – perguntou à esposa.

– Não – respondeu Henry. – Bem, estou com a esmeralda grande e receio que meus brincos não estejam bem presos. – Ela os retirou com um traquejo profissional. – É melhor levá-los. – Henry entregou suas joias e agarrou Coco junto ao peito com tanta força que a cachorrinha, em geral silenciosa, deu um gritinho em protesto. – Hathaway, cuide da minha afilhada. Dimsdale, cuide de Effie.

– Por quê? – indagou Effie, apreensiva. – O que quer dizer, lady Wrothe?

– Leo é muito bom nesse tipo de coisa – falou Henry –, e, se ele pensa que...

No mesmo instante surgiu um outro barco ali, só que esse não deslizou suavemente. Em vez disso, bateu na lateral do barco deles. Por um segundo, parecia que ficaria tudo bem. A embarcação balançou descontroladamente, mas tornou a se endireitar.

Porém, em seguida voltou a oscilar – provavelmente porque o lacaio tentou levá-los para a margem – e ficou fora de controle.

Effie soltou um grito. Kate também berrou, mas apenas por uma fração de segundo antes de cair no lago.

A água estava gelada, mas não congelante. Num momento de terror, Kate achou que o barco estava sobre ela. Só então percebeu que estava virada para o fundo do lago e, passado meio segundo, conseguiu voltar à tona.

Alcançou a superfície arfando, tossindo e procurando desesperadamente pelo barco. Ficou girando e agitando as pernas com toda a força para não afundar, mas não conseguiu avistá-lo. O lago estava repleto de tochas flamejantes, mas o barco... Lá estava

ele. Afastando-se mais a cada segundo. Soltou o palavrão mais feio que conhecia.

– Eu sabia que você não era uma dama – disse uma voz em seu ouvido, achando graça daquilo. – Nenhuma dama conhece tal palavra.

Kate gritou e teria se agarrado a ele, mas Gabriel já a segurava por trás, deslizando o braço forte por sua cintura. Ele a puxou junto ao peito, de modo que ela ficou quase deitada de costas na água.

– Não faça tanto barulho – sussurrou ele em seu ouvido. – Não quer que os outros a encontrem em vez de mim, quer?

– Que outros? – perguntou Kate, cuspidando um pouco de água. – Minha madrinha pediu a Hathaway para me salvar e ele obviamente não conseguiu fazê-lo.

– Eu adoraria dizer que ele afundou como uma pedra – brincou Gabriel, movimentando as pernas para se deslocar no lago –, mas é improvável. Todos os que estavam em meu barco caíram na água também. Espero que Hathaway tenha resgatado a donzela errada.

– Que ótimo – disse Kate, irritada. – Eu poderia ter me afogado. Espero que Henry esteja bem.

– Lady Wrothe conseguiu permanecer no barco – afirmou Gabriel. – O marido pulou para o outro lado na hora certa e equilibrou o peso. Talvez a Srta. Starck tenha conseguido escapar também.

– Henry deve estar preocupada comigo. Pode nadar um pouco mais rápido?

– Não, não posso. Isso é o mais rápido que consigo nadar estando de costas e levando-a comigo. Não creio que lady Wrothe esteja preocupada, pois ela me viu na água e me instruiu, com um gesto feroz, a ir atrás de você. Então eu vim.

– Eu posso mexer as pernas para ajudar – sugeriu Kate.

– Suas saias já estão me atrapalhando o bastante.

Houve um momento de silêncio.

– Estamos perto da margem? – perguntou ela.

As luzes do barco que Kate pensava ser o dela recuavam rapidamente.

– Poderíamos estar, mas eu devo ter dado a volta. Estamos indo para a margem mais distante.

– Não há barcos ali – observou a garota, espiando por cima do ombro.

– Não reclame – disse Gabriel. – Você não é leve, ainda que supostamente tenha perdido alguns quilos.

– Fique feliz por não estar resgatando Victoria – replicou Kate.

– Eu estou feliz.

Então ele soltou um grunhido, pois tinha acabado de acertar o mármore que contornava o lago.

– Posso fazer isso – afirmou Kate, soltando-se dos braços dele e segurando-se no mármore.

Ele saiu da água; em seguida, abaixou-se e agarrou-a pelo pulso, puxando-a com tanta facilidade que parecia estar apanhando uma truta.

– Oh! – exclamou Kate, tremendo de forma incontrolável. – Está tão frio! Você foi maravilhoso, obrigada. – Ela se cobriu com os próprios braços e espiou o lago. – Maldição, viemos parar do outro lado!

Gabriel começou a se afastar. Kate o seguiu, cambaleante, pensando que os príncipes não eram tão cavalheirescos nessas horas. Ele poderia ao menos ter pegado seu braço. De repente, porém, ele se agachou e começou a puxar uma corda.

Kate ficou parada ao lado do príncipe, tremendo da cabeça aos pés.

– Está trazendo um barco para nós? – perguntou ela, sentindo como se aquela água fria tivesse congelado seu cérebro.

O príncipe puxava tão rápido que a corda girava atrás dele.

– Cuidado para a corda não acertá-la – alertou ele, ofegante.

Só então ela percebeu que ele fazia um grande esforço. De fato, um barco cortava as águas na direção deles. Era um dos vermelhos; a tocha estava mais fraca agora.

Kate quase chorou de alegria ao avistar o barco.

– Eles vão nos puxar de volta? – perguntou ela. – Não responda! Poupe seu fôlego.

A luz da tocha iluminava os braços musculosos de Gabriel, que puxava tão rápido, braçada a braçada, que a corda corria sobre seu ombro.

Era uma visão... interessante. Ele parecia um trabalhador rural, mas ao mesmo tempo não parecia nem um pouco.

O barco alcançou a borda de mármore com um forte baque.

– Vamos – falou Gabriel, ofegante.

Ele saltou para dentro do barco e estendeu a mão. Kate subiu, quase perdendo o equilíbrio por causa dos sapatos molhados.

– Sente-se. Eles nos puxarão direto até lá – explicou ele.

– Eu...

Batendo os dentes, Kate tentou dizer algo, mas ele a puxou para seu colo, e isso encerrou a questão.

O corpo dele era imenso e quente; ela estava com tanto frio que se derreteu sobre ele, emitindo sons nada adequados para uma dama. Ele a envolveu nos braços e ela quase gemeu outra vez pelo prazer de estar ali.

– Você está quente – observou ela após alguns instantes, sentindo que deveria falar alguma coisa. – O barco está se movendo?

– Sim. – Ele a aconchegou com mais firmeza no calor de seu peito. – Ainda está com frio?

– Não tanto.

– Tenho a solução para o seu frio – disse o príncipe, e sua voz soou mais séria e impetuosa.

Ela virou o rosto para o dele como uma criança que espera um beijo de boa-noite... Era tão natural... E os lábios dele abriram os de Kate.

Era o terceiro beijo deles, pensou ela, e já era diferente dos outros. Agora eles se beijavam como se conhecessem um ao outro, como se saltassem para dentro de um fogo que ambos desejavam. Aquele calor brutal desceu queimando sua espinha e ela recuou com um pequeno murmúrio, quase assustada com toda aquela intensidade.

Mas os braços dele a seguraram com mais força, sem permitir que se soltasse, roçando a boca na dela. Ela sentiu a língua dele acariciando seu lábio inferior, até deixá-la ofegante com aquele doce calor. Ele recebeu aquele suspiro como um convite e mordiscou o lábio dela de uma maneira que levou Kate a pressionar o corpo contra o peito dele, como se quisesse ficar ainda mais perto.

Gabriel continuou a provocá-la, até que ela subiu as mãos para o pescoço dele, trazendo-o mais para perto de si, num pedido silencioso.

Ela o sentia rir e depois beijá-la de novo, e suas línguas estavam emaranhadas em uma espécie de explosão que a deixava tonta e sem ar.

Desta vez, *ele* recuou.

– Estamos nos aproximando da margem. Em breve poderão nos ver.

Ele parecia ligeiramente bêbado.

Kate assentiu, encarando-o. Sob a luz das tochas, os olhos dele ficavam pretos, as maçãs do rosto delineadas e os cabelos molhados, repuxados para trás, perfeitos. Ele parecia um guerreiro cossaco, do tipo que pilhava aldeias e raptava donzelas.

Donzelas como ela, leiteiras, de famílias pobres, mulheres com poucos parentes.

Ela limpou a garganta e deixou o colo dele para se acomodar no assento ao lado.

– Obrigada por me aquecer – disse ela, voltando a tremer na mesma hora.

Uma expressão estranha surgiu nos olhos do príncipe e Kate seguiu seu olhar. O vestido dela estava totalmente ensopado, é claro, e infelizmente os seios de cera não haviam escapado ilesos daquele banho. Um ainda estava no lugar, sustentando a oferta escassa de Kate. Mas o da direita, onde o braço de Gabriel a segurara ao arrastá-la através da água, tinha sido esmagado. Os restos disformes haviam migrado para baixo e se encontravam logo acima da cintura.

Ela olhou para baixo, pensando desesperadamente em algo para dizer.

– Henry os chama de seus melhores amigos – deixou escapar, dizendo a primeira coisa que lhe veio à cabeça. – Se puder fechar os olhos...

Ele o fez.

– Um cavalheiro não sorriria desse jeito – repreendeu ela, arrancando a bolsinha gelada de cera do vestido arruinado.

A que fora esmagada foi um pouco mais difícil, mas ela conseguiu baixar o corpete destruído o suficiente para tirá-la de sob uma das costuras.

O barco já estava perto da margem quando Kate conseguiu ajeitar os próprios seios. Por sorte, estavam fora da visão das pessoas, pois a tocha havia caído. Mesmo assim, porém, ela conseguia distinguir rostos curiosos enfileirados junto à borda de mármore.

– Pronto – disse ela, ajeitando o corpete para deixá-lo parecido com o que era antes daquele acidente.

Ele abriu os olhos.

– Tire essa expressão do rosto! – ordenou ela, irritada.

– Ou é esta expressão ou olho para você de uma forma que todos saberão *exatamente* o que estou pensando – respondeu ele, com a voz suave.

Ela olhou para baixo e viu que os mamilos apareciam claramente sob a seda molhada. Seu rosto corou.

– É melhor me entregar – propôs ele. – Se os criados os encontrarem, não vão conseguir ser discretos.

Kate os escondera a seu lado. Mesmo relutante, entregou-os. Gabriel virou as bolsinhas de cera.

– Você não precisa disso – afirmou. – Mas mesmo assim são fascinantes.

– Pode ficar com eles.

Ela já conseguia ver Wick de pé na margem, segurando o que parecia ser um cobertor.

– Agora – ordenou ela –, pegue aquele cobertor para mim. Não vou ficar de pé neste vestido encharcado.

– Não sem seus melhores amigos – provocou ele.

Ela lhe lançou um olhar feroz. Gabriel levantou-se, ainda rindo, e pegou o cobertor. Então voltou e envolveu-a nele.

– Sua peruca se foi – comentou, olhando para ela. – Você parece um rato afogado.

O príncipe estava absurdamente bonito, mas, para o bem da alma dele, Kate precisava revidar. Sua autoconfiança havia alcançado níveis dignos de um pecado mortal.

– Você parece... – começou ela, mas havia alguma coisa nos olhos dele que ela apreciava, algo talvez lascivo... – Obrigada. Eu poderia ter me afogado. Sou muito grata por ter me tirado da água.

Uma expressão estranha apareceu nos olhos dele.

– Deveria ter me dado um tapa por aquele beijo, por ter me aproveitado do seu frio.

Ela passou por ele em direção à mão estendida de Wick na proa. Pouco antes de desembarcar, parou e olhou para trás.

– Talvez *eu* tenha me aproveitado de você – disse Kate, baixo o suficiente para que ninguém em terra pudesse ouvi-la.

Ele piscou e respondeu:

– Quem me dera.

Capítulo 20



Na manhã seguinte, Kate levantou-se tarde. A noite anterior fora agitada e quase toda insone: ora se sentia cruelmente humilhada pela lembrança de Gabriel rindo de seus seios de cera, ora ruborizava com a lembrança dos beijos dele.

Foi acordada por Rosalie, que veio lhe contar que a camareira da Srta. Starck perguntara se Kate aceitaria tomar o café da manhã com ela.

– Lady Wrothe recomendou que não saia do quarto pelo resto do dia – informou Rosalie, séria. – A senhorita é a heroína da vez, devo dizer. Aqueles jovens que fizeram seu barco virar estão envergonhados, com razão, e planejam enviar-lhe algum presente.

– Não! – exclamou Kate. – Certamente não sou heroína nenhuma.

– Sim, porque a senhorita foi a única que não retiraram imediatamente da água e que precisou atravessar o lago a nado. Como uma sereia, é o que todos estão dizendo.

– Não foi como uma sereia – contestou Kate. – O príncipe me carregou como se eu fosse um peixe morto.

– Não é necessário entrar em detalhes – disse Rosalie. – Já a Srta. Starck e lady Wrothe foram salvas pelo raciocínio rápido de lorde Wrothe. Ele equilibrou o barco e os únicos que caíram na água foram você e a cachorrinha.

– Coco está bem?

– Lorde Dimsdale saltou do barco na mesma hora para salvar você, mas acho que mergulhou do lado oposto. Ele acabou salvando Coco, pois o príncipe já nadava em sua direção. Ao que todos dizem, lady Wrothe gritava tão alto que a ouviam em terra.

– Então Algie salvou o cachorro e não a mim – resmungou Kate, sentando-se.

– Lady Wrothe não ficou muito feliz. E foi bem seca com lorde Hathaway hoje mais cedo – confidenciou Rosalie, abrindo as cortinas para revelar uma linda manhã ensolarada. – Ela falou com ele durante o café, diante de todos, que o orientara a salvar a senhorita e que o marido salvasse o cachorro. Disse que ele poderia ter feito a gentileza de se esforçar para seguir as instruções em vez de ficar parado no barco.

Kate não conseguiu conter o sorriso.

– Depois, lorde Wrothe comentou que ele, por sua vez, estava satisfeito por Dimsdale ter salvado o cachorro, pois não desejava arruinar suas botas novas. E lady Wrothe imediatamente o acertou na cabeça com um arenque defumado.

– *Muito* emocionante – exclamou Kate. – Eu não tinha ideia de que a vida conjugal podia ser tão divertida.

– A camareira da Sra. Wrothe contou que é sempre assim na casa deles. Os dois têm uma discussão terrível, mas logo em seguida ele a presenteia com um rubi e tudo volta ao normal. São apaixonados, qualquer um percebe isso.

– Suponho que eu deva me levantar, já que Effie deseja me ver – disse Kate, bocejando de novo.

– Vou vesti-la com um roupão e escovar seu cabelo. A Srta. Starck não exigiria vê-la em um vestido perfeito, não depois do terrível choque de ontem. Acha que pode estar com febre, senhorita? O príncipe ofereceu-lhe uma visita do médico do castelo.

– Ele tem o próprio médico? – admirou-se Kate, jogando as pernas para fora da cama.

– Veio com ele no barco – respondeu Rosalie. E começou a rir. – “O Navio dos Bobos”, segundo o Sr. Berwick. Porque o duque lá das terras estrangeiras expulsou metade da corte, inclusive o bobo.

– Não preciso de médico – afirmou Kate, lavando o rosto. – Tomarei café da manhã com Effie, mas depois preciso de um banho, Rosalie, e pretendo me vestir. Não me sinto nem um pouco resfriada.

– Não deve se banhar ainda! – exclamou Rosalie, alarmada. – A senhorita tremeu tanto durante a noite que pensei que a cama se partiria ao meio. Por favor, sente-se, vou escovar seus cabelos. E os prenderei para trás com uma fita para o café da manhã com a Srta. Starck. Depois, deve voltar direto para a cama.

Logo ficou claro que Effie achava que aquela aventura noturna transformara as duas em grandes amigas. Ela se sentou de frente para Kate, a uma mesinha que Rosalie colocara diante da lareira acesa (ignorando a brisa suave que entrava pela janela), e deu início a um relato esbaforido do que ocorreu quando o barco se afastou na água negra como a noite e ninguém conseguia avistar Kate.

– Então nos demos conta de que você havia *morrido* – enfatizou ela, bastante empolgada. – Morrido!

– Para minha sorte, não morri – disse Kate, pegando mais um pedaço de torrada com manteiga.

Ao longo da vida, ela já havia enfrentado umas cem manhãs geladas, cavalgando e tremendo de frio, o que provavelmente a ajudara a criar certa resistência às intempéries. Mas não achava que Effie entenderia caso tentasse explicar sua imunidade adquirida a duras penas.

– Lady Wrothe estava de pé – continuou Effie –, procurando-a desesperadamente nas águas.

– Você conseguiu ver Coco?

– Ela ficou se agitando ao lado do barco, nadando com destreza. Você deveria ter visto como ficou pequena depois que lorde Dimsdale a resgatou, parecendo um filhote de gato com os pelos molhados. Lady Wrothe agiu como se um filho tivesse caído na água.

– Então onde eu estava?

– Você finalmente apareceu do lado oposto. Teve muita sorte de não bater a cabeça no outro barco. Todos que estavam nele caíram na água, porém conseguiram sair logo, menos o príncipe. Lady Wrothe foi a primeira a vê-la e gritou para que ele fosse salvá-la, “*neste instante*”. – Effie riu. – Nunca imaginei que veria alguém dando ordens a um príncipe daquela maneira. E é claro que ele obedeceu, foi nadando resgatá-la.

– Que estranho – comentou Kate. – Senti como se apenas um instante tivesse se passado antes de eu alcançar a superfície e o barco se afastar.

– Deve ter sido mesmo – disse Effie, refletindo um pouco. – Fomos puxados pelo lacaio, é claro, que não sabia o que estava acontecendo. Mas, naquele momento, asseguro-lhe que tudo pareceu durar muito tempo. Quando você não apareceu, com aquelas luzes vermelhas e azuis ricocheteando sobre a água... até mesmo o príncipe pareceu terrivelmente angustiado.

– Como conseguiu vê-lo? Ele não estava na água?

– Sim, mas lady Wrothe gritou que você havia desaparecido e eu vi os olhos dele. Minha mãe falou que nunca mais poderei me aproximar do lago. Nem durante o baile.

– Não me diga que estão planejando mais uma exibição!

– Apenas os criados que sabem nadar poderão ficar nos barcos. Ninguém mais – explicou Effie. – Mas já está tudo planejado. Os barcos vão disparar fogos de artifício e creio que será muito bonito.

No entanto, terei que assistir da escadaria, pois mamãe está furiosa – acrescentou ela, soando melancólica.

– Quer a última torrada? – perguntou Kate.

– Não, obrigada – respondeu Effie. – Eu como muito pouco. Pode ficar com ela. Além disso, você corre o risco de adoecer. Todos estão comentando... Depois da terrível doença que teve há alguns meses, agora esse choque e o frio... – Ela fez uma pausa. – Embora você pareça estar muito bem.

Kate sorriu para ela.

– Estou realmente bem.

– Eu não sabia que seu cabelo era tão longo – observou Effie. – Por que está sempre de peruca? Não fica com muito calor? Eu não suporto usá-las.

– Gosto de perucas.

– Espero que não se importe com meu comentário, mas acho seu cabelo muito bonito. Tem tantos reflexos avermelhados e dourados... lembra o pôr do sol. Melhor do que aquela peruca vermelha, ainda que esteja *na moda*. Effie ficou girando o garfo por um momento, em seguida disse: – Foi tão romântico quando lorde Dimsdale entrou na água atrás de você. Gostaria que tivesse visto. O barco endireitou-se e ele gritou seu nome, depois mergulhou de uma só vez. Embora, claro, você estivesse do outro lado.

– Quem fez isso? Algie? Parece bastante romântico. Meu noivo deve ter qualidades ocultas. – Ela ficou realmente surpresa.

– Todos estão apaixonados por você – afirmou Effie. – Lorde Hathaway também.

– Ele é todo seu – disse Kate na mesma hora.

– Não estou muito segura... Você é tão divertida! Faz comentários tão espirituosos! – Ela olhou para Kate com uma expressão séria e afetuosa. – Não quero que pense que estou apaixonada por lorde Hathaway, pois não é verdade. E não estou desesperada para me casar.

– Também não estou – afirmou Kate, erguendo-se para tocar o sino. – Não se importa se eu pedir mais chocolate quente, não é? Acho que afundar no lago me deixou faminta.

– Nós não nos conhecemos durante a temporada – continuou Effie –, embora eu tenha ouvido falar de você, é claro. Mas ninguém me disse que era tão engraçada. Acho que é por isso que todos estão apaixonados por você.

Kate soltou uma gargalhada.

– Realmente não sei do que está falando.

– Todos estão apaixonados por você – repetiu Effie. – Lorde Dimsdale, lorde Hathaway e até o príncipe. Eu vi os olhos dele, lembra? Pareciam aterrorizados.

– *Você* tem um dom natural para o melodrama – disse Kate. – Olhe! Aí vem Rosalie. – Ela pediu à camareira outra rodada de chocolate quente e mais algumas torradas com manteiga, então se recostou. – Sinto arrepios só de ouvi-la falando na água negra como a noite e nas luzes ricocheteando em todos os lados.

– Foi horrível – confessou Effie. – Fiquei imaginando que uma mão coberta de algas tinha surgido do nada, arrastando-a para as profundezas.

Kate riu novamente.

– Acho que não há peixes naquele lago. Suponho que seja apenas uma poça alimentada por um rio subterrâneo. Não existem muitas plantas ali!

– Nunca se sabe o que vive num rio subterrâneo – observou Effie, seus grandes olhos cada vez mais arregalados.

– Talvez alguns peixinhos – respondeu Kate. – E ninguém está apaixonado por mim.

Seu tom deve ter soado convincente, pois após um segundo Effie disse:

– Bem, naturalmente lorde Dimsdale está.

Kate se esquecera do “noivo” mais uma vez.

– Exceto Algie, claro – concordou.

– Você é tão sortuda! Eu adoraria ter um noivo como lorde Dimsdale. Ele é tão atencioso, jovem e bonito!

– Bem, lorde Hathaway também é – afirmou Kate, bastante surpresa.

– Na verdade, ele é mais *velho*.

– Mas é muito bonito, gentil e confiante – acrescentou Kate. Effie assentiu.

– Eu sei. Minha mãe diz a mesma coisa.

– Mas você não está empolgada com essa estabilidade e gentileza.

– Ele será um bom marido, tenho certeza, porém não saltou na água atrás de você.

– Um ponto a menos para ele – concordou Kate.

– Mais tarde ele explicou que, como não conseguiu avistá-la, não havia razão para pular. Até faz sentido, mas não é o que uma mulher deseja ouvir, sobretudo se estiver morta.

– Talvez ele tivesse mergulhado se fosse você no meu lugar – sugeriu Kate.

– Duvido. Acho que ele sente pena de mim, o que é bem diferente da enorme adoração que lorde Dimsdale obviamente sente por você. – Ela hesitou. – Alguém já lhe contou o que... aconteceu comigo?

Será que ela se referia ao garfo?

– Não – respondeu Kate. – Mas sua mãe falou do seu pai...

– Primeiro ele morreu, pouco antes da minha primeira temporada. No ano seguinte, minha tia faleceu. Depois foi a vez da minha tia-avó. – O rosto suave de Effie ficou tenso. – Deviam abrir uma exceção durante o luto quando a pessoa precisa debutar. Todos falam de mim como se eu fosse uma solteirona, mas eu mal tive uma temporada!

– Que bobagem – disse Kate, tentando afastar a lembrança de Henry descrevendo Effie, de modo casual, como octogenária. – Eu...
– Ela conseguiu se conter antes de confessar a própria idade. – Eu pareço mais velha que você. Isso é o que importa.

– Tudo corria muito bem no ano passado – falou Effie, bebericando o chocolate quente –, até que algo terrível aconteceu com lorde Beckham. Você o conheceu?

Kate balançou a cabeça.

– Minha mãe ficou tão ultrajada que me levou para o campo depois de apenas dois bailes. Então tive que recomeçar tudo este ano.

Só podia ser o garfo.

– O que houve? – quis saber Kate.

Effie revirou os olhos.

– Ele é completamente louco. Disse que... Talvez você não compreenda, Kate, mas ele disse a todos que eu o apalpei. Em uma parte íntima!

– Não!

– Sim, ele fez isso. E a verdade é que ele tentou me beijar. Não teria me importado tanto, mas ele me pressionou de uma maneira revoltante. Eu me afastei e disse que ele era um verme repugnante. Ele se irritou e me agarrou lá... lá embaixo, com a *mão*.

Mesmo levando em conta o talento de Effie para o melodrama, o sujeito era detestável.

– Que homem repulsivo! – exclamou Kate. – Tivemos um padeiro assim no vilarejo uma época. Meu pai teve que expulsá-lo do condado.

– Ele não teria feito isso se meu pai fosse vivo – lamentou Effie.
– Papai o teria atravessado com uma espada. De qualquer forma, havíamos levado nossos pratos de torta de damasco para serem degustados na varanda, então peguei meu garfo e enfiei-o na mão dele. Como meu pai não estava por perto para espetá-lo, eu

mesma o fiz. Mas, quando me dei conta, todos estavam comentando a versão dele.

– Você deveria tê-lo espetado nas calças – declarou Kate.

– Ele espalhou uma mentira. Só que, com exceção da minha mãe, ninguém acreditou em mim. Por isso tivemos que nos retirar para o campo. E este ano... – ela parecia arrasada – bem, alguém como lorde Hathaway é tão sensato e gentil que, naturalmente, não dá ouvidos a esse tipo de boato.

– Isso é horrível – disse Kate. – Eu soube no momento em que a conheci que não poderia ser verdade, pois...

– Então você também ouviu o boato! – exclamou Effie, desatando a chorar.

Felizmente, Kate se acostumara a ver lágrimas em seu convívio com Victoria, então serviu outra xícara de chocolate quente à amiga e deu-lhe um tapinha na mão. E a deixou quieta. Com Victoria, qualquer expressão de piedade apenas prolongava o choro.

De fato, Effie enxugou os olhos e pediu desculpas.

– Estou nervosa – explicou –, pois Beckham chegará hoje e não o vejo desde o ano passado.

Kate estreitou os olhos.

– Ele vem para o castelo?

– Sim, hoje – confirmou Effie, em meio às lágrimas. – Não é um grande azar? Consegui evitá-lo durante toda a temporada porque minha mãe subornou um de seus lacaios, então sempre sabíamos o que ele faria. Mas agora minha mãe diz que não podemos ir embora, pois lorde Hathaway está prestes a pedir minha mão.

Ela não parecia muito feliz com aquela perspectiva.

– Gosto de lorde Hathaway – falou Kate.

– Eu também, é claro – concordou Effie, suspirando. – É só que... bem... ele não é exatamente romântico, não é? Jamais me traria flores, a menos que tropeçasse nelas ao atravessar seu jardim.

– Você tem muita imaginação – observou Kate.

– Consigo ver a esposa dele, coitada – disse Effie. – Ela aguardará com ansiedade o próprio aniversário chegar, torcendo para que ele lhe traga uma tiara de diamantes ou ao menos um xale indiano, e ele vai aparecer com um abafador de chá. Os olhos dela transbordarão de lágrimas, mas, como ama o esposo e não é culpa dele, ela vai engolir a tristeza.

– E vai comprar para si mesma um xale indiano, eu espero – emendou Kate. – Você é uma excelente contadora de histórias! Eu quase consigo ver os olhos marejados dela. Por que não espalha a verdadeira história do que aconteceu com Beckham? Tenho certeza de que convenceria a todos.

Effie balançou a cabeça.

– Minha mãe tem convicção de que uma dama nunca deve mencionar tais assuntos. Ela se abala muito com tudo. Na verdade, não deve sair da cama hoje, de tão angustiada que ficou por eu quase ter morrido ontem à noite.

Kate ergueu uma sobrancelha.

– Eu sei... a maioria das pessoas diria que foi você quem quase morreu, e não eu – admitiu Effie, suspirando.

– Se você contasse a verdade a Henry, minha madrinha, ela acabaria com Beckham – afirmou Kate.

– Ela gosta mesmo que a chamem de Henry? É um nome tão estranho para uma mulher.

– Seu nome é Henrietta, mas ela prefere Henry.

– Eu amo vê-la chamar o marido de Bombom – comentou Effie, suspirando profundamente. – É tão...

– Romântico – completou Kate, rindo.

– Acho que li romances demais – confessou Effie, envergonhada.

– Eu não li muitos romances; no entanto, pelo que sei, o vilão sempre recebe o castigo merecido. E isso é o que acontecerá com Beckham, garanto a você. Pense em Henry como uma fada

madrinha: ela pode agitar a varinha de condão e dar um jeito naquele verme repugnante.

- Eu adoraria vê-lo virar um nabo – brincou Effie.
- Ela vai fazer dele um purê de nabo.

Capítulo 21



— Você vai participar de uma grande caça a coelhos esta tarde – informou Wick, segurando Gabriel pelo braço após o almoço.

– Não vou, não – respondeu Gabriel de imediato.

– O que houve com você? – perguntou Wick. – Nunca foi muito tranquilo e obediente, mas agora está agindo como um grosseirão enraivecido. Eu agradeceria se mudasse seu comportamento. Tenho um castelo lotado de pessoas, e o adivinho da sua tia está levando metade das damas a um ataque de nervos, pois saiu distribuindo previsões do futuro como se fossem confetes. E cada uma é mais deprimente que a outra.

– Se quer ouvir algo deprimente, vá conversar com meu tio. Tive que escutá-lo por uma hora ontem à noite enquanto ele soluçava. Isso mesmo: soluçava! Tudo por causa do fracasso de seu espetáculo naval.

– A culpa foi minha – confessou Wick. – Assisti a todos aqueles inúmeros ensaios e não me ocorreu que a sincronia poderia ser afetada por passageiros bêbados.

– Bem, pelo menos ninguém se afogou – consolou-o o príncipe.

– A Srta. Starck tomou café da manhã com Kate e informou que ela está bem. Então não houve nenhum grande dano.

– Nesse caso, você pode, por favor, pegar seu maldito equipamento de tiro e levar alguns daqueles homens para longe de

mim?

- Não. Peça a Frederick para ir no meu lugar, por favor.
- Verei se consigo tirá-lo do chiqueiro – disse Wick, afastando-se.

Quando teve certeza de que Wick estava longe e não o ouviria, Gabriel chamou um jovem laçao e lhe passou uma série de instruções explícitas e urgentes.

Em seguida, foi para o escritório, trancou a porta e se dirigiu até um pequeno quadro na parede. Na pintura, ao fundo, uma batalha era travada; em primeiro plano, havia um pássaro empoleirado em um arbusto. Logo abaixo, no chão, estava uma armadura, abandonada exatamente no ponto onde um cavaleiro conseguira arrancá-la. A única parte que se via dele era um pé sem vida no canto inferior direito. E o pássaro continuava cantando, com seu olhar firme e alerta mostrando total indiferença em relação ao guerreiro caído, tolo o suficiente para morrer sob sua árvore.

Fora a única pintura que Gabriel trouxera de Marburgo, aquela que simbolizava seu ódio contra a violência e as guerras esporádicas que marcavam todos os pequenos principados, entre eles o de seu irmão.

Encaixando o dedo embaixo do quadro, ele o retirou da parede. Ali havia uma alavanca simples. Com um puxão, uma porta se abriu no painel de madeira, revelando um corredor extremamente empoeirado.

Wick e ele tinham concluído que os benefícios de uma limpeza do corredor não valiam as possíveis consequências danosas. Embora a existência de uma passagem secreta no interior das espessas paredes do castelo não fosse tão terrível, havia o fato de que o corredor oferecia aberturas para se espiar a maioria dos quartos.

Empoeirado estava e empoeirado continuaria.

Gabriel entrou ali, tirando da cabeça o fato de que Wick ficaria furioso ao saber que ele decidira revelar a existência do corredor.

Ele foi parando e espiando os quartos para se orientar. Cortinas de ouro indicavam que aquele era o quarto da rainha, agora destinado a lady Dagobert. Gabriel passou direto por mais quatro buracos, calculou sua localização e depois olhou novamente, piscando e então seguindo em frente, apressado. Se seus convidados haviam optado por não cochilar após o almoço, não era da conta dele.

Após pular mais quatro buracos, olhou mais uma vez e soube que tinha chegado ao quarto certo, pois lá estava Freddie, enrolado como uma bolinha de pelos no meio da cama. Não se ouvia nenhum som, o que sugeria que a camareira de Kate não se encontrava no cômodo.

Ele encostou a boca no buraco e disse:

– Kate.

Nada.

Então falou mais alto.

– Kate!

Um palavrão foi sussurrado, fazendo-o sorrir, e então ele ouviu passos até a porta do quarto. Ele não conseguia vê-la, mas imaginou que Kate estivesse verificando o corredor.

Ela fechou a porta, mais devagar do que a abrira, e ele tentou outra vez:

– Venha até a lareira e olhe para o lado direito.

– Odeio pessoas que espionam os outros – disse ela, alto.

– Não estou espionando ninguém! – protestou Gabriel. – Tudo o que vejo daqui é a sua cama.

Um silêncio sepulcral foi toda a resposta que recebeu.

– Freddie parece confortável.

– Freddie sempre está confortável. Por que está espiando a cama de uma dama?

– Vim convidá-la para fazer um passeio comigo. Em segredo.

– Deduzi que fosse em segredo. Quantas pessoas andam por esse corredor à noite?

– Nenhuma – assegurou ele. – Jamais. Você é a única além de Wick que sabe que essa passagem existe.

– Estamos na Inglaterra – observou ela. – Você não construiu este castelo. Provavelmente metade dos seus convidados sabe da existência dele.

De repente, um olho surgiu diante dele. Um olho verde-claro, belíssimo como a luz que atravessa uma janela de vitrais.

– É você mesmo? – indagou ela, com desconfiança.

– Claro que sou eu.

– Devo puxar uma alavanca para deixar você sair daí?

– Não há entrada para nenhum quarto.

– Apenas para espiar – murmurou Kate. – Repugnante.

– Tenho uma carruagem aguardando lá embaixo. E um piquenique. Falei ao laçao que levaria uma das minhas tias para ver o antigo convento.

– Um convento soa mesmo como pura diversão – disse ela, afastando-se.

Tudo o que ele via agora, de novo, era Freddie. Ela continuou, sua voz soando à direita:

– E sua tia, ela apreciará essa excursão?

– Seremos apenas nós dois – revelou Gabriel, prendendo a respiração.

Nenhuma dama aceitaria aquele convite. Jamais. Sem levar uma acompanhante, uma camareira ou uma tia?

O olho de Kate reapareceu.

– Está planejando me seduzir na carruagem?

O verde parecia um pouco mais escuro devido à afronta.

– Eu adoraria – respondeu ele, com pesar –, mas não conseguiria viver com a minha consciência, então não o farei.

– Tem consciência quando se trata de gente como eu? Achei que você e Wick já tivessem definido qual é a minha posição.

– Você pode ser ilegítima, mas duvido que seja filha de algum criador de porcos, apesar de todo o seu grande conhecimento sobre esses animais.

– Não sou mesmo – disse ela, desaparecendo novamente.

Ele a ouvia caminhar.

– Se eu fosse filha de um criador de porcos, você me seduziria?

– Na verdade, nunca seduzi uma donzela – confessou ele.

– Como é virtuoso!

– É provável que não seja um sinal de virtude – admitiu. – Príncipes quase nunca conseguem ficar sozinhos. Quando eu era mais jovem, teria sentido prazer em me divertir com uma donzela de qualquer tipo, mas não tive a oportunidade.

O olho reapareceu.

– Precisa prometer, do alto de sua confusa honra de príncipe, que não me beijará. Seus beijos me deixam transtornada.

Aquilo foi inesperado.

– Você poderia me beijar – sugeriu ele.

– Não vou beijá-lo. Preciso conseguir um marido. Além do mais, sua noiva... Ela chegará hoje?

– Ela chegou à Inglaterra – confirmou Gabriel, com relutância. – É provável que esteja aqui amanhã.

– Não haverá beijos – afirmou Kate.

Ele concordou com a cabeça, mas lembrou que a jovem não conseguia vê-lo.

– A verdade é que estou enlouquecendo dentro deste quarto. Effie me trouxe algumas bobagens deprimentes para ler. Não gosto muito de romances. E Henry não me deixa sair porque acha que, se me virem muito saudável, as pessoas vão começar a questionar a doença que me fez perder peso.

– Eu trouxe um véu para você. Ninguém vai reconhecê-la.

- Um véu?
- Minha tia usa o tempo todo. Um véu de luto. Encontrarei você na porta do seu quarto em cinco minutos.
- Posso levar Freddie? Eu poderia escondê-lo sob o véu.
- Não. Minha tia nunca late.

Capítulo 22



A mulher que saiu do quarto de Kate vestia preto da cabeça aos pés.

Gabriel ofereceu-lhe o braço, sentindo um prazer ridículo.

– Curve-se um pouco – sugeriu, enquanto caminhavam pelo corredor. – Minha tia tem 73 anos.

O véu estremeceu quando ela balançou a cabeça.

– Já estou com bastante dificuldade. Não dá para ver onde piso.

Como ela consegue enxergar assim?

– Ela está de luto há muito tempo – explicou Gabriel.

– Quanto tempo?

– Cinquenta anos, mais ou menos.

Silêncio.

– Você está pensando que ela exagerou no luto.

– Eu nunca julgaria uma princesa – disse Kate num tom formal, embora ele soubesse que era mentira.

– Foi uma escolha muito inteligente, na verdade – declarou ele.

– Meu pai teria lhe conseguido outro marido, mas minha tia caiu numa tristeza tão grande que ninguém se casaria com ela.

– Presumo que seu sofrimento não fosse tanto assim.

– Meus irmãos e eu adorávamos ir ao quarto dela. Jogávamos canastra e apostávamos caroços de cereja. Ela me apresentou ao conhaque e me deu muitos bons conselhos.

– De que tipo?

– Ela adorava pensar em situações improváveis. Por exemplo, e se o Grande Dilúvio acontecesse novamente? Como sobreviveríamos?

– Boa pergunta – reconheceu Kate. – E tinha a resposta?

– Concluimos que um bom barco com o porão cheio de frutas secas nos salvaria. Quando eu era pequeno, roubava avelãs da mesa para ela montar um suprimento. Suponho que as comesse escondido. Mas titia nunca me desiludiu. Toda vez que chovia, eu ficava feliz ao pensar nas vastas reservas de comida que havia embaixo da sua cama.

– Que gentil da parte dela – disse Kate. – O que ela diria sobre as filhas de criadores de porcos?

– “Fique longe delas” – respondeu ele na mesma hora.

– Meu pai, sem dúvida, diria o mesmo sobre príncipes prestes a se casar – replicou ela.

Os dois desciam a grande escadaria agora.

– Um último grupo de lacaios e estaremos livres – sussurrou ele.

– Devo fingir que manco?

– Não precisa. Wick não está aqui, e ele é o único que notaria. Vou colocá-la na carruagem e assumir eu mesmo as rédeas. Avisarei quando estivermos longe o bastante para não nos verem da porta. Sairemos da estrada imediatamente.

No momento em que ele deu o aviso, Kate puxou o véu e o arrancou da cabeça.

– Como isso é *quente!* – gritou.

Seu rosto estava vermelho e...

– Outra peruca? – perguntou Gabriel, desapontado.

Ela ficara tão molhada na noite anterior que ele não distinguira qual era exatamente a cor dos cabelos de Kate, mas imaginava que fossem louros, num tom entre o mostarda e o vinho branco envelhecido.

– Sempre uso peruca – respondeu ela, com firmeza.

Então olhou para ele e riu. E Gabriel sentiu um desejo tão feroz que quase soltou as rédeas.

– Meu cabelo é meu único trunfo. Prefiro guardá-lo para quando puder ser eu mesma, Kate, e não Victoria.

– Você hoje é Kate – afirmou ele.

– Não, não sou. Só aceitei vir a este passeio com você porque Victoria é um tantinho devassa – disse ela, com um sorrisinho maldoso. – Eu mesma nunca faria algo assim.

– O que costuma fazer, então? – indagou ele, muito curioso.

– Um pouco de cada coisa – disse ela, num tom despreocupado.

Houve alguns segundos de silêncio enquanto ele conduzia a carruagem para fora da estrada e entrava numa pequena trilha que serpenteava no entorno do castelo, logo abaixo dos muros.

– Que tipo de coisas? – insistiu ele. – Cuidar de porcos?

– Na verdade, não há nenhum porco em minha vida – respondeu ela. – Animador, não? Quando eu me sinto oprimida, imagino como teria sido com os porcos.

– Você se sente oprimida?

– Às vezes – falou Kate, distraidamente. – Mas minha madrinha tem me protegido, e da próxima vez que me vir estarei vivendo de modo respeitável em Londres, com Henry ao meu lado.

“Lady Wrothe deve ter lhe dado um dote”, pensou Gabriel, “uma atitude digna da parte dela.” Embora ele detestasse a ideia de ver Kate flertando com aqueles londrinos imbecis. Na verdade, sua vontade era raptá-la e...

Agir como o príncipe malvado dos contos de fadas. Meu Deus.

– Você parece estar com calor – observou Kate. – Onde fica esse convento, afinal?

– Não estamos indo a um convento. Daremos a volta no castelo e entraremos em um jardim secreto.

– Um jardim secreto... Como você o descobriu? Não me diga que uma fada mostrou o caminho.

– Entregaram-me a chave. É secreto apenas porque o portão dá para a área externa do castelo e não para o pátio, então ninguém se dá o trabalho de ir até lá. Nem mesmo Wick investigou aquela área.

Seguiram por mais alguns minutos. Por fim, Gabriel parou a carruagem e saltou, jogando as rédeas sobre um pequeno arbusto. Depois, apanhou uma cesta de dentro da carruagem e virou-se para dar a mão a Kate, mas ela já havia descido.

Ele queria... Era ridículo... Mas ele queria ser descaradamente possessivo, arrancá-la da carruagem e carregá-la até o portão. Desejava estender uma manta no chão e erguer as saias dela ali mesmo ao ar livre, onde qualquer um poderia vê-los. Queria...

Ele perdera a cabeça. “É a única explicação”, pensou, enquanto caminhava atrás de Kate, que saltitava e colhia flores como uma criança de 5 anos. Wick tinha razão. Toda aquela história de casamento e a iminente chegada da princesa Tatiana haviam abalado seu estado mental.

Ele estava prestes a se casar. *Casar*. O que tornava ainda mais inadequado o fato de que não queria estar com ninguém além daquela filha ilegítima de um criador de porcos, aquela que colhia margaridas a alguns passos dele.

Era como um conto de fadas, só que a vida não era um conto de fadas e príncipes não ficavam com filhas de criadores de porcos – a menos que rompessem com todas as convenções sociais que tinham conhecido durante a vida inteira.

E ele não faria isso.

Mesmo que a visão do corpo de Kate se inclinando para pegar outra flor o deixasse tão ávido e descontrolado que seus dedos chegassem a tremer. Ele largou a cesta e soltou uma série de

palavrões em voz bem baixa, seu método preferido para recuperar o controle.

Havia funcionado com a corte de seu irmão; funcionaria agora também.

– Vamos entrar? – chamou Gabriel, indo até o portão e destrancando-o.

O muro de tijolos era alto e muito antigo, tão antigo que quase ruíra nas partes cobertas por hera.

Ele abriu o portão para um emaranhado de flores diversas. Aqui e ali, misturadas às outras plantas, viam-se fritilárias e cem-folhas, com uma infinidade de pétalas pelo chão, como se alguém as tivesse salpicado como alpiste.

– Ah! – exclamou Kate. – É maravilhoso! – Ela avançou correndo, segurando as saias. – É um jardim secreto *de verdade*. Há estátuas secretas também. Veja, ali tem uma, quase escondida naquela moita de roseira brava.

– Deve ser uma deusa – disse Gabriel, enquanto Kate afastava a hera que cobria os ombros de pedra clara.

Juntos, eles derrubaram um amontoado de hera que pendia sobre o rosto da estátua.

– Ah! – disse Kate, num sussurro. – Ela é linda.

– Ela está chorando – reparou Gabriel, surpreso.

Kate se aproximou mais e arrancou outro caule de hera emaranhado à estátua.

– É um anjo.

As asas do jovem anjo estavam dobradas. Ele olhava para baixo, seu rosto branco como neve e mais triste que o inverno.

– Ah, meu Deus! – exclamou Gabriel, dando um passo para trás. – Isto não é um jardim secreto, é um cemitério. Podiam ter me contado isso.

– Então onde estão os túmulos? – indagou Kate. – Veja, não há nada sob os pés da estátua além de um pedestal. A família não

estaria enterrada na capela?

– Sim – disse Gabriel, aliviado, pensando nas tumbas dos lordes e damas Pomeroy alinhadas ordenadamente na capela do castelo.

– Mas por que diabo ela está aqui?

Kate estava abaixada arrancando a hera do pedestal. De repente, começou a rir.

– O que foi?

– Isto aqui é um cemitério – declarou ela, rindo ainda mais.

– Lembre-me de nunca escoltá-la até um terreno sagrado – respondeu Gabriel, abaixando-se também. Ele começou a ler em voz alta: – *Em memória de...* Quem? Não consigo ler.

– *Meu amado Rascal* – terminou Kate. Ela afastou mais um pedaço da planta e deu a volta no pedestal. – E não apenas Rascal. Há também Dandy e... – ela avançou mais um pouco – Freddie! Meu Deus, preciso trazer meu Freddie aqui. Será como visitar os túmulos dos antepassados na Abadia de Westminster.

– Eu tenho meu próprio cemitério de cães – falou Gabriel. – Se eu tivesse um monte deles, como você, poderia preparar as pequenas sepulturas enquanto ainda estivessem vivos. Começaria com Freddie, pois ele vai acabar morrendo de susto qualquer dia. Vou mostrar este lugar ao meu tio. Talvez ele se sinta melhor se pusermos aqui uma estátua de um cão comendo pickles.

Ela o cutucou.

– Não seja ridículo.

Ele esticou o braço e arrancou a peruca de Kate. Junto com a peruca vieram uma profusão de grampos e um grito. Ele a colocou na cabeça da estátua do anjo sofredor.

– Ficou linda – disse, satisfeito.

E ele não se referia à escultura, que mais parecia uma prostituta bêbada com aquela peruca rosa.

Os raios de sol refletiram nos antigos tijolos rosados e nos cabelos de Kate, em cada fio furioso.

E ela estava gritando com ele, é claro. Ninguém jamais gritara com ele. Ninguém exceto Kate... e isso acontecia porque ela era de outra classe, não sabia que nunca se deveria repreender um príncipe.

Nem mesmo quando ele era criança o repreendiam. Sua ama e as amas de seus irmãos conheciam bem seu lugar. Na juventude, ele desafiava os limites, sempre tentando irritar os criados. Ninguém o censurava. Quando ele ateou fogo ao tapete do quarto das crianças, não houve uma única palavra ou gesto de reprimenda. Quando Rupert engravidou uma das criadas do andar de cima, seu pai apenas riu.

O único que o olhou com desprezo ao ver o tapete queimado e o chamou de idiota foi Wick. Ele bateu no irmão, que o acertou de volta, e os dois acabaram rolando no chão. Depois disso, ele se sentiu melhor. Porque uma criança sabe quando merece ser repreendida, e se não for...

Bem...

"Se alguém tivesse ralhado algumas vezes com meu irmão Augustus", pensou Gabriel, "ele não teria sido tão vulnerável ao frade dos infernos que surgiu por lá com suas promessas celestiais." No fundo, Augustus sabia que não merecia tudo o que possuía.

Essa verdade levou-o a desconfiar das pessoas... e o fez temer o que aconteceria após sua morte.

Kate não mentia. Era fascinante ouvir a verdadeira fúria que havia em sua voz.

E aquela fúria fez crescer, de modo inesperado, o volume nas calças dele.

Ou talvez fossem os cabelos. Brilhavam como morangos embebidos em ouro.

– Eu só queria ver o seu maior trunfo – explicou, interrompendo a afronta dela. – Você tem razão. É muito bonito.

– Eu *falei*... – começou Kate, mas ele a cortou quando ela respirou fundo.

– Eu sei. Você estava guardando para o momento em que conhecesse seu príncipe encantado. Bobagem.

Ela mantinha as mãos na cintura, encarando-o como se fosse uma camponesa. Gabriel sentiu uma onda de alegria.

– Pode ser bobagem para você – vociferou Kate. – Mas eu lhe falei os meus motivos e você... você simplesmente os ignorou, pois acha que tudo o que faz é aceitável.

Ele ouviu em silêncio, incrédulo, assimilando aquelas palavras.

– Não é verdade? – indagou ela. – Nesse seu mundinho limitado e arrogante, você pode arrancar a peruca de uma mulher apenas porque tem vontade. E arrancar as asas de uma borboleta e engravidar uma jovem leiteira e...

– Pelo amor de Deus – disse Gabriel. – Como conseguiu ir de perucas a leiteiras e borboletas?

– Tudo gira em torno de você – bradou ela, fulminando-o com o olhar.

O ridículo era que, embora ela estivesse falando coisas terríveis – todas verdadeiras, exceto a parte das borboletas e dos filhos ilegítimos –, ele se sentia cada vez mais rijo, e só crescia sua vontade de roubar outro daqueles beijos e de se jogar sobre ela na grama.

– Não pense que não estou entendendo esse seu olhar – alertou ela, ficando muito séria.

– O que estou pensando?

Sua voz saiu do peito com um estrondo, o tipo de som áspero que um homem faz quando...

– Está pensando em quebrar sua promessa – disse ela, cruzando os braços sobre os seios. – Está prestes a convencer-se de que eu *quero* que me beije, mesmo tendo prometido que não o faria. Porque em seu mundo...

– Eu ouvi essa parte – respondeu ele. – Sobre o meu mundo limitado. Você quer que eu a beije?

Ele sentiu como se o mundo inteiro tivesse prendido a respiração nesse segundo, como se os pardais sem rumo tivessem fechado o bico e as abelhas pairassem ali, ouvindo.

– Meu Deus! – exclamou Kate com repulsa, afastando-se. – Você nunca vai entender, não é mesmo?

Ele entendia que a curva do pescoço dela era mais deliciosa que a de qualquer mulher que vira em anos. Aproveitando que ela lhe dera as costas, ele rapidamente ajeitou as calças.

– Você me considera um idiota. E provavelmente tem razão. Como prometi, não vou beijá-la. No entanto, nunca prometi que não tiraria sua peruca. Você me explicou seus motivos, no que diz respeito à peruca, e isso, na minha opinião, é bem diferente de dar minha palavra.

– Você está tentando me engambelar com esses detalhes.

Kate continuava de costas, obstinada como só ela. No entanto, a delicada linha das costas dela era ainda mais sedutora do que as curvas dos seios. Ele desejou percorrer cada curva de suas costas com a língua.

Não deveria pensar naquelas coisas, percebeu o príncipe, atordado. Ela não era para ele. Kate se curvou para chegar mais perto de algo escondido na grama e a mente de Gabriel o presenteou com a imagem de si mesmo beijando a cintura dela, depois descendo mais, e mais...

– Vamos almoçar? – sugeriu ele, com grunhidos.

– Há outro mármore aqui – observou Kate, puxando um emaranhado de hera e de ervas daninhas.

Ele rosnou e foi até ela. Fez tanta força que um grande pedaço de hera se soltou, com raízes e tudo. Poeira e folhas saíram voando.

– É a estátua de uma criança, desta vez – falou Kate, caindo de joelhos.

O lado lascivo do corpo de Gabriel aprovou aquilo. Isso... de joelhos...

Ele se virou e saiu do jardim para pegar a cesta de piquenique, amaldiçoando seu desejo.

Wick estava certo. Ele perseguia Kate apenas porque não podia se casar nem dormir com ela. Em suma, porque era um idiota.

E ela provavelmente tinha razão também. Ele era um asno arrogante que havia tirado sua peruca apenas porque decidira fazê-lo. Estava se tornando tão cruel quanto Augustus. Quanto Rupert. Wick o mantivera na linha durante a maior parte de sua vida, trazendo-o de volta à realidade quando ele começava a acreditar que seu título significava alguma coisa...

Será que ele se transformara em um asno quando Wick não estava olhando? Provavelmente, sim.

Capítulo 23



Kate terminou de tirar o mato da estátua da criança. Era uma menina pequenina e rechonchuda, usando um avental, sentada no chão às gargalhadas.

– Olá – murmurou Kate para a menininha de pedra. – Imagine só...

Puxou as ervas daninhas do pedestal e encontrou uma inscrição simples: *Merry, querida*.

– Arruinou suas luvas – disse uma voz às suas costas.

– Minha criada trouxe caixas e mais caixas de luvas – informou ela. – Veja, Gabriel. Não é uma graça? Tem cachinhos.

– E asas – destacou ele. – É um anjinho.

– Acha que ela era Merry ou Merry era, talvez, uma gatinha querida? Ela lembra os cupidos do corredor norte. Talvez tenha sido criada pelo escultor trazido da Itália. Aquele que escapou num tonel.

– Será que alguém ergueria uma estátua só para um gatinho? Meu palpite é que seja um memorial ou talvez a própria sepultura.

Ele se abaixou e afastou um ramo de flores que roçava o rosto da criança.

– É tão triste – disse Kate.

– Há um desejo instintivo de lembrar-se da criança rindo e brincando – falou ele. – Quando escavamos na Berbéria, há dois

anos, descobrimos que as sepulturas de crianças estavam cheias de brinquedos para que pudessem continuar a se divertir na eternidade.

Kate assentiu.

– Não é tão diferente da ideia de colocar a estátua de Merry brincando no jardim.

– Há um pequeno jarro que venho estudando. Veio de uma sepultura e originalmente guardava ossos para o jogo da bugalha. Presume-se que fosse o brinquedo de um menino. Mostro para você algum dia.

– Parece fascinante – disse Kate, a sério.

– Meu velho professor Biggitstiff é conhecido por ser uma besta quadrada. Jogou fora o vaso com ossos e tudo. Na verdade, mandou que a sepultura fosse coberta de terra após descobrir que não havia ouro lá dentro.

– Ele só está interessado em ouro?

– Para falar a verdade, não. Está interessado na fama. Quer uma grande descoberta, algo empolgante. Algo tão banal quanto a sepultura de uma criança pobre nunca o interessaria. É o que me incomoda em relação à escavação de Cartago. Vai virar tudo pelo avesso em busca da sepultura de Dido e, sem dúvida, vai destruir toda espécie de artefato importante.

A voz de Gabriel soou mais distante. Kate olhou por cima do ombro e o viu estendendo um cobertor em um lugar relativamente limpo da grama.

– Venha comer – chamou ele.

Ela se ajoelhou junto a ele.

– É um banquete – reconheceu, com satisfação.

– Tire essas luvas nojentas – falou Gabriel, sacudindo uma coxa de galinha na direção dela.

– Humm... As coisas cheiram tão melhor ao ar livre, já reparou?

– disse Kate, tirando as luvas e dando uma mordida na galinha.

Ele não respondeu, apenas lhe entregou uma taça de vinho, que deslizou com leveza pela garganta dela.

Só depois de comer a coxa de galinha, uma fatia de torta de carne, um pedaço de um maravilhoso queijo rústico e um ovo de codorna em conserva foi que Kate percebeu que Gabriel não havia respondido. Na verdade, nem comia. Estava apenas apoiado nos cotovelos, a observá-la. E lhe dando o que comer.

Kate franziu a testa quando ele ia lhe entregar uma fatia de bolo de amêndoas.

– O que foi? – quis saber.

Gabriel ergueu a sobrancelha.

– Nada.

– Qual é o seu plano?

– Estou tentando engordá-la – respondeu prontamente. – Está magra demais, embora não tenha adoecido na primavera.

– Nunca fui rechonchuda – declarou ela.

– Mas vai precisar de mais do que uma bela cabeleira para arranjar um marido – disse ele, irritante. – As melhores inglesas são curvilíneas. Voluptuosas. Veja, por exemplo, sua madrinha, lady Wrothe. É exuberante, mesmo naquela idade.

Kate comeu o resto do bolo e se recriminou silenciosamente por se importar que ele não a considerasse voluptuosa.

Gabriel agora estava deitado de costas, com as pernas cruzadas, comendo uma coxa de galinha. As calças agarravam-se a suas coxas musculosas. O olhar de Kate vagou até os ombros largos. Os olhos dele estavam bem fechados, contra a luz do sol, e os cílios pareciam convidativos.

– Eu não quis dizer que você arrancava asas de borboleta – disse ela, de repente, afastando o pensamento dos atributos do príncipe.

– E quanto aos filhos ilegítimos que tive com legiões de leiteiras? Falou sério? – perguntou com interesse, embora não se

desse o trabalho de abrir os olhos. Em vez disso, esticou o braço. – Posso pegar uma daquelas tortinhas?

Ela colocou a tortinha na mão dele.

– Imagino que os príncipes possam ter um número ilimitado de bastardos – disse ela. – Que mulher poderia resistir a você? E não se trata de um elogio a seus encantos.

– Entendo – disse ele.

– E também não estou dizendo que teria que usar a força – acrescentou ela, sentindo uma dor na consciência.

Ele era tão lindo que não precisaria de um título para ter as mulheres a seus pés.

– Eu sei.

Ele voltou a esticar o braço e a oferecer a mão larga, com dedos finos, uma poderosa mão masculina. Ela lhe deu outra tortinha.

– Meu irmão Rupert – disse Gabriel – tem numerosos bastardos. É um sujeito bonito.

– Você é... – começou ela, mas interrompeu-se a tempo.

– Bem menos bonito – completou ele. – Rupert é mais príncipe do que eu. Precisa vê-lo quando está todo arrumado e de peruca. Não tenho dúvidas de que a deixaria impressionada.

– Mesmo?

– Ele se parece com um personagem de conto de fadas e age como um personagem de um livro de Aretino – declarou Gabriel, voltando a se apoiar nos cotovelos.

– Aretino? O nome me é familiar, mas não tenho certeza...

– Sem dúvida o nome não lhe é familiar. Não é um escritor conhecido pelas damas. Aretino foi um italiano que se especializou em livros com gravuras travessas que me ensinaram muita coisa quando eu era garoto. Meu pai mandou traduzir um exemplar para o inglês, embora eu deva dizer que a narrativa é praticamente irrelevante. Pergunte a seu marido sobre a obra dele, um dia.

Kate reprimiu um sorriso torto. Ela sabia de onde conhecia o nome. Descobrira um exemplar de *Escola de Vênus* na biblioteca do pai, dois anos antes. As ilustrações eram reveladoras.

– Aqui, beba mais vinho – disse Gabriel.

A bebida se derramou na taça como um vitral líquido, dourado, perfumado, intenso.

– A beleza de Rupert somada ao título que ele carrega transformaram-no em uma pessoa um tanto ruim. – Ele fez uma careta. – Sei que terá dificuldade em concordar que um título poderia influenciar erradamente um homem...

Ela riu. Gabriel zombando de si mesmo e de seu título era... devastador. Sentiu uma pontada no coração e tentou ignorá-la.

– Ele começou a praticar o que aprendeu com Aretino com as mulheres da casa, aos 14 anos, até se voltar para o campo, em grande escala. Meu pai achava graça.

– E você não.

– Rupert nunca foi capaz de atentar para o fato de que havia uma chance de que as mulheres tivessem medo de perder suas posições se não cedessem. É tudo diversão para ele: diz coisas bonitas e sem dúvida lhes dá prazer na cama. Mas...

– O que aconteceu com seus filhos?

Gabriel deu de ombros.

– Tínhamos um punhado deles no castelo. Junto com as mães, é claro. Quando Augustus fez a limpa no castelo, expulsou as mulheres perdidas, sem levar em conta quem as teria feito se perder.

– É errado – disse Kate, mordendo com gosto um pedaço de pera confeitada. – Mas você não tem filhos.

Ela sabia disso instintivamente. Gabriel era o mais arrogante que um homem podia ser – mas levava o castelo inteiro nas costas, uma prova de que não fugia das responsabilidades.

– Wick me mataria se eu começasse a produzir moedinhas falsas
– disse ele, languidamente. – Caso contrário, eu estaria seduzindo uma leiteira agora mesmo.

E lhe lançou um olhar exageradamente malicioso, que não deixava dúvidas sobre quem seria a leiteira em questão.

Kate estendeu o braço e roubou outro pedaço de pera da mão dele.

– Então Wick tem mantido você na linha. Gosto disso. Ele é bom.

Gabriel esvaziou a taça.

– acredite ou não, Kate, gosto de fazer amor com mulheres que não sofrerão com a sedução. Senão... – e abriu um sorriso que o diabo adoraria imitar – senão eu a jogaria nessa grama e você, minha garota, me deixaria exercitar minhas maldades, com ou sem título. Mesmo que eu fosse um pastor.

Kate ficou boquiaberta.

– Encantador! Criatura arrogante!

– Estou incorrendo no hábito da honestidade. – Ele se aproximou. – Foi você quem me disse que os ingleses acham irresistível ouvir verdades desconfortáveis.

– Não consigo ver a relação. Você não é inglês. Nem é irresistível.

– Vamos brincar de ingleses e trocar verdades desconfortáveis. Pode me dizer a primeira. Ou melhor, como isso é corriqueiro para você, diga-me mais uma.

– O quê? Não estou entendendo.

– Diga-me algo que acha que não quero ouvir.

– Há tanta coisa que você não quer ouvir – disse ela, com um leve toque de provocação na voz.

– Se me disser que sou dono de uma beleza inigualável, sei que estará mentindo.

– Você falou em *verdades* – disse Kate.

Ele riu.

– Tem razão, pequena Katelet sem coração. Pode ir em frente.

– Acho que é... – hesitou ela.

– Arrogante? – sugeriu ele.

– Sabe disso.

– Pior?

– Acho que partirá o coração de sua esposa – disse ela, enfim.

Ele se surpreendeu. Virou a cabeça e o cabelo soltou-se da trança, caindo em cachos sobre o ombro.

– Por quê?

– Porque pretende deixá-la e escavar aquela cidade antiga sobre a qual me falou. Posso ver que está apenas passando um tempo por aqui.

– Eu mesmo lhe contei. Não pode atribuir falhas a meu caráter a partir dessa informação.

– Vai partir para Cartago – falou ela, com a voz firme –, e isso não é correto. Não é a forma de honrar os votos matrimoniais.

Ele ergueu a sobrancelha.

– Amar e respeitar – disse ela. – Na saúde e na doença. Depois de partir para Cartago, como poderia ficar sabendo se sua esposa adoecesse? Se ela morresse no parto? Se ela...

– Seu nome é Tatiana. E eu não a deixaria se carregasse uma criança no ventre.

– Como saberia? Com frequência, as mulheres demoram meses para descobrir a gravidez. Permita-me ser direta: está planejando não ir para a cama com Tatiana nos três meses anteriores à sua partida para Cartago? Porque isso também é um problema.

Ele ergueu as costas.

– Existem mulheres que não desejam um marido fuçando suas anáguas o tempo inteiro, sabe? Parece-me que tem uma visão muito romântica do casamento. acredite em mim, não é o que costumo ver nas famílias da realeza.

– Li sobre casamentos reais. Veja nosso rei Jaime, por exemplo. Nunca amou a esposa. Moravam em casas separadas e, segundo dizem, ele amava mais o duque de Buckingham do que a própria esposa.

– Agora estou chocada – disse ele com leveza, mas evitando olhá-la nos olhos.

– Você não vai fazer isso – disse ela, percebendo subitamente o que não enxergara até então. – Não conseguirá partir.

– Com certeza partirei – afirmou ele, com a teimosia de um garotinho que insiste em dar mais uma volta em seu pônei.

– Não, não partirá. Não está em você, príncipe Gabriel.

– Basta! – exclamou ele, e, com um movimento rápido, jogou-se sobre ela, apertando-a contra o cobertor.

– Deus! – exclamou Kate, quando o ar lhe deixou os pulmões.

Ele apenas a olhou, como se o calor de seu corpo não estivesse queimando os membros dela, como se...

– Estou chocada – disse Kate, quase gritando.

Na verdade, ela estava fazendo um esforço imenso para não se enroscar naquele corpo másculo. Mas, em vez de agarrar-se a seu pescoço, deu-lhe um empurrão.

– Você é um regenerado!

Ele curvou a cabeça para um lado e ela sentiu seu hálito roçar-lhe o rosto.

– *Regenerado? Regenerado.* Hummm.

– Saia de cima de mim – ordenou Kate. – O senhor me prometeu.

– Prometi não beijá-la – concordou prontamente. – E não a beijarei. – Abaixou a cabeça enquanto ela empurrava seus ombros.

– Nós, *degenerados*, não damos importância a beijos. – Então, lábios úmidos, perversos e suaves deslizaram pela face de Kate. – Ou quis dizer que sou um *renegado*?

– Ah! – Um calafrio atravessou o corpo de Kate, uma espécie de aviso, seguido no mesmo instante por uma onda de calor. – Saia de cima de mim! – gritou. – Prometeu que não ia fazer isso.

Uma língua quente percorreu seu pescoço e ela não resistiu, roçou sua rigidez e soltou um pequeno gemido.

– Seus beijos são como seus cabelos? – A pergunta foi feita em um tom tão baixo que ela quase não a ouviu, perdida em uma nuvem sensual. – Eles são destinados apenas a um homem... guardados para o homem com quem se casar?

– Sim, estou guardando ambos – disse ela, arfando um pouco, tentando reassumir o controle.

Seus braços estavam presos de um jeito que não era possível empurrá-lo como ela queria. Do jeito que faria se...

– E quanto a lambidas? – perguntou ele.

Seu coração batia tanto que ela mal conseguia ouvi-lo. O cheiro dele era inebriante. Quem diria que os homens – ou seriam apenas os príncipes? – cheiravam assim, como uma especiaria secreta com um toque de couro e sabão?

– É ridículo pensar que me deixar ver seus cabelos adiará sua futura felicidade conjugal. – Gabriel falava na curva de seu pescoço. – É um absurdo.

Seu sussurro queimava a pele e provocava pequenos tremores no corpo de Kate.

– Não é? – indagou ele, erguendo a cabeça e olhando para ela.

Uma espécie de prazer perigoso reluzia no olhar dele. Ela sabia que era perigoso, no entanto...

– Suponho que sim – disse Kate, sem entender muito bem com o que estava concordando.

– Pura superstição – disse ele, sua boca roçando a curva do rosto dela. – E não pense que isso é um beijo, Kate, porque não é. É terrível sentir que não pode mostrar seus cabelos para ninguém até estar desfilando por aí com seu próprio nome.

– Eu...

Ela quase engasgou. Os lábios dele estavam acariciando sua orelha.

– Ah!

Ela não conseguiu deixar de virar a cabeça, para que ele pudesse...

– Você gosta disso – falou Gabriel, a voz grave e melódica.

“A voz do diabo”, pensou Kate vagamente, sem se importar.

– Se eu prometer não desonrá-la, Kate, posso beijá-la? Por favor!

Ele era todo sedução, com aquele peso masculino e a voz doce, mas Kate lutou para pensar com mais clareza. Tinha importância ela beijar um príncipe no jardim? Mudaria o fato de que ia encontrar um homem bom e casar-se com ele?

Ela achava que não. Um beijo, não. Se tudo não passasse de um beijo.

– Você não deve me seduzir – disse ela, surpreendendo-se com o som da própria voz, que adquirira um registro áspero e sensual que ela nunca ouvira antes.

Ele também reagiu ao som. Subitamente, seu corpo parecia pesar mais. Apoiou-se nos cotovelos e deixou livres os braços de Kate, mas ela não bateu nele nem o afastou. Em vez disso, os dois apenas ficaram se olhando, ali naquele claustro iluminado pelo sol, cercados por emaranhados de flores silvestres e alguns pedaços de torta de carne semidevorados.

– Não quero que me seduza – falou ela, utilizando toda a experiência que acumulara negociando com comerciantes. Precisava deixar tudo claro para que ele não lançasse sobre ela toda aquela beleza aristocrática. – Eu sou... sou *virgem* e pretendo permanecer assim até minha noite de núpcias.

Gabriel assentiu e outro cacho voltou a cair sobre seus olhos. Era tão bonito, tão intensamente másculo, que ela sentiu um aperto

na garganta e não conseguiu mais lembrar o que queria dizer.

– Não tirarei sua virgindade – disse ele, com a voz firme e grave. Então sua boca desenhou um sorriso e ele voltou a roçar os lábios nos dela. – Nem que me implore.

– Seu arrogante – balbuciou Kate. – Não sou sua diversão, Gabriel. Não consigo imaginar por que está comigo aqui, quando deveria estar no castelo com seus convidados.

– Por alguma razão, sou louco por seus beijos, Kate – confessou. Seu olhar encontrou o dela e a paralisou, como um coelho diante de uma raposa. – Não sei o que é. Não consigo parar de pensar em você. Beijar você foi a primeira coisa que pensei em fazer quando acordei hoje de manhã – disse ele com naturalidade.

Ela ficou surpresa.

– Andei sonhando com nosso beijo no barco, quando você estava molhada e aninhada em meus braços.

– Você me faz parecer uma truta premiada.

– Eu gostaria de ter lambido cada gota de água do lago – declarou ele, voltando a roçar o rosto de Kate com os lábios. – Se você fosse minha, eu a teria coberto para então despi-la lentamente diante do fogo.

Kate tentou encontrar palavras para responder, mas se sentia perdida numa tempestade de sensações: o timbre áspero da voz dele, a excitante pressão de seu corpo, até o canto casual de uma cotovia tecia um encantamento que a mantinha paralisada.

– Acordei esta manhã – revelou Gabriel – pensando em nada além de tomá-la nos braços e beijá-la de novo. Beijar. Apenas beijar. Como se eu fosse um rapazola inexperiente de 14 anos. Caso não perceba, Kate, beijar não é a inclinação natural de um homem pela manhã.

Ela franziu a testa.

– Pelo amor de Deus – disse ele –, você é mesmo muito virgem!

– Não há nada de errado em ser virgem – anunciou ela, com valentia. – E, se já terminou de se lembrar de seus pesadelos perversos, se importaria em se levantar? Está me tratando como se eu fosse um colchão de plumas.

– Se eu a estivesse tratando com um colchão de plumas, Kate... e, acredite em mim, não há nada que eu quisesse fazer mais do que isso... você estaria gritando de prazer.

Kate fungou.

– Não existe limite para sua vaidade?

– Está me desafiando a demonstrar o que eu disse?

– Não! – exclamou ela no mesmo instante, dando-lhe um empurrão tão forte que ele rolou para o lado e ela conseguiu escapular.

Capítulo 24



Gabriel não se levantou. Permaneceu estatelado aos pés dela, solto, gargalhando. Não parecia um príncipe naquele momento. Parecia tão intenso e cheio de vida quanto qualquer inglês fazendo a corte.

– Você... – começou ela, mas parou, balançando a cabeça.

– Agi sem pensar – confessou ele. – Wick sempre me diz isso. – Ele pôs as mãos atrás da cabeça e abriu um sorriso. – Tudo o que faço é pensar em você.

– Isso é absurdo. Sou... – Ela parou, se recusando a dizer que era magra e velha. – Não tenho intenção de concordar com a avaliação de Wick, mas seu castelo está cheio de mulheres dez vezes mais bonitas que eu. Tenho certeza de que sua noiva será uma rival à altura de todas elas. Por que não está pensando em Tatiana?

– Porque há alguma coisa perversamente sedutora em você, Kate. Aposto que é mais bela do que a curvilínea e empoadada Victoria. E ela era a moça mais linda da temporada nesta primavera. Todos me garantiram isso.

– Enquanto lamentavam como a pobre Victoria perdeu sua beleza – observou ela.

– São tolos. Você é muito mais bela do que aquele anjo ali. E não é apenas porque roubei sua peruca. Sabe que seus lábios têm a

cor da framboesa?

– Obrigada – disse ela, ciente de que deveria interromper aqueles elogios, mas, ao mesmo tempo, incapaz de fazê-lo.

Após todas as humilhações dos últimos anos, aquelas palavras soavam como um bálsamo.

– Adoro framboesas – afirmou Gabriel, sonhador. – Gosto de mordiscá-las, de chupá-las até explodirem em minha boca numa onda de sabor. Gosto de todas as formas: frescas, assadas, no recheio de tortas.

– Está sugerindo que eu ficaria boa numa torta? – perguntou ela, rindo, enquanto se sentava na beirada da toalha de piquenique e erguia sua taça de vinho.

– Você ficaria boa de qualquer maneira – declarou Gabriel. – Eu gosto particularmente do xarope de framboesa – acrescentou, com um risinho pecaminoso.

Imagens do livro de Aretino tomaram conta da mente de Kate, mas... O que ele queria dizer?

O vinho gelado desceu por sua garganta. Ela não podia permitir que o desejo tomasse conta de seu ser. Desejo – era ele a razão daquele calor intenso entre suas pernas, da vontade de se jogar sobre ele, da facilidade com que a moral de uma vida inteira vinha sendo substituída por uma ânsia que a instruía a...

– Não – declarou ela.

Ele abriu os olhos.

– Perguntei alguma coisa?

– *Por que* agiu sem pensar? – questionou ela. – Foi porque lhe permiti tais liberdades?

– Talvez.

Kate lançou-lhe um olhar raivoso.

– Ofereça-me a posição de amante e vou atacá-lo com um garfo, da mesma forma que Effie fez com Beckham. Só que o garfo

não vai ser fincado na sua mão. Posso ter sido criada sem uma preceptora, mas não devo ser desdenhada.

– Gosto de amantes gordas e suculentas – disse ele, lançando-lhe outro daqueles olhares perversos.

– Se algum dia eu me tornasse amante de um homem, embora eu jamais venha a fazer uma coisa dessas, ele teria cabelos da cor do sol e olhos azuis como... azuis como safiras.

– Um dândi, o tipo que vai se preocupar mais com a própria beleza do que com a sua.

– De jeito nenhum – disse Kate, começando a apreciar seu amigo imaginário. – Ele não seria vaidoso. Seria um perfeito cavalheiro: humilde, cuidadoso e absolutamente honrado. Seria tão apaixonado por mim que, se eu ameaçasse deixá-lo, ele...

– Ergueria uma pira funerária e se jogaria lá dentro – interrompeu Gabriel.

– Nunca! Ele se jogaria aos meus pés e imploraria o meu perdão.

– Aí está o problema, Kate. Ele deveria estar ali desde o início, e não pagando pelo prazer da sua companhia.

– Está certo. Não seria sua amante. Eu me casaria com ele.

Kate pegou uma fatia de torta de limão e pensou em comê-la. Não estava com fome, mas parecia deliciosa. E isso a impediria de olhar para Gabriel, que parecia ainda mais delicioso.

– Então está planejando se casar com um homem de cabelos dourados, olhos azuis e a personalidade de um pudim? Para mim, soa bastante como Hathaway.

– Estou considerando esta hipótese – concordou Kate. – Pode me servir um pouco mais de vinho, por favor?

Gabriel estendeu o braço para trás e pegou a garrafa, depois se ajeitou sobre um cotovelo de modo a servir vinho primeiro na taça de Kate e em seguida na própria.

– Ele não é mau.

– Eu sei – confirmou Kate, se sentindo um pouco vazia. – O único problema é que Effie também gostaria muito de se casar com ele.

– Effie é a garota que estava com você no barco, ontem à noite?

– É.

– É a mesma pessoa que você pensou em imitar, aquela que enfiou um garfo em alguém que lhe havia pedido para ser o amor da sua vida?

– Foi pior do que isso. Beckham beijou-a de uma forma íntima e imprópria.

– Conte – disse Gabriel. – Eles estavam se beijando como nós fazemos?

Ele arrancou a gravata e a camisa revelou um triângulo em seu peito. Era imensamente inapropriado. Kate afastou o olhar.

– *Nós* não nos beijamos de nenhuma forma em particular – corrigiu-o. – Podemos ter trocado alguns beijos, mas...

– Nós nos beijamos como se o maldito quarto estivesse em chamas – declarou ele. – Nós nos beijamos como se o ato de fazer amor não existisse e os beijos fossem tudo o que nos resta. Nós nos beijamos...

– Pare com isso! – Ela engoliu em seco. – Beckham se esfregou nela.

– Eu faço isso – disse Gabriel, com a voz cheia de satisfação. – Gostaria de fazer de novo. Você suspendeu a proibição aos beijos? Não consigo lembrar.

– Não, não suspendi – disse Kate, seu autocontrole começando a emergir. – Então Effie disse a Beckham que ele era um sapo ou alguma coisa parecida.

– Isso *não* faz parte dos nossos beijos – falou Gabriel. – Você sucumbe. Tudo o que ouvi foram pequenos murmúrios encorajadores.

Ela decidiu ignorá-lo.

– Isso deixou Beckham com raiva. Então, ele estendeu a mão e simplesmente a apalpou.

– Apalpou-a? Mas não havia feito isso antes?

– Com a mão – explicou Kate, com raiva. – Entre as pernas dela. A pobre Effie ficou tão perturbada que mal conseguiu me explicar a história mesmo agora, um ano depois.

– Eu também queria fazer isso – confessou Gabriel, suspirando. Kate pegou um garfo.

– Mas não fiz – acrescentou ele, apressado. – Foi aí que ela lhe deu uma garfada? – Gabriel olhou para ela sob seus cílios espessos.

– Você pode me apalpar debaixo da mesa, minha Kate?

– Não sou sua Kate – declarou ela, sentindo os lábios se abrirem num sorriso.

Seu coração traiçoeiro não era páreo para um príncipe decidido a flertar num dia de verão.

– Esta é a parte estranha – disse ele, voltando a deitar-se de costas, cobrindo os olhos com um braço. – Você é, sim.

Kate levou a taça à boca, pois, se não o fizesse, não resistiria a pousar seus lábios sobre os dele.

– Quer dizer então que ela deu uma garfada nele – falou Gabriel, depois de um segundo.

– E ele destruiu a reputação de Effie de modo deliberado, como forma de retaliação. Hathaway é um homem decente. Obviamente ouviu os boatos e percebeu que Effie seria incapaz de apalpar qualquer pessoa.

– Sob tais circunstâncias, não seria gentil de sua parte tirar Hathaway da pobre Effie – constatou Gabriel. – A não ser que tenha estima pelo homem. Neste caso, deve ter em mente que a vida matrimonial com Hathaway promete ser tediosa. Homens muito decentes não aprovam que se apalpe.

– As esposas não apalpam os maridos debaixo da mesa – falou Kate, rindo.

– Farei com que seja incluído no acordo matrimonial – decretou Gabriel. – Preciso que me apalpem uma vez por semana, ou murcharei como um lírio.

– Você não murcharia, você...

Ela se calou.

– O que eu faria? – perguntou Gabriel.

Ela baixou o olhar, mas, no final das contas, não tinha nada a perder.

– Você iria atrás de outra mulher.

Alguma coisa iluminou o rosto dele tão rápido que era impossível de ler.

– Ah, meu título mais uma vez vem à tona – disse ele, com um pouco de frieza.

– Não tem relação com seu título, com o fato de ser um príncipe. Os maridos costumam sair da linha. Têm amantes e *amigas*.

– Nem todo mundo é tão amistoso quanto sua madrinha – devolveu ele, ainda frio.

Ela brincou com o garfo.

– Meu pai era... amistoso.

Gabriel assentiu.

– O meu também, como pode ser demonstrado pela existência de Wick. – Ele se levantou com facilidade, com apenas um movimento. – Vamos ver se existem outras estátuas escondidas no jardim?

Ela aceitou a mão que ele ofereceu para ajudá-la a se levantar, sentindo uma onda de alívio. Aquela conversa era desconfortavelmente íntima. Mais íntima do que os beijos, o que era estranho.

– Vejo alguns montes de heras mais adiante; podem esconder uma estátua – falou Gabriel, com as mãos na cintura. – Ali e mais à frente, perto do muro dos fundos.

Um dos montes ocultava apenas uma pilha de tijolos.

– Imagino o que terá sido originalmente – disse Kate.

– Não há como saber, pois agora são apenas destroços. Acho que vou mandar uns homens aqui para construírem algo interessante. Seria um lugar delicioso para um jantar a dois.

– Príncipes têm a oportunidade de participar de jantares íntimos dessa natureza?

– Claro que sim!

– Mas o castelo está cheio de gente que exige sua atenção – observou Kate. – Você fica sozinho em algum momento?

– Claro que sim! – repetiu ele.

Mas havia uma expressão esquisita em seu rosto.

– Quando está em suas escavações arqueológicas, todos sabem que você é um príncipe?

Gabriel afastou a hera e inspecionou os tijolos.

– Ninguém se importa. Sou o demônio estrangeiro tão esquisito que pede que cavem com cuidado, em vez de deixar que abram túneis até o ouro.

Para Kate, aquilo explicava a ansiedade de Gabriel em relação a Cartago.

– É melhor encontrar outro sujeito afetado de olhos azuis com quem se casar – disse ele, dirigindo-se às trepadeiras que subiam o muro dos fundos. – Parece que Effie precisa de Hathaway, ou acabará tricotando toucas de bebê para os filhos dos outros.

– Hathaway não é afetado – discordou Kate, indo ajudá-lo. – Ele é um homem honrado e decente.

– É o que você diz. – Gabriel parecia entediado. – Talvez Effie precise é de alguém que se apresente com um espeto, e não com um garfo, diante de Beckham.

– Espetá-lo não ajudará Effie em nada. O importante é que Beckham confesse o que aconteceu para que todos saibam da mentira. Vou pedir a Henry que cuide disso.

– Lady Wrothe é, sem dúvida, uma guerreira formidável. Mas o que pretende que ela faça?

– Não sei – respondeu ela. – Olhe, isso aqui pode ser um pórtico. Acho que existe uma porta para o pátio do castelo.

– Nós já olhamos do outro lado. Não há portão algum nas paredes exteriores – disse Gabriel, que, ao arrancar uma massa de hera, ficou com o corpo coberto de ramos e folhagens.

– Você está parecendo um sátiro, um deus da floresta – constatou Kate, rindo.

– Dê-me o vinho e minhas bailarinas – disse Gabriel, lançando-lhe um olhar lascivo.

– Cuidado! – advertiu ela, dançando. – Vou pisar no seu rabo.

– Como sabe da aparência dos sátiros? Pensei que tivesse uma educação deficiente.

– Meu pai tinha o *Pantheon*, de Boyse, e eu o li. – Ela olhou para ele maliciosamente e não conseguiu resistir: – A biblioteca era bem completa. Ele também tinha Aretino.

Gabriel se curvara, sacudindo a cabeça para se livrar das últimas folhas em seus cabelos. De repente, ele se endireitou e seu olhar enviou uma onda de calor para o corpo de Kate.

– Está tentando me enlouquecer – falou ele com naturalidade, avançando na direção dela com a graça de um predador.

– Bem, eu... – começou ela, dando um gritinho como se fosse um bichinho indefeso – Eu... eu...

Os beijos foram tudo o que ele havia descrito: como um quarto em chamas, como uma casa sem ar. Ela desmanchou-se em seus braços e a pressão dos lábios dele roubou-lhe quaisquer pensamentos sensatos.

Todos foram substituídos por imagens lascivas do livro travesso de Aretino, imagens de corpos masculinos que eram apenas músculos, homens com expressões selvagens no rosto. E, em sua mente, cada um deles tinha o rosto de Gabriel.

As mãos dele deslizavam por suas costas, movendo-se lentamente para onde não deveriam ir, para baixo...

Mas ele também não deveria beijá-la, aquele homem sem palavra.

– Você prometeu – cobrou ela, afastando-se.

Seus olhos estavam cheios de desejo.

– Não – disse ele.

E a palavra soou como um grunhido, fazendo com que ela sentisse uma fraqueza nas pernas e um desejo ardente...

– Concordamos que não haveria beijos.

– Foi antes de você admitir que olhava sorratamente a arte de Aretino, se é que podemos chamá-la de arte.

– Não consigo entender a relação.

Ele se apoiou no muro e riu.

– Isso significa, minha querida Kate, que você é uma raridade entre as damas: uma mulher com curiosidade. E, sendo mais direto, uma mulher com desejo.

O rosto de Kate ficou rubro.

– Não estudei o livro – informou ela com altivez. – Apenas o folheei e me certifiquei de que se tratava de um conteúdo impróprio, antes de devolvê-lo à estante.

– Mentirosa. – Ele avançou com um passo lânguido e permaneceu junto a ela, embora sem tocá-la. – Quais eram suas imagens favoritas, Kate da minha vida? Gostava daquelas bem travessas, com mais de duas pessoas numa cama?

– Não! – exclamou ela, recusando-se a ceder ao convite abusivo em seus olhos. – Acho que devo voltar aos meus aposentos.

– Muito bem. Também não aprecio essas. Não tenho o menor desejo de ter duas mulheres ao meu serviço ou, Deus me livre, outro homem inspecionando meu gabriel.

– Gabriel? – Ela riu. – Deu-lhe *seu nome*?

– É só um termo. E você, Kate, parece uma maldita feiticeira de uma história mitológica.

– Não é muito gentil de sua parte – disse ela, franzindo a testa.
– Logo, logo vai dizer que meus cabelos estão se transformando em serpentes.

– Não, não estou falando de Medusa. Estou falando de uma dessas magníficas deusas a quem ninguém consegue resistir.

Ela sorriu, mesmo sem querer.

O sol tinha baixado atrás do velho muro de tijolos e iluminava o cabelo de Gabriel com toques de ouro.

– Eu realmente preciso voltar ao castelo – disse ela. – Já sabemos o que é isso?

– É uma porta – informou Gabriel, arrancando os últimos ramos de hera.

Era uma imensa porta em forma de arco, pintada de vinho, com dobradiças elaboradas no formato da flor-de-lis.

– Não é uma porta qualquer! – exclamou Kate, perplexa. – Parece a porta de uma catedral.

O rosto de Gabriel iluminou-se.

– Claro! Deve ser uma entrada para os fundos da capela. – Ele empurrou a grande maçaneta, mas a porta não cedeu. – Trancada – murmurou. – E não me lembro de termos uma chave.

– Provavelmente se encontra na capela – disse Kate. – Quero que me prometa uma coisa.

– Qualquer coisa que me peça – concordou ele.

E, como ela era uma tola, seu coração deu um salto.

– Nada de passear pelo corredor atrás do meu quarto. Vou tapar as aberturas, mas não quero ter a sensação de que alguém está me olhando a noite inteira.

– Se tiver dificuldades para dormir, posso massagear suas costas – ofereceu ele, malicioso.

Ela torceu o nariz e foi em direção à toalha em que estavam os restos do piquenique.

– Também preciso de uma promessa – pediu ele, permanecendo onde estava.

– Qual?

– Se eu conseguir fazer com que Beckham restaure a reputação de Effie, então...

Katie franziu a testa.

– O que eu teria que fazer?

– Vou ajudá-la – salientou ele. – Uma iniciativa puramente virtuosa da minha parte. Se a reputação de Effie for restaurada, ela poderá escolher um marido e assim você terá uma chance melhor de agarrar o metido do Hathaway.

– Ele não é... – começou Kate, mas desistiu. – O que preciso fazer para obter este milagre?

Bastou um passo para que ele voltasse a ficar a seu lado.

– Terá que me deixar beijá-la.

– Hum. Então vamos considerar o beijo que acabou de roubar. Já é meu devedor.

– Não estou falando desse tipo de beijo.

A voz dele estava sombria e grave. Kate ficou parada, sem saber o que ele queria dizer, mas...

Ele fechou os braços em torno dela.

– Vou mantê-la virgem, Kate. Dou-lhe minha palavra de honra. Mas permita-me descobri-la, lhe dar prazer, amá-la.

– A...

Ele a impediu de falar. O beijo foi tão selvagem quanto o jardim onde se encontravam. Era o tipo de beijo que quase ultrapassava os limites da decência, apesar de as mãos dele permanecerem nas costas dela e de as dela se encontrarem no pescoço dele.

Ambos sabiam que um beijo como aquele era como fazer amor, que havia uma troca, uma posse e uma submissão, um dar e um

receber, uma intimidade proibida.

Kate afastou-se, as pernas bambas. Virou-se para não ter que encará-lo, ajoelhou-se no canto da toalha do piquenique e começou a recolher os talheres para devolvê-los à cesta.

– Vou mandar um laçao para fazer a limpeza, criatura tola – disse Gabriel.

– Não sou uma criatura e não há necessidade de inventar trabalho para alguém quando podemos resolver tudo com facilidade.

– Não estou inventando nada. – Gabriel estendeu o braço e levantou-a. – É o trabalho *deles*. E, se não acha que qualquer laçao adoraria a chance de escapar da vigilância de Wick, então ainda não conhece bem o meu irmão.

– Mesmo assim... – falou Kate, insegura. Ela o fitou e percebeu que ele franzia a testa. – Não comece a pensar que andei labutando como criada, em vez de pastora – disse ela, voltando-se e caminhando em direção ao portão. – Nunca fui uma criada.

– Claro que não – afirmou ele, tomando seu braço. – É uma dama.

Kate olhou-o com desconfiança, mas Gabriel sorria com a mesma inocência que usaria para fazer comentários sobre as condições climáticas.

Capítulo 25



Estava claro que Beckham era um patife. E os patifes, na experiência de Gabriel, costumavam se revelar quando ficavam bêbados.

Ele encarregou Wick de cuidar dessa parte do plano, dizendo-lhe para oferecer bastante champanhe aos hóspedes. Wick revirou os olhos ao ouvir o pedido, mas na hora do jantar Gabriel reparou que os lacaios corriam em volta das mesas reabastecendo as taças, tão ocupados quanto formigas na época da colheita.

O plano produziu efeitos nítidos na sua própria mesa. Arabella, filha de lady Dagobert, parou de lhe lançar olhares suplicantes, embora pouco entusiasmados, e passou a dedicar toda a sua atenção ao jovem lorde Partridge, sentado à sua esquerda. Quando chegou o quarto prato, Arabella exibia no rosto um encantador tom rosado e pendia delicadamente na direção do ombro de Partridge.

A mãe, por outro lado, estava com um tom nada encantador de vermelho-escuro e permanecia rígida.

Mas os pratos e o champanhe continuaram a chegar. A condessa soltou o espartilho – metaforicamente falando – e contou para Gabriel uma história complicada sobre uma tia doente que vivia em Tunbridge Wells.

– A doença – proclamou a condessa – não deve ser encorajada. Minha tia transformou-a em um hábito vitalício, e eu não aprovo

isso.

Os risos vindos da mesa de Kate sugeriam que a conversa lá estava bem mais animada que a da mesa de Gabriel. Na única vez em que ele olhou para trás, Hathaway estava curvado e próximo demais do decote de Kate.

Tal imagem provocou uma expressão de tamanha selvageria no rosto de Gabriel que lady Dagobert indagou se ele estava sofrendo um espasmo.

– Minha tia alega sofrer espasmos a cada quinze minutos – confidenciou. – Eu lhe disse que, se assim fosse, ela já teria morrido. Falei aquilo para tranquilizá-la – acrescentou a condessa. – Se os espasmos não conduzem à apoplexia ou coisa parecida, então não merecem ser levados em conta, devem ser ignorados.

– Estou curioso em relação a um de meus hóspedes – disse Gabriel, abandonando a tia em Tunbridge Wells. – Sei que a senhora, minha querida condessa, conhece todo mundo em Londres... O que poderia me contar a respeito de lorde Beckham?

Ela respondeu ao pedido de fofoca feito em voz baixa como um dos cãesinhos de Kate diante de um pedaço de queijo.

– *Pois bem* – começou ela –, é o terceiro filho do duque de Festicle, como provavelmente já sabe.

– Festicle? – observou Gabriel, revirando o nome em sua mente. – Nome adequado.

– Adequado? – perguntou lady Dagobert, hesitante. – Não entendi, Vossa Alteza. – Então declarou: – Não faz parte da boa aristocracia. Não tenho muita consideração por esse jovem.

Tinham chegado ao xis da questão.

– Meu julgamento é idêntico ao seu – concordou ele, ignorando o fato de que ainda não havia sido apresentado a Beckham. – Há algo de lascivo nele.

– É um salafrário – afirmou a condessa, sem meias palavras, ajeitando o turbante que ameaçava despencar no prato de salmão.

O adereço era feito de cetim branco e tinha uma meia-lua de diamantes que quase arranhava o rosto de Gabriel sempre que ela se aproximava.

– Conte-me um ou dois exemplos de sua perfídia – disse Gabriel, sorrindo de um jeito que convidava a dividir segredos.

– Não deixaria minha filha perto dele – declarou a condessa, cutucando o salmão com a faca. – Já arruinou mais de uma reputação, sabe? As donzelas não estão a salvo perto desse homem.

– Não vale um bom chapéu, como diria o duque de York – sugeriu Gabriel.

– Não sei nada sobre o chapéu dele – disse a condessa, seguindo seus próprios pensamentos. – Mas, aparentemente, todas as damas que tiveram a reputação arruinada fizeram loucuras quando estavam perto dele. Não digo que não existam damas que deveriam se comportar melhor...

Ela fez uma pausa.

– Isso acontece no mundo inteiro – falou Gabriel, encorajando-a.

– Mas se eu fosse jovem e tola, inclinada a fazer bobagens, o que *nunca* aconteceu comigo – ressaltou a condessa –, não seria com ele que as faria, entende?

– Entendo perfeitamente – assentiu Gabriel. – É muito perspicaz, minha senhora.

– Baboseiras de gente do continente – decretou a condessa. – Já comi salmão o suficiente.

– Mais champanhe – ordenou Gabriel a um lacaio.

Estava curioso para ver se lady Arabella se entregaria aos braços do jovem lorde.

Depois que a maioria de seus convidados se arrastou para fora do salão de jantar (e aqueles que não conseguiram foram auxiliados por lacaios), Gabriel descobriu que Beckham estava na sala de bilhar.

O sujeito descansava num lado do cômodo, observando Toloose derrotar Algernon, ou Algie, como Kate o chamava, com precisão matemática. Toloose parecia a única criatura intocada pelo mar de champanhe que circulara pelo salão de jantar.

Houve uma agitação geral quando Gabriel entrou no recinto. O grupo que observava o jogo começou uma nervosa avaliação do estado de suas calças e casacas. Como se um príncipe – ou qualquer pessoa com um título – fosse se importar com a aparência de suas roupas. Toloose tirou os olhos da mesa e fez uma rápida reverência. A mesura de Algie foi bem mais profunda, porém mais instável. Só se podia torcer para que não estivessem jogando a dinheiro.

Gabriel cumprimentou todos os cavalheiros, um por um. Lorde Dewberry, franco e cordial, com o charuto na boca; o Leo de Henry, lorde Wrothe, segurando uma taça de champanhe, claro, mas sem parecer abalado, e, finalmente, Beckham.

Beckham revelou-se um homem sem queixo.

Nenhum queixo.

A cabeça se erguia a partir da curva suave de um pescoço fino, mostrando uma boca coberta por um grande bigode e uma testa ampla e bastante graciosa. A ausência de queixo fazia sua cabeça lembrar um robusto pino de boliche. Devia ter uns 30 anos. Cheirava como um gato selvagem, com seu bigode lustroso. O bigode era usado como um aparato para alargar a parte inferior de seu rosto – mas o efeito era terrível.

“Na verdade, Effie foi generosa ao chamá-lo de sapo”, pensou Gabriel, dispensando-lhe um enorme sorriso, do tipo que um caçador dá a sua presa.

– Quando a sua noiva chegará? – perguntou Beckham.

– Esperamos que antes do baile – disse Toloose, passando giz no taco com todo o cuidado. – Todas as flores da Inglaterra estão aqui, esperando ser colhidas por Vossa Alteza, e não vão desistir

até que a noiva chegue de fato. Ninguém se digna a flertar com o resto de nós.

– Assim insulta nosso anfitrião, Toloose, meu velho – falou Beckham, rindo. – O continente é mais formal do que somos entre nós. Precisa perdoá-lo – disse ele, voltando-se para Gabriel e baixando a voz. – Irreverente, mas bem-intencionado.

Gabriel encontrou o olhar de Toloose, por trás de Beckham.

– Neste caso, Toloose está certo – observou ele. – Não conheço a noiva escolhida por meu irmão. No entanto, teremos... como eu diria?... algumas semanas... para refletirmos um sobre o outro.

Ele deu, de modo deliberado, um toque desajeitado a suas palavras. Os ingleses invariavelmente subestimavam aqueles que não falavam sua língua com fluência, um hábito tolo que criaria muita encrenca para eles algum dia.

– E, nesse meio-tempo, pode muito bem examinar nossas beldades inglesas – completou Beckham, dando-lhe um animado tapinha no ombro.

Gabriel conteve-se, pois seu desejo era esmagar o homem como se fosse um mosquito.

– As jovens inglesas são deslumbrantes em seu... deslumbramento. Um jardim de flores deliciosas, como disse o Sr. Toloose.

Toloose bufou do outro lado da sala enquanto cuidava do taco e Gabriel lançou-lhe um olhar de advertência.

– Meu prezado Toloose apresentou-me a uma moça adorável esta manhã – falou ele. – Senhorita... Qual era mesmo o nome dela? Effie alguma coisa. De olhos castanhos e suaves como os de uma gazela. Fiquei encantado.

Toloose ergueu a sobrancelha. Ele tinha certeza de que em nenhum momento apresentara a Srta. Effie Starck a Gabriel.

Houve um silêncio no aposento, enquanto os homens tentavam descobrir um jeito de revelar os mexericos perversos espalhados

por Beckham.

– Ephronia Starck é um pouco velha. Já deve ter passado dos 20 anos há bastante tempo – observou o próprio Beckham, com risinhos.

– Não tem a melhor reputação do mundo – disse Dewberry –, mas confesso que nunca acreditei muito no que falavam dela. Acho que deve ter havido algum mal-entendido – acrescentou ele, mascando o charuto e olhando direto para Beckham.

– É verdade. Pois quem acreditaria que a pequena Effie teria uma predileção por Beckham? – interveio com suavidade lorde Wrothe, se aproximando.

Àquela altura da noite, ele já bebera várias garrafas de champanhe, mas, miraculosamente, permanecia firme.

– *Nós* adoramos você, Beckham, mas...

O rosto de Beckham ficou vermelho e ele deu mais risinhos.

– Tenho minhas admiradoras.

– O que aconteceu? – perguntou Algie, atrapalhado como sempre. – Ela tentou beijá-lo ou algo assim, Beckham?

– Meu Deus! – exclamou Gabriel. – Espero que ela não tenha lhe dado um beijo indesejado, lorde Beckham. Embora eu deva perguntar se *existe* mesmo tal coisa como um beijo indesejado vindo de tão bela jovem.

– Mais que um beijo – disse Beckham, um pouquinho mal-humorado.

Parecia ter percebido que a atmosfera não lhe era muito simpática.

Gabriel virou-se e fez um gesto para o laçao parado à porta.

– Champanhe para todos.

Dewberry era o tipo de homem que não tolerava injustiça, Gabriel podia perceber só de olhar para ele. Wrothe parecia capaz de beber até apagar, mas, mesmo embriagado, não se esqueceria de sua condição de cavalheiro.

– Pelo que ouvi dizer – atalhou Toloose, junto à mesa de bilhar, arrumando as bolas mais uma vez –, ela ficou tão impressionada com seus encantos indescritíveis, Beckham, que tentou uma carícia íntima!

Gabriel deixou que seu olhar avaliador vagasse pelo alto da cabeça de Beckham, fizesse uma pausa no lugar onde deveria haver o queixo e descesse até os ombros com enchimentos, a cintura ajustada e os calçados afivelados.

– Estranho... Eu não quero insultá-lo, meu querido lorde Beckham, mas é que as jovens costumam ser tão frívolas, tão propensas a olhar apenas o *exterior*, em vez de avaliarem o valor interno de um homem...

– Para mim, o mais estranho de tudo – declarou Dewberry – é que a Srta. Effie não foi a única a protagonizar algo assim. O mesmo tipo de história aconteceu com a filha da minha prima, que veio de visita da Escócia. Só que essa menina, Delia, teria supostamente arrastado lorde Beckham para dentro de um armário.

Beckham olhou para a porta, mas Gabriel era um grande obstáculo entre ele e a fuga.

– Tão ousadas, essas moças inglesas – comentou Gabriel. – No entanto, alguma coisa parece... errada.

– Exatamente – concordou Dewberry, colocando-se ao lado de Gabriel. – Delia nunca foi do tipo ousado e contou uma história bem diferente sobre o ocorrido.

– É mesmo? – disse Gabriel. – Teve sorte de o pai dela não decidir enfrentá-lo, lorde Beckham. Mas é claro que, no continente, somos muito mais propensos a resolver nossas diferenças com o florete.

Ele descansou o indicador no punho de seu florete e os olhos de Beckham seguiram o movimento.

– Na ocasião, Delia já estava noiva. Agora tem dois filhos pequenos – explicou Dewberry. – Mas, na época, ela não tinha um

pai para enfrentar o lorde. E estou me dando conta de que, infelizmente, a Srta. Starck também não tem pai.

– Não consigo entender qual a relação disso tudo com a pergunta original do príncipe – disse Beckham, erguendo um pouco a voz. – A elegância desperta as ambições de uma mulher. Se os cavalheiros desejarem algumas sugestões para instigar a apreciação feminina, eu ficarei feliz em ajudá-los.

Era uma tentativa magistral.

– Acha, então, que Effie Starck foi possuída pelo desejo por causa do seu guarda-roupa? – perguntou Toloose, colocando-se também ao lado de Gabriel. – Que estranho, Beckham; perdoe-me, mas ela jamais tentou se aproximar de *mim*.

Toloose era, sem dúvida, o homem mais elegante naquele aposento. Não tinha uma cintura ajustada nem um bigode lustroso, mas Gabriel acreditava que até seu irmão Rupert teria desejado possuir a casaca e os punhos franceses de Toloose.

– Bem – disse Beckham –, as damas em geral preferem um ar de refinamento, Toloose. Perdoe-me – acrescentou.

De fato, *havia* algo agressivamente masculino em Toloose... Talvez fosse seu olhar. Ou o jeito de segurar o taco. Era impressionante como um homem numa casaca bordada conseguia assumir o ar de um trabalhador das docas.

– Não estou entendendo – queixou-se Algie. – Effie arrastou Beckham para o armário ou não?

– Não – declarou Beckham.

– Não, quem arrastou foi Delia – contribuiu Gabriel.

– Ah, então foram duas – disse Algie. – Achei que uma só garota tivesse feito tudo. Effie Starck é um pouco pequena para arrastar homens por aí, não acha? Eu diria que não tem condições de executar essa tarefa.

– Mas parece que teve uma terceira – interrompeu Wrothe, que estava sentado confortavelmente em um dos cantos da sala,

parecendo se divertir muito. – Não houve outra história há alguns anos, Beckham? Uma garota que, tomada pelo desejo, perseguiu-o no Almack's?

– Ora! – exclamou Gabriel. – Que fato notável! Um homem tão afortunado a ponto de levar três damas a cometer indiscrições!

– A pergunta é: a terceira moça tinha pai? – questionou Algie, arrastando um pouco as palavras. – Bem, imagino que tinha um pai, claro, mas será que ele estava vivo?

– Boa observação, meu querido sobrinho – falou Gabriel. – Muito boa observação mesmo. Lorde Wrothe, lembra-se do nome da jovem? Bem – ele se voltou para Beckham –, com certeza o senhor se lembra. Apesar de tais eventos acontecerem com uma perturbadora regularidade em sua vida... deve se lembrar das damas envolvidas.

Beckham deu de ombros.

– Todas essas perguntas... tudo tão desagradável, cavalheiros. Esperam que eu me lembre de todas as coquetes que conheci ao longo dos anos? O Almack's está repleto de mulheres belas e dissolutas. – Ele terminou a taça de champanhe. – Bem, devo ir para a cama.

– Não, não – impediu-o Gabriel com delicadeza. – Lorde Beckham, o senhor se lembra ou não do nome da terceira jovem que o assediou?

Beckham tensionou o queixo.

– Eu me lembro – disse Wrothe. – O sobrenome era Wodderspoon, embora eu não tenha ideia do resto.

– Sir Patrick Wodderspoon – revelou Dewberry, franzindo a testa. – Morreu há anos. Estudamos juntos em Eton.

– Sem pai – observou Algie, com tristeza. – Ela também não tinha um pai por perto.

– Meu Deus! – exclamou Toloose. – A Inglaterra parece ter sofrido uma epidemia de jovens libertinas sem pai.

– *Tudo bem* – disparou Beckham. Ele apontou o queixo para o lacaio. – Você. Mais champanhe.

A sala ficou em silêncio enquanto a bebida era despejada em sua taça. Ele bebeu e ergueu a cabeça, com uma espécie de coragem fugidia no olhar.

– Elas queriam – assegurou ele. – Raspe a superfície de uma suposta dama e você vai encontrar uma libertina, pronta para entregar-se ao brilho de um primeiro olhar.

– Mas você não brilha ao primeiro olhar – disse Gabriel, de modo obscuro. Ele se virou e fez um sinal com a cabeça para o lacaio. – Por favor, chame Berwick. Lorde Beckham partirá em breve.

– Ele poderia ter feito o mesmo com minha Victoria – observou Algie, fitando Beckham com uma espécie de terror trêmulo. – Ela também não tem pai. E estaria arruinada.

– A esta altura, já é tarde demais para ajudar a Srta. Wodderspoon – disse Dewberry, cruzando os braços junto ao peito. – E Delia está casada e segura. Mas a Srta. Effie Starck é um problema. Imagino que os rapazes não se aproximem dela depois de ouvir essa história.

– Ele deve se casar com ela – afirmou Algie. – E deve dar sua palavra de honra de que nunca voltará a fazer algo parecido.

– Ele não tem palavra de honra – disse Dewberry.

– Duvido que a Srta. Effie o aceite. Entre outras coisas, ele é feio demais – falou lorde Wrothe, sem qualquer emoção, ao mesmo tempo que Dewberry.

Outra onda de rubor invadiu o rosto de Beckham. Ele deu as costas para lorde Wrothe e fez uma rápida reverência para Gabriel.

– Percebo que gostaria que eu partisse logo deste lugar. E eu o farei, Vossa Alteza. Com prazer.

– Ainda não – disse Gabriel. – Em breve, meu inestimável Berwick ajudará a preparar sua partida. Mas primeiro... precisamos

conversar sobre uma forma de compensar os problemas que causou à Srta. Effie Starck.

Os risinhos de Beckham agora adquiriam uma nota virulenta.

– Vou lá e conto para todos, que tal? Direi que obriguei a garota a me dar um beijo e que ela beijava como se fosse um peixe morto. Portanto, salvei outros homens de passarem pelo problema.

O punho de Gabriel acertou em cheio a mandíbula de Beckham. Ele voou para trás, chocou-se contra a mesa de bilhar e aterrissou no chão.

– Apagou? – perguntou Toloose ao ver que Beckham não se mexia.

– Não – respondeu Algie, despejando seu champanhe no rosto do homem. – As pálpebras estão se mexendo.

– Desperdício de bom champanhe – observou Wrothe. – Embora eu queira cumprimentá-lo por sua paciência, príncipe. Achei que fosse acertá-lo quando ele começou com toda essa conversa.

Gabriel fez Beckham se levantar. O homem piscou e oscilou, mas se manteve de pé.

– Será que precisamos conversar mais, lorde Beckham?

– Vou ficar feliz se não tiver quebrado minha mandíbula – disse Beckham, com o dedo na boca, verificando os dentes.

– Vamos praticar o que será dito sobre a Srta. Effie Starck?

– Direi que o príncipe queria que eu limpasse o nome de seu canarinho, não é?

E ele voou de novo, dessa vez aterrissando na mesa de bilhar.

– Não joguem champanhe nele – implorou Toloose. – Vão arruinar o feltro.

Algie fez Beckham sentar-se. As pálpebras se agitaram, mas a cabeça tombou e ele voltou a desabar na mesa.

– Cansativo – observou Gabriel. – Mas acredito que esteja pronto para dizer a verdade. – Ele se voltou para outro lacaio. – Vá até os aposentos de lady Dagobert. Envie-lhe minhas saudações e

peça a ela que se encontre comigo aqui, na sala de bilhar, para tratar de um problema da maior urgência.

Dewberry ficou boquiaberto e Toloose riu alto.

Minutos depois, Beckham piscou, soltou um grito e se sentou.

– Meu dente! – Ele cuspiu um pouco de sangue e falou com uma espécie de chiado: – Arrancou meu dente, maldito estrangeiro...

Interrompeu a frase ao encontrar o olhar de Gabriel.

– Lady Dagobert chegará em breve para ouvir sua confissão – disse o príncipe. – A confissão, dizem, faz bem para a alma. Em seu caso, é a única forma de manter o resto dos dentes. Compreendeu?

– Não posso. Vai me transformar em um pária – arfou Beckham. – Não conhece a Inglaterra nem os ingleses.

Algie estendeu o braço, pegou um dente amarelado sobre a mesa de bilhar e deixou-o cair na mão de Beckham.

– Não vai querer deixar isso para trás. É uma espécie de souvenir de sua visita ao castelo, pode-se dizer.

– Ninguém vai me convidar para mais nada – murmurou Beckham. – Não tem ideia do que está fazendo comigo. Terei que viver escondido no campo.

– Pelo resto da vida – acrescentou Dewberry, sombrio.

– Eu... eu me caso com a garota! – exclamou Beckham, olhando para cada um dos homens com desespero. – É o melhor que posso oferecer e ela vai agarrar a oportunidade, sabem que vai. Farei isso para mostrar como sou um cavalheiro, pois ela...

– Effie não vai querer se casar com você – declarou Gabriel. – Principalmente agora que tem esse buraco enorme no lugar do dente. Faz com que pareça um degenerado, o que é apropriado.

– Tenho uma bela propriedade – informou Beckham, começando a dizer asneiras. – Para ela, seria uma sorte me aceitar. A propriedade está desimpedida e...

A porta se abriu atrás dele.

– Com licença – disse uma voz imperiosa. – Eu esperava, no mínimo, encontrar um incêndio, mas vejo apenas um grupo de cavalheiros e não consigo entender como *isso* pode ser chamado de emergência.

Gabriel virou-se e fez uma reverência. A condessa parecia ter sido interceptada a caminho da cama. Usava uma grande touca, envolvida numa quantidade de babados de algodão branco que poderia vestir a população de um vilarejo inteiro.

– É uma grande honra – falou ele, beijando sua mão.

– Sinto-me obrigada a dizer a Vossa Alteza – declarou lady Dagobert – que não considero esse horário adequado para encontros com o sexo oposto nem aprecio pedidos de tal natureza.

– Compreendo perfeitamente. No entanto, a senhora é a única pessoa no castelo a quem eu poderia recorrer – observou Gabriel, afastando-se para o lado de modo que a condessa pudesse ver Beckham.

Ela olhou-o com desgosto.

– Vejo que houve briga.

– Lorde Beckham precisa fazer uma confissão – explicou Gabriel.
– E como a senhora é uma verdadeira autoridade da aristocracia britânica, achei que seria a pessoa mais indicada para ouvi-la.

– Lorde Beckham, diga o que quiser. Mas, por favor, só o faça depois de limpar o sangue em seu queixo – falou a condessa. – Isso me deixa nauseada.

Beckham seguiu a ordem, um tanto trêmulo.

– Vá em frente, homem – ordenou lady Dagobert.

– Effie Starck...

– Diga Srta. Ephronsia Starck – interrompeu ela. – Não suporto esses modos descuidados dos mais jovens.

– A Srta. Ephronsia Starck não... recebeu bem minhas atenções – disse Beckham. – Na verdade, ela me deu uma garfada para repelir uma intimidade forçada de minha parte.

A condessa assentiu.

– O senhor é um canalha – disse ela. – Eu soube disso assim que o vi e nunca me engano quanto ao caráter de alguém. Espero nunca mais revê-lo.

Beckham engoliu em seco, aparentando torcer para que o desejo dela se tornasse realidade.

– Cuidarei da reputação da Srta. Ephronsia amanhã – continuou ela.

E todos naquele aposento tinham a certeza de que, até a hora do almoço do dia seguinte, o nome de Effie estaria tão imaculado quanto o de um recém-nascido.

– Vou garantir que ela possa escolher entre os jovens da aristocracia. Imagino que as pessoas deem algum peso às minhas opiniões – acrescentou lady Dagobert.

– Aonde quer que a senhora vá, os outros a seguem – disse Gabriel.

– Nós seguimos – ecoou Algie.

A condessa lançou-lhe um olhar de desdém, mas conseguiu conter-se e não fazer um julgamento do seu caráter. Ela se voltou para Gabriel.

– Acredito que tenha dito que lorde Beckham vai viajar por motivos de saúde.

– Sim – confirmou ele, sorrindo. – Ele vai.

– Acredito que a Jamaica é um bom lugar. Ouvei dizer que uma entre duas pessoas é devorada pelos tubarões. Pelo que entendo, isso equilibra as chances.

Gabriel fez uma reverência.

– Seu desejo é uma ordem, minha dama.

Ela bufou.

– Baboseiras de gente do continente.

E, dizendo isso, deixou o aposento.

– O que foi que ela disse? Não vou para a Jamaica – declarou Beckham, com as palavras da condessa penetrando em sua mente.
– Posso ficar no campo durante o outono. E também durante a próxima estação. Apesar de ser um sacrifício, eu afirmo. Sentiriam minha falta.

Gabriel olhou para trás. Wick estava posicionado diante da entrada com uma tropa de lacaios. Um momento depois, lorde Beckham partiu escoltado, deixando atrás de si um grito de lamento que ecoou pelos corredores.

– Eu sabia o bastante para somar dois mais dois e não parei para pensar – falou lorde Dewberry, socando a beirada da mesa de bilhar. – Estou envergonhado.

– Talvez fosse preciso um homem com interesse por uma dessas jovens para resolver o problema – interveio lorde Wrothe. – A Srta. Ephronsia Starck tem sorte em conhecê-lo, príncipe.

– Ah, ainda não fui apresentado a ela – disse Gabriel. – Temo que tenha fingido um interesse para confundi-lo. Joga comigo, Toloose?

– Desmascarou Beckham apenas por bondade de seu coração? – questionou Toloose, erguendo as sobrancelhas. – Quanta virtude...
– Ele entregou um taco para Gabriel. – Sinto certa tristeza por ser uma questão de honra arrasá-lo no bilhar.

– É mesmo? – perguntou Gabriel, passando giz no taco.

– Pela honra do meu país – disse Toloose. – Aliás, quem teria imaginado que os Pomeroy possuíam uma mesa tão magnífica?

– Eles não possuíam – declarou Gabriel, curvando-se para examinar o taco.

– É mesmo? – indagou Algie, animado, apoiando os cotovelos na lateral da mesa. – De onde veio, então?

– Foi o único móvel que trouxe comigo de Marburgo – respondeu Gabriel, dando um sorrisinho para Toloose. – Disse-me que joga por valores altos, não é?

Seu oponente caiu na gargalhada.

Capítulo 26



A ofensiva de informações de lady Dagobert acabou sendo consideravelmente mais eficiente do que as previsões sobre a hora do almoço. Kate soube da desgraça de Beckham quando Rosalie lhe trouxe chocolate quente, pela manhã, e a confirmação veio algumas horas mais tarde, quando, graças a um convite de Effie, ela encontrou um pequeno grupo de senhoras na sala de estar rosa para uma demonstração de como transformar plumas de cisne em bolsa, a ser feita pela criada de Effie.

Ninguém se deu o trabalho de mexer nas plumas, muito menos de transformá-la em uma bolsa. Estavam ocupadas demais concordando que nunca haviam confiado em Beckham e garantindo a Effie que ela era um doce e uma santa.

– Mostre-nos como segurou o garfo – pediu Henry, pegando um que se encontrava na bandeja de chá. – Prefiro aprender como fazer buracos em devassos como Beckham a confeccionar bolsas. Foi assim? Ou assim?

Kate caiu na gargalhada ao ver Henry lançar o garfo no ar como um homem que aprende esgrima.

– Realmente não saberia dizer – disse Effie, com o rosto rosado de empolgação. – Tudo aconteceu tão rápido. Eu só sabia que precisava me salvar, e foi o que fiz.

– Só espero não estar em uma idade capaz de fazer os cavalheiros hesitarem em se comportar de maneira imprópria – declarou Henry. – Acho que dominei o uso dessa arma. Estou certa de que poderia causar considerável dano se alguém me desse a oportunidade. Talvez eu convença meu marido de que preciso praticar.

Lady Dagobert ergueu o olhar. Estava sentada a uma pequena escrivaninha redigindo missivas para todo mundo que importava, segundo suas palavras.

– Considero que dar garfadas em maridos demonstra falta de fibra moral – pronunciou.

– É porque ela nocautearia Dagobert a qualquer momento, se quisesse – cochichou Henry no ouvido de Kate.

– Vamos falar sobre o baile de amanhã! – exclamou lady Arabella, depois de dar uma rápida olhada para a mãe. – Srta. Daltry, o que vai usar? Tem um gosto tão refinado... Vai usar um par de sapatinhos de cristal?

Kate abriu a boca, mas foi interrompida por Henry:

– Sapatinhos de cristal? O que são? Aposto que é mais uma coisa que perdi por causa daquela maldita viagem na primavera passada.

– São os mais maravilhosos sapatinhos do mundo – explicou Arabella, transbordando entusiasmo. – E foi a Srta. Daltry quem criou a moda. Eu queria ter um par, mas mamãe não permite.

– Pelo preço, pareciam ser feitos de diamante – disse lady Dagobert, voltando a erguer a cabeça. – Um desperdício de dinheiro.

– Há o risco de se partirem e deceparem os dedos do pé? – perguntou Henry com interesse. – Acho que sou curvilínea demais para confiar em cristal.

– Não são realmente de cristal – explicou Kate, revirando o cérebro para se lembrar do que Rosalie havia dito sobre o calçado.

– E, sim, vou usá-los.

– O melhor da moda é sempre assustadoramente caro – afirmou Henry. – Meu quarto de vestir ficou entulhado com penas de avestruz depois daquela mania que tomou conta da corte no ano passado. Elas custavam um bom dinheiro e pesavam tanto que me deixaram com uma tremenda dor de cabeça.

– Vou usar um corpete de cetim branco com drapeados de Bruxelas – anunciou a condessa. – Com oito penas de avestruz. Parece que não sofro de efeitos adversos do uso de tal plumagem.

– Branco, branco, branco – balbuciou Henry. – Como se fosse uma noiva. Alguém deveria lhe dizer que um campo coberto de neve parece dez vezes mais largo do que aquele que foi arado.

– Henry! – repreendeu-a Kate, rindo muito.

– Está certa em me censurar – reconheceu Henry. – Aquele campo não é arado há anos.

– Vou usar no baile um vestido de noite com uma túnica drapeada – contou Effie. – Diga o que vai usar, Victoria. Considero-a uma inspiração.

Kate não tinha a menor ideia.

– Trouxe três ou quatro trajes – disse ela, alegremente. – Nunca me decido antes do último minuto.

– Vai usar o cabelo em estilo grego ou romano? – perguntou lady Arabella.

– Não sei dizer – respondeu Kate, cutucando Henry, num pedido silencioso para que a conversa mudasse de rumo. – No momento, estou apaixonada por minhas perucas.

– Trouxe uma linda peruca comigo – assinalou Arabella.

– Os cavalheiros não gostam de perucas numa moça – observou a condessa, voltando a erguer os olhos. – Já lhe disse várias vezes, Arabella: um cavalheiro olha para o cabelo de uma mulher para saber que tipo de reprodutora ela será.

Houve um momento de silêncio.

– Que bom que gosto de perucas – declarou Henry. – Caso contrário, meus três maridos teriam mudado de ideia.

– Peço perdão por minha mãe – disse Arabella, em voz baixa.

– Eu ouvi, filha – ressaltou a condessa. – E, se há algum pedido de desculpas a ser feito, eu mesma o farei. – Ela olhou para o sofá. – Sinto muito, Henry. Eu não devia falar sobre reprodução na sua frente.

– Isso já está no passado – falou Henry, dando de ombros. – Mas sabe de uma coisa, Mabel? Acho que é a primeira vez que me chama pelo meu nome preferido.

– Não vai se repetir – disse a condessa, voltando à carta. – É terrivelmente vulgar o uso de nomes próprios numa conversa, quanto mais um apelido deste tipo.

– Sabia que havia uma boa razão para eu gostar do nome – reconheceu Henry. – É minha vulgaridade incurável.

– Vou lhe dizer o que é vulgaridade – decretou a condessa. – Vulgaridade é a forma com que a Srta. Emily Gill fica olhando aquele príncipe. Sem dúvida, ele é um príncipe.

– Um príncipe particularmente atraente – interveio Henry.

– Ele não é desagradável – disse a condessa. – Mas é um estrangeiro, um príncipe e nosso anfitrião. E há uma princesa chegando hoje mesmo para se casar com o homem. Emily Gill o olha como se ele fosse um deus ou algo parecido.

– Claro que não é – falou Henry, muito chocada. – Aqueles deuses nunca usam roupa alguma, pelo menos nos mármores de lorde Elgin. Passei muito tempo examinando-os, por isso eu sei.

– Pense como quiser – declarou a condessa.

– Ela está apaixonada – afirmou Arabella. – Contou-me que o príncipe lhe sorriu na noite passada e que seu coração disparou de tal forma que ela achou que fosse desmaiar ali mesmo.

– Mesmo que não houvesse uma princesa a caminho, ele nunca se casaria com ela. Este castelo deve custar uma fortuna –

observou a condessa, olhando à sua volta. – Apenas o custo da equipe de manutenção deve ser de milhares de libras por ano.

– Queria ter uma fortuna – disse Arabella, suspirando. – Ele é tão bonito.

– Não vou casá-la com um caçador de fortunas – informou a mãe, terminando a última carta num floreio. – Você... – dirigindo-se a um laçao – por favor, despache-as no correio da noite.

– É muito gentil de sua parte – falou Effie, de modo tímido. – Sei que minha mãe diria a mesma coisa, mas ela ficou tão perturbada com as notícias sobre a partida de lorde Beckham que precisou ficar de cama.

– Sua mãe não é uma pessoa de grande energia – disse a condessa. – Mas isso deve ser o bastante. – Havia uma certeza sombria em seu tom de voz. – Mesmo que aquele desgraçado fuja do navio para o qual foi despachado pelo príncipe, não vai ousar se aproximar da boa sociedade. Escrevi para todos os que conheço. E aqueles que não conheço não são dignos de serem conhecidos.

– É mesmo muito gentil de sua parte – repetiu Effie.

– Escrevi inclusive para a ex-Srta. Wodderspoon – continuou a condessa. – Foi uma das primeiras damas que ele atacou. Por sorte, seu noivado tinha sido arranjado desde o berço. Sabem quem ela é agora?

Henry franziu a testa. Arabella, Effie e Kate balançaram a cabeça.

– A duquesa de Calvert – declarou a condessa, triunfante. – Escrevi para ela e para o duque também. Eu o conheço desde garoto, é claro. Achei que ele deveria saber a verdade sobre a esposa.

– Na minha opinião – disse Henry –, a verdade sobre um esposo se revela depois de algumas semanas de casamento. Ou talvez depois de apenas algumas horas.

– É verdade – concordou a condessa. – Mas mal não faz. Se Beckham ousar pisar na Inglaterra, o duque se encarregará de barrá-lo. Só tem uma coisa que eu gostaria de saber.

As mulheres a olharam em silêncio. A condessa era capaz de convencer todas naquele aposento de que sabia tudo, portanto a admissão de ignorância era fascinante.

– Por que ele fez isso? – perguntou ela.

– Homens desse tipo não conseguem agir de forma diferente – disse Henry, com desprazer. – Já conheci outros. Beckham não obtinha nada por mérito próprio, então destruía aquelas que tinham caráter para rejeitar seu assédio, como nossa querida Srta. Effie.

– Não – disse a condessa. – Beckham, não. O príncipe. Por que o príncipe fez isso? Por que razão partiu para cima de Beckham dessa forma?

– Sua Alteza é como um rei – afirmou Arabella com adoração. – Viu uma injustiça e procurou repará-la, como o rei Salomão.

– Acho que ele tem uma natureza moral e não suporta injustiças – concordou Effie, a voz adquirindo um tom dramático. – Como um anjo vingador, ele desceu dos céus com sua espada e abateu o malfeitor.

– Você não aprendeu essas baboseiras em Saint Andrew – disse a condessa, franzindo a testa para Effie. – Não me faça considerar uma conversa com sua mãe. Ela vai fazê-la ler a Bíblia hoje à noite.

– Por favor, não diga nada a minha mãe – pediu Effie, alarmada. – Ela já expressou preocupação com a dança desta noite. Acha que seria extenuante demais para mim. Mas mal posso esperar para conhecer a princesa russa. Ela deve chegar antes do jantar.

– Vai haver dança esta noite? – questionou a condessa. – E o baile é amanhã. É melhor nos retirarmos para um bom descanso, Arabella. Estou bastante cansada depois de escrever tudo aquilo no papel várias vezes. Ephronsia, você também vem comigo.

Effie e Arabella levantaram-se, obedientes, e as três avançaram pelo aposento rumo à saída. Parecia o barco da rainha sendo escoltado por dois pequenos rebocadores.

Capítulo 27



Henry observou-as partir e então se voltou para Kate.

– Suponho que *você* não saiba nada sobre essa atitude de cavaleiro andante do príncipe.

– Posso ter mencionado as dificuldades de Effie – disse Kate com cautela.

– E ele partiu como um cavaleiro numa armadura brilhante pronto para realizar seu pedido. Curioso, minha querida. Muito curioso. Se eu fosse você, teria cuidado. Quando os homens começam a se comportar como membros da corte do rei Arthur, em geral estão planejando sacudir os lençóis, se me perdoa a expressão. Os *seus* lençóis, neste caso.

– Ah, não! – exclamou Kate, sentindo certa fraqueza.

Seu sangue se aqueceu diante da imagem de Gabriel enrolado em seus lençóis, suas mãos puxando-a para si...

– Ah, sim! – devolveu Henry. – Querida, seus pecados estão escritos na sua testa.

– Pecados? Eu não...

– Pecados futuros – disse Henry. Mas havia um sorriso em seu olhar. – Só não banque a tola. Sabe como evitar um bebê?

– Não! – gritou Kate, com o rosto em brasas. – E não preciso saber. Disse a ele...

Ela fechou a boca.

– Fascinante – falou Henry. – Infelizmente, a futura esposa está chegando ao castelo neste exato momento. Gostaria de substituí-la, se pudesse?

Kate balançou a cabeça, pegando a delicada xícara de chá que Henry lhe oferecia.

– Não.

– Por que não? Ele é bem-apessoado, tem belas pernas e não cheira mal. Você poderia escolher coisa pior.

– Ele é parecido demais com meu pai – declarou Kate. – Até no fato de ter que se casar por dinheiro. Não é culpa dele e nem foi culpa de meu pai, mas não vou ficar deitada num quarto escuro enquanto ele sai por aí seduzindo outras mulheres.

Henry mordeu o lábio.

– Sinto uma desagradável pontada de culpa. E preciso lhe dizer que é raro eu sentir tal emoção.

– Não estava me referindo a você – explicou Kate. – Para ser franca, preferia que meu pai tivesse ficado com você a ter se metido com Mariana. Na realidade, o que me dói é o fato de que ele não amava minha mãe. Não a honrava nem cuidava verdadeiramente dela. Eu quero um casamento *real*, Henry.

– Um casamento real... É difícil saber o que isso significa, meu amor. Casamento é algo complicado.

– Com certeza é menos complicado quando começa com respeito e afeto – observou Kate.

– Como sabe que o príncipe não nutre tais sentimentos por você?

– Ele sente desejo. O que não quer dizer muita coisa.

– Sem desejo, não existe nada – afirmou Henry. – Entre homens e mulheres, quero dizer. Pense no seu falso noivo, lorde Dimsdale. Se uma mulher tivesse a sorte de sentir desejo por ele, o afeto poderia vir em seguida. De outro modo... não tenho certeza.

– Gabriel não gosta da ideia de se casar por dinheiro. Não combina com seu caráter. Por isso ele está me seduzindo nas horas vagas. Brincando com a ideia de me transformar em sua amante. Bancando o príncipe enamorado pela pastora.

Houve um segundo de silêncio.

– É uma avaliação fria desse homem – afirmou Henry. – Vejo-o como um tipo mais apaixonado, o tipo que jogaria o coração dentro de um moinho se encontrasse a mulher certa.

– Nenhum príncipe pode fazer isso – disse Kate. – Seu casamento é uma questão de protocolo real, tratados e coisas do gênero.

– Não pode dizer que ele se parece com seu pai nesse sentido – apontou Henry.

– Meu pai deveria ter se casado com você – falou Kate, direta.

– Nesse caso, você não estaria aqui – retrucou Henry. – E tem mais. Eu amei meu primeiro marido. E também amo Leo. Meu segundo marido não foi terrível, embora não me entusiasmasse tanto. Não quero que pense que Julieta passa a vida sofrendo, porque ela não passa. Ou pelo menos eu não passei.

Kate riu.

– Não consigo imaginá-la sofrendo.

– Exatamente – disse Henry. – Não há utilidade nisso.

– Eu gostaria de me casar sem levar em consideração o dinheiro.

– O mais importante é não se apaixonar por alguém que está se casando *considerando* o dinheiro.

– Não o farei – prometeu Kate.

– Gostaria de acreditar nisso. Eu teria me apaixonado pelo príncipe, se tivesse sua idade.

– Encontrarei um homem que me ame como sou e então me apaixonarei por *ele*.

– Estou tentando me lembrar se já fui tão jovem quanto você, mas, se isso aconteceu, a memória se perdeu no tempo.

– Não sou jovem – observou Kate com um sorriso torto. – Sou praticamente uma octogenária, como você caracterizou Effie.

Henry suspirou.

– Suponho que o pobre Dante não esteja mais no páreo... Acho que ele gostou muito de você na noite passada.

– É um homem maravilhoso.

– Entediante demais, o querido, com toda aquela conversa sobre melros e vigários. Ele vai acabar com Effie. Embora eu goste bem mais dela agora.

– Ele teria sorte de terminar com Effie – concordou Kate. – Ela o deixaria sempre alerta. Tem uma tendência a ser loucamente dramática.

– Viu a cara da condessa quando Effie descreveu o príncipe brandindo a espada ao descer dos céus? Ela definitivamente tem um talento com as palavras. – Henry se levantou. – Esta noite vai ser muito, muito interessante. Espero que a princesa russa seja de fato bonita... para o bem dela.

Capítulo 28



Enquanto atravessava a porta, logo atrás da madrinha, Kate não conseguia achar, como Henry, que aquela seria uma noite *interessante*.

Era normal sentir-se completamente dominada pela ansiedade em relação àquela noite?

Desde o momento em que acordara, não conseguira se concentrar em nada além da promessa feita por Gabriel de beijá-la, descobri-la, dar-lhe prazer. Ele não havia dito... não havia dito também que ia *amá-la*? O que significava?

Depois de ficar evidente que Gabriel cumprira sua parte do acordo, a obsessão de Kate só havia piorado. Beckham fora despachado para algum local desconhecido. A reputação de Effie estava salva e, se dependesse de lady Dagobert, em algumas semanas ela estaria se casando.

Kate teria que cumprir sua parte do trato e permitir que Gabriel fizesse tudo o que quisesse.

Henry saiu à procura do marido e Kate continuou a subir as escadas, tentando desesperadamente organizar seus pensamentos.

Dar-lhe prazer parecia... parecia maravilhoso. Cada pedacinho de seu corpo vibrava com aquela ideia, tornando-se quente e macio. Era como se o sangue fervesse em suas veias. Ela não

conseguia deixar de procurar Gabriel, pensando que ele poderia surgir em uma curva a qualquer momento.

Kate precisou exercitar todo o seu autocontrole para não descer mais uma vez as escadas e ficar no salão, esperando por ele ansiosamente. Ou, pior, para não se humilhar perguntando a Wick onde o irmão dele poderia ser encontrado.

Ao pensar naquilo, ela recobrou as forças e começou a caminhar mais rápido pelo corredor em direção à ala oeste.

Ela teria que permitir seu beijo, fosse lá o que isso significasse. Mas não precisava se humilhar deixando que ele soubesse do estado de descontrole em que se encontrava.

Enfrentaria o que Gabriel estivesse planejando... com a dignidade intata. O coração de Kate acelerou com essa ideia e ela começou a andar cada vez mais rápido...

Ela deveria ter previsto que, ao virar na galeria de retratos, poderia acabar se chocando com alguém. E foi o que aconteceu.

Não era Gabriel. Soube disso instantaneamente, pois todo o seu ser estava em sintonia com o aroma masculino e forte que ele exalava. O homem em questão tinha um ligeiro odor de chiqueiro, coberto por uma camada de sabonete.

– Vossa Alteza – cumprimentou Kate, ofegante, curvando-se numa profunda reverência diante do tio de Gabriel, o príncipe Frederick. – Peço desculpas. Eu não estava olhando para onde ia.

– É a Srta. Daltry, não é? – disse ele, examinando a jovem, as pálpebras tremendo loucamente. Os cabelos grisalhos esvoaçavam no alto da cabeça e ele usava um pincenê bem na ponta do nariz. – Não foi nada, minha cara. Eu estava estudando estas pinturas na tentativa de compreender um pouco da história da família Pomeroy. A história é algo extremamente importante, a senhorita sabe.

Ele estava parado diante de um patriarca de nariz longo.

– Este foi o primeiro. Parece que o sujeito construiu o castelo no século XV.

– Há quanto tempo um Pomeroy não vive aqui? – quis saber Kate, o constrangimento dando lugar à curiosidade.

– Cinquenta anos, mais ou menos – respondeu o príncipe Frederick. – Consultei uma espécie de livro de linhagens que encontrei na biblioteca esta manhã. A linhagem deles desapareceu com os Tudors. – Ele seguiu até o quadro seguinte. – Vê esta dama? Foi a última Pomeroy.

O príncipe estava diante de uma mulher de belas feições com uma menininha no colo. Ela usava uma gola rufo engomada e havia um cãozinho sob sua cadeira.

– Foi a última duquesa? – indagou Kate, perguntando-se se o cachorro se chamaria Rascal, Dandy ou talvez Freddie.

– Eles não eram duques – corrigiu o príncipe. – No máximo, barões. Barões bem ricos, presume-se. Com um castelo deste tamanho, provavelmente apoiavam a Coroa, fornecendo exércitos ou algo do gênero. A Inglaterra tinha de tudo naquela época.

– Saberá dizer o nome dela?

O príncipe Frederick pegou uma folha de papel cheia de anotações feitas numa caligrafia trêmula.

– Eglantine – informou, depois de um instante. – Ou talvez esse seja o nome da criança. Não. É lady Eglantine. Deixe-me ver se consigo encontrar o nome da filha... Sei que escrevi em algum lugar.

– Poderia ser Merry? – perguntou Kate, erguendo o dedo para tocar a bochecha pintada da garotinha sorridente.

– Parece que é isso mesmo – disse o príncipe, virando a folha de cabeça para baixo. – Sim, anotei bem aqui. Nascida em 1594, falecida em 1597. Só viveu até os 3 anos, pobrezinha.

– Há um memorial para ela no jardim – contou Kate.

– Ela deve estar enterrada na capela – observou o príncipe. – Eu ia olhar, mas não encontrei a chave. Meu sobrinho deve ter escondido em algum lugar; Berwick não sabe onde está. Nós não

temos um capelão, sabe? Todos os religiosos ficaram em Marburgo e nós, pecadores, viemos de navio para a Inglaterra.

Kate desviou o olhar de Merry e sua mãe.

– Com quem lady Eglantine era casada? Com este cavalheiro? – perguntou ela, apontando para um senhor de aspecto feroz que empunhava uma espada.

– Na verdade, o mais chocante é que parece que ela nunca se casou – contou o príncipe, passando a mão pelos cabelos e deixando toda aquela penugem branca em pé. – O cavalheiro é seu irmão, o último lorde Pomeroy. Morreu em uma briga, ao que tudo indica, e não deixou herdeiros. Também nunca se casou, e, claro, Eglantine não poderia ser sua herdeira. Então o castelo passou a pertencer a um primo distante, um cavalheiro chamado Fitzclarence, e eles viveram aqui por um século. Talvez um pouco menos – explicou ele, parando por um momento. – Há dois anos, virou posse do ducado de Marburgo.

– Como isso aconteceu?

– Meu irmão, o grão-duque Augustus William de Warl-Marburgo-Baalsfeld, tinha ligações com os Fitzclarences, por intermédio da primeira filha do rei Frederico Guilherme II da Prússia, princesa Frederica Charlotte, e com a duquesa de York e Albany... e por intermédio do meu primo de segundo grau com Caroline de Brunswick – detalhou ele, recitando nomes como se fosse uma espécie de catecismo. – De alguma forma, no meio de tudo isso, Augustus acabou ficando com o castelo. Esse tipo de coisa acontece com mais frequência do que a senhorita imagina.

Como Kate nunca havia refletido sobre aquilo, permaneceu em silêncio.

– Provavelmente ninguém teria se importado com o castelo – prosseguiu o príncipe – e a construção teria se deteriorado, mas Augustus estava procurando uma maneira de mandar embora seus parentes infames.

O tom baixo e rascante de sua voz comoveu Kate.

– A Inglaterra é um lugar confortável para se viver – comentou ela. – Chove bastante, mas somos todos gente decente.

– Posso notar – disse o príncipe Frederick. – E eu não quis menosprezá-la de forma alguma, querida. Todos sofrem golpes e infortúnios do destino de vez em quando. Só lamento pelo jovem Gabriel. Olhando para ele, não se diz, mas o sujeito é brilhante. Simplesmente brilhante.

– É mesmo? – arriscou Kate.

Pensando nos olhos ferozes de Gabriel e em seu queixo rijo... *dava* para saber que ele era brilhante.

– Estudou numa das melhores universidades. Impressionou todo mundo em Oxford. Publicou algum artigo que os forçou a repensar a forma como faziam escavações em locais antigos. Ele se importa, entende? Muitos não se importam.

Kate olhou para ele e de repente percebeu as duas vertentes por trás da fala daquele homem: Augustus, que não se importava com aquele tio idoso que piscava sem parar; Gabriel, que se importava com os parentes e também com a história.

– Acho que o príncipe está feliz por estar aqui com toda a família – disse ela.

– Ele preferiria estar em terras estranhas, perdendo tempo com as tumbas de reis e com cidades extintas – discordou o príncipe Frederick. – Mas já tenho idade suficiente para saber que a vida não nos dá o que desejamos.

– Gostaria de estar em Marburgo?

– No momento, não. Esses tipos religiosos podem ser terrivelmente desagradáveis. Estão sempre obrigando alguém a decorar alguma passagem da Bíblia. – Ele sorriu de leve para ela. – Outra coisa que descobri com a vida: não se aprende a ser bom decorando a Bíblia. E isso é o mais importante, na minha opinião.

E, sem nenhuma despedida, ele fez uma reverência e seguiu pelo caminho de onde Kate tinha vindo, deixando-a parada diante dos retratos.

Ela voltou a olhar Eglantine e a filha, Merry, e então rumou para o quarto.

Quando Gabriel reclamaria seu beijo? Provavelmente antes da chegada da noiva. Tudo aquilo era ridículo. A simples ideia de beijar um homem comprometido era escandalosa. Mas ela não se importava. Kate sentiu sua pulsação se acelerar.

Ela tomaria um banho perfumado. Depois de todos aqueles anos trabalhando para Mariana, ainda considerava o luxo de um banho a parte mais prazerosa de ser uma dama.

Depois, pretendia ter uma discussão com Rosalie. Não queria usar os enchimentos de cera. Estava cansada de projetar os seios como se fossem a proa de um navio. Odiava a sensação de oferecê-los numa bandeja para a cobiça dos homens.

Embora, é claro, fizesse diferença saber quem os cobiçava.

Só de pensar nos olhos de Gabriel em seu corpete molhado depois que a salvara no lago...

Kate abriu a porta do quarto pensando em tocar a campainha para convocar a camareira. Então entrou e... ficou paralisada.

Não estava sozinha.

Capítulo 29



Ele estava sentado numa cadeira junto à janela, lendo, e o sol conferia tons acobreados a seu cabelo.

– Eu não tocaria essa campainha se fosse você – alertou ele, virando a página, com um sorrisinho perverso no canto da boca. – Sua criada pode ficar chocada.

– Gabriel – disse Kate, sentindo uma alegria estranha e terrível se apoderar dela. – O que está fazendo no meu quarto?

– Esperando você – respondeu ele, finalmente levantando os olhos. – Tem uma dívida comigo. Caso tenha esquecido.

– Lembro-me vagamente – falou ela, se dirigindo para o outro lado do cômodo para se afastar dele. O quarto parecia muito pequeno com o príncipe lá dentro. – Onde está Freddie? Ele sempre fica na cama quando saio.

– Devia perguntar onde está Caesar. Aquele cachorro é tão mal-humorado quanto minha tia Sophonisba. E isso diz bastante sobre ele.

Kate franziu a testa e olhou para o outro lado da cama.

– O que fez com eles?

– Freddie está aqui – indicou Gabriel. – Esse preguiçoso.

Ela olhou e viu Freddie deitado entre o braço da cadeira e a perna de Gabriel. Seu queixo repousava na coxa do príncipe e havia um olhar de felicidade absoluta em seu rosto. Ela riu.

– Bem, e Caesar, onde está?

– Trancado no quarto de vestir – informou Gabriel. – Acho que o sarnento pensou que eu fosse um intruso.

– Você é um intruso – ressaltou Kate, abrindo a porta do pequeno cômodo. – Aí está você, Caesar. Tentou me alertar de que meu quarto havia sido invadido?

– Pela forma como agiu, pensei que ele fosse ter um ataque apoplético – comentou Gabriel.

Caesar parecia ter sido repreendido. Ele rosnou para as botas de Gabriel, mas, fora isso, ficou quieto.

Kate se abaixou e o pegou no colo.

– Bom garoto – elogiou ela. – Você sabia que esse príncipe malvado não devia estar no meu quarto, pois poderia arruinar minha reputação, então fez o possível para alertar todo mundo, não foi?

Caesar deu uma latidinha, confirmando.

– Assim quase parece que você gosta desse animal – disse Gabriel, largando o livro.

Ela o encarou por cima da cabeça sedosa de Caesar.

– Você precisa sair do meu quarto, Gabriel. Se alguém descobrir que está aqui...

– Eu sei – concordou ele, mostrando uma longa renda preta.– Trouxe o véu. Ninguém nos verá sair.

– Não vou com você a lugar algum – protestou ela. – Quero tomar um banho e descansar para esta noite. Aliás, sua princesa já chegou?

– Está a caminho – informou ele. – Deve chegar dentro de poucas horas. Wick está deixando os criados em polvorosa por causa disso.

Kate o olhou com incerteza.

– Deve estar... Está ansioso para conhecê-la?

– Sim – disse ele sem rodeios. – Hoje à noite haverá dança; e você não sabe dançar, não é?

– Posso tentar – respondeu ela, com dignidade.

– Não até que tenha feito algumas aulas. Não a menos que queira que todos saibam que você não é Victoria. Sua sorte é que, com a chegada da princesa Tatiana, ninguém vai notar sua ausência. Estarão muito ocupados cobiçando a princesa.

– Mas notarão se você não comparecer – ressaltou ela.

– Terei que ficar indo e voltando.

– Indo e voltando de onde? – questionou ela, desconfiada. – Só prometi um beijo, Gabriel. Assim você faz parecer que será um evento.

– Arrisquei minha vida ontem à noite lutando com aquele patife – declarou ele, com olhos inocentes. – É claro que espero que passe algum tempo comigo.

– Passe um tempo onde? Você realmente correu perigo?

Ele estendeu a mão. Ainda ajoelhada e com Caesar no colo, Kate se inclinou e viu um corte minúsculo no dedo dele.

– Nossa, estou quase desmaiando só de pensar no perigo a que se expôs.

– Malvada – disse ele. – Acho que devemos deixar Freddie aqui, não? – Ele passou um dedo na cabeça sedosa do cachorro. – Não gostaríamos de constrangê-lo. – Freddie deu um longo suspiro. – Berwick enviará um laçao para os cães tomarem um ar mais tarde.

– Não vou a lugar algum – decidiu Kate. – Como eu disse, estou planejando tomar um banho e cochilar.

– Estou de acordo – consentiu ele. – Será um sacrifício, mas deixarei que tome um banho sozinha, prometo.

– Prefiro fazer isso aqui – teimou ela.

– Meus aposentos ficam na torre – disse ele. – Por favor, Kate. Vou lhe mostrar aquele vaso, o que guardava os ossos.

Ela abriu a boca para dizer não, mas havia uma sombra de incerteza nos olhos dele. Havia outra coisa também, algo que ela nunca vira nos olhos de um homem até então.

– Tatiana ainda não está aqui – insistiu ele. – Não no meu castelo. Por favor.

O olhar de Kate pousou na boca de Gabriel, e ela ficou desorientada.

– E a minha criada? – perguntou, impotente. – Ela virá em breve para me vestir.

– Pedi a Wick para mantê-la ocupada.

– Você contou a Wick? – Ela se ergueu, e Caesar caiu de qualquer jeito no chão. – O que disse a ele?

Gabriel levantou-se.

– acredite, corri mais perigo com Wick do que com Beckham. Ele ficou furioso quando lhe contei que você ia...

– Eu não acredito que tenha contado a ele! – gritou Kate. – Não vê o que fez? Antes que a noite acabe, todo mundo neste maldito castelo pensará que sou uma meretriz!

O queixo de Gabriel se enrijeceu.

– Wick é meu irmão. É meu braço direito e meu melhor amigo. Ele *nunca* contaria a uma só alma, até porque desaprova totalmente o que estou fazendo.

– E ele está certo – disparou ela. – Não posso ir ao seu quarto! O simples fato de ser vista me dirigindo para lá representaria a minha ruína.

– Ninguém a verá – garantiu Gabriel. – O quarto da minha tia fica na mesma torre e você estará vestindo o véu dela.

– É perigoso demais. Podemos muito bem encontrar algum conhecido da princesa. E se esbarrarmos com lady Dagobert? Ela me falou há pouco que conhece a todos. E Algie vai querer saber onde estou.

– Wick já informou a sua madrinha e a seu suposto noivo que você está sofrendo de dor de estômago – argumentou ele de imediato.

– Você é muito seguro de si – disse ela, fuzilando-o com os olhos.

– Por favor, Kate.

A triste realidade era que o *por favor* dele era irresistível.

– Eu realmente gostaria de ver o vaso. Poderia visitá-lo por uma hora. No máximo – acrescentou ela.

Ele estendeu o véu.

– Se me permitir, amor.

– Não me chame assim – ordenou ela, sacudindo o véu, de modo que uma camada de renda preta se colocou entre ela e o mundo. – Não sou seu amor. Sou meramente... meramente...

– Diga – pediu ele, segurando seu braço. – O que você é minha? Wick quis saber a mesma coisa e ameaçou me bater até eu desmaiar quando falei que, para mim, você é a mulher mais linda que já sonhei em seduzir. Não que eu pretenda fazê-lo.

– Eu quase desejo que ele tivesse batido em você – retrucou Kate. – Tenho certeza de que isso tudo acabará mal.

– Bem, lembre que todos pensariam que eu estava me distraíndo com a Srta. Victoria Daltry, não com você – disse Gabriel.

– Eles já pensam isso – falou Kate, com melancolia na voz. – Victoria ficará furiosa comigo.

– Por ter manchado sua reputação?

– E ela nem teve a oportunidade de se divertir flertando – observou Kate. – Sem mencionar que está apaixonada de verdade por Algie.

– Acho difícil acreditar nisso – comentou Gabriel. – Ele estava conosco ontem à noite. Disse-me que poderia ter estudado em Oxford, mas que julgou uma perda de tempo.

– Sim, esse é Algie – concordou ela, resignada. – Sinto muito.

– Falta apenas mais uma curva, e ainda não vimos uma só alma. Por que sente muito? Aparentemente, ele pertence a um ramo da *minha* árvore genealógica.

Para o horror de Kate, naquele mesmo instante ela ouviu uma voz alegre e familiar em algum local próximo.

E a voz estava cantando.

– *Naquela manhã de primavera, eu cheguei* – cantou Algie, bastante afinado e, para o horror da jovem, um tanto embriagado.
– *Onde encontrar beleza proveniente da nudez...*

Ele interrompeu a cantoria ao vê-los.

Kate tentou enxergar através do véu, mas só conseguia ver um amontoado diante de si que mais parecia uma pilha de carvão em movimento.

– Princesa Marie-Therese, apresento-lhe lorde Dewberry e lorde Dimsdale – disse Gabriel.

Ela abaixou-se em uma reverência vacilante, murmurando algo.

– É um grande prazer conhecê-la – cumprimentou-a lorde Dewberry.

Algie estava, sem dúvida, fazendo uma daquelas reverências que quase roçavam o chão.

– Pelo amor de Deus, erga-se, homem – repreendeu-o Dewberry. – Vai cair se continuar se inclinando para a frente desse jeito.

O coração de Kate batia tão forte que ela temeu que os dois conseguissem escutá-lo. Uma coisa seria Algie descobri-la, mas lorde Dewberry...

– Espero que goze de boa saúde, Vossa Alteza – disse Algie, alegremente.

– Minha tia está, sem dúvida, chocada com a sua canção – repreendeu-o Gabriel antes que ela pudesse dizer qualquer coisa. – Embriagou-se com o vinho, visconde?

Ele soou mais pomposo do que Kate esperara.

– Fizemos um passeio pelas caves com Berwick – explicou Algie.
– Vossa Alteza tem uma adorável coleção de vinhos.

Sim, ele estava definitivamente embriagado, talvez caindo de bêbado.

– Estou acompanhando minha tia até seus aposentos – informou Gabriel. – Se os senhores me derem licença.

– Suponho que, em algum grau, ela também seja minha tia – falou Algie. – Devo segurar o outro braço de Vossa Alteza?

Kate recuou, encostando-se em Gabriel, e balançou a cabeça com veemência.

– A princesa é bastante cautelosa quanto às pessoas com quem se associa – avisou Gabriel.

Havia autoridade em sua voz, como se ele fosse o próprio rei. Conhecendo Algie, Kate imaginou como as orelhas dele deviam estar vermelhas naquele momento.

– Claro – desculpou-se ele apressadamente. – Não foi minha intenção desrespeitar Vossa Alteza.

Com enorme alívio, ela ouviu os passos dos dois homens se afastando pelo corredor. E, quando já estavam bem distantes, Kate escutou Algie dizer:

– A mulher parece uma cabra medonha nesses trajes. Alguém devia informar-lhe de que não temos freiras aqui.

Ouviram um murmúrio de Dewberry e um último comentário de Algie:

– Só estou dizendo que ela parece a morte. Poderíamos usá-la para assustar as crianças à noite.

A mão no braço de Gabriel estava tremendo.

– Pare de rir – sibilou Kate.

– Não consigo – disse ele, com a voz sufocada. – Ninguém devia conhecer os parentes socialmente. É humilhante para o nosso *amour propre*.

– O que isso quer dizer? – perguntou Kate. – Já estamos chegando?

– Só falta a escadaria – respondeu ele, apertando com mais força o cotovelo dela. – E *amour propre* é o juízo que um homem faz de si mesmo. A mera ideia de Algernon ornando a minha árvore genealógica já enfraquece a minha autoestima.

– Que bom – declarou Kate. – Deve ser a primeira vez na vida que Algie faz algo tão útil.

Capítulo 30



Grandes degraus de pedra subiam em curva pelo interior da torre. Kate se concentrou em não tropeçar no véu, que ia até o chão, e em não pensar no erro insensato que cometia apenas ao subir aqueles degraus.

Gabriel pretendia seduzi-la. Ela sabia disso em seu íntimo. Então por que diabo estava galgando cada degrau que levava até seu, digamos, covil? Seria a segunda filha a desgraçar a memória de seu pai tornando-se uma mãe solteira?

Não que a memória de seu pai pudesse ser desonrada, Kate lembrou a si mesma. Qualquer desonra que se imaginasse, ele mesmo já havia cometido. A mera lembrança do pai e de sua promiscuidade enrijeceu o corpo da jovem.

Ela veria o vaso de Gabriel. E deixaria que ele a beijasse. Mas nada além disso. E só porque – seria uma estupidez negar para si mesma – sentia uma paixão avassaladora por aquele homem.

Era algo que devia acontecer com o príncipe dia sim, dia não; mas, como Kate não desejava alimentar sua arrogância, jamais permitiria que ele soubesse o que sentia. Assim, ao retirar o véu, Kate manteve um olhar indiferente no rosto, como se visitasse aposentos de cavalheiros com regularidade.

Como se esses mesmos cavalheiros pretendessem beijá-la até um delírio de lascívia e a única coisa a proteger sua virtude fosse a

força de vontade.

Infelizmente para os planos de Gabriel, sua força de vontade já a havia ajudado a aguentar sete anos de trabalho duro, humilhações e tristezas. E iria ajudá-la a sair intacta daquele encontro.

– Que cômodo adorável! – exclamou, olhando em volta. Do lado de fora, as duas torres do castelo pareciam atarracadas e redondas, como chapéus de padeiro. Porém, no interior os quartos eram altos e arejados. – Você colocou vidro nas janelas – comentou ela, fascinada, aproximando-se para olhar.

– Já era assim quando cheguei – disse Gabriel, parando ao lado dela.

– E que vista! – admirou-se Kate.

O castelo ficava no topo de uma pequena colina. Kate olhou pela janela e viu que dava para os fundos da propriedade. Gramados bem cuidados se estendiam diante de seus olhos, circundados na outra ponta por um bosque de faias.

– O labirinto parece tão simples visto de cima – murmurou ela, tocando o vidro gelado. – No entanto, Henry e eu não conseguimos chegar ao fim e fomos parar ali, na jaula do avestruz.

– É simples, mas engenhoso. Vou lhe mostrar como chegar ao centro.

Gabriel estava encostado na parede, olhando para ela, não para o labirinto. Os olhos dele a tocavam como uma carícia, fazendo um tremor percorrer o corpo de Kate. Ao mesmo tempo, um calor fluía até suas partes íntimas.

Ele não deveria olhar para ela assim. Conquistadores não *olhavam* assim. Não falavam coisas que levavam em consideração o tempo além do presente, o espaço fora daquele pequeno recinto.

– Não vou me demorar – declarou ela, para si mesma e para ele.

– Você vai gostar da vista daqui – disse ele, pegando sua mão e conduzindo-a pelo cômodo.

As janelas do outro lado davam para a estrada empoeirada pela qual ela e Algje haviam chegado, alguns dias antes. De cima, a estrada fazia curvas e mais curvas e se transformava num horizonte violeta onde bosques escuros encontravam o sol do fim de tarde.

– Lembra um conto de fadas – comentou ela, impressionada.

– Do tipo em que um príncipe a espera de joelhos? – falou ele, soando despreocupado, mas com algo a mais na voz.

– Uma princesa vem por essa estrada – ressaltou Kate.

Ela se virou e flanou pelo quarto até parar perto da enorme cama esculpida. Como se tivesse tocado algo que a queimasse, voltou-se subitamente e andou apressada na direção oposta.

– Bem – disse ela –, talvez devêssemos dar aquele beijo agora.

– Ainda não – respondeu Gabriel.

Kate sentou-se numa cadeirinha bonita, estofada em veludo coral, e demorou um pouco arrumando as saias. Então olhou para cima. Estava cansada daquele joguinho. Era sofisticado demais para ela; parecia o tipo de conversa complicada e refinada que Henry teria com seus antigos flertes.

– Você me fez a pergunta certa mais cedo – disse ela. – Quem sou eu?

Ele se sentou à frente de Kate, sem tirar os olhos dela.

– Sou a filha mais velha de Victor Daltry. Meu pai era o filho mais novo de um conde e tinha um bom patrimônio, formado a partir do dote da minha mãe. Depois que ela morreu, ele deixou tudo para minha madrasta, Mariana, que o concedeu à própria filha, Victoria.

– Você não é ilegítima – afirmou ele.

– Não. Meus pais eram casados.

– E seu avô era um conde.

– Meu dote não é nem um pouco alto – revelou ela. – Mariana demitiu minha governanta e a maior parte da criadagem há sete anos, quando meu pai morreu. Sei negociar o preço do pão; sei consertar uma meia; não sei dançar a *polonaise*.

Ele pegou sua mão e a virou.

– Sinto muito.

– Eu deveria ter partido anos atrás, mas, se fizesse isso, os criados do meu pai e os arrendatários ficariam à mercê de Mariana. Então fiquei, embora minha madrasta tenha demitido o administrador. Ela não podia me demitir, entende...

Gabriel ergueu a palma da mão dela até a boca e a beijou.

– Continue.

– Não há mais nada para contar – disse ela. – Agora decidi ir embora, o que provavelmente levará Mariana a expulsar a maioria de nossos arrendatários, que já lutam para sobreviver nos dias de hoje. A safra foi fraca no ano passado.

Ele assentiu.

– A mulher que vem ao seu encontro... ela é uma princesa.

Com um gesto tão delicado que lhe pareceu natural, ele deslizou da cadeira até ficar de joelhos ao lado dela.

– Sim.

– Seu irmão Augustus é um idiota por ter expulsado a própria família e você tem um castelo para sustentar. Sei como é ter responsabilidades desse tipo.

Ele fechou os olhos por um instante, e seus cílios tinham a cor do arrependimento. Com uma espécie de tristeza dilacerante, Kate sabia que nunca esqueceria aquele príncipe.

Não por causa de seus olhos vorazes e de seus cabelos rebeldes, mas por ele ter assumido os parentes excluídos, a coleção de animais, o leitor da tia, o avestruz e o cachorro comedor de picles. Era a maneira como ele a olhava, como ria, como tirara o mato do rosto da estátua de Merry.

E nunca esqueceria o momento em que um príncipe se ajoelhou ao lado de sua cadeira. Quando estivesse velha e com cabelos brancos, contemplando uma vida que esperava ser esplendidamente satisfatória, ela ainda se lembraria daquilo.

– Se eu não fosse um príncipe, você me aceitaria? – Ele falou tão baixo que ela quase não ouviu. – Em outras palavras, se você tivesse milhares de libras, Kate, se fosse a dona do seu patrimônio, você me compraria? Porque era disso que eu precisava. Precisava de uma mulher que achasse que eu valho o preço, e meu irmão encontrou uma assim na Rússia.

– Não me pergunte isso – sussurrou ela. – Minha mãe comprou meu pai e ele nunca deu a ela um só momento de felicidade. Eu jamais compraria um homem.

Ele abaixou a cabeça.

– Isso é irrelevante. Peço desculpas por perguntar.

– Por que perguntou?

– Faz alguma ideia do que é ser um príncipe? – Ele ergueu a cabeça de repente e seus olhos estavam amargos, sua boca era uma linha rija. – Não posso fazer o que desejo. Não posso ser o que desejo. Não posso me casar com quem desejo.

Ela mordeu o lábio, emocionada.

– Fui treinado para colocar minha honra e minha casa acima de tudo. Acho que a pressão que vem disso deixou meu irmão Augustus meio louco. Ele é um idiota, como você disse. Mas também está enfraquecido pelo fardo de ter tantas almas dependendo de si.

– Sinto muito – sussurrou ela.

– Eu gostaria, ao menos uma vez, que uma mulher me visse como algo desvinculado de uma coroa. Apenas como um homem igual aos outros. – As palavras foram arrancadas de seu peito. – Como...

Ela o interrompeu colocando as mãos no rosto dele.

– Shhh.

Kate sentiu os lábios dele frios e macios contra os dela. E, por um momento, deixou-se levar num beijo inocente, do tipo que as donzelas dão umas nas outras.

Mas a pele de Gabriel ardia sob seus dedos. O cheiro dele, aquele perfume masculino e selvagem, a arrebatou e sua boca se abriu instintivamente. Um só toque de sua língua e os braços dele a envolveram, fortes como correntes de aço.

Ela se aconchegou ao peito dele. Ele passou um braço sob suas pernas e a segurou assim, contra o corpo, sua boca agindo lenta e ferozmente ao mesmo tempo. Gabriel a beijou com tanta doçura que ela quase chorou, e, no entanto, o calor que surgia entre suas pernas com o toque da língua dele na dela fazia com que não tivesse nenhuma vontade de chorar.

Ela murmurou algo incompreensível e passou os braços ao redor do pescoço dele.

– Isso – sussurrou ele, com ferocidade. – É assim que as coisas são entre nós, Kate.

Ela não conseguiu responder, pois estava esperando que ele a beijasse de novo.

– Por favor – pediu, finalmente.

Ele riu; um som que fez parecer que corria vinho pelas veias dela.

– Você é minha por enquanto, Kate. Entendeu?

Ela ergueu a cabeça, e seus olhos encontraram os dele.

– Não um príncipe, só um homem – sussurrou ela, passando as mãos em seus cabelos abundantes, de modo que a fita que os prendia deslizou pelo ombro e caiu no chão. – Gabriel, e não Vossa Alteza.

– E você é Kate, minha Kate – respondeu ele.

Os lábios dele roçavam os dela como se os dois fossem jovens namorados, inocentes demais para conhecer os caminhos dos

pecadores.

– Não tirarei sua virgindade, pois ela é sua e só você pode entregá-la. No entanto, Kate, devo alertá-la de que pretendo tirar todo o resto.

Ele a fitou, e a expressão em seus olhos era um convite ao puro pecado. Kate sentiu que seus lábios desenhavam um sorriso involuntário.

– Como você sabe – sussurrou ela – que não farei o mesmo com você?

Gabriel fechou os olhos por um momento.

– Não tenho dúvidas.

Ela se inclinou para a frente e lambeu, de leve, aquele pescoço forte. Um arrepio percorreu o corpo dele, que se levantou, ainda com ela nos braços. Kate pensou que seria jogada na cama e que teria as roupas arrancadas.

Em vez disso, ele a colocou, com cuidado, de volta na cadeira de veludo.

– Fique aí – ordenou ele, como se estivesse falando com Caesar.

– Gabriel – disse ela, ciente da rouquidão em sua voz. – Você não vai... não vai me beijar outra vez?

E ela se levantou, pois nunca fora boa em aceitar ordens, como Mariana poderia atestar.

– Você é muito mais alta do que as outras mulheres – observou ele, tocando o nariz dela e descendo o dedo lentamente até o queixo. – Tem um lindo nariz.

– Esse é o elogio pelo qual eu mais ansiava – falou ela, com ironia.

– Esta é a minha noite – afirmou ele –, e eu a planejei em detalhes.

Kate colocou as mãos na cintura. Sentia-se atrevida, sedutora e feliz ao mesmo tempo, como se o desejo e o riso borbulhassem em suas veias.

– Ah, então acha que pode me dar ordens?

– Terei que ficar indo e voltando – disse ele, sorrindo de volta. – Mas você sabe o que tenho em mente, Kate?

Ela balançou a cabeça.

– Maldades, sem dúvida – murmurou ela.

– Vou levá-la à loucura – avisou ele, num tom casual. – Vou beijá-la, provocá-la e prová-la... e sair. E vou voltar e fazer a mesma coisa de novo. E de novo...

Ela parou, boquiaberta.

– Você vai?

Para seu constrangimento, sua voz não soava escandalizada, mas curiosa.

Ele se afastou.

– Você disse que queria descansar. Prefere um banho ou um cochilo primeiro?

Kate observou o grande quarto circular. Num lado havia uma área coberta por cortinas, mas, fora isso, era tudo um só cômodo.

– Espera que eu cochile? Aqui? – perguntou Kate, pensando que ele não tinha ideia de como seu coração batia acelerado, aquecendo partes de seu corpo em que ela raramente pensava. – Não acho que eu conseguiria descansar no momento.

– Compreendo – respondeu ele, com tanta cortesia como se estivesse lhe oferecendo uma xícara de chá. – Talvez mais tarde. Bem, creio que terei que me vestir para a refeição da noite. Gostaria de se sentar? Não vou demorar.

Kate hesitou. Ele planejava se despir na frente dela?

– E quanto ao seu valete ou...

– Meu valete foi requisitado para ajudar Wick – disse ele, com um sorriso. – Então terei que me vestir sozinho.

Ele ergueu as mãos e começou, lentamente, a tirar a gravata.

– Precisa de ajuda? – perguntou Kate, hipnotizada pela pele dourada que surgiu.

Ele balançou a cabeça, fitando-a, e afastou mais as pernas. Como se tivesse lhe dado uma ordem, aquele movimento atraiu os olhos de Kate para suas pernas. As calças eram justas, moldadas às coxas. Ela desviou o olhar, envergonhada.

Com um movimento rápido, ele tirou a casaca e jogou-a sobre a cama. Vestia um colete de *toilette* listrada com debrum carmesim nas bordas. Ficava bem justo no peito. Uma linda camisa de linho se soltava enquanto ele a puxava de dentro das calças.

Kate olhava como se estivesse em transe, sem dizer uma palavra. Ela se sentia como se assistisse a um espetáculo particular. Havia um quê de teatralidade em Gabriel, e o ar risonho e dramático em seus olhos deixava claro que ele estava aproveitando cada segundo.

– Preciso de ajuda com os punhos – pediu ele.

Com um só passo, ele lhe estendeu um braço. Ela inclinou a cabeça sobre o linho imaculado e abriu os pequenos botões de rubi que prendiam os punhos.

Ele lhe estendeu o outro punho. Aquilo era curiosamente erótico – o pulso dele girando, a forma como a camisa caía sobre seu braço.

– Como ganhou essa cicatriz? – perguntou Kate, tocando em uma marca branca no antebraço dele.

– Em uma escavação no Egito. Há dois anos. Fui picado por uma cobra. A única forma de curar é cortar o local da mordida o mais rápido possível e deixar o sangue escorrer. Por sorte, eu tinha uma faca à mão.

– Que terrível! – disse Kate. – E funcionou?

– Fiquei mal por alguns dias, mas não havia muito veneno no meu organismo.

Ele recuou e as mangas caíram até os cotovelos.

Ao imaginar Gabriel cortando o próprio braço, ela tinha parado de prestar atenção.

– Kate – chamou ele.

O timbre grave em sua voz provocou um leve tremor nas pernas dela.

Ele estava brincando com o botão mais alto do colete. Os olhos dela foram atraídos para aqueles dedos ágeis. Ele abriu o primeiro botão e passou para o segundo. Kate sentiu a boca seca, observando os botões se soltarem, um após o outro.

O linho da camisa era transparente, permitindo apenas um vislumbre dos músculos rígidos sob o tecido. Gabriel não dizia uma palavra, apenas deslizava lentamente de um botão para o outro.

Quando soltou o último botão, tirou o colete e jogou-o na cama. Do canto dos olhos, Kate viu a peça bater na colcha e escorregar para o chão.

Porém, todo o seu ser estava concentrado naquelas mãos provocadoras.

– Está bem quente aqui – comentou Gabriel, num tom malicioso de quem se divertia.

Kate estava arrepiada, mas tentou manter uma espécie de calma.

– Temo ter esquecido meu leque – disse ela.

– Tenho um aqui – respondeu ele, indo até a mesa grande à direita e entregando-lhe um.

Era um leque de mulher, requintado, delicado e sem dúvida valioso. Com um baque repentino no coração, ela percebeu que outras mulheres haviam passado por aquele quarto, que ela provavelmente não era a primeira a ver o príncipe se despir.

Mas ele balançou a cabeça.

– Não é o que está pensando, amor. Pertenceu a uma aristocrata alemã do século XVII e traz uma pintura interessante. Consegui esse leque em Bamberg.

– Claro – disse ela, abrindo-o com cuidado. – Presumo que esse cisne represente Zeus...

– Sim. À direita está Leda, com as roupas de uma esposa de burgomestre. É uma das coisas que me atraem nessa peça.

Kate abanou o leque logo abaixo dos olhos. Por algum motivo, cobrir a boca lhe deu uma espécie de coragem sem pudores.

– Não estava prestes a tirar a camisa?

– Na verdade – corrigiu ele, soltando a parte de trás da camisa –, em geral eu tiro as calças primeiro.

Kate emitiu um som baixinho.

– As botas, antes – disse Gabriel, de modo casual.

Ele se virou, abaixou-se e puxou a bota direita. Kate ergueu o leque, que pairou logo abaixo de seus olhos. A segunda bota foi retirada e ele a encarou outra vez.

– Agora as calças... ou as meias?

A curva sedutora de sua boca bastou para fazê-la se contorcer com uma ávida sensação de poder.

– Já que me perguntou – respondeu ela, agitando mais uma vez o leque –, as meias.

Ele se abaixou outra vez. A visão das curvas rígidas e musculosas de sua perna fez o coração de Kate disparar.

Então ele parou diante dela, com as pernas afastadas e as mãos nos quadris.

– As calças – disse ele, com uma satisfação primitiva nos olhos.

Ela ergueu uma sobrancelha, como se nada que ele pudesse lhe mostrar fosse causar algum interesse especial. Claro que Kate conhecia a anatomia masculina, ainda que a tivesse aprendido estudando, constrangida – porém fascinada –, as gravuras de Aretino.

Mas era totalmente diferente assistir às mãos de Gabriel desabotoando as calças com agilidade, sob a camisa branca. Ele a observava fixamente.

– Devo continuar, senhorita? – perguntou ele, tão cordial quanto um cavaleiro medieval.

– Sim. Deve – respondeu ela, pigarreando e encarando-o com ousadia. – Continue.

As mãos dele pararam nos quadris, o olhar ardente fixo nela.

– Eu preferiria que você fizesse isso por mim – sugeriu ele.

Ela quase deixou o leque cair.

– Ajoelhada aos meus pés – pediu ele –, fazendo minhas calças caírem até o chão para me tocar... me provar... como desejar.

Kate engoliu em seco.

Não foram as gravuras de Aretino que lhe vieram à mente, mas a imagem de si mesma ajoelhada diante dele, puxando as calças para baixo como ele fazia naquele instante. Inclinando-se para a frente e...

A camisa dele tinha uma protuberância na frente. Ela franziu a testa, tentando recordar os mínimos detalhes daquelas gravuras. Aqueles eram pequenos. E este...

– A senhorita parece estar vendo algo que chamou sua atenção.

– Hã – fez ela, sem graça. – Pode continuar – falou, abanando o leque.

A camisa branca foi erguida, cobriu o rosto dele, voou e caiu ao lado.

Kate ficou boquiaberta, mas o rosto estava coberto pelo leque, então ele não conseguia ver sua expressão. Gabriel devia ser três vezes maior que os homens desenhados por Aretino.

– Você é um pouco maior do que os retratos sugerem – sussurrou ela.

– Italianos – explicou Gabriel, de pé com as mãos na cintura e, obviamente, gostando do olhar fascinado da garota. – Espere até ver as estátuas em Florença. Algumas têm o dote de um menininho.

Kate se forçou a olhar para cima, mas isso só lhe deu a oportunidade de contemplar o resto do corpo dele: o abdome rijo, o peito musculoso, os pelos em seta que levavam até... até *lá*.

– E agora preciso me vestir – afirmou Gabriel, virando-se casualmente. – Pedi ao meu valete que separasse trajes para a noite. Teremos dança, eu mencionei isso?

Kate mordeu o lábio ao vê-lo de costas, o imenso volume de seus ombros que ia afinando nas costas até formar a cintura. Mesmo seu traseiro era musculoso e poderoso, bem diferente do que devia ser o de Algie, redondo graças ao enchimento.

– Sim – respondeu ela, num fiapo de voz.

Ele se inclinou para pegar as roupas que haviam sido deixadas na mesa lateral.

– Nem sempre uso roupas de baixo – comentou ele. – Mas quando um homem veste calças de seda, faz sentido. Especialmente se há a menor possibilidade de seu membro aparecer.

Ela assentiu como uma boneca tola enquanto ele vestia a roupa de baixo e, em seguida, meias decoradas com bordados em fio dourado.

– São muito bonitas – conseguiu dizer, pigarreando.

– Não posso dizer que costume dar muita atenção à minha roupa.

Gabriel puxou um par de calças de seda tão justo que mostrava todas as protuberâncias. *Todas*.

– Você não pode usar isso – deixou escapar Kate, sem pensar, um tanto ofegante.

– Não aprova? – perguntou ele, sorrindo.

– Eu consigo ver... qualquer um consegue ver.

Ela apontou para a região frontal dele. Gabriel se deu um tapinha despreocupado.

– Isso vai continuar assim até eu deixar o quarto. Terei que descer as escadas bem devagar e pensar em algo bastante enfadonho.

Uma camisa bufante passou pela cabeça dele, mas essa era consideravelmente mais elegante do que a anterior, com lindos babados no pescoço.

– Preciso lhe implorar um favor, senhorita – pediu ele, solene como um cortesão.

– Sim?

– Meus punhos.

Os dedos dela escorregavam e tremiam enquanto enfiava os botões de rubi em suas devidas casas. E seus sentimentos ao fazer isso não eram adequados a uma dama.

– Pronto – disse ela, sua voz saindo como um murmúrio rouco.

Gabriel foi até o espelho e pôs a gravata num instante, com tanta agilidade que ela mal conseguiu acompanhar suas mãos.

– Como vai amarrar a gravata? – perguntou ela, tentando desesperadamente ter algum assunto para conversar.

Qualquer tipo de conversa. Qualquer coisa que a impedisse de desejá-lo como se fosse uma verdadeira meretriz.

– O nó górdio – explicou ele. – Não é alto demais nem espalhafatoso e me permite respirar.

– Algie me contou que costuma arruinar de quatro a cinco gravatas por vez – comentou Kate. – Ele tenta fazer um *trône d’amour*.

O canto da boca de Gabriel se curvou em desdém.

– Ele parece um ganso de pescoço comprido.

Em seguida, veio um colete de seda, um modelo verde-escuro com bordados pretos. E, por fim, ele cobriu os ombros com uma casaca feita do mesmo material, tão justo quanto resplandecente.

E calçou um par de sapatos com fivela.

– Acho que eu deveria usar calçados mais delicados para a noite – disse ele –, mas eles me fazem sentir um frio enorme nesses degraus de pedra.

Sem nenhuma interrupção, ele voltou para o espelho, puxou os cabelos fartos para trás e prendeu-os com firmeza num rabo de cavalo.

– Pó? – perguntou a si mesmo, e então se virou para ela. – Devo passar pó? É o meu próprio castelo, afinal.

– Com certeza a maioria dos cavalheiros estará de peruca – respondeu ela, olhando sem fôlego para o homem que, antes viril e nu, agora se transformara em um príncipe de conto de fadas. – Sua... a princesa Tatiana deve estar esperando vê-lo de peruca.

– Detesto perucas. Em mim e em você. Isso aqui terá que bastar. Minha espada – disse ele, olhando em volta. Pegou a espada e prendeu-a junto ao quadril, sob a casaca. – Luvas.

E pegou um par sobre a mesa. Então parou diante dela e trouxe uma perna à frente, abaixando-se em uma graciosa reverência.

– Senhorita, temo que eu precise deixá-la.

Kate respirou fundo. O homem à sua frente era a elegância encarnada, o mais magnífico exemplar de masculinidade que algum dia já ornou um castelo. Ela se levantou e estendeu-lhe a mão.

Ele levou a mão de Kate aos lábios e ela sentiu o toque de sua língua como um ferro quente. Os dedos dela tremiam e ele a recompensou com um sorriso que teria levado até uma santa a desmaiar.

– Voltarei assim que puder.

Ele se virou. As largas abas da casaca cintilavam atrás dele. Kate ficou parada, observando, como se tivesse sido enfeitiçada. Ele estava quase saindo, mas retornou no último minuto.

– Já ia me esquecendo – disse Gabriel. – Algo para manter minha hóspede ocupada durante minha ausência.

Pegou um pequeno livro de veludo e atirou-o para ela. Por reflexo, Kate esticou o braço e agarrou-o no ar.

– Essa é a minha Kate – declarou ele, com um sorriso irônico curvando seus lábios. – Sabe quantas mulheres teriam gritado e

deixado o livro cair?

A porta se fechou sem ruídos atrás dele.

Kate ficou parada por mais um instante e depois olhou para o livro. Ela acariciou o veludo com os dedos e abriu a capa para ler o título.

Escola de Vênus.

Capítulo 31



Gabriel parou após a primeira curva da escada que descia da torre e tentou acalmar a pulsação. Seu membro ameaçava rasgar a seda, e a única coisa em que ele conseguia pensar era nos lábios de Kate se entreabrindo em um suspiro ao vê-lo nu.

Ela não se assustara. Era o tipo de mulher com que os homens sonhavam, não o tipo que se encolheria sob a coberta esperando cumprir o dever matrimonial, mas aquela com quem seria possível envelhecer fazendo descobertas, nunca se cansando, nunca sem paixão, feitiço e luxúria.

Ele inclinou a cabeça para trás, apoiando-a na parede de pedra. Seu coração latejava no peito, instando-o a voltar, atravessar correndo aquela porta, colar sua boca à de Kate e...

Ela não lhe pertencia. Não podia lhe pertencer. A dura verdade percorreu seu sangue como a chuva gelada que Dante descreveu no inferno.

Kate não podia ser sua porque ele tinha aquele maldito castelo para sustentar. E por isso ele tinha que levar seu belo traseiro lá para baixo e conhecer Tatiana, a mulher adornada com rublos russos.

Precisava pôr um sorriso no rosto e conquistá-la durante o jantar. Dançar com ela incontáveis vezes. E, no dia seguinte, durante o baile, deveria dar início às danças com ela ao lado.

Os dois deveriam se casar no mês seguinte ao baile de noivado... se tudo corresse bem. E é claro que tudo correria bem.

Não havia mais qualquer problema em suas calças. Ele olhou para baixo, alisou um vinco na virilha e depois desceu os degraus.

Mas ainda tinha aquela noite, aquela última noite.

Ficaria no jantar por algum tempo, então inventaria alguma desculpa e voltaria para Kate.

Um leve sorriso curvou-lhe os lábios. Ele tinha planos.

No momento em que o avistou descendo as escadas, Wick fechou a porta do salão atrás de si.

– Por onde andou? A princesa chegou há uma hora e você deveria estar aqui para recebê-la – disse ele, furioso. – O tio dela ficou visivelmente insatisfeito.

– Peço desculpas.

– O príncipe Dimitri não parece ser irascível, mas sua ausência foi uma clara afronta, seu asno estúpido.

– Vou me desculpar.

Wick estreitou os olhos.

– Não vai perguntar como é sua futura esposa?

Gabriel refletiu e balançou a cabeça. Wick disse algo em voz baixa e em seguida:

– A propósito, o príncipe Dimitri e a sobrinha falam inglês fluentemente. A princesa Sophonisba vai acompanhá-lo. A princesa Marie-Therese permanecerá em seus aposentos esta noite.

– Maldição, tia Sophonisba se juntará a nós? – perguntou Gabriel, com desânimo.

– Ela pintou os olhos com tanto exagero que não conseguirá enxergar o jantar – comentou Wick. – Está lá dentro, bebendo grandes goles de conhaque. – Então baixou a voz. – O que fez com Kate?

– Está no meu quarto, lendo. Apenas lendo.

– Nunca imaginei que fosse capaz de algo assim – falou Wick, com a voz tensa de tanta raiva. – Se não fosse meu irmão, eu iria embora desta casa e...

– Não estou fazendo nada – protestou Gabriel, por entre os dentes cerrados. – Por Deus, Wick, acha que eu tiraria a virgindade de Kate? Pensa que sou esse tipo de homem?

– Fale baixo. Qualquer um pode surgir descendo aquela escada – censurou ele. – Então que diabo ela está fazendo no seu quarto?

Gabriel ergueu a mão direita meio a esmo e puxou uma luva.

– Está lendo. Já expliquei. Apenas lendo.

Wick o encarou.

– Maldição.

– Eu consegui – disse Gabriel, num tom casual. – Conheci a mulher perfeita para mim. E agora... conhecerei minha esposa.

Wick fez um movimento súbito.

– Não.

– A vida é assim, Wick – continuou Gabriel, puxando a outra luva. – Nem sempre é justa. Você deveria ser o primeiro a reconhecer isso. Caso esteja se perguntando, Kate compreende por que preciso me casar com Tatiana. Ela passou sete anos servindo à madrastra como uma criada, pelo que sei, porque não poderia tolerar a ideia de abandonar os criados e os arrendatários das terras do pai à mercê da madrastra.

– Então se case com ela. Traga os criados dela para cá e nós os agregaremos aos nossos.

– Mal temos condições de alimentar o leão – observou Gabriel, endireitando o florete. – Não me trate como uma donzela apaixonada, Wick. Preciso me casar com uma mulher que tenha rios de dinheiro. E é o que pretendo fazer.

– Podemos dar um jeito – insistiu Wick. – Não prossiga com isso.

– Como eu sustentaria a todos? Quem pagaria pelo conhaque de Sophonisba, pela carne do leão, pelas velas, pelo carvão necessário

para passarmos o inverno?

– As terras dos arrendatários... – começou Wick.

Gabriel balançou a cabeça.

– Passei horas estudando os livros. Com o tempo, as terras arrendadas darão lucro. Mas elas foram negligenciadas. Os chalés têm goteiras, a sacristia da igreja no vilarejo aparentemente desabou no ano passado. Até onde sei, as crianças estão passando fome. Além disso, se romper o noivado terei que pagar pelo dote de Tatiana. Preciso de três dotes, não apenas um.

O comentário de Wick foi curto, mas sincero:

– Sinto muito.

– Esquecerei Kate com o tempo. – Ele olhou Wick diretamente nos olhos enquanto falava.

Ele nunca a esqueceria.

Wick sabia disso também.

– Eu nunca falei como me sinto honrado por ser seu irmão – declarou ele.

Gabriel sorriu.

– O sentimento é mútuo.

Gabriel mal havia entrado no salão quando as portas atrás dele se abriram novamente e Wick anunciou:

– Sua Alteza Real, a princesa Tatiana. Sua Alteza Real, o príncipe Dimitri.

Gabriel endireitou os ombros e se virou para encarar o futuro.

Tatiana estava a postos na entrada. Trajava um belíssimo vestido de seda creme, todo bordado com raminhos de flores. Tinha olhos grandes e inocentes. Os lábios eram de um rosa perfeito. Ela era como uma bebida doce feita de morangos e creme, a pele era puro leite, os cachos escuros e acetinados.

Gabriel avançou e fez a sua melhor reverência. Ela lhe retribuiu com toda a graça de uma dama da corte francesa. Ele beijou sua mão e ela sorriu, um tanto tímida, mas muito doce.

Tatiana era extremamente bonita. Apesar de recatada, o decote profundo evidenciava seu status de mulher desejável. Ela não precisava de enchimento nenhum. Era tudo o que Kate não era: atraente, obediente e rica.

Ele esperara odiá-la, mas nem isso conseguia fazer. Bastava uma rápida olhada para ver que a princesa era muito amável. Jamais gritaria com ele. Ela não era assim.

Seu tio Dimitri exibia um sorriso largo e se balançava para trás e para a frente nos calcanhares.

– Estive neste castelo antes – declarou, com um forte sotaque. – Eu o visitei ainda menino, quando pertencia ao lorde Fitzclarence. Falei ao meu irmão que o castelo valia a viagem para a Inglaterra.

“Maldito castelo”, pensou Gabriel, enquanto fazia reverência outra vez e sorria.

– Achei que o veria esta tarde – comentou Dimitri, lançando um olhar perspicaz para Gabriel.

– Peço desculpas – disse Gabriel. – Não estava ciente de que haviam chegado.

– A princesa é a menina dos olhos do pai – afirmou Dimitri.

Um discreto som escapou dos lábios de Tatiana. Ela corou de vergonha.

Gabriel fez outra reverência e lhe dirigiu um sorriso tranquilizador.

– Tenho que dizer a minha fala, minha pequena – explicou Dimitri. – Somos do reino de Kuban, Vossa Alteza. Suponho que não tenha ouvido falar muito de lá.

– Não ouvi – reconheceu Gabriel –, porém...

Dimitri o interrompeu:

– Meu irmão ajudou os cossacos a se estabelecerem junto ao mar de Azov. Portanto, somos novos nessa história de príncipes.

Gabriel assentiu respeitosamente. Por cima do ombro, Wick estava sinalizando que ele deveria começar o cortejo até o salão de

jantar.

– O que estou dizendo – continuou Dimitri – é que o pai dela não quer forçá-la a esse casamento. Se Tatiana apreciá-lo, ela ficará. Se não, iremos embora, com o dote e tudo o mais, sem essa história de noivado rompido.

Um sorriso revelou seus dentes, e de repente Gabriel enxergou, por um breve momento, um guerreiro cossaco por trás daquele homem vestido de veludo azul.

Ele fez outra reverência. Graças a Deus, naquele instante Wick tocou seu ombro, então ele se virou para Tatiana e ofereceu-lhe o braço.

– Posso acompanhar Vossa Alteza até o salão de jantar?

Ela sorriu para Gabriel outra vez e ele percebeu que, embora acanhada, a jovem não se deixava paralisar pela timidez. Um dia se tornaria uma mulher calma, segura de si e, sem dúvida, eloquente. Em suma, a princesa perfeita.

O príncipe Dimitri tomou o lugar atrás deles, de braço dado com a tia de Gabriel, a princesa Sophonisba, e abriram caminho até o salão de jantar, seguidos por uma longa fileira de joias, veludos e sedas. As mulheres estavam elegantíssimas, como doces tenros e deliciosos, e os homens, impecáveis e elegantes, como os requintados aristocratas que de fato eram.

A única pessoa que ele queria ver, a única com quem desejava comer, estava na torre, com um vestido simples, uma peruca rosa e um par de enchimentos de cera.

Sophonisba, a tia de Gabriel, era indiscutivelmente uma bruxa mal-humorada. Seu irmão Augustus a detestava e a enfiara no navio com a mesma satisfação com que se livrara do leão.

O príncipe Dimitri foi logo arrastado para debater com lady Dagobert se a corte portuguesa deveria permanecer no Rio de Janeiro ou retornar a Portugal, o que deu a Gabriel a oportunidade de conversar com Tatiana.

No entanto, Sophonisba, velha demais para se preocupar com as regras que ditavam quem deveria falar com quem, vociferou toda uma série de perguntas para Tatiana, que estava sentada à sua frente.

– É a mais nova de quatro irmãos? – perguntou Sophonisba, enquanto o primeiro prato era retirado. Ela parou e enfiou a mão sob a própria peruca para coçar o couro cabeludo. – Éramos oito. O quarto das crianças era um hospício.

Tatiana sorriu e murmurou algo. Ela era muito gentil e, se estava um pouco desconcertada com os modos ásperos da tia de Gabriel, não deixava isso afetar sua cortesia.

– Você é uma coisinha linda – comentou Sophonisba, pegando uma coxa de frango e sacudindo-a como se nunca tivesse ouvido falar em garfos. – O que está olhando? – perguntou a Gabriel. – Se é bom para a rainha Margherita, é bom para mim.

Tatiana deu uma risadinha.

– *La Regina Margherita mangia il pollo con le dita* – recitou Sophonisba para ela. – Consegue traduzir isso, menina?

– Não sou muito boa no italiano – respondeu Tatiana –, mas acho que seria “a rainha Margherita come frango com os dedos”.

– Muito bem – elogiou Sophonisba. – Quantas línguas fala?

– Meu irmão e eu enviamos nossos filhos para serem educados na Suíça – falou o príncipe Dimitri, respondendo à pergunta. – Tatiana é uma das mais inteligentes da nossa prole. Cinco idiomas, não é, bolinho?

– Tio Dimitri! – exclamou Tatiana.

– Eu não deveria mais chamá-la de bolinho – comentou o príncipe, abrindo um sorriso tão largo que Gabriel viu cada dente que faltava. – Embora ela fosse o bebê bolinho mais adorável que já vi. Adoramos bolinhos na Rússia. São mais preciosos do que rublos.

Tatiana revirou os olhos.

– Nunca me casei, sabe? – disparou Sophonisba.

Ela cutucou Gabriel, que deu um pulo de susto. A mente dele voltara para Kate outra vez.

– O pai deste rapaz, meu cruel irmão, nunca aceitou um pedido pela minha mão. Eu poderia ter escolhido qualquer um!

Ela franziu a testa para todos à mesa, como se desafiasse alguém a discordar.

A verdade era que Sophonisba tinha sido prometida a um jovem príncipe da Alemanha, mas, depois de recebê-la em sua corte e passar um ou dois dias com a noiva, o rapaz fugiu. Ela voltou para casa com grande desonra e o grão-duque nunca mais se preocupou em tentar arranjar-lhe um casamento.

– Sua Alteza era famosa por sua beleza – disse Gabriel para Tatiana.

– E ainda sou – corrigiu-o Sophonisba na mesma hora. – A beleza de uma mulher não é apenas uma questão de juventude.

Tatiana assentiu obedientemente.

– Minha avó sempre disse que as maiores beldades de sua época andavam tão cobertas de pó e pintas que era impossível afirmar se havia uma mulher ou um cavalo sob a maquiagem.

Houve um momento de silêncio. Sophonisba usava umas quatro ou cinco pintas coladas no rosto coberto de pó. Uma se desfizera e estava pendurada na bochecha.

Tatiana se espantou ao notar a gafe e seu rosto ficou rosa como um pôr do sol de outono.

– Não que eu esteja querendo insinuar algo assim sobre a senhora – disse ela, ofegante.

– Eu ainda não existia quando sua avó era jovem – respondeu Sophonisba com evidente desonestidade, uma vez que já devia ter pelo menos 75 anos. – Não saberia do que ela falava.

Ela virou o rosto e vociferou para Dimitri:

– Isso é um completo absurdo, o que está dizendo sobre os espanhóis. Não há uma galé rápida em todo o bando deles.

– Peço desculpas – falou uma voz baixa junto ao cotovelo direito de Gabriel.

– Minha tia não se ofendeu – afirmou ele, sorrindo para Tatiana. Ela era terrivelmente jovem.

– Às vezes coisas erradas escapam da minha boca – sussurrou ela.

– Príncipe! – exclamou a tia, interrompendo essa revelação encantadora, porém enfadonha. – Desculpe a franqueza, mas minha bexiga está prestes a explodir.

Gabriel ficou de pé.

– Se me derem licença – anunciou ele à mesa –, a princesa está sofrendo uma indisposição e eu a acompanharei até seus aposentos.

– Não é indisposição, é apenas velhice – corrigiu Sophonisba, acenando com a bengala para Wick.

Ele veio de imediato, afastou a cadeira e a ajudou a se levantar.

– Você é o melhor de todos – disse a ele, como sempre fazia. Ela beliscou sua bochecha e depois lançou um olhar triunfante para toda a mesa. – Nascido no lado errado, mas tão príncipe quanto seu irmão aqui.

Lady Dagobert ficou vermelha de indignação com essa quebra de decoro, porém o príncipe Dimitri parecia estar abafando um sorriso, o que era um ponto a seu favor.

Enquanto Wick ajudava Sophonisba a endireitar as saias e colocar a bengala na posição correta, Gabriel inclinou-se até o ombro de Tatiana.

– Como pode ver – ressaltou ele, baixinho –, nada do que diga seria capaz de me constranger.

Ela olhou para cima, realçando as covinhas. Daria uma princesa encantadora. Nem um contato próximo com Sophonisba abalaria sua

compostura. Além disso, falava várias línguas.

Era perfeita.

Os aposentos da tia ficavam no primeiro andar da torre. Eles levaram uns bons 25 minutos para chegar à porta do quarto, pois ela fazia pausas constantes para esfregar o tornozelo e queixar-se das pedras do piso, da umidade e da forma como ele segurava seu braço – com força demais para o gosto dela, afirmou.

No momento em que a porta se fechou, Gabriel se virou e voou pelos degraus de pedra.

Ele se ausentara por quase duas horas. Àquela altura, Kate havia tido tempo mais que suficiente para assimilar cada gravura do livro de Aretino.

Capítulo 32



Nesse meio-tempo, no quarto de Gabriel, Kate folheara aquele pequeno exemplar obscuro, espiando o suficiente para verificar que os homens de Aretino não se comparavam a Gabriel na área mais importante. Não tinha nenhum desejo de examinar as gravuras de homens e mulheres entrelaçados numa cama, numa cadeira ou em qualquer outro lugar.

Tinha o corpo vivo e nu de Gabriel em sua mente e nada mais poderia lhe interessar.

Ela largou o livro e foi até a mesa grande diante da janela. Gabriel esquecera de lhe mostrar o vaso que um dia guardara os brinquedos de uma criança, mas ela adivinhou que era representado por uma coleção de fragmentos organizada cuidadosamente. À direita, havia uma folha de papel, cheia de anotações detalhadas a respeito do vaso, escritas com uma bela caligrafia.

Mas não era só isso que estava sobre a mesa. Havia outro leque, além daquele que ele lhe dera. Parecia ainda mais antigo e o papel nas delicadas varetas estava descascando.

Havia também um livrinho intitulado *A mais estranha aventura que já aconteceu, seja no passado ou no presente* e uma pequena pilha de moedas de cobre, de aspecto rústico e antigo. Um gráfico parecia calcular os movimentos de sete planetas e um vidrinho dizia

no rótulo *Diacatholicon Aureum*. Kate o pegou por curiosidade, tirou a rolha e cheirou, mas não soube dizer o que era.

Por fim, pegou uma revista bastante manuseada chamada *Ionian Antiquities*, voltou à cadeira de veludo e começou a ler. Vinte minutos depois, após uma análise exaustiva e provavelmente erudita sobre *Les Edifices Antiques de Rome*, de Desgodets, foi para a cama.

Disse a si mesma que acordaria no instante em que os pés de Gabriel soassem nos degraus de mármore. Não queria dar a impressão de que o estava convidando a se deitar com ela.



Quando Gabriel abriu a porta do quarto, Kate estava enroscada como um gatinho no meio da cama. A peruca estava torta e fios de cabelo brilhantes caíam sobre seu rosto. Ela tinha tirado os sapatos, mas fora isso estava vestida como no momento em que a deixara.

Como era bonita! Sua pele era cor de mel; a de Tatiana, cor de leite. As bochechas de Tatiana eram redondas; as maçãs do rosto de Kate, quase descarnadas. Os lábios de Tatiana eram tenros e macios; Kate dormia profundamente e seu lábio inferior era de um vermelho rubi, como se ela o tivesse mordido durante o sono.

Após olhá-la uma vez, ele sentiu o membro voltar a enrijecer sob as calças. Afastou-se com um suspiro.

Tinha uma única noite, apenas uma noite.

Dirigindo-se em silêncio à área do cômodo resguardada por cortinas, ele abriu uma pequena porta de madeira na altura de sua cintura, introduziu a mão e tocou uma campainha que soava na cozinha.

Após alguns segundos, o ruído de rolamentos e trancos indicou que o elevador subia. Esperou até que tivesse completado o trajeto e então retirou dali um balde de água quente. Despejou-a na banheira, soltou a corda e enviou o balde de volta à cozinha.

Quase se molhou com o balde seguinte. E percebeu que não poderia derramar nada na casaca, pois precisava voltar para baixo, se não para o jantar, ao menos para a dança.

Com cuidado e agilidade, com o tipo de meticulosidade que empregava a todas as tarefas, retirou a casaca, o colete, a camisa e as calças, deixando tudo sobre uma cadeira. Ficou apenas com a roupa de baixo. Era a vez de Kate ficar nua.

Instantes depois, olhou em volta com satisfação. Acendera velas em toda parte e colocara uma taça de vinho a uma distância tentadora da banheira.

Com uma toalha no braço, voltou para a cama e sentou-se com delicadeza ao lado de Kate. O rosto dela estava mais suave agora e os lábios se curvavam em um ligeiro sorriso, como se o que quer que a estivesse preocupando mais cedo tivesse desaparecido, deixando-a em um sonho feliz.

Gabriel puxou um grampo de seus cabelos. Ela não se mexeu. Puxou outro, e outro e outro, até que não houvesse mais nenhum. Então tentou retirar a peruca, mas nada aconteceu.

Os cílios dela estremeceram e Gabriel pensou que Kate estivesse acordando, mas ela apenas se virou, voltando as costas para ele.

Na verdade, Kate estava controlando a respiração e se perguntando desesperadamente o que fazer. Num certo momento, ao entreabrir os olhos, julgara ver um peito nu inclinado sobre si.

Desejava abrir os olhos e envolvê-lo em seus braços. Queria puxar aquele belo corpo para si e correr os dedos pelo peito e pelas costas dele. Um fogo devastador queimava dentro dela.

No entanto, a porção cautelosa de seu cérebro a paralisara, obrigando-a a manter os olhos fechados, tentando convencer Gabriel de que ainda dormia. Sentia medo.

Era tão carinhoso... o modo como tirava com cuidado os grampos, como se temesse acordá-la.

Era tão bonito... sentado ao lado dela, praticamente nu sob a luz dourada das velas.

Ele era tão... tudo. De repente, ela percebeu exatamente o que a assustava: o terror de saber que não haveria vida satisfatória sem o príncipe. Que ele era tudo para ela e que, sem ele, podia muito bem voltar para Mariana e passar a vida protegendo os arrendatários.

– Kate – murmurou Gabriel, e ela percebeu que os lábios dele roçavam seu pescoço, afastando os cabelos, deslizando sobre sua orelha. – Está na hora do seu banho. Tenho uma banheira cheia de água fumegante à sua espera.

– Ah... Olá – disse ela, com um ar tolo.

Mas não se virou. Ele havia retirado sua peruca e estava acariciando seus cabelos. A sensação era tão boa que ela se deixou levar, com os olhos fechados, sentindo apenas o toque sedutor dos dedos dele.

Então se deu conta do que estava acontecendo e tentou detê-lo – mas já era tarde demais. Os dedos ágeis de Gabriel haviam soltado todos os botões da parte de trás do vestido. Ela se sentou, segurando o corpete.

– Gabriel – falou num tom de censura, estreitando os olhos.

– Você prometeu que eu poderia beijá-la em qualquer lugar – alegou ele, puxando suavemente o corpete.

– Não me lembro de ter dito isso! E por que você está sem roupa?

– Estou de roupa íntima – explicou –, exceto pela parte de mim que não está.

Ela olhou para baixo, apenas o tempo suficiente para ver que de fato uma parte dele não estava totalmente coberta.

– Não deveria... – protestou ela.

Mas naquele momento ele se inclinou e pressionou a boca sobre a dela. Kate continuou falando, porém as palavras foram sumindo enquanto a língua dele percorria o contorno suave de seus lábios.

– Eu poderia beijar sua boca a noite inteira – sussurrou ele.

Kate disse a si mesma que beijos eram o que havia sido prometido. É verdade que ela não pensou que ele estaria nu... mas ao menos ele estava de roupa íntima. Mesmo que parecesse não cobrir uma parte do corpo.

Ela cedeu um pouco e envolveu o pescoço dele com os braços. Gabriel respondeu de imediato, aceitando sua boca aberta e puxando-a contra o peito. Kate desmanchou-se, uma sensação tão esmagadora que ela começou a tremer. Ele a beijou até um fogo incontrolável dançar em suas veias, até o desejo deslizar como conhaque por seus membros.

– Gabriel, eu... – sussurrou ela.

– Silêncio, minha doce Kate – pediu ele, recuando. – Vou tirar o seu vestido agora.

Sem esperar resposta, ele lentamente soltou o vestido, puxando-o sobre os seios, sobre o espartilho com os enchimentos de cera, até a cintura.

– Meus braços – protestou ela, arfando. – Não consigo me mexer.

– Meu beijo – disse ele, e sua voz fez o fogo arder com mais intensidade.

Soava rouca, como se ele estivesse se controlando ao máximo. Ele não soltou os braços dela.

Kate observou as mãos dele desamarrarem seu espartilho com habilidade e o abrirem. Os enchimentos tombaram ao chão. Seus

seios, erguidos e rígidos pela pressão do corpete, pousaram nas mãos dele como maçãs maduras.

Ele ficou paralisado por um momento e então puxou o *chemise*. Era de seda, frágil como teias de aranha.

– Ah, meu Deus – declarou ele, e parecia que as palavras estavam sendo arrancadas de seus pulmões. – Nunca vi nada mais belo. Nunca.

Os lábios de Kate se abriram para dizer algo, mas nenhuma palavra foi dita, pois Gabriel roçava o polegar lentamente em seu mamilo. A sensação de calor nas pernas se transformou em chamas. Um grito abafado escapou dos lábios dela.

– Preciso prová-la.

Com um movimento rápido, ele segurou o *chemise* e o rasgou. A seda se rompeu tão suavemente como um pêssego se partindo.

– Gabriel! – gritou Kate, notando que ele nem sequer a ouvia. Ele fitava, com olhos ardentes, seus seios.

Nas mãos dele, não pareciam pequenos de maneira nenhuma. Não pareciam precisar de enchimento algum. Pareciam exuberantes e redondos, do formato perfeito.

Então ele inclinou a cabeça e ela sentiu o toque dos lábios dele em seu seio. Ela tinha visto cenas como essa nas ilustrações de Aretino – homens sugando mulheres como se eles fossem bebês. Torcera o nariz, virando a página, convencida de que o italiano estava retratando uma perversão que considerava absurda.

Mas, ao toque da boca de Gabriel, ela experimentou uma onda de prazer diferente de tudo o que sentira na vida. Não conseguia respirar, e um grito escapou de sua garganta. Gabriel sugou mais e acariciou o outro mamilo com o polegar. A mente de Kate ficou completamente vazia e seu corpo arqueou-se, um gemido escapando de seus lábios.

– Eu sabia – sussurrou ele, a voz rouca. E levantou a cabeça apenas o suficiente para que ela visse a exultação louca nos olhos

dele. – Eu...

Mas as palavras se perderam enquanto ele dava atenção ao seio ignorado. Já Kate não conseguia formar palavras, não tinha forças para fazer nada além de se curvar sob ele, ofegante.

Quando ele ergueu a cabeça novamente, o corpo dela latejava, o sangue incendiando suas pernas.

– Gabriel – sussurrou ela.

Ele voltou para sua boca, beijando-a brutalmente, fazendo-a se arquear contra ele, perdida em uma explosão de excitação e desejo.

Quando ela recuou, sabia perfeitamente que sua força de vontade havia se esgotado, que todo o lado prático fora posto de lado.

– Por favor, solte-me – implorou ela com a voz rouca, os olhos vagando pelo peito dele... o peito que ela não podia tocar, pois seus braços continuavam presos no vestido.

Ele se afastou sem dizer uma palavra, mas ela notou que ele respirava com dificuldade.

Com um movimento rápido, Kate se levantou. Libertou os braços das mangas do vestido, mas o segurou na cintura, deixando que os olhos ardentes dele a apreciassem.

– Se você pode, eu também posso – disse ela, com um sorriso dominando seus lábios.

Os olhos dele se arregalaram e ela deixou, bem lentamente, o vestido cair no chão. Gabriel tinha rasgado seu *chemise* até a cintura, então ela o desceu pelos ombros, mas não o soltou. Segurou-o sobre os seios, deslizando devagar pelos mamilos, estremecendo com o toque da seda que roçava em partes que a boca dele deixara sensíveis.

Gabriel fez um movimento, como se estivesse prestes a se atirar sobre ela, mas Kate o deteve com um olhar.

– Você se despiu – falou ela, deixando a mão deslizar pela clavícula, descendo pela curva do seio direito, até a frágil seda que se agarrava aos seus quadris.

– Por favor – suplicou ele, com a voz rouca.

Chutando o vestido para longe dos pés, ela deu as costas para ele e andou, com um ar atrevido, até a mesa.

– Parece estar com um pouco de calor, Vossa Alteza. Talvez o leque ajude.

Pegando o leque que ele lhe dera algumas horas antes, ela se reaproximou da cama.

– Sempre faço uso dele quando estou com muito calor – cantarolou ela, abrindo o leque e abanando o rosto.

Então o desceu um pouco até os seios. Um pouco mais embaixo... o *chemise* ondulou com a brisa.

– Não sei por que – continuou ela –, mas parece que estou com um calor extraordinário no momento.

– Kate – disse Gabriel, com um gemido. – Você não é virgem. Diga-me que não é virgem.

O sorriso dela se esvaiu e o leque caiu no chão.

Gabriel saltou da cama como se estivesse possuído, puxando-a para os seus braços.

– Eu não quis dizer isso.

Kate tentou falar, mas a sensação do corpo dele contra o seu dissipara sua lógica de novo, lançando-a em uma tempestade de excitação e desejo. O corpo dele era forte e dominador, transmitindo uma inconfundível exigência masculina que fazia suas pernas fraquejarem.

– Você é virgem. Sei que é virgem e respeito isso. – Gabriel falava com o rosto junto ao cabelo dela. – Eu nunca pensaria o contrário, querida. Foi apenas o grito de um homem que desejava um destino diferente.

Ela se enroscou no peito dele, sentindo o coração bater com fúria.

– Deseja que eu seja a meretriz que quero ser neste momento – sussurrou ela. A excitação apertava o nó em seu estômago. Ela ergueu a cabeça para olhá-lo nos olhos. – Esta noite você é apenas um homem, lembra?

– Não sei se sobreviverei a esta noite – confessou ele, em frangalhos.

Um sorriso curvou os lábios de Kate e ela se afastou.

– Não terminei de me despir. Está planejando morrer antes que isso aconteça?

– Não – respondeu ele, sem ar.

Seu pobre *chemise* tinha ficado preso nos quadris. Balançando-os de leve, Kate o fez deslizar pelas pernas, sobre os pelos louros que cobriam sua parte mais íntima.

Então ela ergueu os braços e tirou os últimos grampos do cabelo, que caiu sobre os ombros, em cachos e ondas, volumoso e sedoso. Ela passou os dedos pelas madeixas, saboreando a visão de seus seios se erguendo por entre elas.

– Você é tão linda – rosnou Gabriel, quase sem ar.

– Acho que está na hora do banho – declarou ela, virando-se de costas para ele. Então parou e olhou por cima do ombro. – Você falou que havia uma banheira pronta para mim?

Ele parecia incapaz de falar, mas saltou diante dela e afastou a cortina de veludo que ocultava a sala de banho.

– Que lindo! – exclamou Kate, vendo a enorme banheira de ferro cheia de água quente, as velas salpicando pontinhos de luz dourada no veludo das cortinas, na água e no corpo dela.

Ela deu um passo à frente e enfiou um dedo do pé na água. Então, com um suspiro de puro prazer, escorregou pela curva da banheira, jogando os cabelos para trás e deixando-os para fora da borda.

Os únicos sons na sala eram os suaves respingos de água e a respiração pesada de Gabriel. Ela não conseguia parar de sorrir. Se Katherine Daltry ia ser uma devassa, então seria a melhor devassa que aquele castelo já testemunhara.

– Sabonete – pediu ela, estendendo a mão.

Gabriel pôs a barra em sua mão sem dizer uma palavra.

– Humm – fez ela, cheirando. – Flor de macieira?

– Flor de laranjeira – respondeu ele, com a voz soturna e pecaminosa.

Ela se ergueu um pouco para ensaboar o braço esquerdo.

– Você não precisa se vestir para voltar lá para baixo? – questionou ela. – Todos devem estar se perguntando aonde você foi.

Os olhos dele estavam fixos nas mãos dela, ensaboando o braço direito.

– Gabriel? – chamou ela com uma voz inocente, suas mãos deslizando até os seios. – Estou certa de que você falou que ficaria indo e voltando. Era esse o seu plano, certo?

O olhar dele era tão ávido, tão ardente, que ela não se surpreenderia se a água evaporasse.

– Você... – disse ele, e limpou a garganta. – Por que não termina de se lavar? Depois eu irei. A menos que queira alguma ajuda...

Ela ergueu uma perna e, bem lentamente, começou a lavar o pé, deixando os dedos deslizarem pela perna.

– Acho – sugeriu ela, olhando-o de relance – que alguém poderia me ajudar com essa outra perna.

A sensação foi bastante diferente quando mãos masculinas e fortes acariciaram sua perna com o sabonete.

E a interpretação de Gabriel para a palavra *perna* não era exatamente igual à dela. Logo Kate estava deitada na banheira, saboreando a sensação daqueles dedos fortes acariciando sua coxa.

Então eles seguiram mais para cima... e, depois, ainda mais para cima.

Ela se sentou.

– Gabriel!

– Calma, querida – pediu ele.

E os dedos deslizaram em uma carícia. Aquilo não era um beijo... Ela deveria impedi-lo.

Em vez disso, suas pernas se afastaram em uma súplica silenciosa para que ele continuasse. O que quer que ele estivesse fazendo era fatal para seu autocontrole. O bom senso de Kate, sua força de vontade, tudo aquilo que a tornava forte e determinada esvaiu-se. Tudo o que restava era um corpo que se regozijava com o toque dele e se arqueava para ele.

A outra mão de Gabriel percorreu seu seio e ela jogou a cabeça para trás, gritando. Aquelas mãos eram como fogo, provocando-a, atormentando-a, acariciando-a...

– Eu... – tentou dizer, ofegante.

Um dedo mergulhou em seu ponto mais íntimo por um segundo latejante, e ela se desmanchou, gritando, os braços enlaçando o pescoço dele, o corpo tremendo a cada carícia ardente que o percorria.

Kate recobrou-se aos poucos, descobrindo que seus braços molhados estavam ao redor do pescoço de Gabriel, que seus olhos estavam apertados. Os dedos dele se afastaram lentamente daquela região intumescida entre suas pernas, fazendo-lhe uma leve carícia de despedida que lhe causou um último estremecimento.

– Meu Deus, Kate – disse ele, com uma espécie de gemido.

Ela não se mexeu. Sentia-se suada – e ainda estava na banheira. De sua boca haviam escapado sons que ela não imaginava que uma mulher fosse capaz de emitir. O prazer foi

substituído por uma onda de constrangimento tão violenta que ela preferia morrer a abrir os olhos.

Além disso – ainda que fosse uma questão menor –, suas pernas ainda latejavam.

– Kate? – chamou ele, e sua voz continuava pecaminosa. – Você vai abrir os olhos algum dia?

Ela balançou a cabeça, mantendo o rosto colado à pele dele. O cheiro era quente e masculino e indescritivelmente sedutor.

Uma mão deslizou por suas costas, seguindo a curva da coluna sob a água, e deslizou pela curva do quadril.

– Quero beijá-la aqui – pediu ele, com naturalidade.

O corpo dela estremeceu com o pedido.

– Não – balbuciou ela, a palavra soando abafada contra a pele dele.

– Preciso descer e dar início à dança. Mas Kate...

Ele afastou os braços dela de seu pescoço e ficou de pé. Ela teve que abrir os olhos. Ele era todo músculo, mesmo a parte que aparecia ferozmente através da roupa íntima.

– Isso não é desconfortável? – indagou ela, percebendo no mesmo instante que seu esforço para iniciar uma conversa casual fracassara.

Havia certa dor em sua voz, algo que lhe suplicava que ficasse. Ele não podia. Enquanto secava o peito, ele a encarava como se não conseguisse desviar o olhar.

– É... – respondeu sem rodeios. – Terei que esperar na escada por pelo menos dez minutos.

Encarando-o, Kate de repente percebeu que não havia motivo para vergonha. O que acontecera entre eles, por mais íntimo que fosse, não era vergonhoso.

Então deixou as pernas se afastarem, exatamente como elas desejavam, e passou a mão entre as coxas.

– E se eu quiser aquele beijo... agora? – sussurrou ela.

Sua carne latejava sob o leve toque da mão só de pensar nisso.

– Você está me matando – declarou ele, com a voz rouca. –

Tenho que ir, Kate. Você sabe disso.

Ela lhe lançou um sorriso diabólico.

– Está bem. Desde que você lembre que estou aqui, esperando.

Ela deixou a cabeça cair para trás e os seios ergueram-se acima da água.

Ele emitiu um grunhido abafado e desapareceu atrás das cortinas de veludo. Kate ouviu a porta bater. Um pequeno sorriso curvou-lhe os lábios. Ela tinha aprendido algo maravilhoso, ao que parecia.

Gabriel desceria as escadas, faria o que precisava fazer... e depois retornaria.

Capítulo 33



— Por pouco você não perdeu a primeira dança – sussurrou Wick.
— Atrasei os músicos o máximo que consegui, dizendo a todos que Sophonisba havia passado mal.

Gabriel sentia-se como em um sonho. Sua mente e seu coração estavam presos a Kate, à mulher macia e doce como mel que o aguardava lá em cima.

A única coisa que o levara até a entrada do salão de baile foi o férreo senso de dever para o qual fora preparado desde o nascimento.

— Estou aqui – disse com firmeza.

— Não é uma boa noite – afirmou Wick, olhando para ele. – Ela está ali. – Acenou com a cabeça em direção a Tatiana e o tio, ambos em um pequeno círculo de cavalheiros.

Gabriel cruzou o salão como um sonâmbulo e pediu desculpas a Tatiana e ao duque por ter perdido a maior parte do jantar.

— Minha tia é idosa, como puderam ver – explicou ele. – Quando chegamos a seus aposentos, não estava se sentindo bem. E ela pode ser bastante autoritária ao solicitar ajuda nessas horas.

— Admiro um homem que tem consciência de suas responsabilidades – declarou Dimitri, oscilando para trás nos calcanhares e sorrindo para Gabriel com ar de aprovação. – Na Rússia, a família sempre vem em primeiro lugar. Não aprecio o tipo

de relação familiar que se vê na Inglaterra, em que um filho mal reconhece os próprios laços de sangue.

Uma menininha de nome Merry e o rosto de Kate dançavam na mente de Gabriel quando ele se virou para Tatiana e a convidou para a dança.

Tatiana dançava com a leveza de uma pluma, suas reverências eram graciosas, sua sincronia, impecável. E Gabriel, que começara a aprender a dançar aos 3 anos, era igualmente bom.

Por trás de uma névoa de frustração sensual, ele tinha uma vaga consciência do prazer de ter uma parceira com quem estava de fato em harmonia.

– Talvez possamos dançar outra vez? – perguntou quando a música chegou ao fim.

Ela lhe concedeu um discreto sorriso.

– Na verdade, seria um prazer.

– Uma valsa, talvez – propôs ele, sabendo que estava prestes a assinar sua sentença de morte.

A partir do momento em que uma valsa começasse e ele pusesse os pés naquele salão com Tatiana nos braços, seria uma questão de dias até assinar o contrato nupcial. A valsa era considerada muito sensual e indecorosa pelos membros mais rígidos da alta sociedade. Pisar no salão com uma mulher solteira era o indício de um casamento iminente. Não que alguém tivesse qualquer dúvida quanto aos dois.

Ela pareceu um pouco intrigada, como se a sombra de abatimento que trespassava o corpo de Gabriel se evidenciasse nos olhos.

– Eu ficaria muito honrado – disse ele, recompondo-se.

Tatiana se soltou dele para pegar a mão de Toloose, dando-lhe o sorriso confiante de uma garota que está descobrindo seu poder sobre os homens.

– Eu teria que perguntar ao meu tio – respondeu, e um riso secreto em seus olhos mostrava que, assim como ele, ela entendia o que significava uma valsa.

Gabriel respirou fundo. Poderia dançar mais duas ou três vezes e depois pedir à orquestra para tocar a valsa mais curta de seu repertório; então poderia cair ou fingir-se de bêbado. Qualquer coisa para deixar aquele salão e voltar para a torre.

Uma batida abrupta em seu braço o fez voltar a si.

Lady Wrothe estava ao seu lado.

– A música está começando de novo – afirmou Henry.

A expressão em seu rosto não era inteiramente encantadora.

– Lady Wrothe – disse ele, fazendo uma reverência. – A senhora faria a gentileza de...

– Sim, dispensarei esta dança com você – interrompeu ela. – Muito gentil de sua parte, já que torci um tornozelo com estes malditos saltos.

Ela se encaminhou para uma pequena alcova isolada, de tamanho suficiente para comportar um sofá acolchoado.

– Onde está minha afilhada? – perguntou, sem demora. – Estive no quarto dela, então sei que a dor de estômago é mentira. Kate não é do tipo que cai doente à toa. Eu ficaria surpresa se a menina tivesse passado um dia inteiro na cama em toda a sua vida.

O maxilar de Gabriel ficou rígido quando lhe vieram à mente imagens de como ele e Kate podiam passar um dia inteiro juntos na cama.

– Receio não poder ajudá-la – respondeu ele, em meio ao rugido em seus ouvidos.

– Não pode ou não quer? – insistiu Henry, batendo nele com o leque outra vez. – Não sou boba, sabe bem disso. Os pais daquela menina são falecidos, então ela é minha responsabilidade agora. E eu – ela sorriu com todo o encanto de uma mãe tigresa – não ficaria nada contente se ela tivesse o coração partido.

– Eu sentiria o mesmo – anunciou Gabriel.

– Quem diria isso, vendo-o girar pelo salão com aquela menina russa bem nutrida nos braços?

– A princesa Tatiana é muito... – Ele fez uma pausa. – É uma linda jovem.

– Mas será que Kate gostaria de vê-lo trocando olhares apaixonados com essa *linda* jovem?

– Lady Wrothe, esse matrimônio foi arranjado com base no dote substancial da minha noiva e no meu título. É uma velha história que todos nós já ouvimos antes. – As palavras saíram duras como pedra, uma para cada batida de seu coração. Ele a fitou. – Não posso me casar com Kate.

– Se pretende me deixar comovida, está perdendo seu tempo – respondeu Henry. – Não precisa esconder Kate como se ela fosse uma meretriz que você contratou para passar a noite, enquanto dança por aí com sua futura esposa. *Ela* também tem o direito de estar aqui, pois muitos homens adorariam se casar com ela, com ou sem dote substancial!

Gabriel respirou fundo.

– Não posso me casar com quem eu quero.

– Não estou dizendo que deveria – retrucou Henry. – Existem homens que jogariam o mundo aos pés de sua dama. E há o resto, que, assim como o senhor, enxerga o mundo como um livro-caixa. Eu conheci um tipo desse no início da minha vida, então sei exatamente como vocês são.

Ele nunca estivera tão perto de bater em uma mulher.

– Se me der licença...

Mas a mão de Henry segurou seu braço, e o que ele viu nos olhos dela o emudeceu.

– Você tem uma escolha a fazer, príncipe – disse ela. – É melhor que tome a decisão certa, ou passará a vida se amaldiçoando. O cavalheiro que acabei de mencionar... Não creio que o dote com

quem ele se casou tenha compensado tudo o que perdeu. E acredito que ele concordaria comigo.

Gabriel se virou, meio perdido, e foi em direção à porta. Um cavalheiro saiu de seu caminho no último momento.

Somente Wick barrou sua passagem.

– Falei para Tatiana que dançaria uma valsa com ela – informou Gabriel, em um sussurro áspero. – Encontre-a e invente qualquer coisa.

– Uma *vals*a? Terei que dizer a ela que você está doente.

– E estou – afirmou Gabriel. – Mortalmente doente.

Capítulo 34



Na torre, Kate se secou, examinou o *chemise* arruinado, pegou o vestido amarrotado e colocou-o sobre uma cadeira. Por fim, se vestiu com um robe que estava pendurado na parede. Era de seda e dava a sensação de uma carícia exótica. Ela deu duas voltas na faixa para fechá-lo.

Gabriel não chegava.

Kate pegou a revista sobre os tesouros jônicos, folheou-a e achou graça ao encontrar na seção de notas uma carta agressiva de Gabriel, escrita com erudição. Apanhou o Aretino e devolveu-o à mesa imediatamente. Aquelas gravuras não pareciam ter nada em comum com a ternura incandescente com que Gabriel a tocara.

E, assim, se deu conta de que havia tomado uma decisão.

Ia dormir com Gabriel. Estava insaciável, para falar a verdade. Desejava aquilo – o desejava – para si, para compensar os sete anos em que nenhuma alma a tocara de forma carinhosa.

Ela lhe entregaria sua virgindade e depois partiria para Londres. Suas pernas tremiam só de pensar, e ela sentiu o rosto se encher de calor. Era a única coisa que tinha desejado ferozmente em anos.

A porta se abriu e Gabriel entrou. Havia um peso em seu rosto, em seu olhar.

– O que aconteceu? – perguntou ela, do outro lado do quarto, e cruzou o cômodo até parar diante dele. – Gabriel, o que aconteceu?

Você está bem?

Ele fitou-a com os olhos cheios de uma emoção que ela não conseguia decifrar.

– Sabe o que eu estava fazendo no salão de baile, Kate? Você tem alguma ideia?

Ela pôs a mão em sua casaca, querendo sentir o calor sólido de seu peito e não a raiva fria de sua voz.

– Dançando.

– Não apenas dançando – disse ele, com toda a precisão. – Estava dançando com minha futura esposa, Tatiana.

Kate nunca pensou que a dor pudesse dilacerar o coração de alguém. Até aquele momento. Ela conseguira esquecer Tatiana, fingir que Gabriel estava simplesmente... em outro lugar. Todo o seu corpo se retesou e gelou, assim como havia acontecido no dia em que ela entrara no quarto da mãe e vira um corpo sem alma.

Felizmente, Gabriel continuou:

– Eu me sentei com ela durante o jantar. Ela tem covinhas e fala cinco idiomas. Dançamos juntos a primeira música. É uma dançarina esplêndida. Convidei-a para uma valsa.

– Compreendo – falou, insegura, jogando os cabelos para trás.

– Não, não compreende – contestou ele num tom brutal. – Você não sabe o suficiente sobre essa maldita sociedade para poder compreender. Dançar a valsa com uma mulher significa tomá-la nos braços e rodopiar pelo salão, perna contra perna.

– Parece muito íntimo – arriscou Kate, orgulhosa do controle em sua voz.

– Muito – afirmou Gabriel. – Se eu e você... – Ele se virou para a janela escura. – Se eu e você dançássemos uma valsa algum dia, todos em volta saberiam que somos amantes. Não dá para esconder nada com uma mulher nos braços ao som de uma valsa.

Kate estava confusa e começava a ficar um pouco irritada. Não parecia certo Gabriel esfregar o noivado na cara dela.

– Provavelmente não seria adequado lhe dar os parabéns.

Ele se virou e a encarou, os olhos escuros como carvão.

– Você se *atreve* a me dar parabéns?

Kate alisou a frente do robe de seda que vestia.

– É melhor eu... é melhor eu voltar para os meus aposentos.

Ele saltou sobre ela como um predador.

– Você não vai me deixar!

Então ela reconheceu a emoção nos olhos dele. Era desespero e raiva... e amor. Amor.

– Gabriel – disse ela, arfando ligeiramente.

– Você se *atreve*... – começou ele de novo.

– Calma – pediu ela, pondo a mão em seu rosto. – Calma.

Ele engoliu em seco.

– Eu provavelmente não o amaria tanto se não fosse o homem que é.

A garganta dele agitou-se de modo furioso.

– Você...

– Eu o amo. – Ela assentiu. – Com todo o meu coração. – E trouxe o rosto dele para junto do seu, dando-lhe o beijo mais doce de sua vida. – Você é meu – sussurrou. – De alguma forma, em algum lugar muito especial do meu coração, você sempre estará comigo.

Com um gemido, ele a abraçou com força. Ela envolveu os braços em sua cintura, sentindo o leve odor do sabonete de flor de laranjeira junto com uma impetuosidade ardente que só havia em Gabriel.

Depois de um tempo, ele se afastou.

– Eu não posso... – começou.

Ela cobriu a boca dele com a mão. Seus braços soltaram os ombros de Kate e ela recuou, sem lágrimas, com a cabeça erguida.

– Você não pode se casar comigo. Vai se casar com Tatiana porque ela foi escolhida para você; porém, mais do que isso,

Gabriel, porque você merece alguém que fale cinco idiomas, que dance como um anjo e que traga consigo tanto ouro quanto um rei.

– Se o mundo fosse diferente... – Sua voz sumiu.

– O mundo é como é – disse ela, firme. – E você tem um castelo inteiro para alimentar, vestir e cuidar. Sem falar no leão...

Ele não sorriu.

– Você não é seu irmão, Gabriel. Nunca dará as costas às suas responsabilidades – declarou ela.

– Só a você – disse ele, com grande dor.

– Eu prefiro amá-lo agora – afirmou ela, furiosamente – a aceitá-lo como um homem amargurado por ter dado as costas à família.

– Você é uma mulher assustadora – confessou ele, após um instante.

Mas seus olhos haviam perdido aquele desespero selvagem.

Ela levou as mãos ao nó que prendia o robe.

– Isso aqui é muito quente – revelou ela, desfazendo lentamente o nó. – Sabe, Gabriel, enquanto você estava lá embaixo tomando uma decisão, eu também tomei a minha.

Com bastante relutância, ele desviou os olhos das mãos dela para o rosto.

– Tomou?

– Nada que diga respeito a Tatiana importa esta noite – continuou ela, a voz suave. – Esta noite é nossa. O amanhã é do mundo, de Tatiana, dos dotes e do resto. Irei ao seu baile com Algie e depois viajarei para Londres com Henry. Creio que nem voltarei para Mariana. Levei anos para perceber que não há nada para mim lá.

– Henry vai cuidar de você.

Ela sorriu.

– Sim, vai. Ela foi apaixonada por meu pai, sabia? Apaixonada de verdade. Mas ele se casou com minha mãe. Por isso ela passou

a vida sem ele. E foi uma vida feliz.

Gabriel fez um movimento súbito e violento.

– Não quero nem pensar em você com outra pessoa.

“Isso é típico dos homens”, pensou Kate. Ele falava de Tatiana com facilidade; mas o oposto, o futuro marido dela, não era um assunto tão simples.

– Henry me vê como a filha que nunca teve – falou ela com firmeza. – Você estará aqui, e eu estarei em Londres. Mas esta noite...

Ela desamarrou a faixa e deixou-a escorregar entre os dedos até o chão.

– Esta noite eu quero você. Inteiro.

– O que está dizendo?

Seu rosto estava inflamado de desejo.

Ela deixou o robe se abrir; a seda escorregando revelou um seio.

– Estou lhe dando minha virgindade – disse simplesmente. – É uma dádiva, Gabriel, e tenho o direito de concedê-la a quem eu desejar. Isso não quer dizer que não vou subir numa carruagem amanhã e deixar este castelo, porque eu vou.

Ele balançou a cabeça. Então ela permitiu que o outro lado da roupa de seda escorregasse, deixando os dois seios à mostra.

– Eu, e somente eu, tenho o direito de decidir a quem concedo essa dádiva – afirmou ela, passando a mão na curva do seio. – Isso não vai mudar nada entre nós. Espero que use uma proteção.

Para o alívio de Kate, a rigidez do maxilar de Gabriel relaxou um pouco.

– Falando assim, você parece a proprietária de um bordel particularmente rigoroso.

– Não é uma comparação muito lisonjeira – respondeu ela, incapaz de conter um sorriso –, mas vou perdoá-lo. – O robe desceu até seus cotovelos. – Temos um acordo, Gabriel? Teremos esta noite?

– Eu não deveria – disse ele, destroçado. – Como um cavalheiro...

– Você não é um cavalheiro esta noite – ressaltou ela. – Você é um homem, Gabriel. E eu sou uma mulher. Sem títulos, sem sociedade, sem bobagem alguma entre nós.

– Você está me matando! – gritou, puxando-a tão de repente que Kate sentiu o ar escapando dos pulmões. – Você me deixa sem forças.

Bem, definitivamente aquela última parte não era verdade.

– Mesmo? – perguntou ela, sua voz um filete de som provocante.

Então ela roçou o corpo no dele. O robe havia parado de resistir e caíra no chão. Havia algo delicioso naquele contraste entre a nudez dela e o traje formal dele.

Não que isso tenha durado muito tempo.

Com um gemido abafado, ele recuou um passo, devorando-a com o olhar, e começou a arrancar as próprias roupas. Voaram botões. A gravata deslizou sobre a mesa e pousou sobre os fragmentos de cerâmica. As calças desapareceram enquanto Kate ainda estava absorta em seu peito.

– Você é muito grande – disse ela, tentando parecer casual.

– É a caça.

– Não me diga que você caçou todas as aves que comemos em cada refeição.

A boca dele se curvou.

– Não. Isso foi presente da minha mãe, que me deixou uma esmeralda Estrela da Índia cujo valor sustentará o castelo por mais uns seis meses, mesmo tendo em vista as extravagâncias deste fim de semana.

Ela ficou séria e pôs a mão no ombro dele.

– Gabriel – sussurrou.

Seu sussurro era de uma avidez dolorida, e ele a atendeu imediatamente, levantando-a e indo a passos largos para a cama.

Ele a deitou. Sem esperar mais, pôs uma perna sobre ela e deixou-se cair, lentamente, sobre seu corpo.

Kate soltou um grito involuntário ante a curiosa sensação de ter um corpo musculoso sobre o seu. Ele não se mexeu, apenas esperou, os cotovelos apoiados junto à cabeça.

Ela abriu os olhos e encontrou os dele.

– Não vai...

– O quê? – perguntou ele, obviamente tentando parecer inocente, mas falhando.

Kate lambeu os lábios. Não esperava ter que instruí-lo.

– Você sabe – insistiu.

– Não, você me diz – pediu ele, com a voz suave. – Teve bastante tempo para estudar Aretino enquanto eu estava lá embaixo.

– Mal olhei aquele livro – disse ela, ajeitando-se para ficar mais confortável.

Ele não era nada leve, afinal. Uma expressão estranha perpassou o rosto dele.

– O que foi?

– Isso... é bom – disse ele, com uma pequena arfada rouca escapando de seus lábios.

– Ah – fez ela, satisfeita. E se mexeu novamente, verificando como a ereção dele se ajustava à curva de suas coxas. – Quer saber o que fiz enquanto você estava lá embaixo?

– O que você fez?

Ele tinha abaixado a cabeça e estava mordicando seu ombro. O roçar de sua língua a fez estremecer.

– Não estudei Aretino, mas li a revista sobre antiguidades jônicas – disse ela, passando os dedos pelo ombro dele, deslizando-os por aquelas costas largas, percorrendo a linha do músculo. – Li a

sua carta para o editor. É muito inteligente. Muito contestadora também. Achei que não precisava ter chamado o autor de imbecil. Ou ter dito que ele só escrevia bobagens. Afinal, ele estava...

– Kate.

– Sim?

– Cale-se.

Ele deslizou a cabeça mais para baixo e sua boca se fechou sobre o mamilo dela.

Ela não se calou. Não conseguiu. Quando ele pegou seu mamilo com a boca, ela deixou escapar um grito sobressaltado. Sentiu como se um fio tivesse se soltado dentro de si. Como se fosse um fantoche, seu corpo se arqueou em direção ao dele, subitamente macio, quente e desesperado. De repente, a ereção que sentia entre as coxas pareceu... diferente.

– Gabriel!

Ele sugou com mais força e ela esqueceu as palavras que haviam se formado em sua mente. Ela agarrou os ombros dele, mas ele se afastou. Antes que Kate pudesse se recompor, ele se apoiou em um cotovelo e, liberando a mão direita, deslizou pela perna dela até...

Lá.

– Acho que isso não é... – Kate conseguiu dizer.

Enquanto os dedos de Gabriel a acariciavam de uma forma que ela jamais imaginara ser possível, ele baixou a cabeça até o outro seio, e ela não conseguiu mais falar.

Faíscas começaram a correr por suas pernas e ela se contorceu, as mãos agarrando-o, correndo desesperadamente pelos braços dele até o peito.

– Eu quero – disse ela, ofegante.

– O quê?

Ele parecia descontraído demais, muito calmo e controlado. A voz dele penetrou em seu cérebro e ela abriu os olhos. Estava

deitada de costas como uma tola, deixando-o satisfazê-la.

Ignorando (com esforço) o que ele fazia com os dedos, ela começou a beijar seu rosto. Quando ele não levantou a cabeça, ela o lambeu como um gato, ronronando quando ele estremeceu com sua carícia.

Finalmente ele levantou a cabeça, então ela lambeu o contorno de seus lábios e depois os mordiscou, só porque a ideia lhe ocorreu e eles pareciam deliciosos.

Gabriel não fez qualquer objeção.

Ela passeou as mãos pelas costas e pela curva do traseiro dele, descobrindo os músculos, explorando colinas, vales e pequenas covinhas.

Kate o sentia mexendo-se contra ela, e isso parecia ser um bom sinal.

– Me beije – ordenou ela, lambendo os lábios dele de novo. – Por favor.

Ele cobriu sua boca violentamente e ela o envolveu num abraço tão forte quanto a tempestade daquele beijo. Após momentos longos e alucinantes, ele interrompeu o beijo apenas para dizer:

– Quero que isso dure a noite toda, Kate. Mas...

– O quê?

– Se não parar de roçar seu corpo no meu dessa forma, este será um primeiro encontro curto e decepcionante.

– Mas eu gosto – disse ela, sorrindo para ele e se mexendo mais uma vez. – Isso me faz sentir... quente. E macia. E... – suas bochechas ficaram rosadas – molhada.

Ele segurou-lhe o rosto com as mãos, roçando seus lábios no dela, e de repente Kate sentiu aquela parte dele pressionando-a.

– Sim – pediu ela, arfando. – Por favor.

Todo o seu corpo se retesou, como se toda a sua concentração tivesse se voltado para aquele local ardente entre suas pernas.

Os olhos dele estavam escuros de desejo.

– Preciso colocar a proteção, como você mandou – avisou ele, pegando algo sobre a mesinha de cabeceira.

E então... Era maior e mais quente do que ela imaginara. Ele deslizou parcialmente para dentro dela e parou, sussurrou algo que ela não conseguiu entender.

Ela acariciou os cabelos dele e se arqueou.

– Não é o bastante – declarou ela, ofegante, ouvindo um gemido que era quase uma risada...

Então ele avançou mais.

Ela gritou... mas não de dor. Era a sensação de ser tomada e possuída, a sensação de outra pessoa, não qualquer pessoa, mas Gabriel. Gabriel...

Ele recuou.

– Doeu? Fale comigo, Kate. Não precisamos continuar. Podemos...

– Por favor – pediu ela, arquejando.

– Quer que eu pare? – Ele estava parado acima dela, o maxilar rígido, os olhos escuros de paixão. – Está doendo demais, meu amor?

– Não consigo...

– Não consegue aguentar – disse ele, recuando ainda mais. – Eu entendo. Já me disseram que sou grande demais. Eu...

– Droga! – gritou Kate, enfim recuperando a voz. – Volte, Gabriel. Venha... Venha agora! – berrou ela, puxando-o ferozmente para si.

O sorriso dele cintilou com uma alegria pura e selvagem.

– Essa é a minha Kate – disse ele, avançando.

Ela arqueou as costas de modo instintivo, indo ao seu encontro. Ele era volumoso demais, grande demais... perfeito demais. Era o limite do tolerável.

– De novo – pediu ela, ofegante, desejando que seu corpo aceitasse.

Ele obedeceu gentilmente.

E mais uma vez.

E de novo, e de novo, e de novo, e de novo, e de novo. Ele subiu e desceu sobre ela até sua respiração não ser mais do que um ruído áspero e o suor encharcar seus corpos.

– Querida – disse Gabriel –, você precisa... preciso que você...

Mas ele perdeu a voz, e ela não sabia como seguir o calor e a loucura aonde seu corpo desejava ir. Até...

Até descobrir que, se comprimisse... se apertasse...

Ele soltou um rugido rouco. E, quanto mais ela o apertava, mais ele rugia enlouquecido.

Ela sentiu um fogo lambar suas pernas e tomar seu ventre, e arqueou as costas novamente, acolhendo o júbilo e o arrebatamento, o suor e o deleite, e então...

Ondas de calor e excitação tomaram seu corpo, até que ela gritou com um prazer lascivo, agarrando-se a ele.

Capítulo 35



Eles se banharam e fizeram amor de novo, com lentidão e doçura, aconchegados sob os cobertores no ar gelado da noite.

– Tenho que partir – sussurrou ela, em algum momento daquela longa noite.

– Sinto como se fôssemos Romeu e Julieta – disse Gabriel. – Não comece a me falar sobre a cotovia, Julieta, porque elas não voam tão alto.

– Tenho que partir – repetiu ela, beijando o pescoço dele com suavidade.

– Não. – E ele parecia um menino teimoso ao repetir: – Não.

Ela riu contra o seu pescoço e enfiou a perna com um pouco mais de força entre as dele. Nunca imaginou que pudesse se sentir tão feliz, tão segura, tão...

– Nunca me esquecerei de você – declarou ela.

Porque aquilo precisava ser dito. Kate tinha sido educada para se despedir adequadamente, agradecer e pedir licença para partir.

– E sempre me lembrarei desta noite – acrescentou.

Gabriel a apertou nos braços.

– Está me transformando em um Romeu.

– Romeu não xingava tanto quanto você – disse ela, fazendo desenhos no peito dele com o dedo. – Não é coisa de príncipe.

– Desde que a conheci, nada do que faço é coisa de príncipe.

Ela não conseguiu se conter.

– Só não me esqueça.

Ele ficou em silêncio. Kate sentiu seu coração descompassado.

– Sabe o que Romeu disse para sua noiva ao encontrá-la deitada na tumba?

– Não me lembro – admitiu Kate.

– Ele prometeu ficar com ela para sempre. *E nunca hei de partir deste palácio de escuridão*, diz ele. Tenho o palácio, Kate; tenho o palácio e mesmo assim não posso tê-la.

– Ele não se mata nessa parte? – perguntou Kate, com cautela.

– Sim.

– Prefiro não fazer parte disso – pediu ela. – Devo dizer, Gabriel, que a literatura que você aprecia me parece muito sombria.

– Suponho que haja uma semelhança entre Dido e Julieta – disse ele.

– Mulheres ridículas – rebateu ela, pousando o queixo no peito dele. – Adoro você, mas não estou planejando construir uma pira funerária num futuro próximo.

Ela sentiu o riso dele antes de ouvi-lo, sentiu o sorriso no beijo que ele lhe deu no cabelo.

– Esta é a minha Kate.

– Não sou muito romântica – informou ela, sem se desculpar.

– Aposto que sou capaz de fazer você guinchar em versos – disse ele, voltando a beijá-la.

Mas ela não precisava do canto da cotovia para saber a verdade. Anos acordando ao alvorecer diziam-lhe que a aurora se aproximava e que ela precisava enfrentar todos aqueles corredores de volta ao seu quarto.

– Gabriel – sussurrou.

– Não.

Ela moveu o corpo, afastando-se.

– Eu preciso.

Ela levantou da cama e, ao sentir o frio do chão de pedra, puxou a coberta para si.

Ele também levantou da cama, o rosto com uma expressão sombria que fez o coração dela doer.

Kate mordeu o lábio e não disse nada. Ela não podia ajudar... aquilo não poderia ser resolvido com mais um beijo ou com uma promessa.

Dois minutos depois, ela estava nos braços de Gabriel, toda envolta em renda negra.

– Você não costuma carregar sua tia pelo castelo desse jeito! – arfou.

– Se encontrarmos alguém, direi que Sophonisba sentiu-se terrivelmente mal após tomar conhaque demais.

Ela o teria repreendido, mas seu tom era distante, frio como gelo.

– Não é culpa dela – disse Kate, apoiando a cabeça no peito dele e ouvindo as batidas de seu coração.

– O quê?

– Ela nunca ter se casado. E ter sido jogada fora como uma peça de roupa indesejada. Não é culpa dela, Gabriel, e você deve ter isso em mente.

– Eu nunca disse que era culpa dela.

Ele caminhou por um corredor, dobrou mais uma vez... Deviam estar próximos do quarto dela.

– É o Destino, aquele demônio insolente que derrubou Romeu e Julieta.

Parecia muito dramático para Kate, mas ela compreendia.

– Eu amo você – declarou ela quando ele a pousou diante da porta do quarto. Arriscando tudo, ela arrancou o véu e o olhou nos olhos.

– Eu...

As palavras pareceram ficar presas na garganta dele e o coração de Kate espancava seu peito diante daquele silêncio. Em vez de dizer qualquer coisa, ele se curvou, beijou-a e então, rapidamente, virou-se e partiu.

Kate esperou até que ele tivesse desaparecido no corredor para abrir a porta do quarto. Lá estava Freddie, esperando no meio da cama. Ele ergueu um focinho sonolento e lhe deu um latido amoroso. Havia velas quase consumidas sobre a lareira. Havia seu livro, os chinelos, a camisola esperando por ela.

Havia vida real naquele quarto. E, lá fora, nada além de um conto de fadas. Precisava lembrar-se disso.

Ela poderia respeitar os limites da realidade pela manhã. Naquele momento, enfiou o corpinho quente de Freddie sob o queixo e deixou que ele lambesse as lágrimas salgadas que desciam por seu rosto.

Rosalie entrou algumas horas depois, fazendo muito barulho e abrindo as cortinas.

– Não – grunhiu Kate. – Por favor, vá embora. Não posso me levantar ainda.

– Não precisa se levantar – disse a criada animadamente. – Tenho notícias maravilhosas para a senhorita.

– Saia! – ordenou Kate, se sentando, sabendo que seus olhos ainda estavam inchados. – Leve os cães com você, por favor. Eu a chamarei mais tarde.

Depois disso, ela caiu para trás, pôs a cabeça num travesseiro e fingiu estar inconsciente.

Só se levantou às duas da tarde. Tocou a campainha com apatia, chamou Rosalie e fitou o espelho. Era interessante notar que uma mulher deflorada tinha a aparência exatamente igual à de qualquer outra.

Na verdade, analisou, observando a própria imagem, sua aparência estava melhor do que na semana anterior. Havia um

brilho em sua pele, e seus lábios...

Certamente foram todos aqueles beijos que os deixaram tão vermelhos e ligeiramente inchados.

Rosalie entrou com o café da manhã numa bandeja, seguida por uma fileira de lacaios com água quente.

– Tenho uma surpresa e tanto para a senhorita! – repetiu ela.

– Conte depois do banho – falou Kate, cansada, sentando-se à penteadeira e comendo um pedaço de torrada.

– Beba isto. – Rosalie entregou-lhe uma xícara de chá. – A senhorita teve um terrível problema de estômago na noite passada. Eu me senti péssima por não poder cuidar da senhorita, mas o Sr. Berwick disse que não podia dispensar minha ajuda. Sou *boa* com flores. E ele prometeu enviar uma criada. Ela foi útil?

– Sim. Ela foi... perfeita.

– Tome, isto vai fazê-la se sentir melhor.

Rosalie esperou que ela saísse do banho, se secasse, se empoasse e se vestisse, e só então perguntou, esperançosa:

– Gostaria de saber qual é a surpresa agora?

– Peço desculpas – falou Kate. – Claro que sim.

– Sua irmã está aqui! – disse ela, soltando um gritinho. – O lábio da Srta. Victoria melhorou e ela chegou ontem, bem tarde. Mas, como a senhorita estava doente, não podia ser incomodada. Quer que eu vá chamá-la? Ela está no aposento ao lado. O Sr. Berwick transferiu o Sr. Fenwick para o andar de cima, para que as duas pudessem ficar juntas.

– Victoria está aqui? – disse Kate, sentando-se. – Com minha madraستا?

Rosalie balançou a cabeça.

– *Não*. Não é uma bênção? Lady Dimsdale a trouxe, mas precisou partir imediatamente, pois está preparando a cerimônia de casamento. – Foi para a porta toda agitada. – Vou buscar a Srta. Victoria agora. Sei quanto deseja vê-la.

Victoria entrou no quarto um tanto tímida, como se não tivesse certeza de uma boa recepção. Kate levantou-se e foi cumprimentá-la.

Elas não haviam crescido juntas. Viveram no mesmo andar da Casa Yarrow por apenas alguns meses até que o pai morreu e Mariana prontamente retirou Kate do quarto das crianças e a colocou no sótão.

Aos 16 anos, Kate já não tinha idade para ficar no quarto das crianças, justificou-se Mariana à época, e não havia razão para uma parenta pobre ficar abrigada no andar principal.

Mas Victoria possuía uma gentileza intrínseca que faltava à mãe e jamais participava das provocações ou humilhações que Mariana impunha à enteada.

– Rosalie, poderia nos trazer mais chá? – pediu Kate.

A criada saiu rápida como um raio e Kate sentou-se perto da irmã, ao lado do fogo. Freddie pulou em seu colo.

– Como está seu lábio?

– Está ótimo – disse Victoria, passando os dedos de leve no local. – Já estava bem melhor no dia seguinte, depois de ter sido lancetado.

– Parece ótimo para mim – concordou Kate.

– Esse castelo não é uma esquisitice? Tão grande. Achei que fosse morrer de frio na noite passada, pelo menos até Caesar vir para a minha cama.

– Caesar? – disse Kate, estarrecida. A mão ficou paralisada sobre a cabeça de Freddie. – Nem percebi que ele não estava no quarto.

– Eu escutei os latidos – explicou Victoria. – Quando não aguentei mais ouvi-los, entrei aqui e o levei para o meu quarto. Freddie parecia perfeitamente confortável, por isso deixei-o na sua cama.

Ela brincou com a dobra do vestido, muito ruborizada. Kate olhou-a e soube exatamente o que queria dizer.

– Não dormi na minha cama na noite passada – disse, com um suspiro.

– Quem sou eu para julgá-la? – declarou Victoria.

– Por que está aqui? – perguntou Kate, suavizando a pergunta com um sorriso.

– Algie não parava de me escrever. – E quando Kate ergueu a sobancelha, ela prosseguiu: – Nós nos escrevemos todos os dias desde que nos conhecemos, em março, na Abadia de Westminster.

– Você *escreve*?

Victoria assentiu.

– Às vezes páginas e páginas. Algie – falou ela com orgulho – é um correspondente maravilhoso. Não tive uma preceptora, sabe, e sou consideravelmente menos... bem... ele não se importa muito.

Kate nunca pensara muito sobre como a educação de Victoria tinha sido afetada pela propensão de Mariana de dispensar os criados da casa. A irmã não parecia sentir falta do estudo, mas suas faces estavam rosadas e ela continuava a fazer dobras no vestido.

– Sinto muito. Eu deveria ter lutado mais para mantermos a preceptora – reconheceu Kate.

– Você fez tudo o que podia. Mamãe é... Bem, ela é. Achei... Há anos que acho... acho maravilhoso que você sempre tenha protegido Cherryderry, a Sra. Swallow e a maioria das pessoas no campo. Não consegui fazer tudo isso e manter uma preceptora também.

– Eu deveria ter lutado mais – repetiu Kate. – Eu simplesmente... – Ela simplesmente não pensara muito a respeito de Victoria, a filha adorada e paparicada. – Então, o que foi que Algie lhe disse? – perguntou.

– Disse que eu deveria vir para cá – respondeu Victoria, ainda com o olhar no colo. – Disse que você estava... se apaixonando

pelo príncipe. Falou que isso não terminaria bem e que eu deveria resgatá-la. – Victoria disse as últimas palavras de forma desafiadora, erguendo os olhos. – Sei que passou anos salvando todas as pessoas na propriedade e na casa, mas Algie concorda comigo que gente assim às vezes precisa ser salva.

Kate começou a rir. Não era um riso duro, mas sim reparador, o tipo de riso que aparece quando anos de solidão se encerram e você descobre que tem uma família.

Não era uma família normal: Henry não era, e nem desejava ser, um modelo de virtude; Victoria era ilegítima, embora bondosa; e Algie era genuinamente tolo. No entanto, os três se importavam com ela.

Victoria pareceu se animar ao ver Kate rir.

– Então não está zangada? – questionou, esperançosa. – Tive medo que você se irritasse com minha chegada, mas Algie...

Kate abraçou a irmã.

– Acho que foi muito gentil de sua parte. Estou feliz por ser resgatada. Embora não tenha a intenção de permanecer aqui por muito mais tempo. Estaria bem para você?

– Sim, porque temos que partir depois do baile, ainda esta noite – disse Victoria. – Algie tem uma licença especial, você sabe. E precisamos nos casar.

– Claro.

– Se partirmos hoje, à meia-noite, estaremos na paróquia às sete da manhã. Você... nos acompanharia?

– Viajando durante a noite? – exclamou Kate.

– Bem, o príncipe disse a Algie que ele precisa comparecer ao baile. Mas Algie garantiu à mãe, lady Dimsdale, que chegaria a tempo de se casar pela manhã. – Victoria olhou-a com esperança. – Minha mãe já está em Dimsdale Manor.

Algie, obviamente, não era capaz de desobedecer a uma ordem direta.

– Claro que vou com você. Ele lhe contou que tenho uma madrinha, lady Wrothe?

– Contou... E ela gosta de ser chamada de Henry, não é? Você vai morar com ela?

– Sim – disse Kate, sorridente.

– Porque você pode morar conosco – ofereceu Victoria, ansiosa.

– A mãe de Algie vai se mudar para a residência das viúvas e nós vamos ficar sozinhos naquela casa enorme. Adoraríamos que viesse morar conosco.

Ela estava sendo sincera.

– Estou tão feliz por ter descoberto que você é minha irmã! – declarou Kate.

Victoria assentiu. Seus olhos estavam um pouco úmidos.

Kate apertou sua mão.

– Só queria que nosso pai tivesse sido mais cavalheiresco – disse Victoria, em voz baixa. – Queria... queria que Algie não precisasse se casar comigo sob falsas alegações.

Uma lágrima desceu por seu rosto.

– Ele não está fazendo nada disso – assegurou Kate. – Vai se casar com você porque a ama e porque você o ama. E isso é tudo o que importa.

Victoria fungou e, para surpresa de Kate, fez um grande esforço para conter o choro.

– Sempre acreditei no meu pai, quer dizer, em que achei que fosse meu pai. Minha mãe tinha até um retrato dele, sabe? Só que ele nunca existiu.

– É esquisito – disse Kate, sabendo que aquele termo não dava conta da situação.

– Sou *ilegítima* – falou Victoria. – Acordei no meio da madrugada e pensei nisso. Nessa palavra. É uma palavra horrível, tantas sílabas e nenhuma delas é boa.

– Você não tem culpa das circunstâncias do seu nascimento.

Victoria mordeu o lábio.

– Mas, quando minha mãe se casou com seu pai, você perdeu sua herança e ela me deu... Não está certo! Fiquei pensando nisso. É como se eu fosse uma espécie de parasita. Pareço uma dama, porém, na verdade, não sou nada além de uma meretriz bastarda e de uma ladra!

E com isso ela começou a soltar soluços genuínos.

– Meretriz? – perguntou Kate, sentindo-se um tanto atordoada.
– Você não é uma meretriz.

– Sou, sim – gemeu Victoria. – Uma meretriz. Estou... estou esperando um filho concebido antes do casamento. Sou igual à minha mãe.

– Não, não é – disse Kate com firmeza, pegando um lenço na penteadeira e entregando à irmã. – Um velho muito sábio neste castelo me disse que a bondade é a coisa mais importante, e ele tem razão. Você é bondosa, Victoria, e sua mãe, infelizmente, não é. Você não é uma ladra. Papai queria que você ficasse com aquele dinheiro.

– Não, ele deixou para minha mãe, e ela... ela...

– Ele deixou tudo para Mariana sabendo muito bem que ela lhe daria. Minha mãe me deixou um dote, você sabe.

– Fico tão grata por ele, no fim das contas, ter se casado com ela – disse Victoria, com um soluço.

Durante muitos anos Kate se perguntara por que o pai havia se casado com Mariana. Naquele momento, ao olhar para sua irmã bonita, boba e tão doce, ela entendeu.

– Há algo que quero lhe mostrar – disse ela, levantando-se de um salto e correndo até a pequena escrivaninha. – Mas primeiro preciso escrever uma mensagem.

– O quê? – perguntou Victoria, tirando mais um lenço da bolsinha. – Sei que você se incomoda quando eu choro, Kate. Sinto

muito. Tem alguma relação com a gravidez. Ficou pior do que nunca.

– Tudo bem. Estou acostumada.

– Algie diz que sou um regador e que vai me deixar no jardim – contou Victoria, pesarosa.

Kate escreveu para Gabriel:

Vossa Alteza me permitiria mostrar para minha irmã a escultura de Merry no jardim da capela? Seu tio achou que a chave da capela poderia estar consigo. Tenho certeza de que Berwick seria capaz de nos ajudar a encontrar a porta. Atenciosamente, Srta. Katherine Daltry.

– O que vai vestir hoje à noite? – quis saber Victoria, guardando o lenço.

– Ainda não pensei no assunto – respondeu Kate. – Rosalie escolheu alguma coisa. Gostaria que ela tivesse trazido mais comida para o quarto. Estou faminta.

– Você *precisa* pensar no assunto – disse Victoria. – É sua apresentação à sociedade, Kate! Estou aqui, então pode ir ao baile como você mesma.

Kate a olhou surpresa.

– Não tinha pensado nisso.

– Trouxe um espartilho maravilhoso – declarou Victoria. – Para ficar mais esguia. Vou usar uma peruca e levar os cães comigo.

Naquele exato momento, Rosalie entrou com o almoço na bandeja, então Kate a despachou com a mensagem para o príncipe.

– É tão estranho pensar em você trocando bilhetinhos com um príncipe – disse Victoria, levando uma garfada de frango à boca.

– Por eu ter sido uma criada na Casa Yarrow, você quer dizer?

– Você nunca foi uma criada! – protestou Victoria. – Mamãe pode ser dura às vezes, mas não tanto assim. Você era... você era...

– Não importa o rótulo – interveio Kate. – Também acho estranho escrever para um príncipe. Na verdade, não sabia bem como redigir a mensagem. O que devo fazer esta noite? Não sei dançar, Victoria.

Victoria ficou nervosa.

– Claro que não sabe. Mamãe só providenciou um professor de dança quando fomos a Londres para a temporada. E também não temos tempo para que Algie lhe ensine.

– Algie?

– Algie é um dançarino maravilhoso – falou Victoria, com orgulho. – E é um professor tão bom, tão gentil, tão paciente... Ele me ensinou muitas coisas.

– Vocês dois são...

A porta se abriu.

– O príncipe está esperando pelas duas na capela! – guinchou Rosalie.

– Quero lhe mostrar algo – disse Kate, estendendo a mão para Victoria. – Você vai gostar.

– Nunca conheci um príncipe – balbuciava Victoria ao marchar escada abaixo atrás de Kate. – Queria que Algie estivesse aqui. Queria que Algie estivesse aqui. Só queria...

Capítulo 36



Gabriel estava tão lindo esperando pelas duas na porta da capela que Kate sentiu a cabeça girar. Mas se havia uma coisa que Katherine Daltry jamais faria era perder a cabeça por causa de um homem. Ou desmaiar. Ou se jogar numa pira funerária.

Por isso, ela se manteve firme e o cumprimentou com uma reverência, apresentando-o à irmã e comportando-se como se fossem apenas conhecidos.

Ele agiu do mesmo modo, claro. Então, por que ela estava sofrendo tanto naquele momento? “É uma dor tão aguda!”, pensou ela, sombria, enquanto seguia os passos ágeis de Gabriel pela capela escura até a sala dos fundos, onde se havia descoberto uma porta vermelha por trás de uma tapeçaria.

Wick também estava lá e, dos dois irmãos, era o único que parecia ter uma língua com a qual falar.

– Não tínhamos ideia de que havia uma porta aqui – explicou ele a Victoria. – Até que Sua Alteza reparou quando estava no jardim.

– Encontrei a chave – disse Gabriel, falando pela primeira vez desde a troca de cumprimentos.

Ele sacou uma imensa chave enferrujada e enfiou-a na fechadura. Ela girou, mas a porta não se abriu.

Com um gesto surpreendentemente violento, Gabriel jogou seu peso contra a porta, o que fez Victoria gritar e dar um pulo. A porta não cedeu. Então Wick se colocou ao lado dele. Quando os dois usaram o ombro juntos, ela se abriu, emitindo um som terrível como um grito.

– Trancada a pregos – falou Gabriel, com a voz fria e distante como se se dirigisse a um grupo de bêbados do vilarejo.

Kate passou por ele sem comentários. Depois de uma manhã chuvosa, o sol brilhava de modo apropriado nos galhos cansados do único carvalho do jardim.

– Que bagunça! – exclamou Victoria, com desalento, enquanto atravessava a porta. – Minha nossa! Vossa Alteza talvez devesse designar alguns de seus jardineiros para trabalharem aqui.

– Estão todos ocupados no vilarejo consertando telhados – informou Gabriel. – Não se pode deixar as pessoas sem um teto com esse clima.

– Aqui – disse Kate, pegando a mão de Victoria. – Vou lhe mostrar a estátua.

– Que estátua? – perguntou Victoria, ficando para trás. – Droga, minha saia prendeu numa roseira. Espere por mim, Kate!

Mas Kate continuou a caminhar, desesperada para se afastar de Gabriel. Parou diante de Merry e se abaixou para dizer olá, enxugando uma gota de chuva do rosto de mármore.

– Que menininha linda! – sussurrou Victoria. – Ah, olhe só os dedinhos gorduchos e as covinhas.

– Ela se chamava Merry – contou Kate. – Era ilegítima, Victoria. O nome da sua mãe era Eglantine.

– Ah.

– Não há registros do pai... mas existe registro de uma coisa.

– De quê?

Victoria se abaixou e tirou uma folha do ombro de Merry.

– Ela era amada, está vendo? Tem seu próprio jardim e um memorial.

Os grandes olhos azuis de Victoria se encheram de lágrimas.

– Merry *morreu*?

– Merry viveu no século XVI – esclareceu Kate, cuidando para manter um tom paciente. – Claro que morreu.

– Mas...

– O que eu quero dizer é que os pais dela a amavam tanto quanto teriam amado qualquer filha. E meu pai também a amava dessa forma. Então a feiura daquela palavra, *ilegítima*, não importa. Porque meu pai a amava tanto que se casou com Mariana, Victoria. Era o filho de um conde e se casou com a amante, a mulher que não era uma dama. Por você.

– Ah... – disse Victoria, baixinho. – Não pensei... Tem certeza, Kate?

– Tenho certeza absoluta. Ele sabia que já haviam cuidado de mim, que minha mãe me deixara um dote. E, ao se casar com Mariana e entregar seu dote nas mãos dela, garantiu que você também seria bem cuidada.

Os olhos de Victoria transbordaram. Mas o céu também começara a derramar lágrimas, então Kate colocou o braço em volta dos ombros da irmã e levou-a para dentro da casa, passando pelos homens, que esperavam silenciosamente perto da grande porta vermelha.

Kate sorriu para Wick e acenou para Gabriel, pois ninguém sorria para príncipes como se eles fossem iguais a todo mundo.

E, definitivamente, não se sorria quando a única coisa que se desejava fazer era beijá-lo até que aquela expressão atormentada deixasse seu rosto.

– Ele é tão atraente – cochichou Victoria, enquanto subia as escadas.

– Quem? O príncipe? – perguntou Kate. – É, se você gosta de homens sombrios e taciturnos.

– Bem, ele não é Algie – disse Victoria, com absoluta honestidade. – Mas, Kate, você reparou no jeito como ele olhava para você? Um olhar muito ardente.

– Ele vai abrir o baile com a noiva, a princesa Tatiana – falou Kate, categórica. – Imagino que o casamento seja celebrado daqui a umas duas semanas.

– É tão cruel – disse a irmã. – Não gosto disso. Você prefere partir agora, Kate? Minha criada já está fazendo as malas. Podemos sair em uma ou duas horas.

– Não vou sair correndo e me esconder. Vamos ao baile. E pretendo dançar com todos os homens que tiverem duas pernas, apesar de não saber dançar. Então partiremos para seu casamento e depois vou para Londres. O príncipe não gosta de cidades grandes. Vou esquecê-lo.

– Eu nunca conseguiria esquecer Algie – confessou Victoria.

– Mas vocês vão se casar. São circunstâncias muito diferentes. Vão ter um filho juntos. Eu mal conheço o príncipe – declarou Kate, esforçando-se para dar leveza a seu tom de voz.

Victoria não respondeu, apenas pegou a mão de Kate e apertou-a.

Capítulo 37



Kate deixou Victoria em seu quarto e seguiu para o aposento ao lado, pronta para iniciar o longo processo de vestir-se para o baile. Henry a esperava lá dentro. Kate a fitou e seu lábio começou a tremer. Com os braços abertos, Henry caminhou até a afilhada.

A jovem começou a chorar antes mesmo que Henry a alcançasse. A madrinha a abraçou e levou-a até o sofá, aninhando a cabeça de Kate em seu ombro, embalando-a e dizendo coisas que Kate não ouvia. Ela chorou até os pulmões arderem e o estômago se revirar.

Finalmente, Kate ergueu a cabeça.

– Só não me diga para deixar de amá-lo – pediu ela, quase engasgando com as palavras. – Assim como não conseguiria parar de respirar, não conseguiria parar de amar... – A voz falhou num soluço.

– Não vou dizer isso – garantiu Henry. Ela empurrou Kate gentilmente para trás, fazendo com que se deitasse. – Mas vou dizer que deve parar de chorar. Assim você vai ficar doente. – Ela se levantou e foi até a bacia, trazendo um pano fresco e úmido. – Ponha sobre os olhos.

Kate ficou ali deitada, sentindo os olhos arderem e o peito doer devido à violência dos soluços, mas sentindo também o conforto dos dedos de Henry nos dela.

– Não vou lhe dizer para deixar de amá-lo – falou Henry, por fim – porque sei que não é possível.

– Meu pai...

– Chorei durante uma semana quando soube da morte dele. Chorei na noite em que se casou. Chorei quando sua mãe morreu, pois sabia que ele sofreria. – Houve uma breve pausa. – E eu *nunca* choro – acrescentou Henry.

Kate soltou uma gargalhada chorosa.

– Nem eu. *Nunca*.

Henry apertou seus dedos com mais força.

– Sinto muito, Kate. Sinto mesmo. Tudo o que posso garantir é que a vida pode ser alegre mesmo quando a pessoa que você ama não está a seu lado. Pois vai haver outros. Sei que nesse momento é difícil acreditar, mas é verdade. Você vai se casar...

– É a pior parte – exclamou Kate. – Como vou me casar com alguém agora? Agora que sei... sei... – Ela ficou em silêncio, incapaz de expressar em palavras como era estar aninhada nos braços de Gabriel e rir com ele, relaxar a seu lado, fazer amor. – Eu não conseguiria – afirmou, categórica.

O perfume dele estava impregnado em sua pele, assim como a forma como estremecia quando ela o tocava, seu rosto ficando selvagem e carente...

– Eu sei – disse Henry. – Eu sei. – Ela se levantou. – Vou trocar o pano. Seus olhos parecem passas embebidas em brandy.

– Encantador – falou Kate, dando uma risada.

– O amor é desordem – declarou Henry, tirando o pano e substituindo-o por outro, gelado.

Estava um pouco úmido demais, e uma gota de água gelada deslizou pelo rosto de Kate.

– Eu odeio o amor – disse Kate, com convicção.

– Pois eu não odeio. Porque é melhor viver uma paixão, Kate, conhecer um homem e amá-lo, mesmo que ele não possa ser seu,

do que nunca amar.

– Não vai haver outro homem na minha vida – afirmou Kate, com uma certeza tranquila.

– Acha que eu pensava que seu pai era perfeito?

Kate deu um risinho meio estrangulado.

– Duvido.

– Ele não era – anunciou Henry.

Kate quase tirou o pano do rosto para ver a fisionomia de Henry, mas então ouviu a madrinha levantar-se e caminhar pelo aposento.

– Não era perfeito – repetiu Henry. – Era um tolo que acreditava que o dinheiro era mais importante que o amor, que achava que nós dois nunca seríamos felizes juntos porque ele não poderia me manter do jeito que achava que deveria.

– Que estúpido – balbuciou Kate.

– Talvez – concordou Henry. – Mas gosto de ser bem alimentada. – Havia riso em sua voz quando, levantando o pano, ela examinou os olhos de Kate e constatou, com satisfação: – Muito melhor. Vou providenciar mais um.

Henry se afastou outra vez. E, enquanto ouvia a água se derramar, Kate perguntou:

– Como ela é, Henry?

– A pequena russa?

– A noiva de Gabriel – confirmou Kate. – Como ela é?

Henry retirou o pano e colocou um novo no lugar.

– Ela não é você. Nunca será você.

– Sim, mas...

– Não tem importância – decretou Henry. – Sua mãe era sua mãe. Ela amou seu pai e fiquei feliz com isso, mas não pensava nos dois juntos, porque não era útil.

– Imagino que não – disse Kate.

– Você pode deixar de pensar nele – garantiu Henry.

Kate tentou imaginar um mundo sem Gabriel.

– A partir desta noite. – Henry voltou a tirar o pano. Kate abriu os olhos. – Muito bom – aprovou Henry, como se estivesse acompanhando o progresso de um pão no forno. – Você estará ótima dentro de uma ou duas horas.

– Acho que não quero ir ao baile – sussurrou Kate. – Não sou forte o suficiente. Ele nos levou... Victoria e a mim... ele nos levou ao jardim atrás da capela, e a voz dele... era como se ele mal me conhecesse. Como se não tivéssemos...

– Não *ouse* voltar a chorar – interrompeu Henry.

Kate engoliu em seco.

– Você vai ao baile hoje. Vai estar mais bela do que nunca, porque *eu* vou vesti-la. Você vai dar àquele príncipe uma última chance de ser um homem.

– Ele é um homem – ressaltou Kate, tendo na mente a imagem fugidia de Gabriel nu diante dela, o peito arfante, o olhar ávido.

– Seu pai não conseguia imaginar a vida de outra forma além daquela que lhe ensinaram. Ouviu desde o nascimento que, como filho mais novo, precisava se casar com uma mulher rica. Seu príncipe ouviu que precisava se casar com a mulher escolhida pelo irmão.

– Ele precisa sustentar o castelo – protestou Kate.

– Admito isso. Ele tem bem mais responsabilidades do que seu pai, responsabilidades verdadeiras. Seu tio é um tolo e aquelas princesas idosas não teriam como prover o próprio sustento.

– Ele não tem escolha – reconheceu Kate, suspirando.

– Sempre há uma escolha. E esta noite vamos deixar essa escolha absolutamente clara para ele.

Kate sentou-se. Sentia-se de alma lavada, como se todas aquelas lágrimas tivessem arrancado um pouco da sua dor.

– Ele não romperá a promessa de se casar com Tatiana.

– Então você terá certeza de que ele é um tolo – disse Henry. – E devo admitir que minha compreensão sobre o caráter de seu pai

foi de grande ajuda nos momentos em que sentia falta dele. Se Gabriel não tem estrutura para ficar com você, Kate, então ele não a merece.

– Eu bem queria que fosse assim tão simples – murmurou Kate, levantando-se.

Henry deu um sorriso torto.

– É simples. Você vai ao baile, assim como Tatiana. E caberá a ele escolher.

– Você teve uma noite como esta? – perguntou Kate, vagando até a penteadeira.

Os olhos não estavam terríveis, levando em conta tudo o que se passara, mas ela estava horrivelmente pálida.

– No baile de noivado de seu pai.

Kate virou-se.

– A mesma ocasião...

– A mesma. Usei seda canelada amarela ornada com babados e borlas de seda. Minhas saias eram tão amplas que eu mal consegui passar pela porta. Usei uma peruca e três apliques. Pinte os lábios, o que era bem mais escandaloso naqueles dias do que agora.

– Você devia estar linda – disse Kate.

Mesmo naquele momento, Henry estava absolutamente magnífica.

– Eu estava. Talvez não goste de ouvir isto, minha querida, mas vou dizer de qualquer maneira: sua mãe era muito frágil, como uma tulipa que não foi regada. Ela passou a maior parte da noite recostada na lateral do salão de baile.

– Por favor, não a odeie... – pediu Kate.

– Nunca a odiei. Qualquer um podia perceber que ela era uma boa pessoa com um imenso azar no que dizia respeito à saúde. Ela queria estar de pé, dançando.

A boca de Kate estremeceu.

– Pobre mamãe. Sempre quis ter energia para se levantar... Mas, quando tentava, acabava tendo que passar dias na cama.

– Posso imaginar.

– Meu pai dançou com você?

– Não.

– Mas você estava lá.

– Eu era a mulher mais bela de Londres naquela noite – afirmou Henry, categórica. – Recebi quatro propostas de casamento na semana seguinte e escolhi meu primeiro marido neste grupo. E não olhei para trás.

– Eu...

– Você fará o mesmo – disse Henry, encarando Kate. – Espero que o príncipe tenha mais fibra do que seu pai, mas, se ele não tiver, você deixará este castelo com a cabeça erguida.

Kate assentiu.

– E agora precisamos começar a nos vestir – avisou Henry. – Onde está aquela sua aia? – perguntou, tocando a campainha.

Rosalie entrou no quarto minutos depois.

– Ah, senhorita, estamos muito atrasadas... – Ela percebeu a presença de Henry e fez uma reverência. – Desculpe-me, minha senhora.

– De fato estamos atrasadas, e a culpa é minha – disse Henry, sorrindo. – Tenho certeza de que minha camareira, Parsons, está tremendo de raiva. Posso saber como planejou vestir minha afilhada?

Rosalie foi obedientemente até o armário e voltou com um vestido de baile amarelo-claro, apoiado solenemente sobre seus braços estendidos.

– O acabamento é em fios de ouro e a peruca loura combina com perfeição. E há diamantes...

– Não – protestou Henry. – Não serve. Trouxe outros vestidos de baile?

– Trouxe – respondeu Rosalie, alarmada. – Mas eu não...

– Vamos vê-los.

– São apenas mais dois – disse a criada, correndo de volta ao armário. – Pude escolher apenas três do guarda-roupa da Srta. Victoria. Cada um necessita de um baú próprio.

– Nós compreendemos – falou Henry.

– Temos este de seda adamascada – mostrou Rosalie, virando-se. – É a peruca...

Ela apontou com a cabeça para uma peruca de cor semelhante a bÍlis.

Mas Henry já estava balançando a cabeça.

– O verde vai brigar com a cor do seu cabelo – disse para Kate. E, virando-se para Rosalie: – Sua ama não vai usar peruca esta noite.

– Sem peruca! Claro que não preciso de peruca – concordou Kate, aliviada. – Victoria está aqui, então posso ser eu mesma.

– *Ela* tem que usar uma peruca – ressaltou Henry, com satisfação. – Pode devolver aquela peruca verde para o quarto dela, pois não verei você com aquilo na cabeça enquanto estiver viva.

– O último vestido – disse Rosalie, num tom esperançoso.

Em seus braços estava um deslumbrante traje de tafetá creme com estampa em um delicado azul-claro.

– Perfeito – aprovou Henry.

Ao mesmo tempo, Kate exclamou:

– É lindo!

– Se eu não voltar aos meus aposentos, minha criada terá um ataque – falou Henry. – Então, Kate, nada de peruca e arrume seu cabelo de uma forma bem simples, certo? Mandarei Parsons pintar seu rosto.

– Pintar meu rosto? – repetiu Kate, um pouco desconcertada. – Não sei...

– Parsons é brilhante – interrompeu-a Henry. – Você não se reconhecerá. Agora seja rápida, minha querida. Queremos fazer uma grande aparição, e não entrar depois que todos já estiverem na cama.

Kate assentiu e então atravessou o quarto correndo para dar um rápido abraço em Henry.

– Muito obrigada – sussurrou ela.

Henry lhe deu um sorriso um tanto estranho.

– Quando olho para você, acredito, com todo o coração, que seu pai não foi tão tolo assim, afinal de contas.



Depois de beber uma restauradora xícara de chá e emergir do banho, Kate se sentia bastante calma, quase feliz. Aquela noite decidiria o resto de sua vida. Era ao mesmo tempo estranho e interessante pensar nisso.

Ela correu os dedos pelos cabelos revoltos, que tinha fios dourados por conta de todo o sol que tomara durante suas andanças a cavalo.

– Como podemos melhorá-lo, Rosalie?

– Posso fazer cachos e prender no alto da cabeça – sugeriu a camareira. – Ou enrolar, para seguir um estilo mais clássico, porém seria mais difícil, pois seus cabelos são tão cheios que eu precisaria usar um ferro quente para deixá-los mais lisos.

Kate estremeceu.

– Vamos prender com alguns cachos caindo para trás também. Fica pesado demais amontoar tudo no alto da cabeça.

– O que gostaria de usar como adorno? – perguntou Rosalie enquanto remexia uma caixa na penteadeira. – Tenho uma rede de

prata, mas faria seu cabelo parecer cor de bronze. Aqui tem um pente com joias, mas é de um verde intenso e não combina com seu vestido.

– Não quero nada no meu cabelo – respondeu Kate, dando de ombros.

– Ah, senhorita – gemeu Rosalie. – Eu imploro... – Voltou a remexer a caixa. – Aqui está um pente de prata com esmeraldas – disse, aliviada. – Sabia que estava em algum lugar.

– É só até meia-noite – salientou Kate. – Mal entrarei no salão de baile e já estará na hora de correr para a carruagem de Algie.

– Está quase tudo pronto para a viagem – informou Rosalie, olhando os baús abertos junto à parede.

Houve uma leve batida à porta; em seguida, entrou no quarto uma criada tão elegante que Kate poderia tê-la confundido com uma hóspede do castelo.

– Sou Parsons, senhorita – disse ela, fazendo uma reverência. – Lady Wrothe pediu-me para ajudá-la enquanto se prepara.

– Muito obrigada, Parsons – retrucou Kate, sentando-se diante da penteadeira.

Parsons abriu uma caixa e começou a retirar dali uma série de potes com cremes. Primeiro passou creme em todo o rosto de Kate. Abriu então um potinho de ruge e balançou a cabeça.

– Rosa demais – decidiu. – Preciso é de carmesim.

Ela experimentou o carmesim, mas logo em seguida passou um paninho. Em alguns minutos havia vários potes sobre a penteadeira.

– Não pensei que fosse um processo tão elaborado – falou Kate, cansada.

Estava com os olhos fechados enquanto Parsons fazia algo neles.

– Cuidei de lady Wrothe antes de vir para cá – explicou Parsons. – Ela tem uma pele maravilhosa, mas mesmo assim, na idade dela,

é mais demorado. Estou lhe dando uma ajuda mínima, senhorita. Só preciso encontrar o tom correto para os lábios – disse, voltando a revirar os potes.

Rosalie, que havia observado tudo enquanto prendia o cabelo de Kate no alto da cabeça, inclinou-se e apontou para uma caixinha de seda.

– Que tal?

– Vermelho peônia – disse Parsons, refletindo por um instante e logo começando a pintar a boca de Kate de um tom de vermelho profundo.

– É perfeito – disse Kate, espantada.

E era. O vermelho deixava sua pele encantadora. As bochechas tinham sido pintadas com um rosa suave e os olhos pareciam mais profundos e misteriosos.

– Minha nossa, Parsons! Você faz mágica, não é?

Parsons riu.

– A senhorita é bela. Não foi nenhum desafio – declarou, saindo apressada do quarto.

– O penteado está pronto – informou Rosalie, após colocar o pente adornado por esmeraldas que reluzia em meio aos cachos de Kate. – A senhorita está maravilhosa.

– Nada jovem – disse Kate com satisfação, vestindo luvas que passavam dos cotovelos.

– Não deveria falar de si mesma como se fosse uma solteirona. A senhorita parece... bem... fogosa.

– Acho que precisamos de mais algumas joias – disse Kate. – Ainda temos aquele estojo de Victoria, não temos?

Rosalie pegou uma gargantilha de pérolas com uma bela esmeralda na frente e prendeu-a no pescoço de Kate.

– E agora... os sapatinhos de cristal – falou Rosalie, num tom de tamanha reverência que fez Kate erguer a sobrancelha.

– Lady Dagobert disse que eram um terrível desperdício de dinheiro.

Rosalie abriu com carinho uma caixa de madeira e desembalou um par de sapatinhos envoltos em seda.

– Não é assim com tudo o que realmente tem valor?

– Não necessariamente – disse Kate, pensando em tortas de limão, no amor de Freddie e até nos beijos do príncipe.

A criada ajoelhou a seus pés.

– Calce com cuidado, Srta. Katherine. São chamados de sapatinhos de cristal por um bom motivo. Não são de vidro, mas ainda assim podem quebrar.

Ela colocou o deslumbrante sapatinho com salto no pé de Kate. Tinha o brilho do vidro polido e pedras preciosas reluzindo no salto afilado.

– É quase transparente! – exclamou Kate, mesmo contra sua vontade, admirada. – De que diabo é feito isto, se não é de cristal?

– É de uma espécie de tafetá engomado – explicou Rosalie. – O tafetá tem uma aparência cintilante, quase como o vidro. E serve apenas para uma noite, porque depois de usado nunca mais parece novo, perde o viço.

Kate ficou parada por um momento diante do espelho, examinando a própria imagem. Com alguma satisfação, percebeu que ninguém pensaria nela como a versão de peruca e pó de Victoria, como nos últimos dias. As olheiras haviam desaparecido e o ruço fazia seus lábios parecerem mais cheios e inegavelmente sensuais.

Pela primeira vez, ela encontrou no rosto a beleza herdada do pai, a beleza que tornara Victoria famosa. Não era exuberante e opulenta como a irmã, mas quase achou que estava... *melhor*. Mais bela.

Se Gabriel a visse daquele jeito e mesmo assim decidisse casar-se com Tatiana... Bem, ela teria feito o máximo possível.

– Rosalie – chamou, voltando-se para a criada –, este vestido foi uma escolha inspirada. Muito obrigada.

– É a forma como modela seus seios – disse Rosalie, aproximando-se para dar uma opinião de especialista. – E o modo como o tecido vem na horizontal aqui e então não há mais nada além de uma fina camada de seda no seu decote... E suas pernas, senhorita! Parecem tão longas. Todas as damas vão suspirar de inveja.

Kate deu um sorriso desconfiado. Até onde sabia, ninguém jamais suspirara de inveja da sua aparência.

– Outra coisa é que o vestido ficou só um pouquinho mais curto na senhorita – prosseguiu Rosalie –, o que exhibe os tornozelos e os sapatos. Algumas damas encurtam os vestidos de propósito, só para isso. Aquelas com belos tornozelos, é claro.

Houve uma leve batida à porta e lá estava Victoria, com Algie atrás dela. Usava a famosa peruca cor de cereja e um delicioso vestido branco com enfeites na mesma cor.

– Lorde e lady Wrothe nos esperam ao pé da escada – informou Victoria.

E então, ao vislumbrar Kate, ela parou e juntou as mãos como numa oração.

– Oh! Você está... você está... Algie, olhe para Kate!

Kate avançou, aproveitando a onda de confiança advinda do fato de sentir-se bela.

A reação de Algie foi tão boa quanto a de Kate. Ficou boquiaberto, embora a boca não pudesse se abrir muito devido ao colarinho extraordinariamente alto que usava.

– Você parece uma... você parece... parece *francesa*!

Aquele era, claro, o maior elogio que ele poderia oferecer.

– Vocês dois estão maravilhosos – disse Kate.

– Não consigo respirar – confidenciou Victoria. – Mas por sorte este vestido segue uma modelagem antiga e as pregas impedem

que se veja minha silhueta em detalhes.

– Está lindíssima – assegurou Kate. – Podemos ir?

Henry e Leo esperavam por eles na outra ponta da galeria de retratos. A madrinha estava magnificamente vestida em seda roxa costurada com arabescos de pérolas.

– Muito bem! – exclamou ela quando viu Victoria e Kate atravessando a galeria. – Devo dizer que estou feliz por vocês duas não terem entrado no mercado de casamentos quando eu me encontrava no meu apogeu!

– Você teria roubado os cavalheiros e nos deixado de coração partido – disse Kate, beijando-a no rosto. – Muito obrigada, mais uma vez – sussurrou.

– Por quê? – perguntou Henry.

– Por me acompanhar ao baile.

– Você não precisa de nós – desdenhou Henry. – O príncipe vai tombar ao chão em um êxtase de desespero ao vê-la. Só quero ter certeza de que não vou perder o espetáculo. Adoro uma boa comédia.

Wick arregalou os olhos quando eles se aproximaram do salão de baile e fez uma profunda reverência. Então fez um sinal para os lacaios e, com um suave movimento sincronizado, cada um abriu uma das grandes portas.

Wick acompanhou-os até um curto lance de escada que descia até o salão e anunciou em tom sonoro:

– Lorde e lady Wrothe. Srta. Victoria Daltry e Srta. Katherine Daltry. Lorde Dimsdale.

Havia entre 200 e 300 pessoas no salão. Candelabros pendurados no teto refletiam o brilho de diamantes e rubis e o fulgor das sedas.

Kate caminhou até o alto da escada e parou por tempo suficiente para ter a certeza de que todos olhavam para ela. Então

começou a, muito lentamente, descer os degraus. Segurou a saia, deixando em evidência os sapatinhos de cristal – e os tornozelos.

Ela ouviu o burburinho e a estridente repetição de seu nome. Porém, mais do que vozes, notou que a cabeça de todos os homens se voltava na sua direção.

Não havia como explicar aquilo de outro jeito. Ela percebeu, com um susto, que era mais ou menos como se alguém tivesse despejado um balde de aveia num pasto cheio de garanhões. Todos se viraram, praticamente ao mesmo tempo, e partiram para a iguaria.

Ela cumprimentou o homem mais próximo com um sorriso. E não olhou para os lados para ver se o príncipe a observava.

Após todos aqueles anos sendo deixada para trás, sempre usando uma simples cambraia ou algodão, com luvas desfiadas e botas desgastadas, vendo Victoria desfilarem em eventos locais e depois partir para a temporada em Londres... seu prazer era ainda mais intenso. Kate estava sendo tomada por um tipo especial de alegria.

O primeiro cavalheiro alcançou-a, quase tropeçando em seus sapatos de dança, tamanho era seu fervor. Apresentou-se, na falta de um anfitrião.

– É um prazer conhecê-lo, lorde Bantam – disse ela com doçura.

Ele usava dois coletes, um de veludo sobre outro de seda azul-celeste, e se abaixou tanto para fazer um cumprimento elaborado que as fivelas de seus calçados brilharam como diamantes.

Eram mesmo diamantes, percebeu ela momentos depois.

Depois de lorde Bantam vieram o Sr. Egan, Toloose, lorde Ogilby, o conde de Ormskirk, lorde Hathaway e um certo Sr. Napkin. Henry desfilava com naturalidade, como se fosse a mãe de Kate, batendo com o leque no braço dos homens, dizendo a Ogilby que ele *não* podia pedir para dançar a valsa com sua afilhada.

Era uma sensação deliciosa, inebriante, estar ali cercada pelos cavalheiros, seus diamantes reluzindo tão intensamente quanto as fivelas de lorde Bantam.

Mas não eram os diamantes que os atraíam. Ela sabia. Era seu sorriso misterioso, os lábios carmim, a sensualidade em seus movimentos.

Ela avistou Effie no salão e tentou alcançá-la, batendo de leve no seu braço com o leque. E então Effie também estava no círculo, as duas rindo e flertando com todos os homens ao mesmo tempo.

– Sou uma péssima dançarina – disse ela ao conde de Ormskirk, que Henry escolheu como seu primeiro par.

Curiosamente, Effie havia oferecido a mão para lorde Hathaway, em vez de privilegiar os mais jovens que disputavam sua atenção.

Ormskirk se inclinou como se estivesse hipnotizado e, ofegante, perguntou:

– Gostaria de permanecer sentada durante esta dança, Srta. Daltry?

O conde tinha um queixo pronunciado e olhos azuis brilhantes. Parecia um homem que se sentia mais à vontade sobre a sela de um cavalo do que numa sala de leitura. Nunca se interessaria por uma publicação sobre antiguidades jônicas, o que quer que isso significasse. Mesmo depois de ler dois artigos sobre o assunto, ela ainda não sabia direito do que se tratava.

Ele era um homem de gestos e não de palavras. Kate o brindou com um sorriso e foi recompensada com outro beijo na mão.

– Prefiro dançar – disse-lhe com leveza. – Mas o senhor deve se apiedar de mim e me dizer exatamente o que fazer. Simplesmente não consigo guardar os passos na cabeça.

– Nem eu – confidenciou Ormskirk. – Sempre me pego indo na direção errada. Mas é uma *polonaise*, bastante fácil. Basta desfilarem devagar até que todo mundo pare. Bem tedioso, na verdade.

Ele tinha razão, era bastante fácil. Kate manteve os olhos fixos em seu parceiro, para não correr o mínimo risco de ver Gabriel.

Até a ideia lhe causava uma onda de angústia, mas seu sorriso não vacilou.

O conde reagiu à atenção que recebeu como uma flor ao sol. No final da dança, ele a entregou a lorde Bantam com óbvia relutância. E reapareceu pouco depois, quando ela estava prestes a dançar com Toloose, e puxou o cavalheiro pela manga.

Kate ergueu a sobrelance enquanto Toloose dava uma desculpa e se afastava.

– Minha nossa! – exclamou ela. – Como fez para assustar o pobre Sr. Toloose? Eu estava ansiosa para admirar sua casaca de perto.

– Toloose parece um pavão, mas na verdade é um bom sujeito – disse Ormskirk. – Queria dançar com a senhorita mais uma vez, então providenciei a dança perfeita.

Ela sorriu, reparando que o olhar dele se demorava em seus lábios e na curva de seus seios.

– Uma valsa! – falou Ormskirk, triunfante.

Kate sabia o que responder.

– Oh! Minha madrasta nunca me permitiu aprender a valsa! E acredito que ela tenha me instruído explicitamente a *não* valsar.

– Que sorte a nossa que sua madrasta não esteja aqui – declarou Ormskirk.

O brilho nos olhos dele compensava as entradas que começavam a aparecer na testa. O pobre conde estava ficando visivelmente careca, embora estivesse passando por aquilo com distinção. Não era culpa dele que sua fronte reluzisse tanto sob a luz de todas aquelas velas.

Kate franziu a testa, tentando lembrar-se do que Gabriel falara sobre a valsa na noite anterior. Era licenciosa, ela sabia.

– Talvez... Aí está minha madrinha – disse ela com algum alívio.
– Henry, querida!

– Ah, Ormskirk. Imaginei que estaria de volta – constatou Henry.

– A próxima dança é uma valsa – informou ele, com uma curiosa intensidade. – Perguntei à Srta. Daltry se poderia acompanhá-la.

– Ah! – disse Henry, olhando-o de cima a baixo. – Bem... – Ela fez um sinal com a cabeça e pareceu chegar a uma decisão. – Não tenho objeções desde que não colidam em mim e em Leo. Adoro a valsa, mas alguns casais agem como um par de cavalos assustados por uma picada de inseto.

Ormskirk deu um sorriso constrangido.

– Imagino que consigo me manter dentro dos limites – falou o conde, e então se voltou para Kate, estendendo-lhe a mão: – Srta. Daltry?

Por algum motivo, ela sentia relutância em voltar a dançar com ele... mas era uma tolice. Era apenas a multidão, o perfume de Henry se espalhando no ar em torno dela e o calor das velas.

– A pista de dança vai estar bem menos lotada do que aqui – dizia Henry para Leo –, considerando que todas as debutantes vão ficar de fora a não ser que aquele príncipe tolo as convide para dançar. Imagino que vão fazer uma fila para melhor devorá-lo com os olhos.

Kate aprumou-se. Não ia ficar parada num canto enquanto Gabriel dava voltas com sua noiva. Deu um sorriso para Ormskirk, um sorriso que garantiu que o belo rubor em suas faces aumentasse ainda mais.

– Desde que me mantenha no rumo, meu senhor. Pois devo avisar que sou terrivelmente inexperiente nesta dança.

Ele estendeu o braço, os olhos azuis firmes, e pegou a mão dela.

– Srta. Katherine – disse ele –, seria uma honra e um privilégio conduzi-la em sua primeira valsa.

Capítulo 38



Gabriel usava uma pesada casaca de seda bordada, produzida para sua apresentação à corte austríaca. Sabia o que precisava fazer... e o faria. Como um homem.

Não, como um príncipe.

Estendeu a perna diante de Tatiana, de forma graciosa, fazendo uma reverência profunda, uma reverência que aprendera com cavalheiros que passaram a vida na corte francesa. A princesa estava agradavelmente vestida com um modesto modelo de seda branca, mas era adornado com genuínas rendas de Bruxelas e, nas mangas, penas de cisne.

Seu encantamento reavivava-se a cada sorriso, a cada olhar de soslaio lançado para ele, a cada olhar reluzente que ela dirigia às outras damas.

Tatiana tinha confiança em si, como deveria.

Gabriel dançou com ela, dançou com outras e dançou com Sophonisba, que o amaldiçoou por amassar uma das penas do adereço que usava na cabeça. Ele teve uma conversinha esquisita com Toloose, que o olhou com algo semelhante a raiva e disse, do nada: *Ela ensina as tochas a brilhar.*

– Isso não é de *Romeu e Julieta*? – perguntou Gabriel, pensando, confusamente, na despedida de Kate.

Tolouse fez um sinal com a cabeça na direção de Tatiana, que mostrava as covinhas ao sorrir para o tio de Gabriel.

– Shakespeare talvez tivesse aprendido tudo se pudesse simplesmente vislumbrar os olhos dela.

E partiu, sem dizer mais palavra.

Gabriel deu de ombros e dançou com Henry, que sorria para ele com ar de genuína diversão.

– Imagino que já tenha visto minha afilhada – observou ela.

– Não tive o prazer – declarou ele.

– Pois então deve ser o único no salão de baile que não a viu – disse ela, com animação. – Minha nossa, príncipe, seu rosto está pálido como mármore. Espero que não esteja se sentindo mal. Todos estão se divertindo muito.

– Fico feliz em ouvir isso – respondeu ele, um tanto sem graça.

– Provavelmente não está percebendo. Em geral, é impossível dizer se um inglês está se divertindo até que ele desabe, bêbado, num canto – acrescentou ela. – Há muitos noivados sendo formados aqui. Além do de Vossa Alteza, é claro.

Gabriel sorriu, embora a odiasse por aquele comentário. Pela forma como os olhos dela o examinavam, pela forma como mencionou seu noivado, pelo... pelo desafio faiscante em seu olhar.

Ele conseguiu terminar a dança, curvou-se num cumprimento, aprumou-se... e a viu.

Sua Kate. Resplandecente como uma tocha, uma mulher forte, sensual, deslumbrante. Uma princesa, sob todos os aspectos.

O vestido era magnífico; o cabelo, encantador. Mas ele não se importava com isso. Olhava fixamente para o riso profundo no olhar de Kate, para a força de seu pequeno queixo arredondado, para as angulosas maçãs de seu rosto.

Via ao mesmo tempo a inerente bondade em seu rosto e a profunda sensualidade em seu franzir de lábios.

Quis atravessar a multidão de homens que a cercava e acertar o queixo do sujeito que sorria como se ela fosse uma dádiva dos céus.

Mas Tatiana estava a seu lado e Kate, não. Ele tinha seu dever, seu dever, seu dever. Virou-se de costas, sentindo as têmporas latejarem como nunca, e naquele exato momento os acordes da valsa ecoaram no salão.

Tatiana mostrou as covinhas para ele.

– Meu tio permitiu que eu dançasse a valsa na noite passada, mas, depois de sua indisposição, preferi ficar num canto do salão.

Ele fez um cumprimento; ela pousou a ponta dos dedos em seus ombros. Os dois invadiram a pista de dança.

Estava relativamente vazia. Muitos convidados ainda não tinham aprendido os passos ou evitavam a dança por considerá-la indecente. Ou preferiam ficar nos cantos do salão falando daqueles que ousavam dançar.

Tatiana era leve como uma pluma nos braços de Gabriel, antecipando cada movimento de suas pernas. Era uma alegria genuína dançar com ela. Os dois estavam no início da pista: ele olhou-a e ergueu a sobrancelha.

– Sim, vamos lá! – disse ela, rindo, com as faces rosadas e os olhos reluzentes.

E ele deixou que fossem levados pela música, dando voltas e voltas e voltas, rodando pelo salão. Enquanto faziam círculos perfeitos, ele percebeu os olhares de admiração dos convidados. Sabia o que viam: ele parecia um perfeito príncipe encantado e ela, de fato, uma princesa de conto de fadas.

Chegaram ao fim da pista. Ele voltou a olhar sua parceira.

– Acho que devemos ser um pouco menos extravagantes durante o resto da música.

– Foi maravilhoso – disse Tatiana, ruborizada. – Se eu pudesse, dançaria valsa a noite inteira.

Ele apertou-a um pouco mais, sorridente. A perna dela encostava na dele. Parecia-lhe tão sensual quanto um bode. Com uma espécie de distanciamento frio, ele se pegou imaginando se conseguiria funcionar na noite de núpcias.

Que escândalo seria... um príncipe incapaz.

– Minha nossa! – exclamou Tatiana, chamando-lhe a atenção. – Temo que nem todos sejam tão habilidosos na dança quanto Vossa Alteza.

Ele seguiu seu olhar. Era Kate, naturalmente. Estava dançando com lorde Ormskirk. Também davam voltas pelo salão. Mas, ao contrário da elegância tranquila e da graça silenciosa exibidas por ele e Tatiana, Kate e Ormskirk faziam os círculos rápido demais. A cabeça dela estava jogada para trás e ela ria com um prazer contagiante. Seu belo cabelo remexia-se na altura dos ombros, enquanto Ormskirk a puxava, volta após volta.

Quando Tatiana e ele dançavam, se seguravam com leveza. Da forma apropriada.

Mas, para manter seu ritmo ultrajante, Ormskirk segurava Kate contra o corpo. Gabriel sentiu uma onda de raiva se formar dentro do peito.

A música terminou. Kate e Ormskirk deram mais uma volta, em silêncio, sorrindo um para o outro como se tivessem feito uma espécie de acordo secreto.

Ele sentiu a mão de Tatiana na manga de sua casaca. Wick abriu os portões do salão. Estava na hora de se dirigirem aos jardins, onde aconteceria uma exibição de fogos de artifício montada nos barcos do lago.

Ele quase afastou a mão dela, mas não o fez. Em vez disso, acompanhou a princesa para fora do salão, pelos portões, descendo os degraus de mármore.

A noite estava fria e Wick havia espalhado grandes recipientes de metal cheios de lenha em chamas para manter os convidados

aquecidos. As chamas dançarinas competiam com o luar e deixavam as margens do lago com um brilho amarelado.

– Nunca vi fogos de artifício! – exclamou Tatiana, com entusiasmo.

Gabriel pensou nos anos que passara em diversas cortes e na primeira vez, aos 10 anos, em que vira fogos de artifício.

– Fico feliz por estar com você nesta ocasião.

Devia faltar alguma emoção à voz dele. Tatiana olhou-o de relance e então o puxou com vivacidade em direção ao tio e a um grupo grande.

– Tio! – exclamou.

– Aqui está você, bolinho – disse o príncipe Dimitri. – Vi que fizeram uma bela exibição na pista de dança. Que bom que sua mãe não está por aqui.

Gabriel curvou-se.

– A princesa é uma dançarina extremamente graciosa.

– Ela é mesmo – concordou o tio.

Tatiana encontrava-se na margem do lago, observando os barcos com atenção.

– Então, o que planejou para nós, príncipe? – indagou o tio.

– Os barcos vão deslizar até o centro do lago e atracarão um ao lado do outro – disse Gabriel, e viu Kate e o conde de Ormskirk à esquerda. – A um sinal de Berwick, vão começar a soltar os fogos de forma a criar um espetáculo extraordinário.

– É o que se espera – disse o duque. – São sempre traiçoeiros, esses fogos de artifício, não são?

– De fato – respondeu Gabriel. – Com sua licença, Vossa Alteza, preciso me assegurar de que todos os preparativos estejam em andamento.

– Eu não... – tentou dizer o duque.

Mas Gabriel já escapulira. Caminhou até os últimos convidados, amontoados em volta do espelho d'água, e então se dirigiu... para a

esquerda.

Felizmente, ela se encontrava atrás do grupo, bem diante da entrada do labirinto. Ele se aproximou por trás e deslizou a mão pela curva de sua cintura, sem dizer uma palavra.

Ela o olhou, mas estava muito escuro e ele não conseguiu distinguir sua expressão. Sem afastar a mão dele, ela murmurou algo para o conde e recuou.

Com um gesto rápido, ele a puxou para a entrada do labirinto e contornou a primeira curva. Não havia fogo ali, nenhuma tocha para iluminar a escuridão densa e aveludada diante do rosto deles.

– Gabriel – disse Kate. Para seu alívio, ele ouviu uma nota de riso e divertimento em sua voz. – O que está fazendo?

– Venha – respondeu ele, pegando a mão dela com mais firmeza, voltando-se para a escuridão.

– Não posso – protestou ela. – Meus sapatinhos de cristal... Não consigo andar na grama.

Sem hesitação, ele caiu de joelhos diante dela e segurou um pequeno pé.

– Minha dama.

Ela ergueu o pé e ele retirou um sapatinho. Em silêncio, Gabriel tocou a outra perna e retirou o outro, colocando os dois, com bastante cuidado, em um banco na entrada do labirinto.

– Sinto-me como uma criança dançando no gramado com minhas meias – falou Kate, com um intenso prazer na voz.

Com a mão esquerda tocando de leve nas sebes e com a direita prendendo a dela com força, ele caminhou pelo labirinto antecipando suas voltas na cabeça. Era realmente bem simples para quem sabia o caminho.

Kate o seguia; chegou a tropeçar uma vez, mas ele a apoiou.

– Chegamos.

Os dois dobraram a última curva e encontraram o centro. Estava banhado pelo luar e, sem a competição com a luz das tochas, o ar

adquiriria um tom prateado, cobrindo as sebes e os cavalos marinhos como o pó encantado de uma fada.

– Parece magia – disse Kate. – O que faz com que a água não pare de jorrar dessas estátuas?

– É uma questão de gravidade e do peso da água que fica presa embaixo. Se eu girar esta manivela – ele demonstrou –, a água passa a apenas respingar.

– Adoraria me sentar, mas temo que os respingos tenham molhado a pedra – falou Kate, com pesar. – Não posso amassar o vestido.

Ela virou-se e olhou-o, mas ele não tinha palavras. Sentia medo de que nada saísse de sua boca além da respiração ofegante, dos suspiros provocados pela violência da paixão que homens e mulheres trocam nos momentos de maior intimidade.

Em vez de falar, ele estendeu o braço e desenhou a curva do rosto de Kate com a mão. Sentiu a suavidade de sua pele, a beira da curva de um sorriso. Substituiu os dedos pela boca.

– Gabriel – pediu ela, afastando o rosto.

O coração dele deu um salto.

– Eu preciso.

– Não pode.

– Kate!

Doía-lhe o coração apenas dizer seu nome. Ao mesmo tempo, era como se fosse mel em sua boca, doce e familiar como uma canção de ninar entoada em seu peito.

– Ah, Gabriel... – sussurrou ela.

– Uma última vez – implorou ele. – Por favor, por favor, eu suplico. Eu..

– Eu... Estou com medo, Gabriel. Você vai partir meu coração.

– Meu coração já está partido.

Lá estava. A verdade escancarada entre os dois. Algo mais úmido que o luar brilhava nos olhos dela.

Ele a beijou num ato de possessividade. Não havia outro jeito para descrever, o jeito que os dois tombaram em alguma escuridão inominável, algum conto de fadas despidorado em que ele não era um príncipe e ela não era uma dama, mas...

Apenas dois corpos, excitados, cálidos, loucos um pelo outro.

– Meu vestido – murmurou ela algum tempo depois. Seus olhos reluziam com um tipo perverso de alegria. – Isto é tão *errado*.

Ele girou a manivela e o jorro d'água parou por completo. Então ele mostrou a ela como colocar as mãos na cabeça de um cavalo-marinho úmido e sorridente. Com muito cuidado, ergueu camadas e mais camadas de tecido, jogando-os para trás, até que só o belo traseiro dela estivesse em suas mãos, vestido apenas com calças tão delicadas que ele enxergava sua pele.

Hesitou, como se aquilo diante de si fosse belo demais para mãos humanas. Então, ele a despiu sob o luar, pôs o corpo sobre o dela, pressionando-a, suas mãos encontrando-lhe os seios sem dificuldade.

Kate não dissera uma palavra, mas, no momento em que os dedos dele roçaram seu mamilo, ela soltou um grito e espremeu-se contra o corpo dele. Era como estar no meio de uma nevasca e perder temporariamente a visão. Parecia que todas as sensações provinham das mãos dele, do corpo dele.

A doçura de seus seios, o botão firme do mamilo, as calças rasgadas que tremiam contra seu corpo, a curva profunda do quadril contra o corpo dele, o paraíso logo abaixo.

Ele voltou a acariciá-la e ela voltou a gritar. Deixou que os dedos descessem até seu doce vale, e ela soluçou e se contorceu. Sua mão tremia enquanto ele se cobria com um preservativo. E então... deslizaram juntos como se já tivessem feito amor daquele jeito uma centena de vezes, como se seus corpos tivessem sido projetados para aquele momento. Ele deu uma estocada profunda,

e o corpo dela arqueou-se com um grito que voou até o céu noturno.

Era quase insuportável. Gabriel cerrou os dentes e se concentrou em invadir o corpo dela sem se perder, deixando que seu perfume delicado, o doce mel de sua pele, o som entrecortado da sua respiração tomassem conta da sua memória para que ele pudesse guardar tudo – para que pudesse guardá-la – para sempre.

Por algum tempo não houve nada além do som dos corpos que se encontravam em um prazer sedoso e quase violento, um soluço de Kate, um grunhido de Gabriel.

Mas aquilo era intenso demais, faminto demais para durar. Ele acelerou e a fez gritar, contorcendo-se com força contra seu corpo. E então os dois tombaram juntos, espatifando o tempo e o silêncio e qualquer molécula de espaço existente entre eles, moldando os corpos em uma só carne e um só coração.

Ele ficou assim, caído sobre ela como qualquer animal com sua companheira, até que ela fez um pequeno ruído e se endireitou sob ele.

Naquele momento, um assovio soou a distância e os dois se viraram para observar uma explosão seguida por uma chuva de faíscas verde-esmeralda tombando sobre a terra.

Kate estava abaixando as saias, mas parou quando seus olhos encontraram os dele.

– Estou tão feliz – disse ela – que esses fogos de artifício não tenham começado há um minuto ou dois. Teria sido um absurdo.

Outra explosão... Faíscas de rubi derretido, transformando-se em rosa e desaparecendo.

Ele não conseguiu dizer uma palavra. Em vez disso, ajudou-a a prender os cabelos, os dedos demorando-se nas mechas espessas e douradas, roubando um último contato. Então, tomou sua mão e a guiou ao centro do labirinto.

Quando dobraram a última curva, ela colocou o rosto junto ao dele. Gabriel não se mexeu, e assim ela precisou encontrar sua boca com a dela. Roubou dele – ou recebeu de presente? – aquele último beijo com uma deliberação fria, como se estivesse lhe mandando um recado que ele não conseguia interpretar.

No último trecho de escuridão, ele se ajoelhou de novo a seus pés, como faria um cavaleiro medieval diante de sua dama.

O pezinho descansou confiante em sua mão enquanto ele lhe calçava o sapato. Então o outro, e ele precisou se levantar. Não conseguiria permanecer para sempre na escuridão.

– Kate – disse ele, assim que se pôs de pé.

Voltou a alcançá-la, segurando-a com força.

A orquestra começou a tocar... Tinham se dirigido para a beira do lago e as notas da valsa invadiam a tranquilidade da noite como um vento alegre. Ele mudou a forma de segurá-la, passando uma das mãos para a sua cintura.

– Você disse – sussurrou ela – que qualquer um que nos visse valsando saberia que somos amantes.

– Não – disse ele, com ferocidade. – Saberão apenas que estou apaixonado por você. Por favor, dance comigo, Kate.

Ela pôs a mão na dele e sorriu, os olhos cintilando com lágrimas contidas. Ele ergueu a mão dela e a conduziu em uma valsa lenta. Kate não o seguia com perfeição, por isso ele a apertou um pouco, para que, com a pressão do seu corpo, ela sentisse a direção que deveria seguir.

E de fato... ela aprendeu. Ela aprendeu! Um momento depois, dançavam juntos como se tivessem feito aquilo durante toda a vida.

A música chegou ao fim. Gabriel não tinha tirado os olhos do rosto dela, não olhara para trás nem mesmo para ver se havia uma plateia. Ele não ligava.

Ela fez uma reverência e estendeu a mão para ser beijada.

Gabriel permaneceu na sombra das sebes, observando Kate encontrar seu rumo na grama em direção a Henry, que se virou para ela e deu-lhe um rápido beijo.

A noite parecia infundável. Finalmente foram convocados de volta ao salão por Wick, que colocara lacaios para circular com bebidas quentes, para aqueles que sentiam frio, e doces minúsculos e delicadíssimos, para os famintos. Gabriel ficou ao lado de Tatiana. Sentia-se como um autômato, acompanhando-a de um lugar a outro, rindo quando ela dava risadas, sorrindo quando ela sorria.

Afastando seu olhar da chama ardente que era Kate.

De repente, percebeu que Tatiana se dirigia a ele.

– Vossa Alteza – repetiu ela.

– Perdoe-me – disse ele, virando-se.

Ormskirk estava ao lado de Kate junto à lareira. Debruçava-se sobre ela... Parecia que Kate estava se despedindo de Henry e Leo, mas não era possível. Ela não poderia estar partindo... Ele precisava vê-la na manhã seguinte, vê-la mais uma vez.

Tatiana olhou para ele. Ela era pequenina, mas havia firmeza em seu queixo e força em seu olhar.

– Poderia fazer a gentileza de me acompanhar até meus aposentos, príncipe?

– É claro – concordou Gabriel, ficando de costas para Kate.

Ela colocou os dedos delicadamente no braço dele e começaram a caminhar em busca da saída. Tatiana tinha modos delicados, sorria e acenava para vários convidados mesmo enquanto dizia:

– Existe uma tristeza dentro de si, príncipe.

Ele pigarreou.

– Tenho certeza de que se engana...

– Não – disse ela, alcançando a saída. Ela o puxou para a sombra, à direita da grande porta arqueada que se abria para o pátio. – Não me engano. Vejo claramente.

Gabriel não tinha ideia do que deveria dizer.

– Eu o vi valsar com aquela bela mulher. Suponho... – falou, pensativa – que tenham uma história.

Ele se surpreendeu.

– Uma história de amor – esclareceu ela. – Muitos, ah, muitos de meus parentes têm uma história no passado. Somos apaixonados, na Rússia. Amamos amar. E me parece que o senhor também tem uma história assim.

Não havia motivo para negar. Tatiana não estava zangada nem perturbada.

– Alguma coisa desse tipo – admitiu ele.

Tatiana assentiu. Seu olhar era de compreensão e gentileza.

– Na Rússia, conhecemos bem nossos contos de fadas – disse ela.

– Como conhecemos na Inglaterra – respondeu ele, entendendo perfeitamente o que ela dizia. – Todas as histórias chegam ao fim. – Ele se abaixou e deu um beijo no nariz dela. – É uma pessoa muito doce, princesa.

Houve um som distante, parecido com um soluço abafado, o arrastar de um salto enfeitado de joias... Ele ergueu a cabeça a tempo de ver o brilho de uma saia azul-clara desaparecer pelo arco à sua direita.

Ele praguejou e saiu atrás de Kate, sem pensar no que Tatiana ou qualquer outra pessoa que estivesse por perto pensaria. Kate atravessava o pátio a toda a velocidade, sem olhar para trás, passando pelo arco que levava aos degraus do pátio externo.

Gabriel acelerou a corrida. Mas chegou tarde demais. O pátio reluzia vazio sob o luar. A distância, ele ouvia o girar das rodas de uma carruagem partindo pela estrada de terra.

Tarde demais, tarde demais, tarde demais.

Deu um passo à frente, pensando em sair correndo pela estrada feito louco, quando seu pé esbarrou em alguma coisa.

Ele se abaixou.

Era um dos sapatinhos de cristal. Reluzia em sua mão, tão delicado e absurdo como qualquer acessório feminino que ele já vira.

Ele falou em voz alta, pois não havia razão para ficar em silêncio:

– Estou... perdido. Ela me deixou perdido.

E segurou com força o sapatinho de cristal.

Capítulo 39



A casa de Henry era excepcionalmente confortável, aconchegante e cara.

– Igual a Coco – ressaltou a madrinha de Kate.

Henry e a afilhada estavam descansando na sala de vestir, cujas paredes eram revestidas com seda pintada à mão, com desenhos de improváveis rosas na cor coral.

– Nós duas somos muito coquetes, minha querida afilhada – disse Henry. – Leo costuma dizer que, numa vida passada, minha Coco andou enfeitando um bordel.

Kate olhou para a cachorrinha, que estava perfeitamente arrumada e ornamentada para a manhã, salpicada de ametistas.

– Ela é muito cheia de si para ser uma boa coquete. Bastaria um olhar para um homem perceber que ela só quer o dinheiro.

– É a natureza do trabalho – disse Henry, com sensatez. – Agora escute, minha querida.

Kate levantou-se e foi até a janela, sabendo, pelo tom de voz de Henry, que a madrinha diria algo que ela não queria ouvir. A janela da sala de vestir abria-se para a frente da casa, com vista para um pequeno parque varrido pelo vento e um tanto abandonado.

– O inverno está chegando – declarou Kate. – As castanheiras estão tingidas de laranja.

– Não tente me distrair falando sobre a natureza – advertiu Henry. – Você sabe que não consigo distinguir um tipo de castanha de outro. O que eu quero dizer, querida, é que você precisa parar.

Kate tinha o olhar perdido, os ombros tensos, opondo-se à verdade daquelas palavras, opondo-se ao tom de voz caloroso da madrinha. Sua cabeça doía. Aliás, nos últimos dias, sua cabeça só fazia doer.

– É tudo castanha – disse ela.

Henry ignorou aquela digressão.

– Já se passou mais de um mês!

– Bem mais que um mês – concordou Kate, desolada. – São 41 dias, se quiser um número exato.

– São 41 dias vendo você mal-humorada – declarou Henry. – Já basta.

Kate voltou e ajoelhou-se ao lado da poltrona da madrinha.

– Sinto muito. Sinto muito mesmo. Não queria ser tão amarga.

– Sei que não é possível evitar, até certo ponto. – Henry deu-lhe uma batidinha no queixo. – Chegamos a este ponto.

– Não queria... Ando mesmo muito mal-humorada?

– Você não acabou de sugerir que minha querida Coco seria um fracasso como dama da noite?

Kate não pôde evitar um risinho.

– É verdade.

– Posso garantir que ela seria *concorridíssima*, assim como eu também seria, se tivesse assumido ocupação tão insalubre. Ah, e ontem à noite, durante o jantar, lembro que você fez questão de dizer a lady Chesterfield que a filha dela era tão adorável quanto um *bezerro recém-nascido*.

– Mas ela é – disse Kate, com a voz fraca. – Ambos têm a mesma expressão absurda.

– E, finalmente – concluiu Henry –, você disse a Leo que a nova cor do cabelo da irmã dele é como o excremento dos cavalos na

primavera?

– Mas eu não disse isso a *ela*.

– Devemos agradecer a Deus pelas pequenas bênçãos que nos dá.

– É aquele tom de verde-oliva – explicou Kate. – Nunca o vi em outro elemento da natureza.

– Não era uma questão de natureza, como qualquer tolo saberia. A pobre mulher quis transformar palha em ouro, e não funcionou. Não estou dizendo que não tem sido agradável conviver com você. Em alguns aspectos. Apreciei particularmente sua caracterização do Regente como a Vara de Arão. Embora, na verdade, ninguém deva fazer piadas com a realeza, por mais canhestra que seja sua reputação.

– Sinto muito – disse Kate, dando um beijo no rosto de Henry. – Tenho sido uma pessoa horrível para se ter ao lado. Sei disso.

– Seria bom se saísse de casa de vez em quando. Sinto falta de ir ao teatro.

– Eu o farei – prometeu Kate.

– Hoje – decretou Henry. – Esta noite você vai ser reintroduzida à sociedade, Kate.

– Na realidade, nunca fui *introduzida*.

– Melhor começar agora.

Kate ergueu-se, sentindo-se muito velha e triste. Retornou para perto da janela, de onde observou a luz do crepúsculo bater nas castanheiras e os últimos raios de sol atravessarem os galhos. Estranhamente, no parque que costumava ficar tão deserto, havia alguma agitação.

– Você fez a coisa certa – anunciou Henry, por trás dela.

Kate virou-se. A madrinha não dissera uma palavra sobre Gabriel em... 41 dias.

– Deu-lhe a chance de agir como um homem e ele não conseguiu.

– Tinha responsabilidades.

Henry fungou.

– Você está melhor sem Gabriel. E com toda a certeza fez bem de não contar a ele sobre a possibilidade de um dote. Veja como é grande! Espero que perceba, intuitivamente, que isso faria grande diferença para ele. E não consigo imaginar motivo pior para ele terminar o noivado.

– Só pensei... Esperei que...

Passados 41 dias, ela teimava em manter viva a esperança de que ele aparecesse... só porque não houvera anúncio de casamento com a princesa Tatiana.

Parecia que eles haviam retornado à Rússia para consagrar a união naquele país.

– Nunca se deve esperar que os homens honrem as oportunidades – disse Henry, com tristeza. – Não é assim que eles costumam agir.

Kate virou-se de novo para a janela. Seus ombros estavam duros e doloridos de tanto conter a dor e as lágrimas. Mas ela estava muito cansada de chorar, muito cansada de tentar compreender por que Gabriel era daquele jeito.

Era como uma charada. Ele era daquele jeito por ser um príncipe...

A frase dava voltas e voltas desesperadoras em sua mente.

Os braços de Henry envolveram seus ombros e ela foi coberta por uma pequena nuvem de perfume muito doce.

– Você vai me perdoar, mas uma pequena parte de mim fica feliz por Gabriel não ter tido a coragem de romper seu compromisso.

– Por quê?

Henry virou-a.

– Porque assim tenho a oportunidade de passar esse tempo com você – confessou ela, ajeitando um dos cachos da afilhada atrás da

orelha. – Você é a filha que nunca tive, minha doce Kate. O melhor presente que Victor deu a qualquer um. – As lágrimas faziam seus olhos brilharem. – Voltei a amá-lo por esta razão: porque amo você. E, embora deteste vê-la tão triste, a parte egoísta de mim está profundamente grata pelo tempo que desfrutamos juntas estas últimas semanas.

Kate deu um sorriso vacilante e abraçou-a.

– Sinto o mesmo – revelou, apertando Henry com força. – É uma compensação por tantos anos que passei com Mariana.

– Pois bem – falou Henry, um segundo depois. – Estou ficando chorosa. Parece até que andei tomando brandy antes do jantar. Não queria dizer aquilo sobre Gabriel. Queria que ele fosse o homem que você esperava, querida, de verdade.

– Eu sei.

– Os homens vêm e vão – prosseguiu Henry. – São como pingentes de gelo.

– Pingentes de gelo – repetiu Kate de modo estúpido, virando-se para observar a agitação dos homens no parque.

Suas formas desenhavam silhuetas negras contra o céu azul-escuro.

– Ficam pendurados que é uma beleza, parecendo reluzentes e novos, mas então despencam com estardalhaço, e os piores derretem – continuou Henry com um suspiro. – Que diabo fazem essas pessoas no parque? Parece que estão montando uma fogueira. Já estamos no Dia de Guy Fawkes?

– Mas Guy Fawkes não é em novembro? – perguntou Kate.

Bem, Mariana não se destacava por celebrar os feriados.

Henry voltou a abraçá-la.

– Vamos ao teatro esta noite e você ganhará bastante atenção de Ormskirk. Seus bilhetes estão ficando cada vez mais frenéticos. Acho que ele acredita que você está definhando. Aliás, você perdeu

lorde Hathaway como candidato. Acabei de receber uma carta da mãe de Effie: ela aceitou o pedido.

– Bom para ela – disse Kate. – Estou muito feliz por ele ter enfrentado todos aqueles jovens e ganhado sua mão.

– Então está na hora de demonstrar que os medos de Ormskirk em relação à sua morte iminente não têm fundamento – insistiu Henry.

– Não. Estou até bem robusta – declarou Kate.

As sombras sob seus olhos e a magreza em seu rosto tinham desaparecido. Não era justo que a dor em seu coração fosse mais debilitante do que a simples exaustão.

– Vou mandar os lacaios perguntarem que diabo está acontecendo – afirmou Henry, aproximando-se da janela. – Olhe todos esses pássaros. Parecem estar fazendo uma fofoca e tanto.

As árvores estavam repletas de melros, que revoavam e tornavam a pousar em bando.

– Talvez estejam preparando algum assado – sugeriu Kate – e os pássaros estejam esperando as sobras.

– Um assado? Nesta região? Duvido muitíssimo. Veja, estão acendendo a fogueira. É uma fogueira grande, devo dizer.

Naquele momento, houve uma leve batida à porta e o novo mordomo de Henry entrou trazendo um envelope numa bandeja de prata.

– Minha senhora, chegou uma mensagem.

– Uma mensagem? – questionou Henry. – De quem? Tem alguma ideia do que está acontecendo no parque, Cherryderry?

– A mensagem é dos cavalheiros da praça – informou ele. – Mas não estou certo sobre suas atividades.

– Poderia pedir à Sra. Swallow que mande mais chá, Cherryderry? – perguntou Kate.

Ele fez uma saudação e partiu. Henry bateu com a mensagem no queixo, muito pensativa.

– Não vai abri-la? – indagou Kate.

– Claro que vou. Só estou pensando se deveria enviar um laçao para vigiar. Gostaria que Leo estivesse em casa; ele saberia o que fazer. Veja como aquelas faíscas estão subindo até as árvores. E se tudo pegar fogo?

– Abra logo o envelope e veja que diabo está acontecendo – disse Kate.

– Não posso – respondeu Henry.

– Por que não?

– A mensagem é para você.

Capítulo 40



*Eu preferiria não me jogar numa pira funerária.
Por favor, volte para mim.*

O bilhete caiu dos dedos de Kate e ela deu um passo em direção ao vidro, forçando os olhos para enxergar na crescente escuridão.

E então viu... um homem. Um homem alto e com ombros largos, de pé diante da fogueira. Tinha os braços cruzados.

Estava esperando.

Henry foi pegar o bilhete no tapete, mas Kate não esperou.

Deixou o aposento, desceu correndo a escada, passou pelo saguão de mármore, pela porta da frente e chegou à rua. Ali, parou diante das grades de ferro, as mãos apertando instintivamente o metal gelado.

– Gabriel! – exclamou, com um suspiro.

– Olá, meu amor. Vai me salvar? – perguntou ele, sem se mexer.

– O que está fazendo? Aqui? O fogo?

– Você me deixou, assim como Eneias deixou Dido – disse ele. –

Achei que assim chamaria sua atenção.

– Não o deixei. Não podíamos... você precisa...

– Você me deixou.

Era uma típica tolice masculina, por isso ela fez a única pergunta que importava:

– Ainda está noivo? Você se casou?

– Não.

Ela soltou as barras de metal e correu para o parque, contendo-se ao perceber que estava a ponto de disparar como Freddie diante da oferta de queijo. Diminuiu o ritmo. Conseguiu caminhar até estar próxima o bastante para ver seu rosto, e então ele correu e ela correu...

– Meu Deus, senti tanto a sua falta! – rosnou ele, procurando sua boca.

Ele tinha gosto de madeira queimada ao ar livre, de ar invernal e de amor.

Segundos, minutos, horas se passaram enquanto eles permaneciam diante da fogueira, abraçados, calados. Apenas se beijando, beijando o equivalente a 41 dias de beijos, noites de beijos, manhãs de beijos, almoços de beijos, crepúsculos de beijos.

– Eu amo você – declarou ele, finalmente se afastando.

Kate sentiu os lábios quase formigando, maduros como um pêsego. Queria mais dele. As mãos deslizaram pelos ombros largos, afundaram no cabelo, puxaram a cabeça dele para junto da sua mais uma vez.

– Eu também – sussurrou. – Eu também.

Ele deu um passo para trás e os braços dela soltaram seu pescoço. Ele tirou o chapéu, e o fogo lançou luzes dançarinas sobre seu cabelo. Então, com um gesto simples, caiu sobre um joelho diante dela.

– Katherine Daltry, a senhorita me daria a grande honra de se tornar minha esposa?

Kate tinha uma vaga noção de que havia homens no parque, de que Henry havia atravessado a rua, de que os criados e transeuntes e provavelmente a maior parte de Londres acompanhava tudo por

trás dos portões. Ouvia algum rumor naquele instante, como o som de um riso que contagiava a cidade inteira.

Ela estendeu a mão.

– Seria uma grande honra – respondeu.

Ele permaneceu no lugar.

– Sim – murmurou ela. – Sim, sim, sim!

Ele se levantou de um salto, pegou-a nos braços e a girou, formando um círculo no ar, e as faíscas douradas que voavam dos galhos negros dançavam loucamente enquanto ela ria. Henry também ria, ao lado de Leo, que agora também estava no parque. E, por fim, Gabriel riu. Uma risada profunda e alegre, com uma nota de triunfo e possessividade, que fez o coração dela bater mais depressa.

– Eu tenho – disse ele, depois de um momento – uma licença especial.

E a retirou do bolso.

Então Henry apareceu, abraçou Kate, e Leo também se aproximou, cheirando a conhaque e especiarias.

– Amanhã de manhã – determinou Henry.

Assim seria.

Para sua vergonha, Kate nem se lembrou de perguntar como o castelo se sustentaria. Estavam todos sentados à mesa de jantar quando Henry abordou o assunto. Kate tentava não ignorar o fato de que Gabriel esfregava a perna na dela.

– Então, príncipe, como planeja manter minha afilhada, sem falar daquele seu enorme castelo, da forma que ela merece e tem o direito de ser mantida? – perguntou Henry. – Agora que não está se casando por dinheiro – acrescentou, lançando um olhar perverso para Kate.

Mas Kate tinha ideias próprias em relação ao momento apropriado para informar Gabriel sobre seu dote.

– Vendi um livro – disse Gabriel, com calma. – Recebi um adiantamento colossal, suficiente para manter o castelo e Kate por mais de um ano, mesmo que ela queira usar sapatinhos de cristal. Até lá, a propriedade já deverá estar lucrativa o bastante para sustentar o castelo de uma forma simples, nada principesca.

Kate ficou boquiaberta.

– Um livro sobre arqueologia?

– Sobre a escavação arqueológica em Cartago – informou ele. – Repleto de detalhes sobre o cotidiano na época.

– Esse é o interesse especial de Gabriel – explicou Kate para Henry e Leo. – É um dos pouquíssimos arqueólogos que acha que a vida de um homem comum é tão interessante quanto a de um rei.

– Depende do homem – disse Henry. Mas via-se que ela estava fascinada. – Eu não imaginava que os editores pagassem para as pessoas escreverem livros. Achei que elas simplesmente escreviam... – falou, sacudindo a mão – por amor à arte ou outro motivo.

– Até eu sabia disso – observou Kate, rindo dela.

– Não leio um livro há anos – respondeu Henry, sem se abalar. – No entanto, abrirei uma exceção.

– Letras douradas e uma coleção com três volumes – informou Gabriel. – Apenas para assinantes.

– Neste caso, sem dúvida o lerei – afirmou Henry. – Vou comprar dois. Assim como todo mundo que conheço – garantiu.

– Você é brilhante – disse Kate, abrindo um enorme sorriso para o seu príncipe. – Estou tão... tão orgulhosa!

– E que diabo aconteceu com aquela garotinha russa? – perguntou Leo.

– Deixei-a com Toloose – respondeu Gabriel, orgulhoso. – Precisei de duas semanas para juntar os dois. Certo dia ele veio me procurar e disse que precisava voltar para Londres, pois não poderia suportar vê-la casar-se com outro. Então o lancei no labirinto e

disse que se comportasse mal com ela, desde que com a aprovação da própria Tatiana. No dia seguinte, o tio dela veio me procurar com todo tipo de desculpa extravagante para não levarmos o noivado adiante.

Uma mão deslizou sobre a perna de Kate, debaixo da mesa.

– Você é praticamente minha esposa – falou Gabriel no ouvido dela. – Isso significa que apalpar é permitido.

– Incrível como até um príncipe pode assumir o ar de um vigário safado – disse Henry para o marido.

Mas Kate não estava ouvindo.



À meia-noite, Kate tentava convencer a si mesma de que Gabriel era um cavalheiro. Um *príncipe*. Naturalmente, não se esgueiraria pelos corredores da casa de Henry como se fosse de fato um vigário safado.

Com toda a certeza, era ela a dona da imaginação depravada. Ele nunca faria nada...

Houve um ruído. Mas não vinha de sua porta.

Ela correu até a janela e a abriu.

– Graças a Deus – falou Gabriel, erguendo-se e passando uma perna para dentro. – Quase despenquei no jardim.

– Quietos – sussurrou Kate, puxando-o para o quarto. – Não sei se Henry e Leo já dormiram.

– Não dormiram – disse Gabriel. – Estão na biblioteca. E amanhã devemos dizer a eles que, antes de se divertirem sobre o tapete diante da lareira, eles deveriam fechar as cortinas.

Kate começou a rir feito louca.

– Não!

Gabriel esboçou um sorriso, mas havia tamanha intensidade em seu olhar que não sobrava muito espaço para o riso. Sem dizer outra palavra, ele começou a desfazer o nó da gravata.

– Ah... – falou Kate, nervosa. E em seguida: – Não vai me contar mais sobre o livro?

– Não.

– Tatiana não se importou de perdê-lo?

– Ela viu minha correria louca quando você partiu. Acho que ficou com dúvidas a respeito da felicidade do nosso casamento. Com bons motivos. Além do mais, Toloose é mais elegante do que eu. Formam um belo casal.

– Você correu atrás de mim?

O rosto dele ganhou um ar de ferocidade.

– Nunca mais me deixe, Kate. Eu não suportaria.

– Eu não o deixei – protestou ela. – Quer dizer, não tive escolha. Vai tirar o casaco?

– Vou tirar tudo. E, a menos que deseje que seja eu a despi-la, sugiro que faça o mesmo.

– Não deveríamos esperar até amanhã? – perguntou ela, sentindo uma inexplicável onda de timidez.

– Não.

Só lhe sobrava a roupa de baixo.

– Oh – disse ela, num fio de voz. – Esqueci como...

– Não me esqueci de nada – disse ele com satisfação, estendendo a mão e desfazendo o laço do négligé de Kate.

Ele o retirou de seus ombros e ela percebeu um brilho de satisfação no olhar dele. Embora Kate não tivesse saído de casa, Henry tinha feito metade das modistas de Londres passarem por lá.

Estava vestida com uma criação tão delicada e ao mesmo tempo tão sensual que só poderia ter sido confeccionada para uma princesa. Gabriel engoliu em seco.

– É uma camisola muito, muito perversa – declarou ele, e havia uma nota de admiração em sua voz.

Kate mexeu no laço simples que mantinha toda aquela renda e seda transparente presa ao corpo. Ele não disse nada e por isso ela desfez o laço e, com muita simplicidade, deu um passo à frente, deixando que o tecido formasse um lago a seus pés.

Gabriel levantou-a e em seguida levou-a para a cama, pousando-a tão delicadamente que parecia que ela era mais um de seus fragmentos de cerâmica.

– Não me esqueci de nenhum detalhe das vezes que fizemos amor – disse ele. – Mas há algo que nunca tive a chance de fazer.

– O quê? – perguntou Kate, percebendo que sua voz falhava.

– Isso.

Ele desceu as mãos pelo corpo dela e, sem qualquer hesitação, tomou posse de suas partes mais íntimas.

– O que está fazendo? – gritou Kate, tentando se levantar.

Mas, à medida que a boca de Gabriel seguia as mãos, ela parou de fazer perguntas, pois só conseguia suspirar. E gemer bem alto. E, finalmente, gritar.



Passaram-se horas antes que ela se lembrasse do que tinha para lhe contar. Estava deitada sobre o corpo dele, o cabelo esparramado em seu peito, a mão de Gabriel brincando com os cachos dela, distraída.

Estavam ambos entorpecidos e bêbados de amor e de prazer, mas nenhum dos dois queria dormir ainda.

– Tenho algo a dizer – murmurou ela.

Ele enrolava alguns cachos dela no dedo.

– Seu cabelo parece ter fios de ouro – disse ele. – Como aquelas coisas que Rapunzel tecia com palha.

– Tenho um dote – informou Kate, erguendo a cabeça para olhar no rosto dele.

– Isso é bom – disse ele, enrolando mais cabelo no dedo. – Sabia que os gregos costumavam deixar um montinho de cabelo no funeral...

– Gabriel.

– Nos túmulos – concluiu. – Você tem um dote. Que maravilha. Wick e eu calculamos tudo, mas toda ajuda é bem-vinda. Sabia que todo mundo no castelo queria que eu ficasse com *você* em vez de com Tatiana?

– Não – disse ela, sorrindo.

– Frederick me disse que venderia sua coleção de rifles. Sophonisba falou que desistiria do conhaque, embora eu precise dizer que ela voltou atrás mais tarde.

Kate ria, deliciada.

– E Wick, então? – falou Gabriel.

– O que tem ele?

– Wick se ofereceu para procurar um emprego de mordomo.

Kate sentiu o sorriso vacilar.

– Meu Deus, Gabriel, é a coisa mais gentil que ofereceram para mim! Ou para *você*, no caso.

– Para nós – disse ele, apertando-a contra si de forma a morder sua boca.

– O maravilhoso é que eu tenho um dote – ela conseguiu dizer.

Seus seios roçavam o peito de Gabriel, que parecia ter parado de ouvir. Então ela se levantou e subitamente se descobriu sentada no peito dele.

– Humm – aprovou Gabriel, empurrando-a para que ela deslizasse para baixo.

– Não! – assustou-se Kate.

– Ah, sim! – disse ele, com uma promessa sedosa na voz.

– Primeiro, me escute.

– Qualquer coisa.

Mas ele não estava ouvindo. Ela se abaixou, sentindo-se audaciosa e bela, e falou:

– Gabriel, eu sou...

Mas, ao dobrar-se, ela se colocara em posição vulnerável. As mãos dele, habilidosamente, entraram por aqui e por ali, e um segundo depois ela segurava os ombros dele para se equilibrar, soltando um grito.

– Nada de gritar dessa vez – disse ele, impelindo-se com força.

– Não... – gemeu ela.

– Ouvi Henry e Leo dirigindo-se para um merecido repouso na cama há alguns minutos.

– Não vou gritar – ofegou. – Por favor, não pare, Gabriel.

Ele sorria.

– Acho que devíamos ter aquela conversa agora. Não estava tentando me dizer alguma coisa, minha querida?

Kate franziu os olhos e tentou alguns movimentos. Ergueu-se nos joelhos.

Os olhos dele adquiriram um brilho selvagem.

– Você não quer ouvir o que tenho a dizer? – perguntou ela, girando delicadamente, apenas o suficiente para que ele cerrasse os dentes como se estivesse em uma deliciosa agonia.

Era a vez dele de gemer.

– Agora não. Será que você podia... isso... assim...

– Eu sou...

Kate afundou nele, profundamente, faminta, e depois voltou a se apoiar nos joelhos.

– Eu sou uma das mulheres mais...

Ele não ouvia. Retorcia os quadris, mas Kate o evitava.

– Kate!

– Eu sou uma das mulheres mais ricas de Londres – declarou ela, soltando-se, deixando que o prazer tomasse conta de seu corpo.

Ele se mexeu tão rápido que ela gritou. Ele a virou, jogando-a em uma convulsão profunda e sedenta que os engoliu em uma escuridão cálida, onde só os dois existiam, desejosos, amorosos, enlevados.

Tempos depois, tombaram lado a lado, exaustos e felizes.

Silêncio.

– Você disse aquilo que acho que disse? – quis saber Gabriel, de repente.

Kate fingiu estar adormecida, mas ele conseguiu acordá-la.

E sua comemoração acordou Henry e Leo.

Capítulo 41



Quatro anos depois

Era o quinto ano da escavação de Cartago. Apesar de o professor Biggitstiff alegar, pelo menos duas ou três vezes ao mês, ter encontrado provas da existência da cidade de Dido, até aquele momento nada se mostrara como evidência sólida.

Biggitstiff não desistira. Estava determinado a encontrar aquela evidência, e o fracasso só aumentava sua determinação.

– É como se ele esperasse encontrar, qualquer dia desses, um grande sinal – gemeu Gabriel, deitando-se e colocando os braços sob a cabeça. – Uma placa dizendo: *Dido dormiu aqui*.

Sua esposa soltou um pequeno murmúrio consolador. Estava começando sua soneca da tarde.

Do ponto de vista de Gabriel, bem mais importante do que os fracassos de Biggitstiff era o fato de a escavação estar trazendo à luz detalhes fascinantes sobre os habitantes da antiga Túnis – dos hábitos de higiene às práticas funerárias, dos presentes de noivado às celebrações de aniversário.

Embora ele e Kate só acompanhassem a escavação pessoalmente durante quatro ou cinco meses, no inverno, seus

métodos haviam prevalecido. Biggitstiff bem que brigara com ele a princípio, mas o sucesso avassalador do livro de Gabriel junto ao público acadêmico e leigo transformou em regras suas técnicas de investigar um sítio arqueológico. Assim, a escavação em Cartago procedia com extremo cuidado, com toda a atenção para cada questão acadêmica.

Embora nada estivesse acontecendo no momento. Era aquela parte quente e preguiçosa da tarde, quando qualquer homem são ficava descansando sob uma tela, tomando uma bebida gelada e se abanando.

Nem todo mundo em Cartago era são, como foi evidenciado por uma rápida sequência de passos em torno de uma pilha de fragmentos que esperava, ao sol, para ser catalogada.

– Meu Deus – gemeu Gabriel. – Lá está ele de novo. A ama deve tê-lo deixado solto.

– Faça alguma coisa – murmurou Kate. – Não consigo me mexer.

– Não se mexa – disse ele, beijando-lhe a nuca. – Permaneça aí e permita que essa menininha aí dentro cresça gordinha e feliz.

– A pequena Merry está assando – disse ela, passando a mão no abdome.

Não era uma reclamação genuína, pois Kate descobrira que preferia o calor ensolarado de Túnis ao frio do inverno inglês.

– Vamos voltar para a Inglaterra dentro de uns dois meses e você vai reclamar que o castelo é frio. – Ele a beijou de novo. – Tenho certeza de que uma massagem lhe faria bem...

Ele apertou ligeiramente a parte de trás de seu pescoço e então voltou a beijá-la.

O que Kate ia responder se perdeu, pois naquele instante uma pequena silhueta irrompeu na tenda, sacudindo um fragmento.

– Encontrei uma coisa maravilhosa, papai! Veja o que encontrei!

Um príncipe bem pequeno, Jonas, seguido por um cãozinho ruidoso, veio correndo e colocou o fragmento de cerâmica na mão

de Gabriel. Ele havia recebido o nome de seu tio favorito, o Sr. Jonas Berwick.

– Veja, papai! – exclamou ele. – É um pássaro. Encontrei um pássaro!

O dedinho rechonchudo traçava um arco naquilo que poderia ser uma asa, num entalhe que poderia ser um olho, numa rachadura que parecia um bico.

– É impressionante – disse Gabriel, lentamente.

Alguma coisa em sua voz fez Kate erguer a cabeça.

Sem falar nada, mas com uma expressão muito solene, ele entregou a ave para ela. E, da mesma forma que ocorrera com Gabriel, os olhos de Kate não se prenderam ao bico, mas às antigas letras gregas.

Ela as examinou por um momento. Passara os últimos anos devorando os idiomas e os livros aos quais nunca tivera acesso quando mais jovem, mas seu conhecimento do alfabeto grego ainda era falho.

– Ai, meu Deus – murmurou Kate. – Está escrito DIDO!

Gabriel caiu na gargalhada.

– O que foi, papai? – perguntou Jonas, pulando num pé só. – Por que você está rindo? Está vendo como sou bom pulando num pé só?

– Você parece Biggitstiff! – disse Gabriel, entre risos.

– Está escrito *Dido* – protestou Kate, deitando-se de costas e segurando o fragmento no ar para examiná-lo melhor. – Tem uma asa, meu querido.

– Isso aí não é a asa – negou Jonas, contrariado. – É o bumbum do pássaro. Veja, ele está fazendo cocô.

Ele apontou uma marca bem pequena, perto do *o* de *Dido*.

– E *isso* – disse Gabriel – é um alfa, e não um ômega, como imaginou, minha querida. O cocô de Theo é o sinal que transforma alfa em ômega.

– Então o que a palavra quer dizer? – perguntou Kate, sonolenta.

– Meu palpite é que o fragmento contém metade de *didascalos* – explicou Gabriel –, que significa *aluno* ou *discípulo*. O que é interessante, pois estávamos especulando se existia uma escola organizada nesta área.

– É um *pássaro* – insistiu Jonas, aborrecido, pegando o fragmento de volta.

– Voe com o pássaro lá fora e encontre a ama – ordenou Gabriel, empurrando-o levemente. – Mamãe precisa de uma soneca. Leve Freddie com você.

Afora o fato de que ele não parecia capaz de se manter longe de uma pilha de fragmentos, Jonas até que era um menino bem-comportado; portanto ele se afastou, deixando uma tenda semiescura, um príncipe amoroso e uma princesa sonolenta.

Que caiu em tentação... e acordou.

Epílogo



Nos maravilhosamente variados mundos das cinderelas, o príncipe sempre consegue encontrar a mocinha e levá-la para o castelo. Às vezes, as malvadas irmãs por parte de mãe são banidas; outras vezes, viram criadas no castelo e, muito de vez em quando, se transformam em fadas da casa. A madrasta perversa nunca mais é vista, a abóbora apodrece no jardim e os ratos são libertados para irem aonde quiserem.

Esta versão de *Cinderela* tem um final um pouquinho diferente. Naturalmente, o príncipe encontra sua amada e a leva de vez para o castelo, a não ser naqueles meses em que os dois migram com alegria para climas mais quentes e menos chuvosos.

A irmã malvada, que na verdade não era nem um pouco malvada, mudou-se para uma propriedade rural com seu querido marido, onde tiveram oito filhos. Nenhuma das crias de lorde Dimsdale destacou-se pela inteligência, mas eram todos alegres e muito belos. Mais importante: eram todos muito gentis, puxando ao pai e à mãe.

Não herdaram nenhuma característica da avó materna, a madrasta malvada, porque raramente a viam. Mariana vendeu a propriedade para Gabriel, que a doou para Wick. De imediato, ela se mudou para a cidade e se casou com um próspero banqueiro. Em pouco tempo possuía o triplo de vestidos de antes. Morreu bem

jovem, de uma doença nos pulmões, deixando o banqueiro empobrecido e bem menos desolado do que ele imaginara.

Kate e Gabriel se estabeleceram em um castelo encantador, bagunçado, cheio de toda espécie de parentes, crianças variadas (eles tiveram três filhos) e animais. Freddie viveu até uma idade avançada, indo ao Egito e voltando com categoria. A elefanta viveu ainda mais, embora o leão, infelizmente, tenha comido dois sapatos num dia e expirado no dia seguinte.

E agora devo pegar emprestadas as palavras do autor de algumas das melhores histórias do mundo, Rudyard Kipling: Amados, toda história deve chegar ao fim. Partirei deixando um fato final e crucial: todos viveram felizes para sempre.

Até o cachorro comedor de picles.

Nota histórica



Um conto de fadas existe em uma espécie de espaço atemporal, entre o hoje e o ontem. Por esta razão, permiti a mim mesma mais liberdade com a linguagem aqui do que em meus romances históricos anteriores. *Um beijo à meia-noite*, não me canso de enfatizar, não é um romance histórico. Existem muitas formas usadas por príncipes para encontrar esposas, mas é duvidoso que qualquer um deles tenha terminado com um castelo e uma noiva inglesa da forma retratada aqui. Se eu tivesse que sugerir uma data, diria que a história se passa em torno de 1813, durante a Regência.

Minha maior dívida literária é, obviamente, com relação à versão de Perrault para *Cinderela*. Os estudiosos costumam pensar que Perrault confundiu a palavra *vair* (pelo) com *verre* (vidro). Eu imaginei os sapatinhos como translúcidos, por serem feitos de tafetá engomado. Um erro literário semelhante é relativo a *Escola de Vênus*, durante muitos anos erroneamente atribuído a Aretino e publicado na Inglaterra sob seu nome, quando na verdade era uma obra de um discípulo seu, Lorenzo Veniero. Além desses cavalheiros, tenho uma dívida com *O castelo encantado*, de E. Nesbit. Embora eu não disponha de um anel mágico que transforme meus personagens em mármore vivente, tentei impregnar o castelo Pomeroy com um pouco da deliciosa alegria do de Nesbit.

CONHEÇA O PRIMEIRO VOLUME DA SÉRIE
CONTOS DE FADAS



QUANDO A BELA DOMOU A FERA

Eleito um dos dez melhores romances de 2011 pelo Library Journal, *Quando a Bela domou a Fera* é uma deliciosa releitura de um dos contos de fadas mais adorados de todos os tempos. Piers Yelverton, o conde de Marchant, vive em um castelo no País de Gales, onde seu temperamento irascível acaba ferindo todos os que cruzam seu caminho. Além disso, segundo as más línguas, o defeito que ele tem na perna o deixou imune aos encantos de qualquer mulher.

Mas Linnet não é qualquer mulher. É uma das moças mais adoráveis que já circularam pelos salões de Londres. Seu charme e sua inteligência já fizeram com que até mesmo um príncipe caísse a seus pés. Após ver seu nome envolvido em um escândalo da realeza, ela definitivamente precisa de um marido e, ao conhecer

Piers, prevê que ele se apaixonará perdidamente em apenas duas semanas.

No entanto, Linnet não faz ideia do perigo que seu coração corre. Afinal, o homem a quem ela o está entregando talvez nunca seja capaz de corresponder a seus sentimentos. Que preço ela estará disposta a pagar para domar o coração frio e selvagem do conde? E Piers, por sua vez, será capaz de abrir mão de suas convicções mais profundas pela mulher mais maravilhosa que já conheceu?

Sobre a autora



Eloisa James escreveu seu primeiro romance depois de se formar em Harvard, mas o manuscrito foi rejeitado por todas as editoras. Após obter mais alguns diplomas e arranjar um emprego como professora especializada em Shakespeare, ela tentou novamente, dessa vez com mais sucesso. Mais de 20 best-sellers depois, ela dá cursos sobre Shakespeare na Fordham University, em Nova Ynuma ironia particularmente deliciosa para uma autora de romances, é casada com um legítimo cavalheiro italiano. *Um beijo à meia-noite* é o segundo livro da série Contos de Fadas.

www.eloisajames.com

facebook.com/eloisajames

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Epílogo](#)

[Nota histórica](#)

[Conheça o primeiro volume da série contos de fadas](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)



Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo
em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora

